

"Atendimento Espiritual – A teoria na prática" é uma obra que pretende levar uma luz, por menor que seja, à penumbra que há em torno do conhecimento sobre os trabalhos de grupos de atendimento mediúnico em centros espíritas, abordando todos os aspectos que compõe esta atividade: doutrinários, técnicos, éticos, morais e, é claro, humanos.

A discussão das questões que envolvem o trabalho, inclusive relacionadas à natureza humana, que podem influenciar o desempenho do trabalhador espiritual, é conduzida de forma direta, sincera e objetiva, sem fantasias ou demagogia, ao mesmo tempo em que são seguidos os preceitos amorosos e de respeito característicos da Doutrina Espírita. Tal abordagem, com o chamamento explícito de cada um às suas responsabilidades, poucas vezes é encontrado nas obras espíritas em geral.

Talvez a maior virtude desta obra seja a associação de conceitos ao seu emprego prático no trabalho com a espiritualidade, podendo proporcionar maiores conhecimentos e mais segurança a quem se propõe ao trabalho espiritual. Desta forma, acaba-se neutralizando a abstração que os conceitos possuem ao fundamentá-los em situações concretas, possibilitando que o leitor construa as pontes que ligarão o que ele aprende com as suas aplicações reais e possíveis no trabalho mediúnico.

Atendimento Espiritual - A teoria na prática -

Sydney Santanna

Atendimento Espiritual

- A teoria na prática -



Sydney Santanna

3ª
edição
(revisada)

Atendimento Espiritual
A teoria na prática

Atendimento Espiritual
A teoria na prática

Sydney Santanna

2017

3ª Edição

ISBN: 978-1512324020

Sumário

INTRODUÇÃO	8
PARTE 1 – A TEORIA: DISCUSSÃO DE CONCEITOS	12
O PÚBLICO	14
<i>Doutrinação e orientação</i>	14
<i>Oração</i>	15
<i>A fé: solução ou problema?</i>	19
<i>Os julgamentos e o Bem e o Mal</i>	25
<i>O poder da palavra</i>	31
<i>Reencarnação como instrumento de aprendizado</i>	33
O CENTRO ESPÍRITA E O MÉDIUM	35
<i>O médium é necessário?</i>	35
<i>Médium potencial</i>	37
<i>Os primeiros passos</i>	40
<i>Manifestações mediúnicas</i>	43
<i>O “estar pronto”</i>	52
<i>Interação X Envolvimento pessoal</i>	55
<i>Responsabilidades</i>	63
<i>Preparação dos médiuns</i>	66
A TÉCNICA	69
<i>Apometria</i>	69
<i>Faixas de trabalho</i>	77
<i>Uso de energia e o poder no astral</i>	83
<i>O passe</i>	88
O TRABALHO	93
<i>Sintonia e vibração do local de trabalho</i>	93
<i>Afinidade energética e a reincidência de problemas</i>	95
<i>Obsessão</i>	99
- Por afinidade	100
- Zombeteiros	101
- Magos Negros.....	102
- Experiências com aparelhos	105
- Ligações com vidas passadas	107
- Por amor.....	112
- A busca por energias e os desequilíbrios.....	115
<i>A cura</i>	118

<i>Preparar-se para desencarnar</i>	121
<i>Princípios básicos para o trabalho espiritual</i>	122
<i>Condições para a assistência espiritual</i>	126

PARTE 2 – A PRÁTICA: ATENDIMENTOS..... 130

CONSIDERAÇÕES GERAIS	132
<i>Identificação do público com a Casa Espírita</i>	132
<i>Grupos de trabalho</i>	133
<i>Acomodação do consulente</i>	134
<i>Esclarecimentos ao consulente</i>	135
<i>Atendimento presencial</i>	136
<i>Médiuns iniciantes</i>	138
<i>Médiuns e dirigentes de grupos</i>	139
<i>Práticas básicas</i>	140
ESTUDO DE CASOS	147
<i>Depressão e vampirismo</i>	147
<i>Cobranças de vida anterior</i>	149
<i>Doença física originada em vida anterior</i>	154
<i>Relacionamento familiar conturbado</i>	158
<i>Drogas</i>	163
<i>Vidas anteriores e magia negra</i>	169
<i>Vida anterior e mediunidade</i>	176
<i>Abissal</i>	182
<i>Depressão e vampirismo</i>	189
<i>Mal-estar com causa em vida anterior</i>	198
<i>Depressão, base e mago negro</i>	204
<i>Vidas anteriores e magia negra</i>	216
<i>Experiência com duplicatas astrais / Aparelhos</i>	225
<i>Mediunidade atormentada / Manifestações em consulente</i>	232
<i>Compromissos de vida anterior com magia</i>	242
<i>Cobranças de vida anterior com repercussões físicas</i>	250

Introdução

“Atendimento espiritual – a teoria na prática” é um trabalho que pretende estabelecer relações entre aquilo que é estudado e discutido em livros e grupos de estudo e o que é praticado nos trabalhos de atendimento mediúnico nos centros espíritas. Procuramos abordar estes dois aspectos, a teoria e a prática, de uma forma integral, pois a experiência mediúnica não pode dispensar o estudo. Da mesma forma, o estudo sem a colocação do aprendizado em prática se torna uma experiência incompleta.

Médiuns e dirigentes precisam ter a devida consciência das situações que surgem durante os atendimentos. São duas variáveis que precisam andar juntas sempre para que se completem. Assim, tentamos construir pontes que ligassem o conhecimento teórico com a sua aplicação prática.

Para tanto, o conteúdo foi dividido em duas partes. A primeira, a parte teórica, trata de assuntos fundamentais para a compreensão do que acontece nos atendimentos mediúnicos, tentando explicar como se dá a interação com a espiritualidade e as influências energéticas e espirituais que podem atuar sobre os encarnados. São abordadas, ainda, questões relacionadas com a interação que acontece entre os médiuns, o público e a Casa Espírita, levantando alguns aspectos que podem influenciar positiva ou negativamente nos atendimentos espirituais e no próprio funcionamento da Casa. A segunda parte descreve uma série de atendimentos, nos quais podem ser observadas as aplicações práticas do que foi discutido na parte teórica.

De início, tentamos inserir as descrições dos atendimentos após cada tópico abordado. Porém, em cada um dos atendimentos há a ocorrência de situações que envolvem vários conceitos tratados ao longo de todo o texto, o que acabou impossibilitando uma adequada distribuição dos atendimentos entre os tópicos tratados na parte teórica. Por isso, o conteúdo foi dividido em duas partes e os atendimentos foram todos reunidos no final.

Didaticamente falando, sugerimos que seja lida e entendida a primeira parte e depois seja lida a segunda, na qual se verificará a aplicação prática dos conceitos anteriormente tratados. Porém, fica a critério do leitor a forma como será explorado o conteúdo aqui apresentado.

Nosso objetivo é abordar questões relevantes aos atendimentos espirituais realizados por grupos mediúnicos em centros espíritas sem a pretensão de passar receitas ou querer estabelecer parâmetros como verdades. Acreditamos que cabe

a cada trabalhador espiritual a busca pelas suas verdades através do estudo da Doutrina Espírita e da vivência da sua própria espiritualidade. O que queremos é, simplesmente, repartir nossa experiência em trabalhos de atendimento espiritual e o que conseguimos aprender com eles, na esperança de poder contribuir, de alguma forma, para a compreensão de como acontece a interação entre os planos material e espiritual.

Consideraremos cumprido o nosso propósito se os temas tratados a seguir forem capazes de gerar discussões que resultem em melhora da qualidade dos atendimentos espirituais. Isso será mais gratificante e mais produtivo do que a simples aceitação ou adoção do que está exposto nestas páginas.

“*Cogito, ergo sum*” (Penso, logo existo). Citar René Descartes num livro que trata da espiritualidade parece um tanto impróprio, pois foi justamente ele quem lançou os fundamentos do pensamento científico, ou o que ficou conhecido como pensamento cartesiano. Sua linha de raciocínio se baseava na premissa de que tudo precisava ser provado por meio de procedimentos metódicos e rejeitava qualquer manifestação de fé. A forma original da citação acima é “*Dubito, ergo cogito, ergo sum*” (Duvido, logo penso, logo existo).

Foi então que o homem separou Deus da ciência e da lógica e se criaram dois polos extremos. De um lado, ficou a religião com suas verdades inquestionáveis e sem possibilidade de discussão. De outro, o pensamento científico, metódico e frio, que não podia admitir a existência de nada que não pudesse ser comprovado e repetido experimentalmente seguindo controles e padrões muito rígidos. E permaneceram separados por séculos, até que surgisse a Doutrina Espírita, que se fundamenta na fé raciocinada e é capaz de transmitir a mensagem divina com lógica e sem “verdades inquestionáveis”. Ela nos encoraja a procurar as comprovações de tudo o que for comunicado por espíritos ou experimentado por nós. Não podemos usar o método cartesiano para isso, pois seus meios são materiais, mas a vivência espiritual nos revela muito.

Por meio da vivência da espiritualidade poderá ser comprovada a validade ou não do que está aqui exposto. Então, fazemos o convite para que seja experimentado na prática o que estamos colocando em discussão, tendo em mente os cuidados que Kardec nos aconselha, para que não aceitemos como verdadeiro nada que não pudermos verificar como confiável, ao mesmo tempo em que não devemos rejeitar nada sem antes termos explorado suas possibilidades.

Para finalizar, gostaríamos de deixar o registro de como surgiu o presente livro. Originalmente, grande parte das questões discutidas no decorrer de “Atendimento espiritual – a teoria na prática” faziam parte de outro livro: “Até que a vida nos una”. Foi extraído deste porque seu volume ficou excessivo e porque os conteúdos de ambos poderiam se destinar a públicos diferentes. “Até

que a vida nos una” é um romance destinado ao público em geral que procura esclarecer várias questões relacionadas à espiritualidade de maneira clara e direta, sendo recheado de conceitos básicos sobre o tema durante toda a estória. Porém, o fato de ser um romance não o desqualifica como fonte de conhecimentos sobre as questões espirituais.

Pelo contrário, os livros “Atendimento espiritual – a teoria na prática” e “Até que a vida nos una” são leituras que se completam e objetivam proporcionar um melhor entendimento das relações que podem se estabelecer entre encarnados e desencarnados. Tanto que alguns dos temas tratados aqui também se encontram em “Até que a vida nos una”, porém abordados com menos profundidade. Apesar de haver alguns tópicos comuns, embora com enfoques diferentes, cada um dos livros aborda temas espirituais que não são tratados no outro, razão pela qual recomendamos a leitura de ambos.

Parte 1 – A Teoria: Discussão de conceitos

O público

Doutrinação e orientação

A razão da existência das casas espíritas nem sempre fica clara para boa parte das pessoas e, até mesmo, para alguns médiuns, pois há quem confunda os meios com os fins. Como a própria mediunidade, por exemplo, que é apenas um meio para se chegar à finalidade, e não o fim. A vivência espiritual através da mediunidade é apenas uma consequência, ou um meio, e não o objetivo a ser alcançado.

Um centro espírita é uma organização idealizada, montada e posta em funcionamento para cumprir determinados papéis direcionados a um fim maior: a divulgação e a vivência da Doutrina Espírita. Não somente entre os médiuns, mas também entre os que vão até os centros espíritas para tomar um passe, ouvir uma palestra ou para um atendimento. Afinal, sem estas pessoas, não haveria motivo para a existência de casas espíritas. Nem sempre isso fica bem claro para os médiuns.

Muitas instituições mantêm cursos para formação e orientação dos seus médiuns. Um curso de médiuns faz bem em trabalhar em conjunto a formação prática do médium com a informação necessária para o bom trabalho. Para completar o quadro só precisaríamos acrescentar que, além dos trabalhadores do centro espírita, os frequentadores da casa também precisariam ser estimulados a estudar a Doutrina Espírita e a espiritualidade e aplicar seus ensinamentos na prática, pois não basta ir até lá em busca de soluções para os seus problemas se não fizerem o que podem e devem fazer por si mesmos.

Uma boa parte deles espera que os centros espíritas e seus trabalhadores realizem os milagres de curar suas doenças, afastar seus obsessores, apaziguar seus lares e seus familiares. Enfim, dar um jeito nas suas vidas! Como bons espíritas que pretendemos ser, nós temos a obrigação de alertá-los, sempre que possível, que isso não existe. Que ninguém vai conseguir resolver seus problemas enquanto eles mesmos não fizerem as suas mudanças interiores. Que as melhoras que sentem depois de um atendimento ou de um passe são passageiras, sendo permanentes apenas as reformas de atitudes, pensamentos, emoções e sentimentos que produzirem em si mesmos.

As oportunidades mais diretas e imediatas que existem para se tentar esclarecer estas questões são as palestras proferidas no centro espírita ao público. Mas as melhores seriam a formação de cursos ou de grupos de estudos voltados

ao público, nos quais seria estudada a Doutrina Espírita e se debateria como vivê-la no dia-a-dia de cada um.

Entretanto, quando é proposta a implementação de grupos de estudos para o público na casa espírita, não é raro surgir alguém argumentando que não valeria a pena, que todos acabariam sabendo naturalmente o que seria abordado, que ficar martelando coisas na cabeça das pessoas seria o mesmo que chover no molhado... Além disso, podem dizer que isso pode acabar ficando chato.

Porém, pode se enganar feio quem pensa assim! Nós temos a tendência de achar que os outros sabem de algo só porque nós já sabemos (ou achamos que sabemos!). E além do mais, o tempo, por si só, não ensina nada a ninguém. Bem, somos obrigados a considerar que alguns, ou vários, sabem e não fazem o que deveriam fazer porque não querem. Faz parte das suas escolhas, sendo uma responsabilidade assumida por eles mesmos.

Porém, há também os que já souberam e esqueceram e precisam ser lembrados. E os que nunca souberam porque ainda não tiveram contato com este conhecimento. Como não há como separar uns dos outros, é importante que a mensagem doutrinária seja insistente e dirigida a todos de maneira a incentivar que cada um assuma a responsabilidade por suas próprias vidas. Mesmo que para alguns ela possa se tornar um pouco repetitiva, não importa, pois sempre algo novo será aprendido.

O importante é que seja divulgada a Doutrina Espírita e os seus ensinamentos para que os frequentadores do centro se interessem em estudá-la e a incorporem nas suas vidas. Os centros espíritas precisam aproveitar as oportunidades que têm para tentar melhorar as pessoas, despertando nelas sentimentos mais nobres e dando-lhes subsídios para que possam expandir a consciência e o conhecimento espiritual, de modo que consigam compreender melhor as relações existentes entre as nossas vidas passadas, presente e futuras e suas implicações na trilha evolutiva de cada um.

Oração

Todo mundo está acostumado a ouvir que esta ou aquela oração é poderosa, que faz isto ou aquilo. Também se costuma dizer que orar faz com que nos aproximemos de Deus e que os “demônios” se afastem. Quem poderia duvidar da sabedoria popular ou dizer o contrário? Porém, o tema pede uma análise com um pouco mais de atenção.

É comum vermos pessoas fazendo suas orações de uma maneira maquinal, automática, recitando apressadamente palavras decoradas. É possível, até, que

durante a oração estejam pensando nos filhos que têm que buscar na escola, no conserto do carro, nos afazeres de casa. O ato de orar, desta forma, pode se tornar tão automático que daria para resolver uma equação matemática ao mesmo tempo em que se faz uma oração. Seria como se a oração estivesse sendo processada pelo nosso cérebro em segundo plano, como nos computadores, sem interferir no processamento principal (os filhos, o carro, a casa, etc.). Veja o exemplo a seguir. Leia como está escrito, sem pontuação para pausas, e rapidamente.

Ave Maria cheia de graça o Senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres bendito é o fruto do vosso ventre Jesus. Santa Maria mãe de Deus rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte amém.

Ufa! É assim que muita gente faz suas orações! O que faz com que surjam alguns questionamentos. Qual é o real valor de uma oração feita desta maneira? Poderia ela gerar os efeitos que dela se espera? Sempre se poderá argumentar que é melhor orar assim, de forma automática, do que não orar de forma nenhuma. Está certo! Não há como negar. Qualquer tentativa de se buscar a Deus é melhor do que nenhuma. Porém, sempre é possível agregar mais qualidade às tentativas, não é mesmo?

Quem procura viver e estudar a espiritualidade tem mais facilidade para compreender este tema da maneira como o estamos abordando. Este é o caso da maioria dos médiuns e trabalhadores nos centros espíritas. Por outro lado, há aqueles que não sabem como se dá a interação entre os humanos e Deus ou a espiritualidade. Seja porque não buscaram este conhecimento, ou porque não conseguiram entendê-lo, ou porque se deixaram “empacotar” por práticas e por conceitos tradicionais e ultrapassados, suas visões sobre o assunto são distorcidas e envolvidas por mitos os mais diversos. Este é o caso de alguns (ou muitos, talvez!) que procuram os centros espíritas em busca de alguma luz que os guie na penumbra na qual se encontram.

Aí está mais uma responsabilidade dos médiuns e trabalhadores dos centros espíritas com seu público: orientar as pessoas sobre como estabelecer contatos mais qualificados com a espiritualidade e com Deus. Isso pode parecer redundante e óbvio. Porém, precisamos ter sempre em mente que ninguém é obrigado a saber algo só porque nós achamos que já o sabemos. Mas achar que já sabemos não garante que realmente saibamos. E assim, ainda poderíamos cometer erros primários nas orientações que passamos.

Uma das recomendações mais comuns que se dá a qualquer um que procura atendimento num centro espírita é a necessidade da prece para se aproximar de Deus e dos seus espíritos amparadores, guardiões, mentores, anjos da guarda, ou sejam quais forem os nomes que lhes dermos. Porém, não é comum que o médium oriente como se faz isso da melhor maneira. Isso acontece porque supomos que

orar é uma coisa tão comum, tão simples e tão rotineira para qualquer um que não é necessário se alongar em explicações ensinando como fazê-lo. Supomos que basta a recomendação, pois todos sabem como orar. Mas nem sempre é assim.

Muitas vezes, seria necessário explicar que a oração é uma oportunidade mágica que criamos para entrar em contato com Deus e com os espíritos que nos acompanham na nossa jornada terrena. E, também, para entrarmos em contato com o nosso próprio espírito, aproximando a nossa consciência mais ligada à matéria da nossa consciência mais sutil e criando canais pelo quais possa se estabelecer a comunicação entre elas. Para que isso possa acontecer de fato, não basta ajoelhar, unir as mãos e repetir palavras aprendidas há muito tempo.

É preciso que o momento da prece seja especial. É preciso criar as condições para que a comunicação mais sutil aconteça. É preciso que se aquiete a mente e se apazigue o coração para se tentar chegar o mais próximo possível do estado no qual se encontra Deus, que é a quem endereçamos as nossas preces. Se quisermos entregar uma mensagem, precisamos levá-la até a casa do destinatário e percorrer os caminhos que conduzem até lá. E para isso, precisamos estar em paz e em harmonia conosco mesmos e com o mundo.

Que maravilha seria se fazer um instrumento da paz de Deus para espalhar o amor onde houvesse pessoas cultivando o ódio. Para instigar o perdão entre os que se sentem ofendidos. Para unir aqueles que se separaram por qualquer motivo. Para levar a fé a quem já a perdeu ou ainda não encontrou. Para mostrar caminhos verdadeiros a quem pode tomar caminhos errados. Para mostrar a esperança aos que já não a têm mais. Para alegrar o coração mergulhado na dor e na tristeza. Para iluminar a alma que se envolveu em trevas.

E, ao mesmo tempo, consolar quem estiver aflito antes de querer ser consolado. Compreender os erros e as limitações dos outros em vez de querer que compreendam os nossos. Distribuir pelo mundo o amor que tiver, antes de querer recebê-lo.

Assim, estaremos ajudando a construir o mundo idealizado por Deus para nós e nos tornando aptos para desfrutar da sua paz, da sua harmonia e do seu amor. Quando nos doamos para esta causa, na verdade estamos recebendo muito mais. Só quando conseguimos perdoar o que consideramos errado ou falho nos outros, teremos os nossos erros e as nossas falhas também perdoadas. E ao deixarmos de lado as nossas prioridades mundanas e materiais, morrendo para elas, passamos a viver para a vida espiritual, que é eterna e a mais importante.

Os três parágrafos anteriores contêm a oração de São Francisco. Só que de uma maneira diferente. Ou melhor, sua forma está diferente, sem a sua estrutura tradicional e está mais para uma conversa do que para uma prece. Mas a mensagem

continuou a mesma. E agora? Isso muda alguma coisa? Qual das duas formas seria melhor?

Tanto a prece tradicional como a que está acima, ou qualquer outra que alguém possa inventar, ou uma simples conversa informal com Deus, terão o mesmo efeito, desde que aquele que estiver orando esteja transmitindo uma mensagem para Deus, em vez de apenas palavras. A mensagem é o que realmente tem valor.

Entretanto, desde um passado remoto, ficou convencionado que a oração era a forma que o homem dispunha para se comunicar com Deus. Então, uns passaram a ensinar aos outros como deveriam fazer para efetivar tal comunicação. No início, mostraram a mensagem através das palavras. Porém, como costuma acontecer, com o passar do tempo a sua essência acabou esquecida e foi mantida apenas a forma. Por isso há tanta gente repetindo palavras decoradas pensando que estão se comunicando com Deus.

Na verdade, as orações se transformaram em muletas nas quais nos apoiamos quando queremos fazer contato com o mundo espiritual. Da mesma forma que todos os rituais de todas as correntes religiosas. Deus não precisa de rituais, nem de recitações, nem de demonstrações de devoção. Quem precisa de tudo isso somos nós, humanos, que envolvemos as questões espirituais e divinas com a nossa limitada percepção material. Somos nós que precisamos materializar aquilo que é imaterial para que faça sentido para nossa capacidade de compreensão, que é tão pequena.

Um dos efeitos práticos positivos do uso de orações ou rituais para se tentar estabelecer contato com Deus é que qualquer um pode fazê-lo, sem precisar de intermediários. Assim, criou-se um canal de acesso livre e permanente para todos que procuram a Deus. Outro fator positivo é que a simples disposição à oração tende a induzir ao relaxamento, à paz, à harmonia e, em consequência, à elevação da vibração e à aproximação com as esferas superiores da espiritualidade. O efeito negativo é que as palavras e os atos se transformaram no principal para muitos, enquanto a essência ficou em segundo plano.

Para se transmitir uma mensagem a Deus ou à espiritualidade não são necessárias palavras, pois não são elas que chegam ao destino. Bastaria, por exemplo, um sentimento sincero de remorso por ter feito algo errado. Ou um olhar buscando a Deus num momento de aflição. Ou um sorriso em agradecimento e reconhecimento. O canal de comunicação que se estabelece com Deus e com a espiritualidade é adequado a sentimentos, emoções e vibrações, mas não a palavras. Ou seja, o que nós conseguimos transmitir é tudo aquilo que estiver no nosso íntimo, tanto os aspectos positivos como os negativos.

Nós estamos transmitindo mensagens à Deus o tempo todo, não apenas quando fazemos nossas orações. Imaginemos alguém que viva a oração de São Francisco, executando-a no seu dia-a-dia. Esta pessoa não precisaria orar nunca. Nem mesmo acreditar em Deus. A sua própria vida seria uma oração, uma celebração constante a Deus. Seu ingresso para as esferas superiores da espiritualidade já estaria reservado sem que precise pedir nada. O contrário aconteceria com quem passa o dia orando, mas não segue o que diz nas orações.

Como o nosso contato com a espiritualidade é constante, a melhor oração que podemos fazer é a nossa própria vida, ou seja, o modo como vivemos, nossos hábitos, nossos valores, nossos pensamentos e nossas ações. Em resumo, o exemplo que podemos estar passando a outros. Precisamos qualificar o máximo possível os nossos atos, o que pensamos, o que sentimos e as nossas atitudes diante dos fatos e das pessoas. Desta forma, estaremos em contato permanente com Deus, sem precisar nem pensar nisso.

Seria muito útil que esta visão da oração fosse passada para aqueles que procuram ajuda espiritual, seja onde for, para que este momento tão especial se transforme realmente num ato eficiente de comunicação com Deus e com a espiritualidade, em vez de apenas palavras recitadas. E seria mais útil ainda, e mais importante, que todos os médiuns e trabalhadores dos centros espíritas também tivessem esta consciência para que, quando passassem a receita a alguém, estivessem falando do assunto com autoridade e convicção, pois seria algo que faria parte da sua própria vida.

A fé: solução ou problema?

Aqui nós vamos tratar de uma questão bastante delicada, que sempre causa polêmica e discussão quando é abordada, pois a fé é uma coisa muito cara às pessoas e toca fundo no espírito de cada um. Por isso, é necessário que estejamos com a mente aberta e com o coração livre de conceitos predefinidos para podermos analisar o assunto sem paixões e tirar algum proveito do que está exposto a seguir. Então, já que estamos combinados assim, sigamos em frente.

Coisas incríveis acontecem por causa da fé. Espíritas conversam com os mortos para convencê-los a seguirem um caminho melhor. Carmelitas se enclausuram num convento a vida inteira para se aproximarem de Deus. Muçulmanos fazem jejum e flagelam o corpo em determinadas datas para purificarem seus espíritos. Católicos confessam seus pecados a um intermediário de Deus na Terra para serem perdoados. Hindus veneram alguns animais porque há deuses habitando seus corpos, enquanto seguidores de outras linhas religiosas os sacrificam em rituais.

Muito se houve falar, e se recomenda a quem procura socorro espiritual, que é preciso ter fé e que só com fé se conseguirá superar os obstáculos que surgem na vida. Às vezes, isso é dito com tanta ênfase que quem ouve chega a entender que basta ter fé e mais nada. Mas, afinal de contas, é preciso ter fé em quê? Em Deus? Em Jesus? Na espiritualidade? Nos santos? No galinho de arruda?

Recomendações do tipo “é preciso ter fé” são vagas e dificilmente darão bons resultados por um motivo muito simples. Fé é algo pessoal. Cada um tem a sua. Fé é escolha e crença. Cada um escolhe no que quer acreditar. Por isso, simplesmente aconselhar que alguém baseie sua vida na fé poderá ter efeitos duvidosos, pois quem aconselha nunca saberá qual é a fé daquele a quem está aconselhando.

Muitas pessoas de boa vontade e caridosas discordam veementemente das afirmações acima. É natural que assim aconteça, pois cada um tem fé na sua fé, seja ela qual for. Por favor, não entenda isso como crítica ou julgamento, mas apenas como uma constatação, um fato, uma análise. Nem que estamos tentando dizer que não se deve ter fé em nada. Longe disso.

O que estamos tentando demonstrar é que a fé, sozinha, não tem o poder de ser uma base segura para se pautar uma vida, pois o fato de alguém acreditar em algo não faz com que esta pessoa melhore apenas porque ela acredita naquilo. A fé, sozinha, não leva à reforma interior. Nem ao aprimoramento do espírito. Em alguns casos, pelo contrário, pode até perpetuar maus hábitos porque alguém acredita que procedendo daquela maneira está sendo fiel à sua fé.

Tudo pode acontecer quando alguém segue a sua fé cegamente, pois, sendo ela cega, não permite que se enxergue mais nada além dela mesma. E também tapa os ouvidos do seu seguidor contra qualquer argumento que não esteja de acordo com ela. E cria uma blindagem no coração e na mente para que eles não sejam contaminados com qualquer coisa que contrarie a sua fé. Vista por este ângulo, a fé pode até ser perigosa se tomar feições de fanatismo.

Para não nos perdermos em generalidades, analisemos a questão através de exemplos históricos que demonstram como a humanidade já cometeu erros gravíssimos por causa da fé.

Em nome de Deus, há alguns séculos foram instituídas as cruzadas, quando exércitos foram mobilizados para levar a palavra de Deus aos povos não católicos. Os cruzados eram os soldados de Deus e estavam a Seu serviço na nobre missão de espalhar a Sua mensagem e salvar as almas que estavam perdidas por terem uma crença diferente. Eles acreditavam piamente nisso e se empenhavam na sua missão sem se preocuparem nem mesmo com a própria vida, pois sua luta era em nome de Deus.

Os cruzados eram movidos pela fé. A fé que eles tinham não permitia que vissem que a espada era um meio impróprio para se levar Deus a quem eles achavam que dEle estava afastado. A fé que eles tinham também não deixou que percebessem a manipulação que sofriam pela igreja católica e pelos reis europeus da época, que mascararam os seus reais objetivos levando os cruzados a crerem que agiam em nome de Deus. Na verdade, a intenção dos idealizadores das cruzadas era expulsar os mouros, povos árabes vindos do norte da África, que já dominavam o sul da Europa.

A título de “incentivo”, para motivar ainda mais os soldados, ficou instituído que poderiam ficar com tudo o que conseguissem levar dos locais que fossem por eles “libertados”. Isso fez com que as cruzadas atravessassem o mar mediterrâneo e se expandissem contra os povos árabes. Alguns cruzados, principalmente os comandantes, agiam motivados pelas riquezas que poderiam saquear, mas a maioria guerreava pela fé que tinham no que faziam.

Em um atendimento, pudemos constatar a fé inabalável que os movia quando nos deparamos com o espírito de um cruzado que se encontrava ligado a este passado e ainda continuava firme nos seus propósitos junto com outros companheiros. Por mais que argumentássemos com ele, foi impossível convencê-lo de que estava errado ao usar as armas e a morte de inocentes como instrumento de Deus. Para tudo o que se falasse, ele respondia que agia em nome de Deus. Conforme a sua fé, ele entendia que não matava ninguém, mas libertava suas almas perdidas. Ele não fazia ninguém sofrer, mas mostrava o caminho de Deus.

Ele suplicou algumas vezes a Deus, com profundo sentimento, que não permitisse que o nosso grupo o afastasse da sua sagrada missão. Talvez tenha sido esta a maior demonstração de fé que já assistimos nos nossos trabalhos! Só conseguimos libertá-lo, e a seus companheiros, quando lhes mostramos que hoje a palavra de Deus se propaga de outra forma e propusemos a eles que continuassem servindo a Deus, mas usando o amor em vez de armas a partir de então. E assim, por poderem se manter na sua fé apenas mudando seus métodos, os soldados cruzados seguiram felizes e agradecidos a Deus, acompanhando os espíritos que vieram acolhê-los e esclarecê-los sobre a nova missão que lhes caberia.

Também em nome de Deus, foi criada a inquisição, chamada de santa pela igreja. Embora a motivação real para a sua implantação possa ser o controle que a igreja católica queria manter sobre o povo para manter as pessoas presas a ela a qualquer custo, a inquisição só pôde ser aplicada, e ter sobrevivido tanto tempo, porque os católicos acreditaram nela. Assim, as milhares de pessoas que foram vitimadas de forma brutal pela inquisição, morreram por causa da fé que os católicos tinham nos representantes de Deus na Terra (os padres) e nas orientações que vinham da casa de Deus (a igreja católica).

Atualmente temos notícias frequentes de atos extraordinários da mais pura fé, nos quais fiéis se explodem no meio do povo, matando e mutilando centenas de pessoas às vezes, para a glória de Deus. Eles não se preocupam em morrer, pois, segundo a sua fé, ao morrerem como mártires eles serão levados ao paraíso e desfrutarão da companhia de Deus para sempre. E ainda serão premiados por Deus com uma boa quantidade de mulheres virgens por causa do seu nobre ato de fé, que não só enalteceu o nome de Deus, como liquidou com uma porção de infiéis. Assim agem, porque assim creem. Ou seja, têm fé nisso e justificam plenamente seus atos por serem feitos em nome de Deus.

Também é comum assistirmos pela televisão, ao vivo, homens disparando foguetes contra seus inimigos e invocando a Deus para que Sua mão guie os projéteis lançados para que eles atinjam seus alvos. Ou seja, os infiéis, aqueles que não compartilham da sua fé e que devem morrer por isso.

Sempre que pensamos em fé, é quase automático pensarmos em Deus, em religião ou algo sagrado. Porém, como crença, a fé não se limita às esferas religiosas. Ela ultrapassa todas as fronteiras que possamos criar, às vezes de forma tão ou mais daninha como as que se relacionam com alguma religião.

Talvez o exemplo mais forte deste tipo de fé seja a segunda guerra mundial. Ela se iniciou por motivos econômicos e políticos. Mas se manteve por quatro anos, e com tanta força, por causa da fé. Um homem achou que sua raça era superior às demais e conseguiu convencer seu povo disso. Um povo inteiro, convencido de sua superioridade, não podia admitir que o mundo não estivesse aos seus pés.

Esta era a fé que sustentava o nazismo de Hitler. Era uma fé tão grande, tão forte e tão enraizada em cada cidadão, que por pouco o mundo não foi dominado pelo nazismo. Foi por golpes do acaso e da sorte que isso não aconteceu. E, paradoxalmente, também por causa do excesso de fé dos próprios nazistas. Eles se consideravam tão superiores ao resto do mundo que desprezaram riscos.

Os nazistas tinham frentes de batalha se espalhando por toda a Europa, para as quais precisavam deslocar recursos e atenção. Mas tinham tanta fé em si mesmos, que resolveram ampliá-las e decidiram atacar a Rússia, que até então se mantinha neutra na guerra. Talvez tivessem obtido êxito se o rigoroso inverno russo não tivesse chegado dois meses antes do previsto e dizimado o exército alemão que lá se encontrava antes que conseguisse entrar em Moscou. Foi ali que o nazismo começou a perder a guerra. Mas não a fé. Até o último momento, e mesmo depois de terminada a guerra, a fé que tinham permaneceu inalterada e, mesmo derrotados, continuaram agindo como seres superiores que achavam que eram.

Outro tipo de fé que não se relaciona com Deus ou com religião é a que nossa comunidade global vive hoje: a fé no dinheiro, no poder e no consumo. Nós temos tanta fé na forma como a sociedade humana se estruturou que ignoramos todos os avisos que nos são dados diariamente sobre os danos que estamos causando ao planeta e a nós mesmos, psíquica e fisicamente. Estamos nos transformando numa multidão de doidos vivendo quase que empilhados uns em cima dos outros, em ambientes cada vez menos favoráveis à vida. Convivemos com a guerra em vários países e com todo tipo de desajustes sociais e violência urbana.

Nós respiramos um ar cada vez mais poluído e comemos alimentos cada vez mais prejudiciais à saúde. Quem não tem acesso a alimentos está subnutrido e morrendo por isso. Quem tem acesso a alimentos está cada vez mais obeso e também está morrendo por isso. Por tudo isso estar acontecendo de forma gradual, pouco a pouco, acabamos nos acostumando com estas lentas transformações e achando que as novas situações que vão surgindo é que são normais. Nosso planeta e nossa sociedade estão agonizando e nós continuamos a agir como se nada estivesse acontecendo, com exceção de algumas vozes solitárias que insistem em alertar o mundo.

O motivo para ficarmos tão apáticos diante da nova realidade insustentável que vem se desenvolvendo é que nós não queremos acreditar que a nossa vida, tão bem estruturada e tão certinha, possa ser modificada. Preferimos crer que a humanidade vai encontrar as saídas para todos os problemas que surgirem. É assim que parece acontecer sempre. Esta é a nossa fé! Acreditamos que, de alguma forma, no futuro poderemos contar com empregos, atendimento médico, escolas e toda a infraestrutura necessária para continuarmos vivendo como sempre vivemos. E deixamos de ver que nós nunca vivemos como sempre vivemos, pois tudo muda o tempo todo.

Preferimos continuar ignorando os avisos que nos são dados sobre a impossibilidade de manutenção dos nossos ritmos de consumo e de crescimento econômico e populacional. Não existem recursos suficientes para isso na Terra, mas nós temos fé que as soluções serão encontradas. Acreditamos que, quando chegar a hora, será investido o que for preciso para encontrá-las. Para pensar e planejar as soluções, nós mantemos estruturas de poder muito fortes, elegemos nossos representantes e contamos com pesquisadores e cientistas altamente capazes. Lá no fundo, nossa sociedade mantém a fé na capacidade humana em resolver os problemas que ela mesma cria. E assim, nós achamos que não precisamos nos preocupar com o nosso futuro da forma como deveríamos e continuamos piorando a situação dia após dia.

Tudo o que discutimos acima são manifestações de fé. São elas que movem as nossas vidas para tudo. Nós seguimos sempre os caminhos que a nossa fé nos

indica. E, como vimos, o simples fato de se ter fé em algo, não quer dizer que isso seja positivo como se costuma pensar, pois os bons ou maus frutos que colheremos do que cremos vão depender da qualidade da nossa fé ou de onde nós a colocamos. Todos nós temos fé, sem exceção. Mesmo quem diz não ter fé em nada, tem a sua fé: em nada. Ou seja, tem fé que nada existe que possa alterar uma situação ou nela interferir.

“A fé remove montanhas”, ensina a Bíblia. As “montanhas” seriam os obstáculos que encontramos durante a vida. Alguns deles, por serem tão grandes, poderiam ser comparados a uma montanha, mas, mesmo assim, podem ser superados pela fé firme e forte. Esta passagem se refere à fé em Deus, mas vale para qualquer coisa e para qualquer tipo de fé. Hoje nós sabemos que a energia gerada pelo pensamento e pela vontade atua diretamente no universo para a realização do que imaginarmos. Esta é a força da fé.

Finalmente, depois de tanta argumentação, podemos chegar à conclusão de que nós não precisamos dizer a ninguém que é preciso ter fé, pois todos já a têm, cada um à sua maneira. Este conceito pode ser útil, ainda mais se estivermos participando de atendimentos espirituais, pois evitaria que passássemos orientações vagas e imprecisas. Se acharmos que o consulente está sem fé, de nada adianta apenas lhe dizer que precisa tê-la, pois, se ele não tem a fé que achamos que deveria ter, é porque ainda não a descobriu. Ou a fé que estamos propondo não lhe serve.

Seria mais importante tentar direcionar a fé que alguém já possui, mesmo que seja a fé em nada, para algo que possa lhe trazer paz de espírito, equilíbrio, compreensão dos motivos pelos quais está realizando sua jornada, entre outras coisas. Mas sempre respeitando a caminhada de quem estivermos aconselhando, conscientes de que não existe ninguém no mundo capaz de distribuir uma receita de felicidade e de bem-estar a outros, pois somos todos diferentes.

Assim, se alguém possui uma fé, e ela lhe serve, e é seu desejo compartilhá-la com outros, então ofereça-a. Mas sem imposições. Sem pressão. Sem ameaças. Proceder desta maneira só faz as pessoas se afastarem. Todo mundo sabe que o que é bom é aceito naturalmente sem precisar que se force goela abaixo. Por isso, o melhor caminho é o convencimento, o desenvolvimento da consciência e a conquista do conhecimento.

Evitemos ser cegos tentando guiar outros cegos, pois, quando cairmos no buraco, estaremos levando outros conosco. Evitemos ser propagadores de uma fé cega porque a fé cega também é surda, muda e parálitica, pois não ouve nada, não diz nada e não chega a lugar nenhum. A Doutrina Espírita propõe um tipo diferente de fé: a fé raciocinada, baseada no conhecimento e na lógica. Sigamos, então, esta proposta, com amor e paz no coração, para tentarmos levar uma luz àqueles que

julgamos estarem na escuridão para que possam enxergar melhor os caminhos que ainda têm a percorrer.

E, muito importante, tentemos permitir que aqueles que vierem a ser orientados por nós caminhem com suas próprias pernas. Apesar do amor que temos no peito e do desejo de ajudar a todos a se melhorarem, precisamos resistir bravamente à tendência que temos de querermos resolver os problemas de todo mundo e de colocar os outros nas nossas costas para serem carregados por nós. Em vez disso, ao nos dirigirmos a alguém, ofereçamos boas orientações no sentido de elevar sua autoestima, de despertar-lhe a força necessária para enfrentar seus desafios e, principalmente, de lhe proporcionar uma base segura onde poderá se apoiar e descobrir um sentido para a própria vida.

Para tanto, uma boa alternativa é apresentar a Doutrina Espírita. Mesmo que a Doutrina não venha a ser adotada como filosofia de vida por quem entrar em contato com ela, sempre haverá novos conceitos e ensinamentos incorporados à sua vida, fortalecendo a fé na realidade espiritual, muito mais verdadeira do que a que vivemos aqui no plano material e do que aquelas que professam princípios inquestionáveis e imutáveis baseadas apenas na crença. E assim, a fé, direcionada para conceitos reais, concretos e lógicos, assumirá sua força plena como agente transformador capaz de colocar o espírito encarnado em um patamar evolutivo mais elevado. Então, sim, poderíamos dizer que a fé, unida ao conhecimento e embasada pela razão, poderá efetivamente remover montanhas.

Os julgamentos e o Bem e o Mal

Para tratar de questões tão complexas e subjetivas como o bem e o mal e o julgamento, seremos obrigados a entrar em terreno perigoso, movediço, onde uma palavra mal colocada pode levar a interpretações distorcidas e criar confusão. Para minimizar esta possibilidade, precisaremos levar em conta que a natureza humana está completamente envolvida pela dualidade. É até uma necessidade de sobrevivência estabelecer parâmetros baseados em conceitos opostos para podermos tocar as nossas vidas. Certo ou errado. Bem ou mal. Forte ou fraco. Claro ou escuro. Para um lado ou para outro. Yin ou yang. E assim por diante, numa sequência sem fim.

Tudo no nosso mundo é dual. A humanidade é dual. Isso é uma armadilha da qual o homem não pode escapar, pois sempre precisará estabelecer relações entre as coisas e entre as pessoas para chegar a conclusões sobre tudo na vida e para tomar decisões. Nós sempre teremos que fazer comparações entre polos opostos para decidir algo. Em última análise, isso é julgamento e nós estamos julgando o tempo todo.

Nossa dualidade contrasta com a ideia que fazemos de Deus como um ser uno. Como seres humanos, nós só podemos imaginar o que venha a ser isso, sem a possibilidade de experimentá-lo. Nossa situação é tão complicada que precisaríamos nos basear na nossa dualidade para podermos nos expressar até mesmo se tentássemos explicar a unidade de Deus. Por isso, para que o que vamos discutir a seguir seja bem aproveitado, será necessário tentar sair um pouco da nossa concepção usual de existência e imaginar os motivos pelos quais estamos vivendo no mundo no qual nos encontramos. Afinal, parece que nossa única alternativa é a imaginação, pois não temos como experimentar o mundo divino enquanto estivermos na matéria. Então, já que só nos resta a teoria, vamos em frente.

Sempre que alguém chega num grupo mediúnico para receber atendimento, leva consigo suas angústias, suas inseguranças e seus dramas. Uns tiveram que lutar consigo mesmos até conseguirem ir ao centro espírita. Outros tiveram que ir contra a vontade de familiares ou amigos, que não queriam que fossem. Outros, ainda, tiveram que vencer limitações de todo tipo até chegarem lá. Felizmente, a maioria não chega a enfrentar dificuldades como estas para procurar atendimento.

Não importa qual seja o caso, todos os que buscam atendimento num grupo mediúnico chegam de coração aberto e acabam expondo sua vida, sua intimidade e seus segredos aos membros do grupo, pessoas que nunca viram antes. Eles trazem suas dores, suas aflições, seus incômodos, suas lutas, suas inconformidades com a vida, na esperança de conseguirem forças e orientações para superarem seus obstáculos. Fazem isso porque confiam em algo. Nos médiuns, nos espíritos, na Doutrina Espírita, no centro espírita, na ideia que fazem das pessoas que lá trabalham, em representações diversas que eles mesmos criam, além de muitas outras possibilidades. Até mesmo na santidade dos médiuns...!

Surgem muitas estórias e situações diferentes nos atendimentos, algumas delas bastante delicadas. Às vezes, é até difícil para o médium não se envolver emocionalmente com o relato de algum caso. Com tudo isso, dá para entender a enorme responsabilidade que cabe a cada um dos trabalhadores de um centro espírita com relação aos que o procuram por qualquer motivo. Ela não pode ser resumida a um código envolvendo ética ou moral que discipline condutas e relações entre as pessoas. Tal responsabilidade precisa se estender ao íntimo de cada um dos trabalhadores, médiuns ou não, até mesmo para ajudar a elevar as vibrações do local.

O enredo da vida de cada um é único e deve ser respeitado profundamente. Ninguém pode conhecer completamente o que levou alguém a enfrentar o que estiver enfrentando ou viver a situação que estiver vivendo. Por isso, é de fundamental importância se iniciar, desenvolver e concluir os atendimentos sem qualquer tipo de julgamento ou ideia pré-concebida sobre o consulente ou sobre o

caso trazido por ele. Caso contrário, fatalmente haverá a contaminação do atendimento pela predisposição dos médiuns em seguir por caminhos que acham serem os melhores, segundo seu julgamento pessoal, em vez de se deixarem guiar pela espiritualidade para encontrarem as reais soluções para os consulentes.

A tendência ao julgamento é algo tão forte e tão enraizado em nós que afeta não apenas o trabalho espiritual, mas a nossa vida como um todo. Muitas vezes, nem percebemos que julgamos fatos e pessoas automática e inconscientemente. Daí a dificuldade natural que temos em controlar este nosso impulso, às vezes daninho e perverso. Mas, como não devemos desanimar em frente às dificuldades, pois elas só existem para que aprendamos com elas, vamos explorar a questão para tentar entender como se dá este processo dentro de nós para termos condições de dominá-lo.

O ser humano tem a tendência de espelhar o mundo a partir de si mesmo, carregando seus conceitos de bem e mal e de certo e errado para esta imagem de mundo que criou. É justamente nestes conceitos que nos baseamos para fazer os nossos julgamentos. Sendo assim, então qualquer julgamento que fizermos é falho porque leva em conta apenas aquela parte infinitamente pequena do universo composta por nossas convicções e por nossos conceitos. Só isso já seria motivo suficiente para evitarmos julgar os outros, mas ainda existe outra razão.

Certo e errado não existem! Bem e mal também não!

Como isso seria possível? Afinal, todos os aspectos das nossas vidas são baseados nos conceitos que temos de bem e mal e de certo e errado! Sem eles não existiriam as leis, nem a sociedade, nem nada! Seria o caos! Veja aqui as contradições que somos obrigados a cometer por causa da nossa dualidade: se certo e errado não existem, é certo ou é errado dizer que não existem?

Argumentos não faltariam para tentar contestar uma afirmação tão polêmica como esta. Porém, certo e errado e bem e mal são invenções da humanidade com um único objetivo: tentar organizar o caos social.

Pode haver quem ache que estes conceitos não foram inventados pelo homem. Que eles simplesmente existem, sempre existiram. Que são anteriores à humanidade. Porém, se a humanidade desaparecesse agora, o certo e o errado e o bem e o mal também desapareceriam da Terra, pois estes conceitos se aplicam somente à humanidade. Se a raça humana deixasse de existir, restaria apenas a vida selvagem, natural, sem ética e sem moral.

Então, se estes conceitos dependem da existência da raça humana para que eles também existam, eles não existem por si só e também não existiram sempre. Antes de existirem, foi preciso que seres humanos se agrupassem e estabelecessem

padrões éticos e morais, algumas vezes agindo contra a sua própria natureza, para poderem criar seus conceitos de certo e errado e de bem e mal.

Nas leis estabelecidas por uma sociedade, seja ela um clube ou uma nação, estão registrados os conceitos de certo e errado e de bem e mal que aquela sociedade admite e adota. Façamos um pequeno exercício: escolha a constituição de qualquer país do mundo. Agora, responda uma coisa: se você levar esta constituição com você para todos os demais países, quantos poderão concordar com ela? E quantos poderão adotá-la?

A resposta óbvia seria que todos concordariam com algumas coisas e discordariam de outras, mas nenhum país iria adotar a constituição de outro depois de todo o trabalho que tiveram para elaborar a sua. Mas não seria só pelo trabalho que tiveram para estabelecer as suas constituições, mas porque cada país tem suas leis e costumes estabelecidos conforme seus próprios princípios do que seja certo e errado, os quais se consolidaram durante toda a história do seu povo.

Para não restar dúvidas, vamos inverter o foco indo para o polo oposto: para a individualidade! Então, você escreveria em um papel a relação de tudo o que considera certo e errado e tudo o que acha que seja o bem e o mal. Agora, em vez de levar uma constituição, você estará levando a sua relação para mostrar para o mundo todo. Você acha que todas as pessoas do mundo concordarão com a sua relação?

É óbvio que não, não é mesmo? E por que não concordariam, se você relacionou tudo o que é certo e errado e bem e mal? Porque os conceitos de bem e mal e de certo e errado são pessoais e são construídos durante a vida. Até seu vizinho discordaria de algumas coisas que estariam na sua relação. É simples, não?

Estes conceitos são relativos, ou seja, têm relação com um indivíduo, com um grupo, com um tempo e com um lugar. Cada indivíduo tem os seus próprios conceitos, os quais se basearam nos do grupo onde foi criado. Os conceitos deste grupo também se basearam nos de outro grupo maior, e assim por diante, até se chegar aos conceitos de bem e mal e de certo e errado que regem um país e o próprio planeta. E eles também mudam constantemente. Mudam de um lugar para outro e de tempos em tempos num mesmo lugar. Assim, o que hoje é considerado certo, em um lugar pode ter sido considerado errado em outra época e pode ser considerado errado hoje em outro lugar.

Além dos aspectos pessoais, há também questões coletivas que envolvem o julgamento de uns sobre outros. É interessante perceber como certas situações que se criam forcem pessoas e grupos tanto a se unirem como a se distinguirem através de rótulos e identificações. Tomemos como exemplo o nosso próprio meio, onde frequentamos ou trabalhamos com a espiritualidade, apenas para falarmos de nós mesmos.

É cada vez mais comum ouvir pessoas qualificando um local como “centro espírita kardecista” para diferenciá-lo de outros locais que também trabalham com a espiritualidade e ou com médiuns. Vamos explorar o significado que adquiriu a expressão “espírita kardecista” neste contexto. São popularmente chamados de kardecistas os centros, grupos ou pessoas que têm por base a Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec.

Parece redundância, pois, se foi Kardec quem codificou a Doutrina Espírita, quem é espírita obrigatoriamente é kardecista e vice-versa. Não só parece redundância, como realmente é! Mesmo assim, muitos seguidores da Doutrina Espírita passaram a usar a qualificação “kardecista” como uma identificação para não serem confundidos com outros grupos e pessoas que também passaram a se chamar de espíritas sem o serem. E o público também adotou esta mesma qualificação para diferenciar as instituições.

A maioria daqueles que se dizem espíritas indevidamente faz isso por desconhecimento, mesmo. Pensam que, por receberem ou trabalharem com alguma entidade (espírito), estão qualificadas a se intitular de espíritas, mesmo que as bases da corrente religiosa à qual pertencem nada tenham a ver com os ensinamentos da Doutrina Espírita. Muitas vezes, eles nunca tiveram nem mesmo contato com as obras básicas do espiritismo. Às vezes acontece de se ler uma placa onde está escrito “Centro Espírita ...”, entrar no lugar e se deparar com ritos e atividades completamente avessas ao espiritismo.

Um pensamento comum que poderíamos ter ao nos depararmos com uma situação destas seria que, um dia, aqueles que agem assim serão cobrados por isso. Bem, talvez sim, talvez não! Dependerá apenas da intenção dos responsáveis e da consciência do que estão fazendo. Mas quem pensa desta forma, este sim, talvez seja cobrado, pois, apesar de não ter nada a ver com isso, está julgando. Seria um erro se intitular espírita sem o ser? Quem poderia dizer com segurança?

Se há grupos que se dizem espíritas sem saber que não o são, se estes se intitulam espíritas indevidamente por falta de conhecimento, não podemos condená-los, mas apenas considerar que estão trilhando um caminho em busca das suas verdades. Nem mesmo podemos afirmar, só por este motivo, que um grupo é certo e outro é errado, ou que um é bom e outro é ruim. Podemos, no máximo, constatar que há diferenças entre as práticas e as crenças.

Não há necessidade de julgamento. Ao acharmos que alguém seria cobrado um dia, estamos pressupondo que foi cometido um erro, um crime, ou algo que merecesse punição. E então, estaremos julgando e condenando, baseados nos nossos conceitos e nos nossos conhecimentos.

Por mais que estejamos convencidos de estarmos certos, será que o que acreditamos é mesmo verdade? Quantas vezes durante a vida descobrimos que

algo que tínhamos como certo, no qual acreditávamos profundamente, estava errado? Ou, pelo menos, que precisava ser revisto em alguns pontos? Por isso, é recomendável que tenhamos cuidado com os nossos julgamentos, principalmente porque não temos como avaliar a caminhada de ninguém, pois não há como “calçar as sandálias” de outros e repisar seus caminhos.

Diante de tantas possibilidades sobre o que poderia ser o certo e o errado, como poderíamos fazer julgamentos com base nos nossos conceitos individuais? Nada garante que aquilo que achamos ser certo, realmente o seja. Além disso, tudo o que acreditamos resume-se em apenas uma coisa: crença. E as “verdades” e “falsidades” que compõem nosso conjunto de crenças são apenas as nossas opções de aceitá-las ou não como verdades. Ou seja, cada um escolhe, segundo seus critérios, o que será verdade para si. Nada é falso ou verdadeiro só porque alguém acredita que seja falso ou verdadeiro.

Eis o perigo do julgamento, pois ele se baseará sempre em princípios e crenças muito pessoais. O que julgamos errado em outro, pode ser o certo para ele. O que achamos que deveria acontecer de uma maneira, outros acharão que deveria acontecer de outra. E assim por diante, haverá uma infinidade de opiniões sobre uma mesma questão. E quem, ciente de que cada um criou um mundo particular e diferente para si, poderia dar ou tirar a razão deste ou daquele? Quem, de sua consciência, poderia atribuir a si a sabedoria e o poder necessários para o julgamento sobre outros?

Estas palavras não devem ser interpretadas como um incentivo para que fiquemos alheios ao mundo. Nem para que abandonemos os conceitos e princípios que dirigem as nossas vidas. Muito pelo contrário, eles devem ser aperfeiçoados e depurados sempre! Mas eles devem ser usados para nós mesmos e não para avaliarmos ou julgarmos os outros, até mesmo porque os nossos próprios conceitos mudam com o tempo. Assim, aquele que julgar alguém hoje, poderá ter que rever seu julgamento amanhã por ter mudado sua maneira de pensar. Neste caso, como ficaria se, por causa de um julgamento, aquele que um dia foi julgado teve algum prejuízo? Talvez não seja mais possível reparar o dano causado.

Por isso, se você tiver que julgar alguém, julgue apenas a si mesmo para avançar na sua própria trilha evolutiva. Deixe que aqueles que se acham donos da verdade façam os julgamentos de outros. Apenas observe e nunca ache que você é que está certo. Senão, se um dia você descobrir que está errado, sua resistência natural de rever seus conceitos, poderá fazer com que você ignore a sua descoberta e ainda construa as desculpas que forem necessárias para não precisar mudar em nada.

O poder da palavra

Nos trabalhos de atendimento mediúnico, ao nos dirigirmos aos consulentes, temos que ter consciência do poder da palavra. Ninguém pode avaliar como algo que dissermos irá ser captado por quem nos ouve, pois será ele quem dará o significado das palavras que lhe são dirigidas. Assim, o entendimento do que é dito depende de diversos aspectos pessoais do ouvinte, como: a atenção que está dando ao assunto, sua inteligência, sua cultura geral, seu conhecimento específico sobre o que está sendo tratado, sua disposição, seu humor, entre muitas outras coisas. Depende até mesmo da simpatia ou antipatia que o ouvinte sente por quem está falando.

Nós costumamos imaginar que uma mensagem clara será entendida por todos com o significado pretendido por quem estiver falando. Porém, é impossível saber como alguém vai processar uma informação que lhe chega, pois os fatores que estão influenciando o ouvinte naquele momento são desconhecidos de quem fala. Por isso, é grande a responsabilidade que temos quando tentamos passar uma mensagem, uma informação ou um conselho a alguém.

Ainda mais quando não conhecemos o nosso ouvinte, como é o caso das pessoas atendidas nos grupos mediúnicos. Nós precisamos estar muito conscientes de que os que nos ouvem podem ter limitações e escolher bem as palavras, explicar com paciência, usar exemplos e verificar como a mensagem foi compreendida, até termos uma razoável certeza da assimilação do que comunicamos. É um processo um pouco complicado, não é? Pois vamos acrescentar mais um complicador, então: aquele que fala!

Quem fala também sofre as mesmas influências do ouvinte. Ou será que, só por ter algo a dizer a alguém, por ser médium ou dirigente, por ter estudado um pouco, transforma-se em um super ser humano? É claro que não, apesar de alguns daqueles que estão sendo atendidos acharem que sim! Todos os fatores de influência que determinam a compreensão da mensagem por quem ouve valem também para quem a transmite. Ou seja, a atenção que está dando ao assunto, sua inteligência, sua cultura geral, seu conhecimento específico sobre o que está sendo tratado, sua disposição, seu humor, a simpatia ou antipatia que o comunicante sente pela pessoa a quem está falando, e uma série de outros fatores, irão influenciar a qualidade da transmissão da mensagem.

Além disso, mencionamos também a clareza da mensagem. Se avaliarmos as várias formas de mensagens que recebemos no nosso dia-a-dia, vamos perceber que muitas delas são incompletas e que precisamos buscar mais informações para completá-las. Algumas serão mais difíceis de serem entendidas e, não raro, levarão

a conclusões distorcidas. Outras, ainda, não farão qualquer sentido. Não são muitas as mensagens que chegam completas e fazendo sentido.

Ao tomarmos consciência de todos estes fatores, vamos verificar as dificuldades que envolvem uma comunicação eficiente e poderemos identificar diversos detalhes que podem influenciar a transmissão e a compreensão de uma mensagem. Por isso, devemos estar sempre atentos ao que falamos. Sempre! Em qualquer situação, com qualquer pessoa! As palavras têm muita força e assumem vida própria depois de faladas ou escritas. Ao contrário do que dizem, é impossível engoli-las de volta ou apagá-las depois de lidas, pois ficam gravadas nos corações das pessoas. Algumas poucas palavras podem mudar a vida de alguém, para melhor ou para pior, dependendo do que for dito e de como for dito!

Na condição de trabalhadores espirituais e médiuns de grupo de atendimento, nós temos uma grande responsabilidade com aqueles que se apresentam para receberem nossa assistência. Quem procura um atendimento espiritual pode estar carente, desorientado, muitas vezes desesperado, esperando que lhe seja mostrada uma luz que lhe sirva de guia. E eles veem os médiuns e trabalhadores dos centros espíritas como os portadores desta luz. Por isso temos que ter muito cuidado com as orientações que passamos. Temos que tentar prever como alguém, naquela situação, poderá interpretá-las.

Nós temos a tendência de achar que os outros deveriam entender as coisas exatamente como nós. Afinal, nós estamos sempre certos, não é mesmo? Além disso, se nós podemos entender algo, como alguém poderia não entender? Nós estamos sempre procurando fazer com que o mundo externo funcione como uma cópia do nosso próprio mundo interno. Assim, sempre que precisamos de um parâmetro, nós nos baseamos em nós mesmos e podemos ignorar que existe uma infinidade de individualidades, cada uma delas com suas características, capacidades e limitações próprias.

Desta forma, seria aconselhável tomar o máximo cuidado com o que falamos e tentar se colocar no lugar de quem está à nossa frente. Não para julgá-lo, mas para tentar sentir se o que estamos lhe dizendo faz sentido e pode ser aplicado na situação que ele está vivendo. Para tentar entender suas eventuais limitações. Para, enfim, tentar perceber se estamos agindo com amor e com justiça.

Quando falarmos qualquer coisa a alguém, pensemos, antes de tudo, se o que estamos aconselhando também serve para nós mesmos. E se nós também não estamos precisando corrigir algumas coisas nas nossas vidas seguindo as orientações que estivermos passando ao consulente.

Reencarnação como instrumento de aprendizado

É comum se pensar que as casas espíritas existem para lidar com os espíritos. De certo modo, esta afirmação está correta, pois, afinal, nós somos espíritos. E quando melhoramos, quem melhora é o espírito que habita o nosso corpo. A confusão começa no momento que definimos como “espíritos” apenas os que já desencarnaram.

Você já se deu conta disso? Vejamos como acontece! Quando conversamos com alguém, estaremos falando com uma pessoa, com um amigo, com um familiar, com sabe-se lá o quê. Mas nunca diríamos que estamos falando com um espírito. A menos que ele já tivesse desencarnado... Daí, como num passe de mágica, ele teria virado espírito! Porém, antes de qualquer coisa, nós *somos* espíritos. *Sempre!*

Estar encarnado ou desencarnado são apenas situações transitórias pelas quais o espírito vai passando alternadamente na sua escalada evolutiva. Assim, não é lógico pensar que temos que esperar o espírito desencarnar para que possa receber esclarecimentos quanto à espiritualidade. Pelo contrário, a prática e o conhecimento das leis espirituais têm muito mais valor para o espírito enquanto ele estiver encarnado, justamente por estar limitado pelo corpo físico e sujeito às paixões e às ilusões da vida mundana, do que quando se encontrar liberto no plano espiritual, pois as verdadeiras lições do espírito são aprendidas na carne.

O aprendizado e a busca pela evolução são as razões pela qual nós passamos um tempo vivendo em um corpo físico aqui pela Terra, ou em outro local, e depois regressamos ao plano espiritual, e depois a outro corpo físico, e depois ao plano espiritual, num longo vai-e-vem, até conseguirmos assumir e viver as leis divinas como atributos permanentes do nosso próprio ser. Quando nos encontramos desencarnados, nossas percepções se tornam mais claras, o que nos possibilita identificar mais facilmente nossas falhas e a necessidade que temos de desenvolver e aprimorar determinados aspectos da nossa personalidade. Então, uma nova encarnação é planejada para este fim, oportunizando que o espírito viva experiências que o ajudarão a superar suas imperfeições.

Como o espírito estará limitado mental e fisicamente pelo corpo que estará vestindo, não se lembrará do que foi planejado. Poderá contar, no máximo, com alguma intuição, lampejos ou sensações, a indicar-lhe de forma vaga se está no rumo traçado ou não. O período que o espírito passa encarnado é a fase das conquistas, onde ele tem que lutar principalmente contra si mesmo para se aprimorar. Quando desencarnado, o espírito tem condições de avaliar se os

objetivos traçados para as encarnações anteriores foram atingidos e, mais uma vez, planejar as seguintes.

Com relação a este assunto, é comum que surjam dúvidas e se criem discussões. Mas há uma questão, em especial, que costuma ser de difícil compreensão para um bom número de pessoas. Se na espiritualidade existem todos os recursos possíveis, muito mais do que na matéria, por que simplesmente não é ensinado aos espíritos tudo o que eles precisam aprender lá mesmo? Simplesmente porque tal aprendizado consciente se dá apenas no nível mental. Então, o espírito apenas saberá, porque lhe foi passado um conhecimento. Por outro lado, se o aprendizado acontecer através de experiências vividas pelo espírito, tendo ele que superar as suas próprias limitações mais as impostas pela matéria, e sentindo no seu âmago as situações da vida material, o quadro se torna bem diferente.

Todo progresso alcançado pelo espírito em cada encarnação passa a constituir um patrimônio pessoal definitivo, pois só será obtido através do aperfeiçoamento moral e sentimental, e não apenas intelectual. Estudar e adquirir conhecimento é muito fácil, mas colocar o conhecimento à prova de si mesmo e se superar não é. O verdadeiro progresso só ocorre quando o espírito tem oportunidade para colocar em prática as lições que aprendeu no plano espiritual sobre o amor, a fraternidade, a paz, a comunhão universal, a fraternidade, o perdão, e tantas outras coisas, vivendo em um ambiente hostil e cheio de ilusões, como é a matéria, e revestido de um corpo físico que lhe entorpece as faculdades espirituais.

A superação destas barreiras será a prova definitiva, para o próprio espírito, de que conseguiu vencer as suas imperfeições e está caminhando em direção a Deus. Neste sentido, a Doutrina Espírita é uma ferramenta preciosa para que o ser humano tome conhecimento da espiritualidade e da responsabilidade que tem consigo mesmo e com os outros. Assim, não se deixará demorar no seu caminho e irá removendo os obstáculos que surgirem, um a um, marchando firme para o aperfeiçoamento próprio e para o autoconhecimento, deixando no seu rastro um mundo um pouco melhor.

Para que cada um possa progredir na sua evolução espiritual, é muito importante tomar conhecimento de um mundo onde tudo e todos são norteados por valores com significado real e livres de ilusões, diferente deste no qual vivemos. Neste sentido, os trabalhos desenvolvidos nos centros espíritas para a conscientização dos seus frequentadores e médiuns para tal situação, cumpre com um dos mais nobres objetivos da Doutrina Espírita: “acordar” o espírito adormecido na matéria para a vida verdadeira, que continuará muito além do fim do corpo físico que está usando no momento.

O Centro Espírita e o médium

O médium é necessário?

Talvez aqui esteja a pergunta que todo médium já fez ou fará um dia: se, ao desencarnar, o espírito se desliga da matéria e passa para um plano mais sutil, onde existem outros espíritos que podem auxiliá-lo, qual é a necessidade de nós, médiuns encarnados, atuarmos em trabalhos espirituais?

Quando surge esta dúvida, a situação pode se complicar ainda mais se o médium começar a procurar respostas perguntando a várias pessoas. Em geral, obtêm-se várias respostas diferentes, quase todas incompletas. Uns dizem que é preciso trabalhar espiritualmente para aprender sobre o assunto. Outros que, através deste trabalho, poderíamos estar resgatando *karmas* adquiridos em vidas passadas quando teríamos utilizado mal a mediunidade ou a magia. Também dizem que o trabalho espiritual é uma forma de caridade, uma doação pessoal de tempo, de dedicação, para ajudar os outros. Além destas, surgem ainda outras respostas, mas quase nunca respondendo à pergunta central: qual é a real necessidade de médiuns em trabalhos espirituais?

Apesar de ser um excelente aprendizado, isso é apenas uma consequência do trabalho, mas não é o motivo. Quanto ao resgate *kármico*, é uma questão individual que poderia valer para alguns, mas para outros não, não podendo ser apontado como motivo geral. Quem faz o trabalho espiritual por caridade, o faz por opção, como poderia estar fazendo qualquer outro tipo de caridade. Por isso também não podemos apontá-la como necessidade para o trabalho de médiuns. E assim por diante, qualquer coisa que se diga não responde à pergunta por um motivo muito simples: *não existe resposta para esta pergunta*. E não existe resposta por outro motivo também muito simples: *a pergunta está errada!*

O erro em questionar a necessidade de pessoas encarnadas nos trabalhos espirituais não está no questionamento em si, mas em alguns conceitos errôneos que passaram a acompanhar a questão da espiritualidade como se fossem parte dela ou nela estivessem embutidos. Note que na pergunta em questão existem inverdades que parecem verdades por causa destes conceitos. A primeira delas é que o espírito se desliga da matéria ao desencarnar. A segunda é que o espírito passa para um plano mais sutil após o desencarne.

Estes conceitos se popularizaram de tal forma que dificilmente se percebe o erro quando alguém fala. Espera-se que assim aconteça naturalmente. É o que todos esperam. Este é o pensamento comum, mas não é o que acontece em muitos

casos. Nós temos exemplos bem claros nos atendimentos, onde muitos espíritos ficam tão ligados a fatos traumáticos de vidas anteriores, que ainda continuam presos, por muito tempo, às situações penosas pelas quais passaram. Às vezes séculos.

Quando isso acontece, depois do desencarne eles não se desligam da matéria. Pelo contrário, continuam vivendo como se estivessem encarnados e repetindo suas rotinas ou tomando providências como se ainda possuíssem corpos físicos. Eles ainda continuam com todos os pensamentos, ansiedades, sensações, desejos e preocupações que tinham antes de desencarnar, só que vivendo em uma dimensão diferente, muito mais próxima do plano material do que dos planos sutis que idealizamos.

No entanto, apesar de prisioneiros da situação há tanto tempo, podem ser libertados em alguns minutos pela intervenção de médiuns encarnados. Ao chegarmos a este ponto da questão, seria bom explorar os motivos que não permitiram que estes espíritos se libertassem da situação dolorosa antes dos médiuns intervirem, já que não é difícil convencê-los. Eles nunca deixaram de ter assistência espiritual enquanto estavam lá, mas, mesmo assim, não foram levados para um plano mais sutil. De tempos em tempos, espíritos amparadores, socorristas, percorrem as zonas astrais em busca de espíritos que precisam ser resgatados. Ao encontrá-los, tentam lhes mostrar a situação na qual se encontram, mas muitos não conseguem enxergar por acreditarem que ainda estão encarnados. Os amparadores os visitam várias vezes nos locais onde eles estão imantados. Em cada visita, alguns os acompanham e saem de lá, enquanto outros não podem ou não querem ser convencidos e lá permanecem.

É justamente aí que encontraremos a resposta se reformularmos a pergunta inicial! Em vez de perguntarmos por que é necessário médiuns encarnados em trabalhos espirituais, deveríamos perguntar: como médiuns encarnados podem ajudar em trabalhos espirituais? Os espíritos que se encontram aprisionados numa faixa vibratória ou em alguma faixa de passado ficam numa espécie de limbo que se “situa”, energeticamente falando, entre o plano material e os planos mais sutis. Eles têm uma vibração próxima da matéria por pensarem que ainda estão nela e suas consciências estarem focadas nos corpos energéticos mais densos.

Para atuarem naquele plano de vibração mais baixa, os espíritos amparadores precisam baixar suas frequências para serem percebidos pelos espíritos sofredores. Nós, encarnados, ao contrário, às vezes precisamos elevar a nossa frequência para conseguirmos ter contato com faixas energéticas que para nós é sutil, já que estamos impregnados da energia mais densa da matéria. Porém, esta energia densa não nos abandona mesmo quando elevamos a nossa frequência, nem quando nossos corpos energéticos estão desdobrados do corpo físico. Nós ainda continuamos impregnados da energia da matéria e, no trabalho mediúnico,

quando fazemos contato com os espíritos por meio dos nossos corpos mais sutis, nós a levamos conosco.

Eles sentem a nossa energia densa, principalmente nos casos de incorporação, causando-lhes um choque energético que facilita muito o trabalho de doutrinação e convencimento. Na verdade, ao terem contato com a nossa energia densa, eles recebem uma parte dela, sendo supridos temporariamente da carência energética que nem mesmo sabiam que tinham. Eles não têm consciência deste processo, mas experimentam algo diferente. Eles se sentem diferentes. Esta é a oportunidade ideal para o grupo harmonizá-los e reequilibrá-los utilizando a energia densa dos médiuns, que está disponível e é abundante. É um recurso que facilita muito o trabalho mediúnic.

Todos nós temos todas estas energias sem precisar de qualquer esforço. Mas apenas tê-las não resolve nada. Para poder utilizá-las, é necessário desenvolver aptidões, as quais são conquistas individuais que precisam ser trabalhadas. O que difere energeticamente uma pessoa de outra é o quanto cada uma desenvolveu de cada tipo de energia que possui. Ou, simplesmente, o nível de domínio que tem sobre suas próprias energias e capacidades.

Por isso existem pessoas mais embrutecidas e outras mais espiritualizadas. Existem algumas mais voltadas para determinadas características e outras mais voltadas para outras características. Uma são mais mentais, outras mais emocionais, e assim por diante, até o infinito. Junte a tudo isso a bagagem de conhecimentos e experiências que cada um acumulou em suas diversas vidas passadas e teremos um quadro formado pela grande miríade de personalidades existente na humanidade. E para cada uma delas haverá um espaço disponível para o trabalho com amor e fraternidade.

Médium potencial

O tipo de mediunidade que cada médium apresenta, assim como a forma, a intensidade e a qualidade com as quais irá se manifestar, dependem muito das suas características pessoais. É por isso que nunca vamos encontrar manifestações mediúnicas iguais, mesmo entre médiuns que têm o mesmo tipo de mediunidade. Mas não é isso o que realmente tem importância para o exercício da mediunidade.

Existem duas características necessárias para alguém poder ser considerado um bom médium: o amor e a disciplina. Entre muitas outras que ainda há, estas são primordiais. Infelizmente, alguns acham que quanto mais manifestações diferentes alguém apresentar e quanto mais frequentes forem, melhor será o médium. Porém, isso de nada valerá se o médium não estiver sendo movido pelo

amor e sustentado pelo conhecimento, pelo autocontrole, pela disciplina e pelo bom senso. Se não for assim, teremos que considerar como os melhores médiuns, aqueles que estão internados nos hospícios, tidos como loucos, apresentando manifestações constantes de obsessores e visões de outros planos que são tratadas como alucinações.

O ser humano carrega consigo as características da matéria e do espírito. Está no meio destes dois planos. É ponte entre eles. Então, só por isso, já se pode dizer que todos são médiuns. Muitos, porém, ainda não se deram conta disso e deixaram de desenvolver suas potencialidades espirituais. Outros, que já as têm desenvolvidas desde outras encarnações, as abafaram nesta por medo, por pressão dos familiares e da sociedade, por ignorância ou por outros motivos. Outros, ainda, não querem nem saber! Há também aqueles que sentem as manifestações mediúnicas, mas não as identificam como tal.

Quando nos deparamos com algum destes casos, é comum querermos ajudar de alguma forma. Porém, é preciso respeitar a vontade de cada um e entender que nem tudo o que serve para nós, será bom também para outra pessoa. Cada um tem o seu momento e qualquer tentativa que se faça em hora errada tenderá a fracassar. Como ninguém sabe quando o momento certo acontece, a única coisa que nos cabe é alertar quando surgir a oportunidade. O resto cabe à pessoa envolvida decidir. Isso é o exercício do livre-arbítrio. Ele deve ser respeitado sempre.

Enquanto não houver a decisão de encarar sua mediunidade e se preparar para usá-la, ou pelo menos controlá-la, o médium terá apenas a potencialidade da mediunidade consciente. É o que se pode chamar de médium potencial, isto é, aquela pessoa que tem a capacidade de se comunicar de alguma forma com os planos espirituais, mas que não sabe o que é isso. Ou sabe, mas se recusa a aceitar suas faculdades ou não se preocupa em desenvolvê-las. É comum que tenha desconfiança com relação ao envolvimento com espíritos por descrença ou por desconhecimento sobre o assunto. Mesmo quando alguém o alerta sobre a mediunidade nele percebida e sobre as interferências que ela pode produzir na sua vida, é comum o médium em potencial não aceitar que algo de fora possa estar lhe provocando algum distúrbio. Não se pode condenar tal atitude, pois ele está certo. Na verdade, não é algo de fora que interfere na sua vida, mas, sim, algo que faz parte dele mesmo: sua mediunidade descontrolada.

É comum, também, que o médium potencial encontre várias dificuldades na sua vida e enfrente obstáculos visivelmente desproporcionais para conseguir algo, surgindo empecilhos inesperados que acabam atrapalhando-o. Até que sente que há algo além do normal no seu caso. Geralmente, é isso que o faz buscar ajuda nos centros espíritas.

Esta é a oportunidade de levar-lhe esclarecimentos sobre o seu caso. Sem alarde, sem espalhafato, sem pressionar, sem incutir medo, sem lhe colocar obrigações, os médiuns que estiverem atendendo-o devem informá-lo, com tranquilidade e serenidade, sobre algumas questões básicas que envolvem o seu relacionamento com a espiritualidade. O consulente precisa saber que:

- possui uma via de comunicação aberta e atuante com a espiritualidade;
- a capacidade de interação com o plano espiritual se chama mediunidade;
- a mediunidade precisa ser trabalhada para se obter o domínio sobre ela;
- pode-se comparar a mediunidade com o cavalgar, cabendo ao médium escolher se vai largar as rédeas do cavalo e deixá-lo ir para onde quiser ou se vai guiá-lo, assumindo o controle sobre ele, e aproveitar a oportunidade para algo útil;
- a mediunidade independe da vontade de quem a possui, ou seja, não adianta nada o médium negá-la ou não a querer, pois não lhe é dada esta escolha;
- o melhor que se pode fazer com ela é controlá-la e, se quiser, utilizá-la para ajudar quem precisar;
- quando o médium não tem o controle deste processo, ele apenas sofre as consequências sem usufruir qualquer benefício, podendo até chegar a ser controlado como uma marionete;
- seria muito bom frequentar uma escola de médiuns para aprender a lidar com a mediunidade;
- o fato de aprender a lidar com a sua mediunidade e frequentar uma escola não obriga ninguém a trabalhar em grupos mediúnicos, sendo esta uma decisão a ser tomada se o médium potencial assim o quiser.

Porém, há uma questão importantíssima que não pode deixar de ser levada em conta nestes casos: cada um tem seu próprio tempo. Tudo deve acontecer no tempo e na oportunidade certos, quando tudo estiver pronto para que aconteça de forma útil e saudável a todos os envolvidos. É preciso respeitar o processo de maturação da questão pelo médium potencial. Senão, seu interesse e sua determinação podem não ser suficientes e ele poderá desistir no meio do caminho.

Se a questão for encaminhada adequadamente desde o início, o médium potencial poderá adquirir certo controle sobre o processo de comunicação que ocorre entre ele e a espiritualidade e entenderá como funciona esta interação. Depois, ele descobrirá que só isso não basta. Ele precisará se reciclar, rever

atitudes, pensamentos e ações, pois tudo o que pensamos e fazemos gera uma energia que é perceptível nos planos sutis e atrai as energias semelhantes que ali se encontram. Aprenderá que será bom para ele tentar ser mais calmo e mais paciente, vigiar seus pensamentos, escolher melhor os lugares aonde vai e procurar agir sempre de forma justa e amorosa, tentando ajudar quem puder e não prejudicar ninguém e, desta forma, acabar gerando energias mais qualificadas, que atraem as energias deste tipo e distanciam as negativas.

Mas tudo isso não acontecerá de um dia para outro. Vários anos de atitudes e de hábitos enraizados precisam ser reprogramados mentalmente. Este é um caminho que leva tempo para ser percorrido. Toda mudança faz parte de um processo que se inicia, desenvolve-se e, um dia, termina.

Termina? Não. Este processo não termina nunca! Quanto mais coisas novas forem descobertas, quanto melhor alguém for se tornando, mais desafios estabelecerá para si mesmo, mais longe quererá enxergar, mais alto quererá chegar. Este processo tem nome: chama-se evolução!

Os primeiros passos

Para abordarmos a questão da mediunidade, precisamos estar conscientes de que todos nós somos médiuns. Cada um com suas particularidades, cada um com sua própria intensidade, todos temos algum tipo de interação e de comunicação com os planos espirituais. Nós somos indivíduos diferentes, únicos. Por isso, generalizar não seria o ideal. Mas, apenas para facilitar o entendimento, podemos considerar que um bom número dos que procuram trabalhar com a espiritualidade se encaixam em um de dois casos clássicos. Claro, entre esses dois extremos, há uma infinidade de possibilidades, mas vamos simplificar para podermos entender melhor.

No primeiro caso estão aqueles que têm sua mediunidade já aflorada, na maioria das vezes causando-lhes transtornos diversos por não saberem como controlá-la. Geralmente buscam socorro nas casas espíritas por causa disso e acabam desenvolvendo seu potencial e trabalhando em grupos mediúnicos. No segundo caso, estão aqueles que não apresentam qualquer “efeito especial”, mas identificam-se com a Doutrina Espírita e desejam praticar seus ensinamentos ativamente.

Chamar as faculdades mediúnicas de efeito especial, como nos filmes, é uma brincadeira que fazemos. Não deve ser levada a sério, até mesmo porque o processo mediúnicos é natural e está ao alcance de todos, não existindo nada de especial nele.

Há médiuns que levam algum tempo para apresentar alguma percepção consciente da espiritualidade ou manifestação mediúnica explícita. Às vezes, vários anos. Às vezes, nunca. Alguns médiuns iniciantes costumam se sentir constrangidos quando não conseguem ter manifestações, apesar das insistentes afirmações sobre a importância que eles têm para o trabalho do grupo mesmo assim. É compreensível tal sentimento. Como o médium ainda não tem a percepção apurada para distinguir o papel que desempenha no grupo, sua experiência pessoal lhe mostra apenas que ele não serve para nada ali. Durante os atendimentos, uns médiuns sentem algumas coisas, outros veem, outros incorporam entidades, outros transmitem mensagens, outros psicografam, outros intuem, enquanto ele apenas está presente ali, achando-se sem qualquer serventia, sem poder contribuir de alguma maneira. E acaba se sentindo inferiorizado por isso. E pior ainda, pode pensar que talvez esteja até atrapalhando o trabalho!

Se você está passando por isso, não precisa se preocupar. Você está dentro da normalidade. Este é um pensamento típico de quem está iniciando a prática mediúnica e ainda não percebeu o imenso aparato espiritual que suporta os trabalhos nas casas espíritas. Na verdade, não é culpa do médium. A expectativa de todos é que quem trabalha num centro espírita é capaz de manifestações mediúnicas diversas.

Apenas para ilustrar melhor a questão, peço licença para citar meu próprio exemplo. Comecei trabalhando no passe. Depois fui para um grupo de atendimento anotando os casos nas fichas dos consulentes. A seguir passei a treinar para dirigir trabalhos auxiliando o dirigente e, um ano depois, estava dirigindo um grupo sozinho. Achava que nunca teria qualquer manifestação mediúnica, mas não me importava. Procurava desempenhar o trabalho que eu podia fazer da melhor maneira possível.

Foi só oito anos depois que surgiram as minhas primeiras percepções. Tudo foi acontecendo naturalmente, sem atropelos, sem afobação, sem expectativas, mas com muito estudo e dedicação. Uma vez, ao comentar este caso com algumas pessoas, depois de saberem que levei oito anos para ter as primeiras percepções conscientes, alguém perguntou: “E o que você fazia enquanto não era capaz de ter percepções extrafísicas”? Embora nas entrelinhas, nesta pergunta está embutida uma ideia comum de que somente poderia trabalhar com a espiritualidade quem tivesse faculdades mediúnicas manifestadas e atuantes. Seguindo esta linha de raciocínio, aquele médium que não “vê” nada, não “sente” nada, não incorpora, não psicografa, nem tem qualquer manifestação mediúnica explícita, quando vê todas estas coisas acontecendo através de outros médiuns, pode pensar que é um inútil, que não serve para nada e ficar se perguntando o que estaria fazendo ali.

Nada mais errado! Há muito que fazer no trabalho espiritual para qualquer um, com ou sem “efeitos especiais”! Mesmo sem saber, este médium desempenha

um papel muito importante no trabalho do grupo. Quando um grupo mediúnico se reúne para o trabalho espiritual, cada um dos médiuns traz consigo a sua própria energia, que é direcionada para os atendimentos através da vontade. No momento em que ocorrem as manifestações mediúnicas, os campos energéticos dos casos que estão sendo tratados interagem com a energia do grupo, principalmente com a dos médiuns que estiverem diretamente envolvidos, podendo afetar a harmonia e o equilíbrio do trabalho.

São nestas horas que os médiuns que não estão participando da manifestação mediúnica podem ajudar a restaurar a melhor energia para o trabalho. Através da concentração e da vontade consciente voltada ao caso que estiver sendo tratado, a energia destes médiuns se contrapõe às energias que poderiam desestabilizar o grupo. Deste modo, a sintonia e a vibração do grupo são mantidas elevadas, sem o quê seria muito mais difícil, às vezes até impossível, alcançar êxito no atendimento.

Não se está falando isso só para encorajar ou consolar os médiuns iniciantes. É uma participação realmente importante nos trabalhos. Os médiuns que desempenham tal atividade seguram a corrente energética do grupo inteiro em um nível mais elevado e equilibrado, possibilitando que o trabalho flua melhor. Pena que alguns não consigam acreditar nisso e acabem abandonando o trabalho espiritual, sem saber que suas ausências serão muito sentidas nos grupos. É compreensível tal comportamento, pois, ao criarem expectativas para si mesmos e não as vendo acontecer, acabam se frustrando e baixando a autoestima.

É preciso que os médiuns e trabalhadores mais antigos fiquem atentos para detectar tais casos e orientar os novatos. Qualquer um que se pretenda espiritualizado, principalmente se for responsável por um grupo ou função em um centro espírita, pode e deve auxiliar aqueles companheiros que estejam encontrando alguma dificuldade.

É comum que médiuns iniciantes se sintam aflitos até que suas manifestações mediúnicas se manifestem. Ao verem tantos médiuns por aí tendo tantas manifestações diferentes, ficam se perguntando os motivos pelos quais não acontece o mesmo com eles. Porém, não é isso que importa. A primeira coisa que um médium que se encontre nesta situação deve fazer é perguntar a si mesmo: Para quê? Simplesmente isso! Para quê ele deseja apresentar manifestações mediúnicas? O médium deve responder honestamente, para si mesmo, esta pergunta simples e direta.

Para quê? Estaria pensando em dar espetáculo? Ou em ser notado? Quer ser igual ou mais que os outros? Quer ser reconhecido? Quer apresentar manifestações mediúnicas para quê, afinal?

Seja qual for a resposta, ela também não importa. O que importa, mesmo, é o próprio questionamento! Ao se questionar desta forma, o médium será levado a pensar que devem existir motivos para que manifestações mediúnicas aconteçam. Tem que haver uma razão para tudo. Mesmo se o médium fosse movido apenas pela curiosidade, este não seria um motivo válido.

Para tudo há uma razão e uma hora certa! Se o médium ainda não apresenta manifestações mediúnicas, é porque sua hora ainda não chegou. Talvez até já tenha superado esta fase em vidas anteriores. Talvez nunca tenha precisado passar por esta prova. Talvez nunca precise. Quem sabe? Ninguém! Nem o próprio médium que está enfiado dentro de um corpo de carne que lhe limita os sentidos!

Mas isso também não tem a menor importância! A única coisa com a qual precisamos nos preocupar é com a busca pelo autoconhecimento e pelo aprimoramento próprio. Todo o resto vem de carona, de acordo com os progressos alcançados. Não há necessidade de se preocupar. Se o médium pautar sua vida por valores corretos, se estudar a espiritualidade e praticar seus preceitos com dedicação e se, um dia, precisar trabalhar com manifestações mediúnicas, elas virão naturalmente, sem precisar que sejam provocadas, nem tampouco anunciadas.

Manifestações mediúnicas

Há vários tipos de manifestações mediúnicas diferentes. E há médiuns que sempre tiveram contato direto com a espiritualidade, enquanto outros tiveram que aprender a estabelecer esta conexão. É impossível abordar este tema de forma generalizada, pois cada caso é diferente dos demais. E também seria impossível individualizar cada caso diferente, pois a análise ficaria extensa e imprecisa demais. Assim, tentaremos fazer um esboço que poderá servir para entendermos de forma geral o processo mediúnico e suas manifestações.

Toda e qualquer mediunidade teve ou terá que ser aprendida. Ela não surge do nada. Se alguém sempre teve algum tipo de percepção é porque já a havia aprendido em vidas anteriores. Tal aprendizado também faz parte das conquistas do espírito quando encarna. Quem não apresenta manifestações mediúnicas, é porque nada aprendeu sobre mediunidade em vidas anteriores. Ou aprendeu, mas ainda não deu oportunidade para a sua expressão na vida atual. Ou veio para esta vida com a mediunidade bloqueada porque não precisará dela. Bem, não faltariam alternativas para tentar explicar. Mas, seja qual for o caso, o médium precisou desenvolver a sua mediunidade em vários momentos de suas vidas, sendo que os conhecimentos adquiridos e as experiências vividas passaram a fazer parte do seu próprio ser, para sempre.

Fala-se muito em desenvolvimento da mediunidade. São muito comuns os casos de pessoas que procuram ajuda espiritual nos mais variados lugares por causa de problemas que enfrentam e recebem a mesma receita: precisam “desenvolver”! Precisam “trabalhar”! Uns, sem saber o que fazer, assustam-se e fogem dos compromissos que tentam lhes impingir, enquanto outros, sob ameaças veladas (ou explícitas, mesmo!) de que coisas ruins irão lhe acontecer se não “desenvolverem”, acabam seguindo as orientações que lhes passam, mesmo que meio às cegas. Mas, afinal, o que significa *desenvolver*?

Quando uma palavra ou expressão se populariza, quase sempre há um preço a pagar: a distorção ou o truncamento do seu significado. Se alguém recebe uma informação, na maioria das vezes compreenderá apenas uma parte dela, achando que entendeu tudo. E assim, passará adiante a parte que entendeu como sendo o todo. O que alguns misteriosamente chamam de *desenvolver*, na verdade não passa de aprender a lidar com a mediunidade latente e sem controle.

Ninguém é obrigado a colocar a sua mediunidade para trabalhar se não quiser, embora isso possa lhe ser muito gratificante. O importante, mesmo, é conhecer e controlar a própria mediunidade. Conhecer o que está envolvido no processo mediúnic, como se dá a comunicação com o plano espiritual e as possibilidades de uso desta faculdade. Desta forma, a mediunidade deixa de ser um bicho de sete cabeças. Somente o conhecimento desmistifica e tira o medo, pois nós só tememos o que não conhecemos.

Nós não temos medo de algo em si, mas sim do que, em nossa fantasia, julgamos que este algo seja. Quando passamos a conhecê-lo, colocamos o que desconhecíamos no seu devido lugar e, então, conseguimos encará-lo com naturalidade. Porém, conhecimento não basta sem controle. Um médium que não tenha o controle da sua mediunidade é imprevisível como um cavalo selvagem. Nem ele, nem ninguém, poderá prever como reagirá ou como será afetado durante uma manifestação mediúnica.

Costuma-se dizer que o médium que não tem o controle do seu processo mediúnic possui uma mediunidade atormentada. É um termo muito próprio, pois a falta de controle poderá trazer problemas de todo tipo ao médium, o que realmente será um tormento para ele. Assim, um médium com tal característica possui apenas potencial mediúnic.

Desenvolver a mediunidade, resumidamente, é transformar as potencialidades mediúnicas em capacidades mediúnicas, ou seja, fazer com que aqueles canais de comunicação com a espiritualidade, que já estão abertos, sejam possíveis de uso pelo médium para propósitos por ele mesmo definidos. O que o médium vai fazer com as suas faculdades depois de aprender a controlá-las é uma

questão que ele próprio deverá decidir. Não cabe a ninguém tentar convencê-lo ou forçá-lo a fazer o que quer que seja com a sua mediunidade.

Estamos falando bastante em controle da mediunidade pelo médium. Para entendermos melhor o que vem a ser isso, vamos utilizar um exemplo bem simples, mas que vai ilustrar perfeitamente a importância do controle da mediunidade. Imaginemos que a mediunidade é uma janela da casa do médium. Por ela podem entrar a brisa refrescante, os suaves raios de sol da manhã, que trazem luz e vida, o perfume das flores e o canto dos pássaros. Através dela podem ser vistas belas paisagens e pessoas queridas chegando para visitar. Mas por ela também podem entrar o sol escaldante da tarde, os ventos das tempestades trazendo poeira e outros resíduos, odores fétidos, ruídos que incomodam e o ladrão oportunista. Através dela também pode ser visto desolação e sofrimento.

Quando o médium tem o controle desta janela, ele irá abri-la, fechá-la e utilizar as cortinas conforme a necessidade da situação que estiver se apresentando e não terá problemas com o que estiver acontecendo lá fora. Imaginemos, agora, que o médium não tem o controle sobre esta janela. Que, por um mecanismo qualquer, ela irá abrir ou fechar independentemente da sua vontade. Sua casa viraria um caos, não é mesmo? Ela poderia se abrir quando estivesse chovendo ou quando não houvesse ninguém em casa, poderia ficar fechada impedindo a entrada da luz do sol, além de várias alternativas com as quais o médium teria que lidar de alguma maneira. Para a própria segurança e para a sua casa continuar sendo habitável, o médium não poderá ignorar o que estiver acontecendo, tendo que estar alerta o tempo todo e ficar tomando providências para remediar as situações que serão criadas sem que ele possa evitar.

Assim é a situação de quem não assume o controle da sua própria mediunidade: as coisas vão acontecendo e acontecendo, sem previsão nem explicação, e o médium se enreda cada vez mais nesta trama, podendo, nos casos mais extremos, até chegar ao ponto de não conseguir mais distinguir as fronteiras entre o que é do mundo material e o que é do mundo espiritual. Há médiuns que chegaram a este ponto e foram, ou ainda são, considerados e tratados como loucos.

O controle sobre a própria mediunidade é obtido da mesma forma como se preparam os atletas. Eles se preparam para as provas estudando as melhores técnicas e treinando muito, tentando sempre superar os próprios limites. Os métodos são diferentes para atletas e para médiuns, mas o princípio é o mesmo. Nada cai do céu de graça. É preciso muito estudo, disciplina, determinação e disposição.

Da mesma maneira como não podemos pegar alguém que leva uma vida sedentária e largá-lo na linha de partida de uma maratona esperando que ele, pelo menos, complete a prova, também não podemos pegar qualquer um que esteja

apresentando sinais de mediunidade e colocá-lo para trabalhar no atendimento a outras pessoas. Em ambos os casos, é necessária uma preparação prévia, teórica e prática, para se conseguir alguns resultados. A diferença é que, no caso dos médiuns, temos uma responsabilidade maior, pois o comportamento e o desempenho do médium nos trabalhos poderão influir na vida de outros.

Esta influência tanto pode ser positiva, se o médium conseguir passar uma boa orientação ao consulente, ou negativa, se o médium passar uma orientação ruim ou tiver algum comportamento indevido. Os melhores trabalhadores espirituais não são aqueles que apresentam os maiores “efeitos especiais”, mas os que se colocam à disposição para o trabalho de ajuda ao próximo, seja de que forma for, com amor, humildade e seriedade.

Em termos práticos, a melhor maneira de se preparar médiuns, ou qualquer pessoa, para o trabalho espiritual é através do estudo e da pesquisa, tanto dos textos básicos da Doutrina Espírita, como do vasto material que se encontra facilmente nas livrarias. Estudar sempre! Todo o tempo! Enquanto houver algo a ser aprendido, não se deve deixar de buscar o aprendizado.

Se alguém um dia disser que não precisa mais estudar porque já sabe tudo o que precisa, podemos ter certeza que esta pessoa ainda não aprendeu o básico: que o aprendizado não tem fim! E assim, já que nunca conseguiremos aprender tudo, teremos uma vida inteira, ou melhor, todas as nossas vidas, para buscar o aprendizado da espiritualidade. É importante que a parte teórica esteja associada com a prática. O médium deve ter oportunidades para conhecer a sua mediunidade através da experiência, sob a supervisão e a orientação de médiuns experientes, como nos cursos de médiuns que vários centros espíritas promovem.

As referências à mediunidade de alguém como “sua” quer dizer exatamente isso: a mediunidade apresentada por alguém é só sua! Por mais parecidas que possam ser, as manifestações de diferentes médiuns são únicas. Como também são únicas as pessoas. Apesar de haver pessoas parecidas com outras, inclusive gêmeos, cada uma tem a sua história própria, que é completamente diferente de qualquer outra. Assim é, mesmo se considerarmos apenas a vida atual. Se colocarmos, juntas a esta, todas as histórias das vidas anteriores, então teremos uma personalidade única sob todos os aspectos, seja emocional, intelectual, moral, física e experimentalmente.

Apesar de existirem definições para os diversos tipos de mediunidade, como psicografia, clarividência, incorporação, entre outros, e ser consenso que as manifestações mediúnicas podem ser encaixadas em um destes tipos, as características pessoais do médium irão interagir neste processo, produzindo um efeito único. Por isso a importância da experiência prática das suas faculdades e do autoconhecimento para que o médium possa utilizar melhor as suas

capacidades, pois ele não poderá seguir à risca a mesma receita que outro médium tenha descoberto para si. Poderá receber apoio, dicas, ensinamentos, esclarecimentos, o que é muito importante, mas terá que compor a sua própria receita, pois a sua mistura de ingredientes é diferente da de todos os outros médiuns.

Parece complicado, mas não é. No início, alguns podem ficar inseguros, outros se sentirem pouco à vontade e outros até se assustarem. Mas, com o estudo e a vivência da sua mediunidade, vão se soltando e começa a se criar um sentimento de confiança entre os médiuns, fazendo a coisa fluir naturalmente. É importante o apoio dos médiuns mais experientes na orientação dos iniciantes. E, também, a conscientização de que o centro espírita é o local mais adequado para se deixar as manifestações mediúnicas acontecerem sem receio.

Não há como fugir da prática. É fundamental que cada um passe pela experiência da sua própria mediunidade para poder conhecê-la, desde que haja o apoio e a assistência de médiuns mais experientes e a estrutura de uma instituição séria e comprometida por trás. Cabe ressaltar que tal estrutura não é apenas física, mas, principalmente espiritual. E, para completar o melhor ambiente para o desenvolvimento dos médiuns iniciantes, a estes deve ser passada segurança e sempre se ter uma palavra de carinho e de apoio, mesmo, e principalmente, quando for necessário se dirigir a eles para corrigir impropriedades que ocorrerem nas suas manifestações.

Acabamos de abordar um ponto chave para que o candidato a trabalhador espiritual saia vitorioso na sua luta: a segurança. Nós temos diversos bloqueios, criados por nós mesmos, que precisamos vencer. Podem ser a autoestima baixa, a falta de confiança em si ou nos outros, achar-se incapaz, inferior ou não merecedor, além de muitos outros, e o medo. Principalmente, o medo. Mas medo de quê? Do desconhecido!

Para o trabalho com a espiritualidade, é fundamental contarmos com um ambiente que transmita segurança para que os bloqueios que possuímos possam ser superados e a energia possa fluir livremente em nós para podermos sintonizar as frequências espirituais mais altas. São estes bloqueios, que nos auto impomos, os principais obstáculos a serem superados para conseguirmos uma melhor interação com o plano espiritual, pois, afinal de contas, o contato com a espiritualidade é uma coisa natural. Nós já nascemos com ela e acabamos sufocando-a no decorrer da vida por vários motivos.

Basta observar com atenção as crianças para percebermos a facilidade que elas têm de se comunicarem com o plano espiritual. Muitas delas brincam com amiguinhos que só elas enxergam, veem pessoas que já morreram, conversam com elas... Tudo isso com a maior naturalidade! E os adultos, o que fazem?

Repreendem-nas, censuram-nas, colocam-lhes medos, convencem-nas de que aquilo não pode acontecer, que é errado, que é feio, que é coisa do “demônio”, e por aí afora...

E pronto! Já lhes teriam feito o “favor” de começarem a construção dos alicerces sobre os quais elas passarão a trabalhar erguendo seus bloqueios, como muralhas a protegê-las destas coisas horrorosas que aprenderam a evitar! Então, quando adultas, se quiserem contato com o mundo espiritual, serão obrigadas a passar por uma trabalhadora danada até que consigam demolir os muros “protetores” que foram construídos ao seu redor. Felizmente, graças ao maior esclarecimento das pessoas, hoje em dia tais comportamentos repressivos são menos frequentes, permitindo que as novas gerações estejam mais abertas e mais conectadas à espiritualidade.

Baseado nisso, seria lógico supor que o médium em potencial entraria em conexão com o mundo espiritual quando superasse seus bloqueios. Porém, na verdade, conectados todos nós estamos, sempre estivemos, mas sem percebermos e sem consciência dessa ligação, agindo como sujeitos passivos. A superação dos bloqueios é apenas um primeiro passo para passarmos à situação de sujeitos ativos na relação com a espiritualidade.

A derrubada do muro construído durante a vida leva tempo. Ele é tão sólido e tão bem assentado no inconsciente que não pode ser implodido de uma vez só. Tem que ser desmanchado aos poucos, retirando-se um tijolo de cada vez, num trabalho paciente e persistente de reforma interior em direção a valores pessoais cada vez mais elevados e à conscientização de que somos espíritos em plena marcha evolutiva, do mesmo modo que aqueles que ora se encontram no plano espiritual. E sendo assim, se somos iguais em essência, a comunicação entre os dois planos pode se tornar perfeitamente viável.

Apenas como ilustração, podemos imaginar a nossa muralha de bloqueios diminuindo de tamanho e desobstruindo a visão. À medida que progredimos na eliminação dos bloqueios, o plano espiritual vai se tornando mais acessível, mais perceptível, mais visível, permitindo uma comunicação cada vez mais clara e objetiva. Mas só isso não basta para o médium começar a trabalhar com a espiritualidade, como nos grupos de atendimento em centros espíritas. Este é apenas o início do caminho.

Só estabelecer algum contato espiritual não credencia ninguém ao trabalho sério com a espiritualidade. Antes de começar a trabalhar com a espiritualidade, o médium precisará treinar e praticar a sua mediunidade para conhecê-la. Tanto que é comum os médiuns iniciantes comentarem, durante as manifestações, que não sabem distinguir se o que estão percebendo é de origem espiritual ou se é deles

mesmos. É no mínimo curioso verificar como poderiam ficar confusos com coisas tidas como tão distintas.

Mas médiuns se confundem, sim, principalmente no início. A manifestação pode ser distinta, mas a sua percepção pelo médium não é. A manifestação mediúnica chega ao médium através dos seus próprios sentidos. Quando se estabelece a comunicação com um espírito, como uma transmissão de mensagem ou uma incorporação, para o médium é como se fosse o seu próprio pensamento. Funciona da mesma maneira. Quando o médium incorpora, ele experimenta as mesmas sensações pelas quais a entidade estiver passando, sejam sentimentos ou sensações físicas, como dores, mas como se fosse nele mesmo. Quando o médium vê uma cena, é como se ela tivesse sido criada pela sua mente. Quando escuta algo, é como se tivesse escutado com seus próprios ouvidos. Não são poucas as vezes nas quais médiuns que ainda não estão habituados com suas faculdades mediúnicas deixam de relatar suas percepções por acharem que eram eles mesmos quem as estavam produzindo.

Só com a prática e o conhecimento o médium será capaz de diferenciar o que vem da espiritualidade e o que vem dele mesmo. O suporte de médiuns mais experientes, com os quais possa trocar experiências e receber esclarecimentos, será muito útil para o seu aprendizado. Exercitando a sua mediunidade, com o tempo o médium passará a perceber alguns detalhes que irão lhe mostrar as diferenças entre o que é seu e o que é da espiritualidade.

O médium poderá, por exemplo, desenvolver e aprimorar a capacidade de identificar as energias envolvidas nas manifestações, o que poderia lhe indicar os tipos de entidades que estariam presentes ou o tipo de caso que estaria sendo trabalhado. Ele iria detectar os sinais sutis presentes nas manifestações e identificá-los com maior clareza. É importante que este período inicial de aprendizagem da sua própria mediunidade se passe em grupo, junto a outros médiuns, mesclando iniciantes com outros mais experientes, para que suas percepções possam ser confirmadas ou não pelos demais.

Quando o iniciante vê que as suas percepções também são sentidas por outros, ele se sentirá confiante e poderá estabelecer parâmetros de identificação positivos nos quais irá se basear nas suas próximas manifestações para determinar sua validade. Por outro lado, se não houver mais ninguém no grupo compartilhando suas percepções, um dos médiuns mais experientes pode tentar entrar naquela faixa e ajudar o iniciante a identificar de onde viriam aquelas percepções. No caso de ser apenas uma manifestação anímica, isto é, originada pelo próprio médium, ele teria um parâmetro de identificação negativo que também lhe seria útil nas suas próximas manifestações. Assim, as experiências pelas quais o próprio médium tiver passado, além de presenciar as experiências

dos demais, irão lhe trazer segurança para trabalhar efetivamente no atendimento espiritual a outras pessoas.

A participação de médiuns mais experientes traz tranquilidade e confiança aos que estão iniciando. Os conhecimentos e a experiência que podem passar, com amor e compreensão, são muito importantes para o desenvolvimento do iniciante. Porém, cada um tem o seu próprio ritmo, além de um aprendizado único. Mas determinar o momento no qual o médium estará apto para trabalhar com a espiritualidade em um grupo de atendimento não é uma tarefa simples.

Não existe uma receita. Nem um manual de instruções. Nem exame final, como nas escolas. Talvez, o primeiro requisito seja a vontade real e sincera de se colocar à disposição para o trabalho caridoso de ajuda ao próximo. O ponto seguinte seria o equilíbrio do médium, pois não podemos colocar uma pessoa desequilibrada, ou que não consiga dominar seu próprio desequilíbrio, para tratar dos desequilíbrios alheios. Senão, os efeitos poderiam ser danosos tanto para os que estiverem sendo atendidos, como para o próprio médium e até mesmo para o grupo, que poderia se desestabilizar ou se desarmonizar.

Mas esta é uma questão relativamente fácil de ser resolvida. Só depende do empenho do médium no estudo da espiritualidade e na busca por esclarecimento. Não há desequilíbrio que não possa ser curado quando os ensinamentos da Doutrina Espírita são assimilados de corpo e alma e recebidos no coração. Além disso, como terapia auxiliar, se necessário, pode ser providenciado o atendimento espiritual do médium em um grupo. Afinal, todos nós estamos sujeitos a interferências e não é sempre que estamos em condições de lidar com elas sozinhos.

Em resumo, não se deve colocar a cabeça de ninguém na boca de um leão sem, antes, dar-lhe condições de poder retirá-la antes de o leão fechar a boca. Tal responsabilidade cabe a todos que puderem perceber sinais de instabilidade ou de desequilíbrio nos seus colegas. Assim, é comum e aconselhável que médiuns iniciantes, e também experientes que estejam passando por turbulências energéticas, sejam encaminhados para atendimento nos grupos da casa. E só depois que tivessem o equilíbrio restabelecido poderiam começar a trabalhar como médiuns ou voltar aos seus grupos. São alguns cuidados que se toma para o resguardo de todos: dos grupos de atendimento, das pessoas que procuram a casa e do próprio médium que se encontra em desequilíbrio.

Parece contraditório afastar um médium do trabalho mediúnico, pois ele poderia se beneficiar pelo contato com as boas energias da espiritualidade. Poderia, se o contato nos trabalhos fosse só com energias boas. Entretanto, durante os atendimentos podem ser feitos contatos com todo tipo de energia. Se o médium estiver vulnerável, o contato com energias negativas ou de baixa vibração poderá

não lhe fazer bem. Estando ele mais ao alcance destas energias devido ao seu estado, poderia ser atingido por elas de alguma maneira.

É pensamento comum que médiuns que estiverem trabalhando num centro espírita estejam sempre protegidos pela espiritualidade. Pode até parecer que seja um contrassenso, ou uma injustiça, que alguém possa ser atingido justamente por querer ajudar a outros. Porém, mesmo podendo parecer duro o que será dito agora, sejamos diretos, em vez de procurar enfeitar o caso e dourar a pílula. Doente não cura doente! Cego não guia cego! E desequilibrado não leva equilíbrio!

Antes que alguém retruque e se levante defendendo uma tese diferente, admitimos, sim, que há exagero na afirmação acima, que não é bem assim, que todos podem fazer algo por alguém, etc. e tal! Mas o que se está querendo enfatizar é que quem não estiver bem, poderá expor a si e a outros a riscos desnecessários. O doente que estiver fraco por causa da sua doença poderá ficar mais doente ainda se entrar em contato com outros doentes. O cego que se dispõe a guiar outro assume um compromisso muito sério, já que nenhum dos dois conseguirá enxergar os obstáculos que surgirem. Da mesma forma, alguém que esteja em desequilíbrio poderá se desequilibrar mais ainda ao entrar em contato com os desequilíbrios alheios.

Pode parecer que se esteja querendo afirmar que apenas quem conseguiu atingir o nirvana poderia trabalhar mediunicamente, mas não é nada disso. Qualquer um pode, desde que esteja empreendendo esforços sinceros e concretos no sentido de se melhorar como ser humano e de se autoconhecer. Nestes casos, haverá a proteção espiritual para o médium, suprimindo as suas carências, evitando que seja atingido por energias negativas e pesadas e elevando sua vibração para que continue trilhando o seu caminho. Caso contrário, se o médium ali estiver só por curiosidade, ou porque acha divertido, ou interessante, ou por outros motivos supérfluos, ele estará por sua própria conta e risco. Qualquer que seja a situação que se apresente, ela sempre será fruto das escolhas pessoais do médium, não havendo possibilidade para alegação de quaisquer injustiças. Seria mais ou menos como uma criança brincando com fogo. Ela poderia se queimar ou provocar um incêndio.

Aí está mais uma utilidade de uma escola de médiuns e dos grupos de estudos: fazer a triagem dos médiuns, identificando os que já têm condições de trabalhar e os que ainda não têm. E nesta triagem, o critério de seleção não deve ser se o médium apresenta ou não manifestações. À primeira vista, até poderia parecer lógico que fosse assim. Mas não é. A triagem deve se basear no conhecimento que o médium buscou, no domínio que adquiriu sobre a sua mediunidade, caso ele apresente manifestações mediúnicas, e na ética e na moral que possui ou está desenvolvendo. Convencer os próprios médiuns disso é um trabalho adicional, principalmente com relação aos que não apresentam “efeitos

especiais”, pois nem sempre conseguem entender como poderiam ser encaminhados para trabalhar em um grupo sem serem médiuns, já que pensam que médium é só quem apresenta manifestações.

Para um grupo, e para a casa espírita, é melhor contar com um trabalhador sem manifestações, mas que procure saber o que está lhe acontecendo e seja consciente do seu papel na casa, do que com outro com manifestações diversas, mas que não faça ideia do que esteja lhe acontecendo, nem como, e nem procure entender, causando confusão e problemas por causa do seu desconhecimento.

O “estar pronto”

Há médiuns que têm receio de começarem a trabalhar com suas mediunidades. Eles costumam alegar que ainda não “estão prontos” para o trabalho, que precisam de mais tempo, que o trabalho é uma responsabilidade muito grande, e coisas deste tipo. Tem gente que espera anos, ou a vida toda, até “ficar pronto” para o trabalho espiritual, deixando passar um tempo precioso e muitas oportunidades para o trabalho edificante de ajuda ao próximo e para o resgate do próprio *karma*. Casos assim são bastante comuns. Às vezes é necessário um esforço considerável dos orientadores dos cursos e dos grupos de estudos até conseguirem convencê-los de que eles já “estão prontos”.

“Estar pronto” e “não estar pronto” são expressões muito usadas na tentativa de se determinar o momento certo para um médium começar a trabalhar mediunicamente. Mas, afinal de contas, o que é “estar pronto”? Existe uma maneira de saber quando o médium está realmente pronto? E quais seriam os requisitos que determinam esta condição?

Talvez haja apenas um: a vontade do médium! Ele só precisa querer participar, colocar-se a serviço da espiritualidade, tornar-se disponível para o trabalho. Seja para a tarefa que for. Se o médium ainda não tiver adquirido o equilíbrio necessário para participar dos trabalhos de um grupo mediúnico, poderá fazer muitas outras coisas. Poderia cuidar da biblioteca, se o centro possuir uma, orientar as pessoas que buscam atendimento ou informações, organizar as fichas de atendimentos, marcar atendimentos nos grupos, além de muitas outras coisas.

Alguém poderia considerar que tais atividades não são importantes e que só deveria começar a trabalhar no centro quando já estivesse em condições de participar dos atendimentos mediúnicos. Entretanto, um centro espírita não vive só de psicografias, vidências e incorporações! De que adiantariam todas as manifestações mediúnicas que pudessem surgir se não houvesse aqueles que

trabalham na manutenção e na criação da infraestrutura da casa, que é o que possibilita o seu funcionamento como um todo?

Toda atividade num centro é importante. Se alguma deixar de ser feita, terá repercussão criando algum problema mais adiante. O bom trabalhador não escolhe tarefa. Se ele está lá e disposto a ajudar, irá se sentir feliz e realizado fazendo o que estiver ao seu alcance, seja o que for. Este seria o trabalhador ideal.

Que maravilha seria se todos entendessem que ninguém veio a este planeta a passeio. Que, antes mesmo de encarnar na vida atual, cada um estabeleceu para si mesmo o seu plano de vida, uma missão a ser cumprida, os obstáculos a serem superados e as conquistas e metas a serem alcançadas. E que todos têm uma utilidade e uma responsabilidade, por menor que possa ser, para o prosseguimento do plano geral de evolução da humanidade. Seria ótimo se todos se dessem conta disso e cada um se tornasse um trabalhador ideal em algo. Seria o jogo onde não haveria perdedores. Todos ganhariam. Mas seria utópico pensar assim. Cada um tem seu tempo, que deve ser respeitado, e somente descobrirá suas verdades no seu próprio tempo certo.

É bom ou é ruim que seja assim? Não se sabe! O que se poderia dizer é que se assim é, o é por algum motivo, pois nada é por acaso. Mas podemos nos arriscar nesta questão e palpitar que não é bom, nem ruim. E que não há quem esteja mais adiantado do que outro no caminho evolutivo, porque não existe um só caminho. Cada uma das nossas virtudes e cada um dos nossos defeitos é um caminho evolutivo, os quais são trilhados todos ao mesmo tempo. Pode ser que em alguns deles já estejamos um pouco mais adiantados, mas estaremos mais atrasados em outros.

Como cada um de nós está posicionado em diferentes estágios em nossos inúmeros caminhos, estarão criadas as oportunidades de ajuda mútua para todos. Assim, quem estiver, ou se julgar, mais adiantado em algum destes caminhos, poderá ajudar a quem estiver mais atrás. É como dizem: não há quem saiba tanto que não tenha mais nada a aprender, nem quem saiba tão pouco que não tenha nada a ensinar. Basta querer, dispor-se, arregaçar as mangas e ir à luta. Entre todos, o melhor não será o que fizer mais, mas o que fizer com mais amor. E o maior, será o que fizer com mais humildade.

É uma pena que o homem tenha dificuldade para entender isso e colocar em prática na sua vida, mesmo que ensinamentos neste sentido venham sendo repetidos há tanto tempo para a humanidade. Quantos iluminados já vieram até nós e deixaram suas mensagens neste sentido? Uma das melhores lições sobre a humildade, por exemplo, foi passada a nós por Jesus.

Para os apóstolos, Jesus era o homem que estava acima de qualquer outro, era o filho de Deus, o eleito. Sabendo disso, Jesus mostrou aos apóstolos o que era

a humildade através do próprio exemplo, ao lavar os pés de cada um deles. Ele poderia ter lhes transmitido a mensagem explicando a eles tudo o que fosse preciso, mas, por mais que falasse, por mais didática que fosse a explicação, nunca teria a mesma força que o ato, que marcou a todos por ter sido tão sublime e inesperada lição. É assim que os grandes mestres ensinam: através do exemplo!

Palavras bonitas podem sair da boca de qualquer um. É muito fácil falar! Talvez seja por isso que as pessoas notem mais e deem mais importância aos atos do que às palavras. Neste aspecto, nós, como médiuns, como integrantes de um centro espírita, temos uma responsabilidade muito grande quanto ao nosso comportamento. Tudo o que viermos a dizer um dia, terá uma importância menor diante dos nossos atos, pois estes prevalecerão e terão muito mais força. Ainda mais, se eles não estiverem de acordo com o que costumamos dizer, podendo arruinar a nossa credibilidade como médiuns e até a do centro espírita como instituição.

Assim, se alguém quiser passar receita a outro dizendo-lhe que deve fazer isso ou aquilo, ou se comportar desta ou daquela maneira, deve, antes, verificar se o que ele mesmo está fazendo ou a maneira como se comporta está de acordo com a receita que pretende passar. O exemplo vale mais do que todas as palavras. Os exemplos são seguidos com mais facilidade do que os conselhos.

Se analisarmos com frieza e honestidade o nosso próprio comportamento, chegaremos à conclusão que sempre sabemos exatamente o que os outros devem ou precisam fazer, embora nem sempre nós mesmos adotemos a nossa receita. Se cada um seguisse as receitas que passa, estaria aproveitando todas as oportunidades que surgiriam na sua vida para se melhorar, para se conhecer, para ajudar a quem pudesse. Enfim, para evoluir.

A maior tristeza, a maior frustração, que alguém poderia encontrar, talvez seja chegar a um determinado período de sua vida, olhar para trás e constatar que apenas deixou passar as oportunidades que lhe surgiram e que estas não voltarão mais. Seria doloroso fazer um retrospecto da própria vida e encontrar várias páginas em branco que deveriam estar preenchidas com realizações que deixaram de ser feitas por preguiça, por falta de vontade, por inércia e por vários outros motivos vãos.

Quem não conseguiu fazer, mas tentou, não tem estas páginas da sua vida em branco. Mesmo que lá não estejam registradas as obras planejadas, elas estarão preenchidas com a luta que foi travada na tentativa de executá-las. E uma boa luta, mesmo quando perdida, é um ótimo troféu exposto na consciência para si mesmo. É muito triste alguém chegar à conclusão que foi apenas mais um, entre tantos, que apenas passou pela vida, em branco.

Não há como saber o que a vida nos reserva, mas uma certeza sempre podemos ter: para alguma coisa, cada um de nós vai servir! Depende apenas de tentar, para não chegar ao fim da vida sem ter algumas realizações como saldo. Ou, pelo menos, sem ter lutado por elas com todas as forças.

O lado bom disso é que sempre será tempo de se renovar, de recomeçar a caminhada, de acelerar o passo. Mesmo que as oportunidades passadas possam não voltar mais, sempre haverá outras novas. Sempre haverá uma segunda chance. E uma terceira, e uma quarta, e quantas forem necessárias. Nunca acaba! Nem o nosso trabalho, nem as oportunidades para evoluirmos.

Interação X Envolvimento pessoal

Há um cuidado especial que deve ser observado pelos médiuns em qualquer atividade no centro espírita: o envolvimento pessoal excessivo com o público ou com outros trabalhadores. Quem se propõe a lidar com a espiritualidade faz um trabalho de doação de si mesmo, do seu tempo e, por vezes, de alguns recursos materiais, devendo manter seu foco nas atividades que desenvolve no centro e nos objetivos que o levaram a desenvolver este trabalho.

Um centro espírita não é o lugar ideal para se procurar estabelecer relações pessoais. É um hospital de almas. É um local de trabalho. Por maior que seja o bem-estar que se sinta lá, por mais amáveis e agradáveis que possam ser as pessoas que o frequentam ou que lá trabalham, por maior que seja a proteção que espíritos iluminados lhe dediquem, ninguém está imune ao assédio de espíritos que procuram minar as atividades ali desenvolvidas.

E o meio mais fácil que encontram para isso são as fraquezas humanas. Elas são as portas que escancamos para a entrada destes visitantes que não gostaríamos de receber. Porém, muitas vezes, nós deixamos de fazer a nossa parte para impedi-los de entrar quando nos deixamos levar por vícios morais, desequilíbrios emocionais, paixões e todos aqueles impulsos mais básicos que mexem forte conosco. Principalmente o impulso sexual. Ele é tão forte, e tão mal controlado por alguns, que se torna um alvo fácil para ataques de espíritos de baixa vibração.

Por isso, deve-se ter o máximo de cuidado com aproximações que ocorram dentro do centro espírita. Será difícil saber se ela estará acontecendo naturalmente ou através da influência de espíritos interessados em prejudicar os trabalhos da casa. Quem já não ouviu falar de algum caso de envolvimento entre médiuns ou entre médiuns e frequentadores que acabou causando prejuízos ao trabalho no centro ou provocou algum tipo de constrangimento, mal-estar ou algo mais sério?

Casos assim só não são mais comuns por causa da retidão de caráter e da responsabilidade da maioria dos médiuns e da vigilância que eles exercem sobre si mesmos.

Mas as tentativas do plano espiritual mais baixo são numerosas. Serão tantas tentativas quantas forem as carências que muitas pessoas sentem. Tantas quantas forem os desvios de caráter. Tantas quantas forem as ocorrências do egoísmo, do orgulho, da vaidade, da vontade do prazer fácil, além de tantas outras mazelas humanas. São os elos fragilizados na corrente que deveria sustentar uma vida. Eles são muito bem aproveitados por espíritos que se especializaram em explorá-los na guerra que travam contra as iniciativas que podem levar um pouco de harmonia e de paz aos que procuram por isso.

Estes espíritos conseguem algum sucesso às vezes, dependendo do nível de desequilíbrio do encarnado e da sua capacidade de lidar com eles. Os desequilíbrios existentes são estimulados para que se desequilibrem mais ainda e para transmitir uma falsa sensação de bem-estar, de elevação do ego, de poder, além de outras. E assim, os invigilantes se tornam presas fáceis e apresentam todos os requisitos para se transformarem em instrumentos da desarmonia e da discórdia, podendo comprometer o trabalho sério e abnegado de muitos.

Neste quadro, pode pairar no ar uma questão: como fica o papel da proteção espiritual da casa? Afinal, já que ela existe, não deveria atuar para evitar que tais coisas acontecessem? Bem, a coisa não é tão simples assim! Ela existe, sim, e está atuando sempre. Porém, também respeita o livre-arbítrio das pessoas e não interfere nas suas vidas. Se alguém resolve sucumbir aos seus apelos materiais ou mundanos, afastando-se do alcance das proteções do centro espírita e se aproximando das vibrações de mais baixo nível, a escolha terá sido toda sua. No momento em que o médium deixa de cumprir uma das suas primeiras obrigações, que é zelar por si mesmo, ficará sujeito a diversos tipos de interferências daninhas e ninguém irá interferir nas suas decisões.

De qualquer forma, mesmo que possa parecer o contrário, a experiência que acontecer a seguir terá alguma utilidade, tanto para o médium, que aprenderá uma lição com as consequências do seu erro, como para o centro espírita, que também aprenderá a lidar com tais situações e procurará evitá-las no futuro. Outro motivo para que a espiritualidade não impeça de acontecer coisas assim é que este também é um instrumento de depuração dos centros espíritas.

De tempos em tempos, uma onda de instabilidade pode passar pela casa espírita sob a forma de descontentamentos, fofocas e mal-entendidos diversos. Quase sempre, por trás disso há a atividade de organizações das trevas que se aproveitam das brechas que alguns médiuns já possuem. Manipulando energias em processos obsessivos de todo tipo, espíritos de baixa vibração procuram

estimular os desequilíbrios existentes nos médiuns com o objetivo de utilizá-los para provocar desentendimentos e desestabilizar a instituição. Um bom exemplo de casos assim está descrito no livro “Aconteceu na Casa Espírita”¹.

Ao final do processo, as cicatrizes dependerão de como o caso foi tratado pelos responsáveis pela casa e pelos próprios médiuns. Alguns médiuns poderão ter abandonado o trabalho, mágoas poderão ter permanecido, algumas mudanças poderão ter ocorrido, além de outras possibilidades, inclusive o fechamento do centro espírita. Mas, independentemente do que vier a acontecer, terá se cumprido o que tinha que ocorrer. Tudo será fruto do preparo das pessoas para enfrentar as dificuldades.

Se médiuns saírem, será porque seus desequilíbrios eram tantos, que não conseguiram suportar a pressão que sofreram com a obsessão ou com suas conseqüências, sem desconfiarem que poderia haver algo errado com a situação que estavam vivendo e apenas se deixaram levar. Se houver alguém magoado, é porque está precisando exercitar o perdão, sendo irrelevante se tinha ou não razão nos acontecimentos. Se houver alguém ofendido, é porque está precisando se despir do seu orgulho. E assim por diante, qualquer que seja a situação que se crie, ela só ocorrerá devido às mazelas energéticas existentes entre os médiuns. Se a situação chegar ao cúmulo do fechamento do centro, será porque seus médiuns não estavam devidamente preparados para a atividade espiritual à qual se propuseram.

Assim, aconteça o que acontecer, por pior que possam parecer os resultados, o saldo final sempre será positivo, pois será separado o joio do trigo e será depurada a fórmula criada pela união daquelas pessoas. E aqueles que permanecerem unidos em torno das virtudes da Doutrina Espírita e dos valores cristãos, firmes no seu propósito de continuar fazendo seu trabalho amoroso, reerguerão o centro espírita abalado e o farão melhor do que era e livre de interferências externas. Se isso não for possível, procurarão fazer seus trabalhos em outros lugares onde puderem trabalhar com base nos valores mais elevados.

Todos estes contratemplos só são possíveis de acontecer quando os médiuns permitem que haja envolvimento pessoal com os demais. Quando o trabalho espiritual passa a perder importância para o relacionamento com os outros médiuns. Quando se formam diferentes “comunidades” ou “tribos” mais ou menos fechadas dentro do centro. Quando a identificação passa a acontecer com um determinado grupo, em vez de com o centro. E então, a bomba da discórdia, da

¹ Aconteceu na Casa Espírita – Emanuel Cristiano (pelo Espírito Nora) – Editora Allan Kardec

confusão e do egocentrismo estará armada, aguardando apenas que alguém acione seu detonador.

Para evitar que a bomba se arme, os médiuns precisam estar conscientes do seu papel de trabalhadores espirituais e saberem que o motivo de estarem reunidos num centro espírita é o trabalho sério e responsável da divulgação da Doutrina Espírita e do atendimento caridoso a todos que procurarem a casa. Não é a confraternização nem a diversão. Mesmo que a companhia seja a mais agradável possível, este fato é secundário diante da importância do trabalho espiritual.

Tanto que há centros espíritas que adotam uma prática bastante interessante quanto a esta questão. Dizem que, quando o nível de entrosamento entre os médiuns de um grupo é tanto que eles chegam ao ponto de se encontrarem fora dali, de se visitarem com frequência e promoverem festinhas, é chegada a hora de dissolver o grupo. Então, seus médiuns são redistribuídos em outros grupos e trazidos médiuns de outros para aquele. A justificativa para tal atitude é que o motivo da existência de grupos de trabalho espiritual é justamente o trabalho, e não o envolvimento pessoal. Quando as relações pessoais assumem uma dimensão muito forte no grupo, elas podem interferir no trabalho e se sobreporem às suas finalidades reais e aos objetivos que deveriam norteá-lo.

Com o que está dito acima, não se deve entender que relações pessoais são coisas abomináveis num centro espírita. Nem que o ideal seria que fossem todos estranhos uns aos outros. Por favor, não sejamos radicais! Em tudo na vida, sem exceção, deve ser encontrado o meio termo, o equilíbrio, a dose certa.

É claro que acontecem encontros sérios e se criam amizades verdadeiras originadas dentro de um centro espírita. É esperado, é normal e é saudável que se criem sentimentos fraternos entre pessoas que se unem em torno de objetivos nobres. Seria muito bom para a instituição que entre seus médiuns houvesse amizade, fraternidade, união, companheirismo, e até cumplicidade, para melhor cumprirem seus importantes papéis no trabalho com a espiritualidade e com os que buscam ajuda lá. Porém, é bom repetir, deve ser encontrada a dose certa entre a vida pessoal e o trabalho espiritual para que uma coisa não interfira negativamente com a outra.

Até mesmo um grande amor pode surgir com a convivência das pessoas num centro espírita. Casos assim que foram bem sucedidos são conhecidos por muitos. Uma união amorosa pode acontecer ali, assim como em qualquer outro lugar do mundo. As probabilidades estatísticas são as mesmas. Porém, nós não estamos tratando de matemática, mas de energias, de interações energéticas e influências obsessivas. Por isso, devemos ter mais cuidado e critério nestes casos devido às possibilidades de interferências externas que possam estar atuando.

Também são conhecidos casos que provocaram muita confusão, inclusive separações, e que acabaram de repente. Da mesma forma como começaram, durando apenas o tempo necessário para que o estrago acontecesse. É claro que há o fator humano por trás destes deslizos, os quais sempre ocorrem, em todo lugar. Porém, quando se está conectado com planos espirituais diversos, e havendo interação de energias como nos casos das casas espíritas e outras instituições, espíritos de baixa vibração podem estimular desequilíbrios já existentes nos médiuns. A atuação destes espíritos como obsessores pode fazer com que médiuns que não exercem a devida vigilância sobre si mesmos ou que estejam em desequilíbrio se percam nos seus princípios e acabem cometendo erros graves, dos quais geralmente se arrependem depois, sem entender como foram capazes de cometê-los.

A solução de problemas envolvendo relacionamentos pessoais nos centros espíritas pode ser bastante complicada. Terá que haver muita sensibilidade por parte dos responsáveis pelo centro para que o estrago seja o mínimo possível, já que os danos serão inevitáveis. Por menores que sejam, sempre restará algum trauma ou desconforto entre os médiuns envolvidos que, dependendo da postura que assumirem, poderá se refletir nos trabalhos do centro.

O melhor de tudo é que, apesar das possibilidades que estamos discutindo aqui, é mais fácil evitar os problemas do que criá-los ou participar deles. Bem, pelo menos é mais fácil dizer do que fazer. Cada um tem dentro de si um rebelde que precisa ser doutrinado. Um louco que precisa de sanidade. Um necessitado que precisa ter suas carências supridas. Um animal selvagem que precisa ser amestrado. Um ogro ignorante que precisa de esclarecimentos. Um marginal que precisa de um policial. Enfim, uma pedra bruta que precisa de polimento constante para refletir a luz em vez de apenas absorvê-la.

Este é o trabalho que vem sendo executado por cada um de nós, encarnação após encarnação, durante toda a história da humanidade. Seu nome é evolução e sem ela seria impossível estabelecer valores e viver em sociedade, nem construir relações duradouras e nem mesmo conviver com nossas próprias famílias. O quanto cada um conseguiu avançar na sua trilha evolutiva também se reflete, é óbvio, no trabalho espiritual que se propõe a realizar.

Do ponto de vista individual, para evitar a criação de problemas, bastaria que cada um prestasse atenção em si mesmo e se vigiasse todo o tempo para poder identificar comportamentos estranhos ao seu proceder normal, assim como o comportamento diferente de outras pessoas com relação a ele. Qualquer das situações pode estar sendo alimentada por influências externas interessadas em criar confusão no centro espírita ou, simplesmente, querendo gerar seu alimento energético à custa de algum imprevidente que estiver disponível.

É fácil para qualquer um detectar quando mudanças acontecem ao seu redor. Mas, para alguns, pode ser difícil resistir às tentações e não se entregar a elas quando tais mudanças reforçam o ego, criam sensação de poder ou outras situações relacionadas com o orgulho, a vaidade, a cobiça, a ganância, etc. Nestes casos, mesmo que não sejam encontradas explicações satisfatórias para as mudanças, o médium em desequilíbrio pode achar mais fácil, e mais divertido, jogar-se de corpo e alma na situação que se criou, ignorando que ela pode ser uma fogueira.

Do ponto de vista organizacional, que diz respeito ao centro espírita, é preciso que os responsáveis pela sua direção ajam sempre com muito bom-senso em qualquer situação que se criar. Porém, é mais importante criar soluções para que os problemas não aconteçam, do que resolver os mesmos problemas que podem ficar se repetindo indefinidamente. Para isso, é imperioso que seja focada a origem de quase todos os problemas que comumente surgem: as pessoas. Ou seja, os trabalhadores da casa, mas é claro, sem esquecer os que a frequentam.

Com relação aos seus trabalhadores, o centro espírita precisa providenciar suas formações como médiuns, tanto através do estudo como da prática, num trabalho constante. Além disso, é necessário que sejam estabelecidos critérios sérios e rigorosos para a colocação dos médiuns para trabalharem nos grupos. Quem vai se apresentar para o trabalho num grupo é alguém que, em última análise, pode ser definido como um conjunto complexo de características pessoais.

Por isso, para se admitir um médium num grupo não se pode levar em conta apenas seu potencial mediúnico. Deve ser analisado tudo o que cada médium pode representar para o trabalho. De nada vale um médium que apresente vários tipos de manifestações, se ele viver causando conflito e confusão, por exemplo. Sem considerar as características pessoais dos médiuns antes de colocá-los a serviço nos grupos, o centro espírita poderá estar criando um problema em vez de uma solução.

Da mesma forma, não se pode cair na armadilha de querer ajudar um médium considerando que ele precisa trabalhar a sua mediunidade e colocá-lo num grupo antes que ele esteja devidamente preparado para tal. Além de ser um tipo de “ajuda” muito duvidosa quanto aos seus efeitos reais, deve ser levado em conta que este médium estará interagindo com os demais médiuns e com o público.

Mesmo correndo o risco de alguém torcer o nariz, não podemos deixar de abordar uma questão polêmica para que sejam reforçados os cuidados que um centro espírita deve tomar com seus médiuns. Uma minoria chegou ao centro como um facho de luz e de amor para servir ao próximo. A maioria deles chegou, mesmo, em busca de socorro para os problemas que vinham enfrentando com suas mediunidades, quase sempre atormentadas. E acompanhando as mediunidades atormentadas de alguns deles, diversos desequilíbrios e falhas de comportamento.

Assim sendo, poderíamos considerar que boa parte dos médiuns de uma casa espírita são pacientes em tratamento, tanto quanto os que a frequentam, procurando se curar de seus males espirituais através do trabalho na casa. Uns reagem bem a este “tratamento”, outros nem tanto. Ainda temos que considerar as recaídas que podem acontecer de vez em quando, as quais podem interferir no seu trabalho e até na imagem do centro se não forem bem administradas ou se as providências necessárias deixarem de ser tomadas.

Neste contexto, ninguém poderá prever o que acontecerá se um médium for colocado para trabalhar sem serem tomados os devidos cuidados com a sua preparação e com suas condições pessoais. Só o tempo mostrará se a aposta dará certo ou não. E, convenhamos, um centro espírita não é um cassino para apostas, mas um local onde se deve desenvolver um trabalho sério e comprometido com a espiritualidade e com aqueles que o frequentam.

Com relação aos frequentadores, o centro espírita não deve se limitar a encará-los apenas como pessoas que vão até lá para receber socorro espiritual. Eles são espíritos caminhando pela sua trilha evolutiva. Assim como os médiuns do centro. Com esta visão, muita coisa pode mudar no relacionamento do centro e dos médiuns com os que frequentam a casa.

Um dos maiores desafios do *marketing* moderno é atrair os clientes até a loja para que eles consumam os produtos ofertados. Os centros espíritas, neste aspecto, têm uma boa vantagem sobre o comércio, pois não precisam fazer este trabalho de *marketing*. Seus “clientes” vão até a “loja” espontaneamente e ávidos para consumir o “produto” que o centro oferece. Quantas oportunidades de “venda” são perdidas, não é mesmo? Mas, afinal, qual é o “produto” que os centros espíritas poderiam “vender”? Certamente, não é o bem-estar proporcionado pelo passe. Também não seriam os atendimentos para aliviar a pressão sobre os atendidos. Nem o encaminhamento de desencarnados. Tudo isso é momentâneo.

Uma das funções mais nobres e mais importantes de um centro espírita deveria ser a de levar esclarecimentos sobre a espiritualidade a todos que puder alcançar. O público já existe e, mesmo que não manifeste expressamente, está sedento por informações sobre o lado espiritual da vida. Mesmo que nem saibam, as pessoas que vão a um centro espírita buscam por isso. Neste aspecto, parece que os centros espíritas perdem oportunidades de ouro deixando de atender seus frequentadores naquilo que eles estão buscando.

Poder-se-ia ir muito além daqueles poucos minutos de palestra que comumente há antes dos passes, por exemplo. É um trabalho importante e que leva um pouco de esclarecimento e de luz aos que a assistem. Mas os centros espíritas poderiam proporcionar mais. Não só com os cursos que alguns centros mantêm com regularidade abertos ao público, os quais, aliás, são ótimas iniciativas. Porém,

a frequência a um curso representa um compromisso que muitos não podem assumir por diversos motivos. É verdade, também, que há os que não querem se comprometer, mas não vamos entrar no mérito.

O importante nesta questão é que o centro espírita poderia aproveitar a presença daqueles que já estão lá por qualquer outro motivo para divulgar a Doutrina Espírita. Excelentes resultados podem ser obtidos, por exemplo, ao se reunirem os frequentadores do centro, informalmente e sem compromisso, com um ou mais dos trabalhadores da casa para simplesmente conversarem sobre a espiritualidade. É uma experiência que apresenta resultados bastante promissores.

Os assuntos surgem conforme o interesse das pessoas, que participam ativamente da discussão em vez de ficar apenas ouvindo alguém falar sobre algo que pode nem ser o que estão precisando naquele momento. Esta técnica possibilita que as dúvidas reais sejam esclarecidas prontamente para um público que varia a cada encontro. E surge cada dúvida que ninguém imaginaria que fosse capaz de existir...

Porém, não basta apenas a vontade ou a dedicação do médium para o desenvolvimento deste trabalho. Mais uma vez, deparamo-nos com a questão da devida preparação do médium para esta atividade, já que ele fica em contato direto e estreito com o público. Tal aproximação pode resultar em consequências inimagináveis se os representantes do centro espírita, nestes encontros, não estiverem perfeitamente centrados, equilibrados e conscientes do seu papel e dos possíveis desdobramentos que daí podem surgir.

O público tende a encarar o trabalhador de um centro espírita como uma pessoa especial, como alguém que possui algo a mais do que as pessoas “normais”, como alguém que já alcançou um grau evolutivo superior. As pessoas acham que é necessário que se seja um ser iluminado para fazer parte de um grupo espiritual. Elas podem julgar o médium como alguém que elas mesmas gostariam de ser. Ou achar que o médium tem uma luz que pode servir de guia a outros. Ou, o que é mais grave, alguém pode querer que esta luz imaginária o guie em particular.

É assim que é montada a armadilha que poderá aprisionar ou mutilar os incautos, tendo como iscas a necessidade de autoafirmação do médium, a oportunidade de exercer algum tipo de poder sobre outros, a possibilidade de se salientar entre os demais, além de outras mazelas, todas elas originadas nas fraquezas e nos sentimentos inferiores do próprio médium, como a vaidade, o orgulho, a ambição e o egoísmo. Entretanto, toda isca é uma ilusão destinada a enganar a presa.

Evitar a armadilha depende da preparação que o médium teve e, é claro, da sua motivação para o trabalho com o público. A preparação é importantíssima, porém deve ser dada uma atenção especial à motivação do médium. Se o que o

move para o trabalho são sentimentos fraternos, baseados no amor e na caridade, por seu próprio esforço ele até poderá superar alguma eventual falha na sua preparação e conduzir de forma satisfatória seu trabalho. Senão, a melhor preparação que poderia lhe ser dada será inútil ou, pior ainda, poderá ser distorcida e usada pelo médium para fins diversos daqueles a que se destinava.

Por tudo isso, é de fundamental importância que os centros espíritas fiquem permanentemente atentos aos aspectos que envolvem a interação entre seus médiuns e o público, e entre os próprios médiuns, para poderem agir preventivamente para evitar os problemas que podem ocorrer. A omissão, por qualquer motivo, além de não ter como ser justificada, ainda pode comprometer os planos traçados pela espiritualidade para o centro espírita.

Eis a responsabilidade que cabe a todos os médiuns que se dispõem a trabalhar sob a assistência e em nome de espíritos que se encontram em níveis mais evoluídos. Não só aos médiuns, mas principalmente às instituições que os abrigam. É nosso compromisso, com nós mesmos e com a evolução própria em primeiro lugar, fazer por merecer a oportunidade que nos é dada de participar de tão maravilhoso trabalho. É lamentável quando o médium cede às próprias fraquezas e cai em alguma das armadilhas que surgem à sua frente, seduzido por ilusões e por falsas perspectivas.

Caminhar sobre o fio da navalha, sem se desviar, requer força de vontade e disciplina. Pode não ser fácil, mas é, com certeza, o caminho mais gratificante e o que mais irá nos aproximar das esferas espirituais superiores. É, também, o caminho onde não existirão armadilhas. Assim sendo, sigamos o caminho do meio e evitemos os desvios, por mais sedutores que possam parecer, para podermos marchar firmes em direção a Deus e à luz.

Responsabilidades

Sempre que um médium estiver enfrentando dificuldades na sua atividade no centro espírita, podemos ter certeza de que ele está sofrendo de algum tipo de desarmonia ou de desequilíbrio. Sua atuação indevida ou seu comportamento impróprio são, ao mesmo tempo, um sinal de alerta para a administração do centro e um pedido de socorro do médium. Sempre que estes sinais forem detectados, devem ser tomadas as providências necessárias para ajudar o médium a recuperar seu equilíbrio e corrigir suas atitudes.

Porém, o efeito da ajuda depende muito mais de quem estiver recebendo-a do que de quem estiver tentando ajudar. Não podemos esquecer que os trabalhadores de uma casa espírita, antes de qualquer coisa, são pessoas comuns,

que podem ter tantos problemas a serem resolvidos quanto os que frequentam a casa. Ou mais ainda. E muito mais sérios, talvez. Só por fazerem parte de um centro espírita e parecerem pessoas especiais para quem os vê, não significa que o sejam. Como dizem, o hábito não faz o monge. Algumas vezes, pode faltar a humildade necessária para reconhecerem que, como seres humanos, são falhos e limitados e que precisam se melhorar constantemente.

Pode ser delicada a situação do trabalhador espírita que não tenha se preparado adequadamente com base em valores éticos e morais. Querendo ou não, é atribuída a ele uma posição de destaque durante os trabalhos apenas por ele fazer parte do centro. E não é difícil sucumbir ao próprio ego. Se não houver humildade nem consciência de que o médium está ali apenas porque está tendo uma oportunidade para *servir* ao próximo, e não para se engrandecer, suas chances de se transformar em um ex-trabalhador daquele centro são muito grandes.

É uma armadilha muito séria, sempre armada para apanhar os desatentos às lições básicas da Doutrina Espírita. E muito fácil de ser acionada quando não há o devido preparo dos trabalhadores. Imaginemos como seria se os médiuns mal chegassem à casa e já fossem trabalhar direto nos grupos de atendimento. Criar-se-ia uma situação bastante complicada, pois só seria possível verificar se os médiuns tinham condições de estar ali depois que já estivessem trabalhando. O risco é alto. Alguns contratemos poderiam surgir por causa disso, inclusive com médiuns tidos como experientes, apesar de se esperar que os maiores problemas aconteçam com os médiuns inexperientes.

Em tese, deveria ser assim, pois, na sua maioria, os médiuns que chegam para trabalhar nos centros espíritas são excelentes pessoas, dedicados ao trabalho e disciplinados. Muitos continuam no trabalho mediúnico por vários anos. Porém, a experiência mostra que também chegam médiuns apresentando desequilíbrios profundos e vícios adquiridos porque não tiveram uma orientação adequada durante o desenvolvimento da sua mediunidade. Alguns deles podem até precisar mais de atendimento espiritual do que os consulentes que seus grupos atendem.

O pior de tudo é que poderá haver quem os considere muito bons médiuns justamente por causa dos seus defeitos. Por serem espalhafatosos, por exemplo. Até mesmo alguns trabalhadores do centro poderão julgar assim. Poderiam receber todo tipo de entidade falando alto, gesticulando muito, levantando-se e se movimentando pela sala enquanto estivessem incorporados. Enfim, dariam um show acreditando que agindo deste modo estariam ajudando o trabalho, argumentando que assim passariam para os dirigentes e para o grupo impressões mais fiéis e claras sobre as entidades com as quais estavam lidando.

E aí, a armadilha, da qual já falamos, capturaria mais um. Encontrando público para o show, seu ego poderia se expandir, suas manifestações tenderiam a

ser mais espetaculares e o médium poderia acabar se achando cada vez mais importante. Poderia chegar até a menosprezar os demais médiuns achando que não faziam nada porque não eram tão enfáticos quanto ele. Ou, a bem da verdade, tão espalhafatosos!

É lamentável quando alguém cai nesta armadilha, mas isso não pode ser considerado um desperdício. Mesmo que as casas espíritas estejam sempre em busca de trabalhadores, temos que privilegiar a qualidade do trabalho em vez da quantidade de médiuns. Além do mais, não são os centros espíritas que precisam de trabalhadores! São as pessoas que precisam dos centros espíritas, seja para trabalhar e exercitar sua mediunidade ou apenas como frequentadores. Se um médium cair em alguma das armadilhas que estamos falando, será por não ter observado os inúmeros ensinamentos que nos foram passados por tantos mestres iluminados. Será por ter sido invigilante consigo mesmo. Será por ter permitido sua dominação pelo orgulho, pela vaidade e pela soberba.

Felizmente, casos assim são poucos e são fáceis de detectar, permitindo que a administração da casa tome as providências necessárias para corrigir o problema, conversando e orientando o médium, aconselhando-o, encaminhando-o para que seja atendido em um grupo, podendo chegar até ao seu afastamento se não for possível uma solução. Vez ou outra é necessário tomar uma atitude mais drástica, mas raramente. Na maioria dos casos que precisariam deste tipo de providência, a questão se resolve sozinha, pois quem busca reconhecimento ou distinção não encontra o que procura em uma casa espírita séria. Então, acaba abandonando-a por sua própria vontade e sai à procura de outra que possa lhe satisfazer o ego.

Pode parecer que tais afirmações são muito duras e que uma fala assim não caberia num contexto onde se deve pregar o amor, a paz, a compreensão e a solidariedade. Porém, não devemos confundir as coisas. Permissividade não é o mesmo que tolerância. Compactuar com o erro não é solidariedade. Fugir de responsabilidades só para não ter que assumir uma atitude não é compreensão. E deixar de falar o que deveria ser falado, para que alguém não fique melindrado, não é amor.

Não é admissível que um trabalhador de um centro espírita se omita ao detectar algum problema, pois existe uma responsabilidade muito grande para com os que vão até lá em busca de paz, de conforto, de esclarecimento, confiando que a instituição e seus membros são sérios e merecedores de respeito. É muito fácil prever o que aconteceria se os problemas que surgem deixassem de ser resolvidos: a instituição entraria em agonia, pois as pessoas deixariam de frequentá-la, seus membros iriam se desligando um a um e até mesmo o suporte espiritual daquela casa poderia ser retirado.

Às vezes, uma atitude mais firme é necessária. Faz parte do zelo que se deve ter para que os objetivos principais sejam atingidos. É difícil imaginar que um centro espírita tenha que enfrentar problemas deste tipo, mas sempre haverá problemas em qualquer lugar onde houver seres humanos se relacionando, pois são todos diferentes. Cada um tem um nível próprio de conhecimento e de compreensão. Cada um tem sentimentos, aspirações, prioridades, pensamentos, vontades, ideias e ideais próprios, além de tantas outras coisas.

Várias opiniões diferentes podem surgir ao mesmo tempo sobre uma mesma questão. E todos estarão certos, segundo suas próprias visões. É inevitável que surjam divergências. Faz parte da natureza humana. Mas não há questão ou problema, seja do tamanho ou da natureza que for, que não possa ser resolvido através do amor, da humildade, da compreensão e da razão. Será assim que sempre serão encontradas as melhores soluções, cabendo a cada um a busca pela harmonia e pelo bem comum, tendo como principal objetivo proporcionar a melhor divulgação e a melhor vivência da Doutrina Espírita.

Preparação dos médiuns

Problemas surgem sempre, em todos os lugares, assim como soluções. O ideal seria que os problemas enfrentados pelos centros espíritas se resumissem somente às questões administrativas. Porém, o fator humano, envolvendo incontáveis variáveis, precisa de atenção especial e permanente através de grupos de estudo, palestras, leituras e cursos visando a evolução permanente dos trabalhadores, seja como médiuns ou como seres humanos. Mediunidade e humanidade andam sempre juntas e precisam ser trabalhadas ao mesmo tempo. E quanto antes, melhor! As orientações passadas aos médiuns, principalmente durante os cursos preparatórios, são muito importantes para o trabalho que irão desenvolver depois nos grupos, evitando muitos problemas causados pela falta de conhecimento.

Os centros espíritas mais jovens tendem a enfrentar mais problemas relacionados à falta de preparo dos médiuns do que os mais antigos, pois estes, provavelmente, já enfrentaram os seus e conseguiram resolvê-los. Uma nova casa espírita geralmente se forma por iniciativa de um grupo de médiuns experientes que trabalham juntos há algum tempo. Como eles já têm suas bases teóricas, práticas e doutrinárias bem fundamentadas, necessitam apenas colocá-las em ação. Assim, não precisam de uma escola de médiuns.

Porém, além do grupo fundador do centro, vão chegando outros médiuns, uns vindos de outros centros, outros sendo trazidos por membros da casa. Haverá, ainda, alguns que tenham passado por atendimentos como consultentes e precisam desenvolver suas aptidões mediúnicas, os quais passariam a trabalhar nos grupos

após terminarem seus tratamentos. A consequência da mistura de médiuns com tendências e doutrinações diversas, ou nenhuma, é imprevisível.

Na falta de uma estrutura formal para os estudos, ficaria a cargo dos dirigentes dos grupos trabalharem os médiuns novos para que desenvolvessem suas potencialidades da melhor maneira possível. Nem sempre dará certo, pois o fato de alguém ser um bom dirigente não o credencia automaticamente a ser também bom professor e bom orientador. Assim, com médiuns chegando à casa com orientações práticas e doutrinárias diversas, e outros sem qualquer orientação, apesar dos esforços dos dirigentes, começam a surgir problemas que se refletem na sintonia entre os grupos, os quais podem passar a apresentar algumas variações doutrinárias e práticas com relação às linhas mestras que o centro havia adotado originalmente.

As primeiras tentativas para tentar resolver estas questões podem se dar através da promoção de reuniões e debates abertos a todos os trabalhadores da casa para a discussão dos problemas. Alguns conseguirão ser resolvidos, ou amenizados, mas continuará sendo impossível resolver os problemas que se originarem nas convicções mais profundas dos médiuns, que podem ser bastante divergentes por causa das suas diferentes origens doutrinárias. Por fim, como uma primeira tentativa de contornar tantos transtornos, o centro poderá criar um curso para a preparação dos médiuns, para que todos que pretendessem integrar um grupo de trabalho mediúnico no centro passassem antes por ele.

Seria alocado pessoal o mais capacitado possível para ministrar o curso. Lá se aprenderia muitas coisas relacionadas à mediunidade, à espiritualidade e ao trabalho mediúnico. Provavelmente, haveria uma triagem entre os participantes no final, selecionando aqueles que teriam condições de trabalhar nos grupos de atendimento mediúnico da casa. E assim, o objetivo pensado quando o curso foi criado estaria garantido, pois todos seguiriam uma mesma orientação e caminhariam juntos na mesma direção.

Será, mesmo? Inicialmente, não há dúvidas. A passagem por um curso preparatório para médiuns no próprio centro poderia corrigir eventuais desvios doutrinários ou de conduta, além de ajudar a desenvolver as características mediúnicas do médium em potencial e ensiná-lo a ter o controle sobre as manifestações. Teria aprendido que não é necessário se demonstrar qualquer coisa ostensivamente ao grupo nos atendimentos, bastando que seja comunicado ou mostrado de forma discreta. Os instrutores do curso bateriam bastante nesta tecla, advertindo que é preciso se ter disciplina e bom-senso durante os atendimentos para o trabalho fluir com harmonia. Também enfatizariam que quem quisesse dar espetáculo deveria procurar um circo ou um teatro e não uma casa espírita, pois ali é um lugar onde se deve trabalhar com abnegação e humildade, sem querer se

sobressair nem alcançar glórias, motivados apenas pelo amor e pela vontade de ajudar a quem estiver precisando.

Mas, e depois? Como se comportarão os médiuns longe de uma rotina de estudos? Depois de completado o curso preparatório para o trabalho, eles irão para os grupos e começarão a participar dos atendimentos. Passarão por experiências diversas, tanto próprias como vendo o que acontece com seus colegas de grupo. Passarão todo o tempo descobrindo coisas e passando por muitas novidades. Isso é muito enriquecedor, mas será que estes médiuns, principalmente os novatos, terão lastro de conhecimento suficiente para assimilar o que estiver lhes acontecendo? Conseguirão, sozinhos, lidar com tantas informações novas sem distorcê-las ou mitificar os fatos?

São indagações difíceis de serem respondidas. Mas podemos dizer, com relativa certeza, que uns conseguirão digerir as informações melhor do que outros e que alguns não conseguirão dar conta delas sem apoio externo. Seja qual for o caso, inclusive para os mais experientes, sempre haverá pontos obscuros entre o que o médium presencia e o que a sua mente é capaz de processar.

A solução para todos os problemas originados pela falta de sustentação teórica para a atividade mediúnica é uma só: a formação de grupos de estudos permanentes, com a obrigação de participação efetiva de todos os médiuns. Só assim será possível padronizar os procedimentos de todos os grupos do centro e atualizar o conhecimento dos médiuns. Só assim haverá um direcionamento claro e objetivo indicando o mesmo caminho para todos. Só assim se poderá dizer que o centro espírita atua de determinada maneira, em vez de dizer que seus grupos atuam conforme o entendimento dos seus médiuns.

Mesmo que muitos médiuns procurem espontaneamente se esclarecer, outros não o fazem por iniciativa própria. Por isso, o estudo não deve ser interrompido nunca. Nem que seja de forma obrigatória para quem não tem o hábito de estudar. Afinal de contas, cada médium é uma parte do rosto do centro espírita, daquilo que todos enxergam. Não é admissível que uma casa espírita se coloque em situações difíceis por causa de bobagens ditas ou feitas por algum médium com pouco esclarecimento. É dever de todos, principalmente da administração, zelar pela boa imagem da casa. E a imagem mais clara de uma casa espírita é o que é transmitido ao público através do contato com os seus médiuns.

A técnica

Apometria

A técnica da Apometria não é um assunto de abordagem simples. É necessário um estudo aprofundado para entendê-la e bom-senso para aplicá-la. Por causa da quantidade de informações desencontradas e equivocadas que circulam por aí abordando a técnica, talvez seja melhor começarmos a falar sobre a Apometria enfatizando o que ela *não é*.

A Apometria *não é* uma dissidência de nada, muito menos da Doutrina Espírita, como pensam alguns. Pelo contrário, a Apometria em nada a contraria. Mais do que isso, sem a Doutrina Espírita a ampará-la, a Apometria não teria valor ou significado algum. Por isso, ela não poderá ser apartada da Doutrina Espírita. Tanto na teoria como na prática, a Doutrina Espírita deve ser o sustentáculo efetivo da Apometria e dos médiuns que com ela trabalham.

A Apometria também *não é* uma corrente ou um movimento de crenças, cultos ou qualquer outra coisa.

A Apometria também *não é* curandeirismo, nem se propõe a substituir as práticas médicas, como pensam e dizem alguns. Talvez estes tenham sido levados a concluir que fosse assim por influência do subtítulo do primeiro livro lançado sobre o assunto: “Espírito e Matéria - Novos horizontes para a medicina”. Porém, qualquer um que tivesse o trabalho de lê-lo, veria que as curas e os efeitos positivos sobre os consulentes se referem unicamente aos males, físicos ou não, cuja origem é espiritual e/ou energética e, mesmo para estes, nunca houve estímulo para que a medicina fosse deixada de lado. Pelo contrário, a proposta é que a medicina passe a se valer também de outros recursos, além dos normalmente usados, os quais são ineficazes para estes casos, visando sempre o bem-estar e a recuperação do doente.

Apometria também *não se “faz”*. De vez em quando, aparece alguém para receber atendimento relatando que fora aconselhado a “fazer Apometria” para resolver seu caso. Pensamentos deste tipo não contribuem em nada, nem esclarecem. Pelo contrário, confundem, pois ajudam a criar uma falsa ideia de que a Apometria é algo que existe por si só.

A Apometria é simplesmente uma técnica de trabalho espiritual, através da qual se passou a utilizar recursos que antes eram desconhecidos ou tidos como “não convenientes” por aqueles mais conservadores. Felizmente, hoje as mentes se encontram mais abertas e há menos preconceito e resistência contra novos

rumos e orientações que possam surgir para atualizar e facilitar o trabalho de grupos de atendimento mediúnico.

Apometria é o nome dado à técnica desenvolvida por José Lacerda de Azevedo a partir de estudos que ele e seu grupo iniciaram na década de 1960 em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. A base da Apometria está exposta nos seus dois livros: “Espírito e Matéria” e “Energia e Espírito”. A Apometria foi ganhando adeptos e se expandindo para diversos centros espíritas, existindo hoje até grupos independentes, que não estão ligados a qualquer instituição, estudando e praticando esta técnica.

Infelizmente, entre estes há os que não entenderam o que estudaram ou praticaram e acabaram desviando a finalidade da técnica. Aqueles que saem por aí propagando feitos mirabolantes e cobrando em dinheiro por consultas prestam um desserviço imenso ao trabalho espiritual ao utilizarem algumas técnicas que dizem ser Apometria. Talvez alguns até acreditem que seja mesmo. De qualquer forma, acabam causando prejuízo ao bom entendimento do que realmente é a Apometria, principalmente para quem a desconhece ou conhece pouco. Talvez este seja o preço a pagar pelo pioneirismo e pela “ousadia” de desbravar caminhos que ainda não haviam sido trilhados. Ou por haver quem não se sinta constrangido em opinar sobre o que não conhece.

Como não podemos querer consertar o mundo, e nem temos este poder, deixemos que cada um use do seu livre-arbítrio sem nos envolvermos nesta discussão. A intervenção da espiritualidade e a lei de causa e efeito acabarão separando o joio do trigo. Ocupemo-nos com o que realmente interessa: o atendimento amoroso, a caridade e a observância da Doutrina Espírita.

O nome “Apometria” resultou da junção de duas palavras gregas: “apo”, que significa “além de”, e “metria”, que quer dizer “medida”, em função da contagem dos pulsos energéticos utilizados na técnica para os comandos. A Apometria se baseia principalmente no desdobramento espiritual dos médiuns e dos consulentes e no uso consciente das energias que estão livres e disponíveis no universo. Através da Apometria é possível deslocar as manifestações não físicas de encarnados do plano físico para diversas instâncias do plano espiritual e através do tempo. Deste modo se consegue, por exemplo, que alguém doente seja encaminhado para um hospital da espiritualidade para lá ser tratado, em vez de um espírito médico vir tratá-lo aqui. Ou deslocá-lo no tempo para harmonização de situações de vidas passadas que estejam repercutindo negativamente na sua vida atual.

É possível ainda enviar os médiuns desdobrados para qualquer local, desde as instâncias espirituais superiores até as profundezas da crosta terrestre. Mesmo sem nos aprofundarmos muito neste assunto, fica fácil constatar as vantagens que

o recurso do desdobramento proporciona ao separar os corpos não físicos do corpo físico para tratá-los adequadamente ou levá-los para onde for preciso.

A Apometria é um assunto que merece estudo aprofundado e constante, pois sempre haverá dúvidas e fatos novos surgindo a cada dia. Será sempre bom ler os livros de Lacerda e relê-los depois de um tempo, quantas vezes for necessário. A cada nova leitura surgirão aspectos que passaram despercebidos nas anteriores, formando as pontes entre as informações que possam ter ficado desconexas. Ficará melhor ainda se for possível associar o estudo teórico com a prática no trabalho mediúnico, o que irá esclarecer muitas dúvidas, pois poderá ser constatado como acontece no mundo real aquilo que foi estudado.

A Apometria se desenvolveu muito desde o lançamento dos livros de Lacerda, graças a novos estudos e descobertas e ao aprimoramento das técnicas. Entretanto, estas continuam sendo as leituras básicas sobre o estudo da Apometria que, em associação aos livros de Kardec, formam um ótimo sustentáculo para o trabalho espiritual. Além destas, há outras publicações que também podem e devem ser lidas para aprofundar os conhecimentos sobre a espiritualidade, pois este é um assunto inesgotável. Sendo assim, abordaremos a seguir algumas questões básicas que poderão ser úteis para a sua compreensão, lembrando sempre que Lacerda precisou escrever dois livros para expor a técnica, sendo impossível seu detalhamento nestas poucas páginas que você está lendo.

Em primeiro lugar: TUDO É ENERGIA!

A própria matéria é muito mais energia do que matéria. Para se ter uma ideia melhor do que estamos falando, imaginemos a cidade de São Paulo, com seus mais de mil e quinhentos quilômetros quadrados e uma cabeça de alfinete girando ao seu redor, passando sobre a cidade do Rio de Janeiro, a quatrocentos quilômetros de distância, numa velocidade absurdamente alta. Esta seria a representação em escala aumentada do átomo de hidrogênio, o mais simples que existe, com apenas um nêutron e um próton no núcleo (a cidade de São Paulo) e um elétron (a cabeça de alfinete) girando ao seu redor. Assim, todo o espaço que existe entre o núcleo e o elétron, ou entre São Paulo e Rio de Janeiro no nosso exemplo, é vazio! Nada material existe ali, exceto, talvez, algumas partículas infinitamente pequenas que estão sendo descobertas agora e, com certeza, a energia que mantém o elétron girando ao redor do núcleo, ligando-os um ao outro.

Podemos imaginar, também, o nosso sistema solar como o modelo aumentado de um átomo, tendo o sol como núcleo e com os planetas sendo os elétrons girando ao seu redor. Talvez assim fique mais clara a noção do espaço vazio que existe entre as partículas de matéria. Como tudo o que existe na Terra é formado por átomos diversos, podemos afirmar que tudo é um imenso vazio com algumas partículas fixas e outras muito menores em movimento, que se mantêm

unidas apenas pela energia que as liga. Inclui-se aí o diamante, o granito e o aço mais duro. Esta energia está presente e é abundante, infinita, em tudo. Tanto entre as partículas de um átomo como em todo o espaço do universo.

Pode parecer estranho, mas nós estamos tratando de Apometria e de espiritualidade e, de repente, descambamos para a física, abordando as partículas atômicas. Que relação isso teria com o que estamos tratando?

Aparentemente, as partículas atômicas nada têm a ver com Apometria ou com espiritualidade. Afinal, elas são matéria, não é mesmo? Bem, pelo menos é isso o que pensamos. Talvez, um dia, os cientistas acabem descobrindo que nem mesmo as partículas atômicas são matéria. Quem poderá duvidar? Porém, o que nos interessa neste caso é o espaço vazio que existe entre elas, o qual, na verdade, não é vazio, pois está repleto de energia. Em experimentos científicos com elétrons colocados em aceleradores de partículas, grandes máquinas produzidas para testá-los a velocidades incrivelmente altas, os cientistas se surpreenderam ao constatarem que os elétrons testados reagiam exatamente da maneira como era esperado que reagissem. Se a mesma experiência fosse repetida, mas esperando-se que acontecesse um resultado diferente, este resultado era atingido.

Continuamos falando em matéria, mas agora surgiu um novo ingrediente: a vontade de quem conduzia as experiências fez com que os resultados de testes idênticos fossem diferentes! É aí que está o ponto importante da questão: *a força da mente do cientista atuou sobre uma partícula de matéria, alterando o seu comportamento!* Agora podemos estabelecer uma relação entre este fato e a Apometria.

Uma partícula de matéria, como um elétron, apesar de tão pequena, continua sendo matéria e possui a sua vibração densa característica. Se a energia mental do cientista, ou de qualquer um, pode ter influência sobre a vibração densa da matéria, mesmo que seja sobre uma minúscula porção, podemos deduzir que é possível atuar sobre as energias mais sutis direcionando para estas a nossa energia mental, ou seja, a nossa vontade.

É justamente este o princípio no qual se baseia a contagem de pulsos energéticos utilizada durante os trabalhos. A contagem de pulsos energéticos permite que sejam direcionadas energias, objetiva e conscientemente, para a realização de ações comandadas pelo dirigente do trabalho de forma cadenciada pela contagem e com o grupo se concentrando no objetivo traçado. A energia acionada, que está sempre disponível, é prontamente dirigida ao objetivo determinado e utilizada para a realização do que foi comandado. Pode ser usada para os mais diversos fins, como a recuperação de espíritos doentes ou feridos, formar, modificar ou eliminar coisas plasmadas no plano espiritual, deslocamentos

no tempo e no espaço, além de muitas outras aplicações. O resultado é tão rápido, impressionante e fácil, que nem parece ser possível.

A contagem de pulsos energéticos pelo dirigente durante os trabalhos é algo que desperta curiosidade em muita gente. E vários questionamentos, também. Qual é o mistério da contagem? Afinal, para quê ela serve? Ela é realmente necessária?

Não existe mistério algum! A rigor, podemos dizer até que a contagem de pulsos energéticos nem é necessária. É possível fazer o trabalho sem ela. Porém, este é um recurso que se mostrou muito útil na prática, pois mantém todo o grupo concentrado e focado num mesmo ponto, ou seja, o comando dado pelo dirigente. Todos acompanham a contagem com cada um emitindo sua vontade e suas energias ao mesmo tempo e na mesma direção. Assim, o resultado pretendido é alcançado de forma muito mais rápida e consistente devido à concentração de forças energéticas direcionadas por todos.

Além da geração e do direcionamento de uma carga imensa de energia, o recurso da contagem evita a dispersão dos membros do grupo. Imaginemos, por exemplo, um grupo formado de seis, sete ou oito pessoas, realizando seu trabalho espiritual à noite depois de um dia inteiro de compromissos e de correria. No início dos trabalhos, todos estarão compenetrados, concentrados, afinados. Mas, à medida que o tempo for passando, com o cansaço físico e mental se acentuando, alguns médiuns já estarão mais “viajando” na mesa do que trabalhando efetivamente. Com a contagem dos pulsos energéticos, a atenção de todos no grupo estará sempre focada em cada detalhe do trabalho no momento preciso, potencializando os resultados.

É muito simples, básico e prático. Como tudo o que é verdadeiro. E é fantástico por ser tão simples. Nós podemos adotar, sem medo, uma regra básica para qualquer situação: *Tudo na vida é simples!* É tão simples que às vezes não conseguimos enxergar ou acreditar que possa ser assim. Se estivermos pensando ou fazendo algo e começou a ficar complicado, então devemos parar e voltar até o ponto no qual ainda era simples, pois é quase certo que pegamos o caminho errado. Atrás da complexidade desnecessária, da complicação, das pompas, dos ritos, da sofisticação exagerada, escondem-se o erro, a ignorância e a falsidade. A verdade sempre se encontra ao lado da simplicidade. Sem mistérios ou fantasias, a contagem de pulsos energéticos é uma ferramenta muito útil na manipulação consciente das energias que utilizamos durante o trabalho espiritual em grupos mediúnicos.

Depois do desdobramento espiritual, que é um ponto básico da Apometria, talvez uma das principais características da técnica seja a manipulação consciente de energias direcionadas a um determinado fim. Alguns concordarão, outros

discordarão e apontarão outros aspectos da técnica como mais relevantes. É bom que seja assim, pois a discussão nunca é encerrada. E quanto mais a técnica for discutida e estudada, mais aprimorada irá se tornando.

Outros ainda, que não praticam a Apometria, dirão que ela não é necessária, pois, desde o início do espiritismo, sempre foram realizados trabalhos espirituais sem ela e com bons resultados. Para estes poderia se dizer, sem tirar-lhes a razão, que a Apometria apenas facilita o trabalho mediúnico, tanto para os espíritos envolvidos como para os médiuns, e acelera muito o resultado final, pois, com o direcionamento consciente de energias através da contagem de pulsos energéticos, consegue-se uma maior concentração do grupo e muito mais disponibilidade de energias.

Podemos dizer que o trabalho espiritual, em si, é basicamente o mesmo, utilizando-se ou não a Apometria. Ou seja, envolve doutrinação de espíritos desencarnados e encarnados, harmonização de relações e de vidas passadas, energização, desobsessão, e todos os demais aspectos envolvidos neste tipo de trabalho. A diferença está apenas na forma como ele é feito. Na Apometria são utilizadas, de forma explícita, várias faixas de trabalho relacionadas com alguns tipos de atendimentos que normalmente são evitados e deixam de ser trabalhados pelos grupos e instituições que não usam a técnica. Entre estes, podemos citar os que envolvem magia negra, “trabalhos” feitos contra alguém, magos, bases no umbral e abissais.

Além do próprio tratamento destes casos, os resultados obtidos também são diferentes. Através da Apometria, é possível atingir os objetivos de forma mais rápida, eficiente e direta. As vantagens são significativas. Quem procura o atendimento espiritual tem seus casos resolvidos com mais presteza, reduzindo seu sofrimento. O grupo mediúnico não apresenta desgaste energético, mesmo tratando os casos que envolvem as vibrações mais pesadas, pois, utilizando-se a vasta gama de energias disponíveis no universo, o trabalho de atendimento é facilitado. Com o uso destas energias e explorando as possibilidades que este recurso oferece, os espíritos desencarnados percebem com mais facilidade suas reais situações, por mais resistentes que se apresentem e por mais ligados que estejam às trevas, facilitando a doutrinação e fazendo com que a solução para o caso tenha mais chances de ser definitiva devido às fortes impressões que experimentam enquanto estão sendo atendidos. Há, ainda, vários tipos de atendimentos que só são possíveis com o uso destas energias e das faixas de trabalho compatíveis com o caso, como aqueles que envolvem magos negros e os abismos no interior da Terra. Falaremos sobre as faixas de trabalho mais adiante.

Os grupos mediúnicos que trabalham com a técnica da Apometria têm um papel importante neste contexto através do uso consciente de energias direcionadas para a solução ou amenização das situações que se apresentam nos

atendimentos. Os médiuns, por estarem encarnados, possuem uma fonte de energias muito útil e de amplo uso, que é o próprio corpo físico. Uma ínfima parte desta energia mais densa, quando devidamente direcionada, é capaz de efeitos extraordinários nos planos astrais e nos espíritos desencarnados.

As possibilidades de atuação são imensas, tanto na magnitude dos efeitos, quanto no tempo despendido no atendimento. Quase que instantaneamente, é possível modificar desde objetos simples até grandes construções plasmadas no plano astral, criar ou eliminar coisas, alterar a vibração de locais ou espíritos, regenerar os corpos não físicos doentes ou mutilados, além de uma infinidade de outras aplicações.

Os mais entusiasmados com a técnica poderiam achar que, por ser a Apometria assim tão completa, por tornar tão mais fácil se atingir os resultados e abranger uma gama tão ampla de aspectos, um dia ela acabará sendo adotada por todos como a principal técnica para o trabalho espiritual. Porém, as pessoas não têm, todas, o mesmo pensamento, as mesmas afinidades, convicções, crenças, etc. É simplesmente uma questão de escolha pessoal. Cada um vai se encaixar onde couber e aceitar o que achar melhor, conforme suas particularidades e suas necessidades, as quais devem ser respeitadas plenamente.

Para evoluir, é necessário que haja mudanças. Isso é certo! Não podemos esperar evolução se as pessoas não estiverem abertas a novos conceitos. Isso também é dado como certo por muitos. Mas, será mesmo?

As pessoas nunca estiveram abertas a novos conceitos e, no entanto, a evolução nunca deixou de acontecer, embora de forma lenta, através da substituição de gerações, quando ideias antigas dão lugar a ideias mais novas. Os mais jovens têm a mente livre de conceitos preconcebidos e aceitam, assimilam e desenvolvem novas ideias com facilidade. Os mais velhos, ao contrário, com poucas exceções, são resistentes a novas ideias que os obrigariam a se adaptar a uma nova realidade.

Imaginemos alguém que passou vários anos, ou a vida inteira, acreditando e defendendo uma posição. Este já estaria acomodado e dominando aquela situação. Daí, chega alguém e diz que não é bem assim, que algumas coisas não servem mais e que é preciso repensar e mudar. Ora, a rejeição e a resistência ao novo é o mínimo que se poderia esperar. É normal, e natural, que assim aconteça. E até desejável, para que não haja rompimentos radicais e repentinos. É assim que as coisas vão se ajustando sem traumas enquanto se digladiam a urgência e a pressa da juventude contra a cautela e o conservadorismo dos mais velhos. Enquanto durar esta “luta”, terá passado o tempo necessário para que se firme o que realmente deve permanecer e desapareça o que for falso. É assim que a evolução acontece, não só para as questões espirituais, mas para tudo.

Isso quer dizer que a Apometria poderá levar muitos anos para se expandir a todas as casas espíritas? Talvez sim, talvez não. Talvez a própria Apometria desapareça e seja substituída por outra técnica mais abrangente e revolucionária. Não se sabe! Qualquer afirmação sobre o que poderia acontecer no futuro assumiria ares de profecia. E, afinal de contas, isso não tem a menor importância. Nunca serão estas as questões que nortearão os verdadeiros trabalhadores que se propõem ao serviço da caridade e da evolução.

Quem se coloca ao lado da espiritualidade para o trabalho de harmonização e evolução da humanidade não pode se prender a ideias pré-determinadas ou a preconceitos. Seja qual for a técnica que venha utilizando, inclusive a Apometria, ou a doutrina que venha seguindo, ou a filosofia de vida que tenha adotado, que seja consciente que isso lhe serve, ou serviu um dia, para a sua evolução espiritual e como ser humano. E para o seu trabalho com a espiritualidade, se for o caso de um trabalhador mediúnico.

Mas não se diga que o que serve para si é o melhor que existe, pois ninguém conhece tudo. Em vez disso, diga que, do que conhece, é o melhor para si naquele momento e que é aquela a trilha pela qual está conseguindo avançar no seu caminho evolutivo, conhecendo-se e aprendendo com os ensinamentos que lhe são oportunizados. Mesmo que haja a maior convicção possível nas crenças e nos valores adotados atualmente, é importante que se continue com a mente aberta a novos conhecimentos e experiências, esforçando-se para o aprimoramento contínuo de si mesmo e das ferramentas usadas no trabalho espiritual.

Além da abertura para o mundo, seria ideal que o trabalhador espiritual se entregasse à sua tarefa sem fanatismo ou posições rígidas, nem com julgamento já pronto sobre outros ou sobre ideias que contrariem seu pensar. Pelo contrário, as forças que devem mover o médium são o amor, a dedicação, a humildade e a serenidade, sempre respeitando o livre-arbítrio e as limitações e aptidões de todos. Somente assim, o médium, ao chegar a qualquer ponto da sua jornada evolutiva e olhar o caminho já percorrido, poderia declarar, satisfeito consigo mesmo:

“A técnica (inclusive a Apometria) ou crença que pratico hoje já é diferente da que eu praticava quando a conheci. E, no futuro, será diferente da que pratico hoje, pois nada é perene, nada é imutável. Assim como poderá acontecer de amanhã eu fazer outras descobertas que façam com que a técnica ou crença que pratico hoje se torne obsoleta para mim! Para mim, repito, porque para outros ainda vai continuar valendo, enquanto outros estarão recém descobrindo-a, enquanto outros, ainda, nunca tomarão conhecimento dela e caminharão por outras trilhas.”.

Será assim, com cada indivíduo avançando passo a passo na sua evolução pessoal, que irá se processando a evolução da humanidade como um todo.

Faixas de trabalho

Faixas de trabalho... Eis uma questão que indevidamente pode acabar envolvida numa aura de mistério. Exploremos o assunto para tentar esclarecer melhor o que são as faixas de trabalho utilizadas nos trabalhos com Apometria. De início, podemos afirmar que não existe qualquer mistério. Pode haver, no máximo, dificuldade de nossa parte para entender como a espiritualidade se organiza para executar seu trabalho. O que é compreensível, já que nossa capacidade de percepção dos planos mais sutis é limitada por estarmos envolvidos na matéria física.

Embora estejamos abordando a questão das faixas de trabalho com a intenção de lançar alguma luz sobre o assunto, cabe aqui um alerta. Na tentativa de explicar as questões a seguir, não estaremos muito longe da criança do jardim-de-infância tentando explicar um teorema matemático ou uma teoria da física. Temos consciência das nossas limitações e nos baseamos na percepção pessoal e nos conhecimentos adquiridos com os atendimentos espirituais dos quais participamos. Feito este alerta, podemos prosseguir.

As diversas faixas de trabalho utilizadas nos atendimentos foram comunicadas aos médiuns pela espiritualidade em diversas ocasiões, conforme iam surgindo diferentes casos de atendimentos. Consideramos que não havia a necessidade de buscar detalhamento minucioso sobre elas junto aos espíritos comunicantes, bastando-nos a comprovação dos benefícios que seu uso traz aos consulentes em atendimento.

Bem, em tese a questão é até bem simples. A ideia de faixas de trabalho poderia ser enunciada como um conjunto de espíritos e de instalações astrais voltados para um determinado objetivo e, para tal, produzindo um determinado padrão vibratório. É simples, não? Mas também pode ser um tanto vago. Esta definição pode não dizer muita coisa. Ou talvez tenha dito tudo! Exploremos mais a questão.

Constata-se daí que há vários grupos espirituais distintos, cada um tratando de questões e de aspectos diferentes. A literatura espírita é rica em descrições de locais específicos em planos mais elevados como: colônias, hospitais, escolas, etc., cada um deles destinado a um fim específico. O que faz com que espíritos se agrupem e passem a trabalhar juntos com certas situações é a própria necessidade. Há muito trabalho por fazer no plano espiritual, nos mais diversos aspectos. Para executá-los, os espíritos afins se agrupam e providenciam os meios que irão precisar. O que determinará quem serão os espíritos que farão parte de cada grupo

será a identificação de cada um deles com aquele tipo de trabalho, além, é claro, da disposição e da capacidade para executá-lo.

Pode ser estranho falar em disposição e capacidade dos espíritos para realizar um trabalho. É compreensível a estranheza, pois ela vem da ideia distorcida que inconscientemente fazemos da espiritualidade. Nós temos uma tendência a pensar que o plano astral é um lugar de bem-estar, onde não há sofrimento, nem angústia, nem com o que se preocupar. Seria isso algum resquício da noção de paraíso que nos inculcaram desde cedo? Da mesma forma, tendemos a pensar no espírito como um ser iluminado, cheio de sabedoria e consciência e com alto entendimento.

Que bom seria se assim fosse! Porém, ninguém muda sua maneira de ser e de pensar apenas porque passou de um estágio, no qual o espírito estava ligado a um corpo físico, para outro, onde o espírito se vê livre das limitações da carne. Ao desencarnar, o espírito continua sendo o mesmo. A única diferença é que passará a contar com mais recursos à sua disposição, graças ao meio mais sutil no qual irá viver e ao acesso mais fácil à sua memória espiritual. Assim mesmo, o espírito desencarnado irá reproduzir no meio espiritual o que ele era quando encarnado.

Nós, aqui na Terra, somos todos diferentes uns dos outros porque, antes de qualquer coisa, somos espíritos individuais diferentes. As diferentes personalidades que existem são os reflexos das características próprias de cada espírito. Por isso, as aptidões, identificações, necessidades, vibrações, etc., de um espírito são únicas. Assim, no trabalho no plano espiritual, serão as características individuais do espírito o que determinará o tipo de atividade que irá desenvolver e a quem irá se associar. Além disso, ele precisará estudar, dedicar-se e aprender sempre, como fazemos quando estamos encarnados, pois é tudo uma continuação de vida, só que ora em um ambiente, ora em outro.

Desta maneira, formam-se grupos espirituais especialistas em determinadas áreas, os quais nós chamamos de faixas de trabalho. Mais ou menos como na nossa medicina, onde, apesar de haver um único fim, que é tratar a saúde, cada médico se dedica a uma especialidade diferente. Talvez, mais do que uma simples comparação, isso seja mesmo uma reprodução da organização e da estrutura existentes na espiritualidade. Podemos comparar o trabalho de auxílio executado pelos espíritos com os dos nossos médicos, inclusive quanto à hierarquia, pois há os espíritos mais experientes e evoluídos, que se responsabilizam por outros menos experientes, os quais, por sua vez, também têm outros menos experientes ainda sob sua responsabilidade, e assim sucessivamente.

A grande diferença são os tipos de enfermidades tratadas. Lá, os males são morais e energéticos. Embora a “cura” dependa muito mais do espírito doente do que de qualquer outra coisa, ela seria quase impossível sem a assistência

imprescindível desta legião de espíritos voltados ao importantíssimo trabalho de harmonização universal.

O que chamamos de faixas de trabalho são grupos de espíritos de alta vibração unidos em torno de um objetivo comum, sempre trabalhando pela evolução da humanidade. Cada faixa de trabalho atua em uma determinada área e é com elas que nos conectamos durante os atendimentos. Conforme a necessidade de cada caso é feita a conexão com uma, ou com outra, ou com mais de uma às vezes, sempre procurando a melhor compatibilidade de vibrações entre a necessidade do atendimento e a faixa de trabalho invocada.

Como a conexão com as faixas de trabalho é providenciada pelo dirigente, não é raro que aqueles com menos experiência se sintam inseguros quanto à faixa que deve ser trabalhada em determinado atendimento. A dúvida quase sempre se refere às consequências de se encaminhar um espírito numa faixa de trabalho que não seria a ideal. Porém, a experiência tem demonstrado que não se consegue fazer um encaminhamento errado. Mesmo que se tente!

E o que acontece nestes casos? Nada que possa causar qualquer problema! Os espíritos que estão sendo atendidos nunca serão encaminhados para instâncias espirituais inadequadas aos seus casos apenas por uma “barbearagem” do dirigente ou dos médiuns. Eles não têm este poder. A espiritualidade sempre irá providenciar o devido encaminhamento

Às vezes, o atendimento demonstra características que indicam a utilização de determinada faixa de trabalho que, ao ser acionada, não produz qualquer efeito. Daí, o dirigente fica com aquela cara de quem não está entendendo o que está acontecendo, até vir um dos médiuns em seu socorro com a intuição da faixa de trabalho mais adequada. Aí, sim, o atendimento passa a fluir novamente.

Quando surge uma situação como esta, devemos encarar a questão apenas como mais um ensinamento para os trabalhadores. Obviamente, nós, médiuns, não temos o poder de, por nós mesmos, encaminhar ou deixar de encaminhar para esta ou aquela faixa. Temos que ter em mente que estamos aprendendo o tempo todo. Se algo assim acontecer durante um atendimento, o mais provável é que será para passar orientações ou ensinamentos ao grupo de trabalhadores, como, por exemplo, que determinadas características de um atendimento se referem às características específicas de uma determinada faixa de trabalho. Orientações deste tipo servirão para que possamos nos situar adequadamente nas situações que se apresentam durante os atendimentos.

Nesta altura, fica no ar a questão do surgimento das faixas de trabalho. Elas surgiram da própria necessidade de ser executado o tipo de trabalho para o qual se dedicam, conforme já foi dito. Quando isso aconteceu, ou como, é algo que nós, encarnados, talvez não tenhamos condições de discutir por causa das nossas

limitações. Mas podemos explorar a questão sob outro foco: como nós, aqui na Terra, sabemos da existência das faixas de trabalho na espiritualidade?

Nós sabemos que elas existem através de orientações da própria espiritualidade, que tem o cuidado de preparar os grupos e os médiuns para os trabalhos de atendimento. Quando alguém chega para ser atendido, já está tudo pronto no plano espiritual para que o caso seja devidamente resolvido, pois o trabalho é todo feito pelos espíritos. Nós somos apenas os meios utilizados por eles! Nós somos apenas as ferramentas deles!

Eventualmente, surgem novas situações durante os trabalhos, com características até então desconhecidas para os médiuns, os quais, por isso, não saberiam como lidar com elas. Quando isso acontece, sempre podemos contar com a providencial assistência dos espíritos que sustentam nosso trabalho, os quais nos esclarecem na hora que surgem as novas situações, indicando os passos que deveremos seguir e nos apresentando novas alternativas. Como uma faixa de trabalho que ainda não era conhecida, por exemplo. Ela já existia, independente do nosso conhecimento, tendo apenas sido identificada naquele momento.

Assim vem acontecendo desde que a Apometria começou a se desenvolver. E assim deverá continuar acontecendo, enquanto houver coisas desconhecidas para nos depararmos. E então, será assim para sempre, pois, como encarnados limitados pela matéria e muitas vezes incapazes até mesmo de conhecermos a nós mesmos, nunca conseguiremos saber tudo sobre a espiritualidade.

São várias as faixas de trabalho utilizadas nos atendimentos, cada qual com a sua finalidade. Para não ficar enfadonho, em vez de relacionar todas, uma a uma, falemos um pouco sobre as que utilizamos com mais frequência nos atendimentos.

São elas:

Hospital Amor e Caridade: É uma imensa e complexa estrutura que, para melhor entendimento, poderíamos comparar com o que chamaríamos de um grande hospital no nosso plano. Possui alas especializadas para o tratamento de todo tipo de enfermidade espiritual, inclusive aquelas que se refletem no corpo físico de diversas formas, contando com equipamentos sofisticados para os fins mais variados. Há lá, ainda, um laboratório muito bem aparelhado para análises e pesquisas diversas. O Hospital Amor e Caridade é a principal faixa de trabalho com a qual atuamos, para onde é encaminhada a maioria das entidades que se apresentam nos atendimentos.

Hospital Alvorada de Redenção: É outro hospital espiritual, especializado em problemas mentais. Para lá são encaminhadas as entidades dementadas, sem condições de doutrinação ou de entendimento.

Mezanino: É a faixa de trabalho com a qual nos socorremos nos atendimentos onde precisamos descer aos abismos do interior da Terra. Ela nos proporciona proteção contra as energias pesadas destes ambientes e guia-nos até atingirmos o objetivo do atendimento.

Nave Novox: Como uma grande nave espacial, é a indicada para os atendimentos onde estão envolvidos espíritos de outros locais do universo que estejam interferindo na vida do consulente, como, por exemplo, através de realização de experiências. Também é invocada para auxílio nos atendimentos onde há alta tecnologia envolvida, desde aparelhos instalados no consulente até bases complexas instaladas nas trevas.

Senhores do Karma: É uma faixa de trabalho para a qual são encaminhados espíritos que possuam sérios comprometimentos *kármicos* e insistem em continuar agindo de forma a agravá-los ainda mais. Espíritos encarnados que apresentam o mesmo comportamento também podem ser deixados em contato com esta faixa. Em qualquer caso, o espírito é esclarecido quanto ao seu proceder e toma consciência das consequências que terá de assumir, gerando, na maioria das vezes, uma mudança de comportamento e de mentalidade. É possível que o contato com esta faixa faça com que os espíritos resistentes em reconhecer suas responsabilidades tenham sua carga *kármica* precipitada sobre si, como se fossem abertas as comportas de uma represa.

Busca e Reencontro: É semelhante à faixa dos Senhores do *Karma* quanto à orientação espiritual, porém mais suave. É indicada para aqueles que se sentem perdidos, sem conseguirem encontrar um sentido para a sua vida, e estão precisando se reencontrar e retomar os planos traçados para a encarnação atual.

Nova Seara: É uma colônia que faz parte do Complexo do Hospital Amor e Caridade, cuja especialidade é receber espíritos desencarnados em acidentes.

Mago Merlin: É uma faixa utilizada quando nos deparamos com casos envolvendo magia ou magos negros. É um ótimo recurso a ser usado, principalmente quando as entidades que se apresentam possuem um vínculo muito forte com as trevas e são resistentes a qualquer tentativa de esclarecimento. Também é muito útil para anular os ataques das entidades quando estas tentam manipular energias contra os médiuns do grupo por sentirem seus interesses ameaçados durante o atendimento. Mesmo aceitando as orientações e a doutrinação, estas entidades são encaminhadas nesta faixa devido à sintonia com a magia. Se não aceitam, as entidades podem ser deixadas em sintonia com esta faixa para irem recebendo sua influência como uma preparação para um novo atendimento, se for necessário.

Joana D'Arc: É uma faixa indicada para ser sintonizada com aquelas pessoas que perderam a fé, a esperança e a coragem para enfrentar os obstáculos da vida. Sob

a influência desta faixa, o consulente pode se renovar e revigorar seu ânimo, adquirindo a força necessária para vencer seus desafios.

Cosme e Damião: É uma faixa relacionada às crianças, para a qual são encaminhados os espíritos que guardam fortes lembranças de sofrimentos vividos na infância, estando, por isso, com manifestações mentais ou emocionais infantis por se encontrarem presas a situações que lhe foram penosas, precisando de atenção maternal e da companhia de outras crianças para superarem suas dores.

Hospital dos Bebês: É um hospital, conforme o nome diz, especializado no atendimento a bebês, para o qual se costuma encaminhar aqueles espíritos que se apresentam profundamente marcados pelo sofrimento causado pela interrupção prematura de sua vida na Terra, tão planejada e preparada, por terem sido abortados, naturalmente ou não, ou por terem desencarnado com pouco tempo de vida.

Umbanda: É uma faixa na qual são trabalhadas todas as suas linhas e entidades, podendo cada uma delas ser acionada separadamente. Antes que alguém torça o nariz, cabe ressaltar que a Umbanda foi criada no Brasil, com doutrina e princípios próprios e bem definidos. Apesar de ter se derivado dos cultos trazidos da África para o Brasil, não se deve confundir-la com as linhas africanas que lidam com entidades trevosas e sem esclarecimento. Detalhes referentes às diferenças entre elas podem ser encontrados nos livros “Tambores de Angola” e “Aruanda”, de Robson Pinheiro, Editora Casa dos Espíritos. A Faixa da Umbanda ou alguma de suas linhas é acionada nos trabalhos em Apometria quando surgem, nos atendimentos, trabalhos realizados em alguma linha de origem africana com a finalidade de prejudicar alguém através de magia ou quando se manifestam entidades pertencentes a estas linhas que estejam ligadas ao consulente por qualquer motivo. Também é usada para a limpeza energética de ambientes. Entenda-se aqui por Faixa da Umbanda, pela forma como dela nos valem na Apometria, o uso dos recursos, das forças da natureza e das entidades de luz que a compõem, sem a necessidade de qualquer tipo de culto, cerimônia ou manifestação ostensiva.

Existem várias outras ainda que não foram mencionadas. Não por serem menos importantes, mas apenas porque, em algum momento, a lista teria que ser interrompida.

Sempre que a questão das faixas de trabalho utilizadas na Apometria é discutida nos estudos e nas reuniões de médiuns, surgem diversas indagações interessantes. A seguir, vamos explorar duas das mais comuns.

Há faixas de trabalho cujo nome gera certa curiosidade que vale a pena abordar. Algumas delas têm o nome de pessoas ou de figuras conhecidas, como Mago Merlin e Joana D’Arc, entre outras. Seriam eles mesmos os espíritos

responsáveis pelas faixas de trabalho que levam seus nomes? Esta é uma questão que pode provocar alguma confusão. E bastante discussão! A resposta mais adequada talvez seja: não se sabe! Em algumas faixas, pode ser. Em outras, talvez esteja sendo explorada a imagem que está associada ao nome, para facilitar a identificação do trabalho ao qual se destina a faixa. Por exemplo, o nome de Mago Merlin está indiscutivelmente ligado à magia, sendo esta a área de atuação daquela faixa. Joana D'Arc representa a fé e a coragem para o combate em nome de Deus. E assim por diante...

Pela lógica, parece que a segunda hipótese é a que tem mais possibilidades de estar ocorrendo, muito mais para que nós, médiuns trabalhadores, possamos identificar a função de cada faixa pelas características associadas ao seu nome. Porém, esta é uma questão secundária, que em nada irá influenciar o nosso trabalho espiritual, pois a atuação de cada faixa de trabalho será a mesma, sejam quem forem os espíritos responsáveis por ela. De qualquer forma, fica o registro desta reflexão sobre o tema para eventuais debates por quem se interessar em aprofundar o assunto.

Outra questão recorrente nas discussões está relacionada com a possibilidade ou não de se realizarem atendimentos se as faixas de trabalho não forem explicitamente conectadas pelo grupo mediúnico. Sem querer posar de dono da verdade, podemos afirmar que parece óbvio que os atendimentos aconteceriam mencionando-se ou não as faixas de trabalho. Afinal, os trabalhos de atendimento mediúnico já aconteciam antes destas faixas nos serem reveladas.

Mesmo que não forem nominadas, elas continuarão atuando de alguma maneira. A espiritualidade não depende de nós para existir ou para funcionar e, com ou sem o nosso conhecimento, com ou sem o nosso consentimento, os obreiros espirituais continuarão fazendo o seu trabalho. Porém, se as faixas de trabalho espirituais nos foram reveladas e nós fomos instruídos para que as utilizássemos, mesmo que não tenhamos condições de entender por completo tudo o que está envolvido neste processo, o mínimo que podemos dizer é que o seu uso facilitaria os atendimentos. E, realmente, a experiência demonstra isso.

Uso de energia e o poder no astral

Quando o assunto é Apometria, não há como deixar de se falar em energia. Ela está disponível em todo lugar, o tempo todo e é a matéria-prima do trabalho com Apometria. E aqui cabe uma ressalva importante: da mesma forma como a energia está disponível para nós, médiuns trabalhadores, ela também está disponível para uso por qualquer ser, inclusive para os espíritos, tanto para os que se dedicam ao bem como ao mal. Eles também a usam. É utilizando tal energia

que é construído tudo o que existe nos planos não materiais. Seja um hospital em um plano superior ou uma base trevosa no interior da Terra, tudo é formado através do direcionamento mental destas energias para a execução do que for pretendido.

Mas, para poder utilizá-la, não basta apenas querer. Se fosse tão fácil, não existiria a maioria dos problemas que muitos espíritos desencarnados enfrentam. A maioria deles nem sabe que estas energias existem, quanto mais que estão à disposição para serem usadas conscientemente. Alguns espíritos que vivem nos planos mais inferiores sabem da sua existência e como usá-las, e esse saber lhes dá poder naquele meio, pois podem criar coisas e subjugar e comandar outros espíritos. Quanto maior for o conhecimento e a habilidade do espírito em manipular estas energias, mais poder terá. Assim, nos meios menos esclarecidos da espiritualidade há uma hierarquia semelhante, na sua forma, à das nossas forças armadas.

Ali são formados imensos exércitos onde quem sabe menos obedece e se submete a quem sabe mais, seguindo cegamente as ordens superiores para não serem castigados. Há imensas estruturas de poder, com cada uma procurando aumentar seu poderio arregimentando mais forças sob suas ordens e procurando garantir sua proteção servindo a outros mais poderosos, pois estão em um meio muito hostil, onde ocorrem intensas disputas. O “equilíbrio” ocorre conforme se estabelecem as fronteiras territoriais e de ação entre aqueles com poderio equivalente, os quais se respeitam mutuamente, ou quando um dos adversários é eliminado, subjogado ou afastado, até que surja outro desafiante.

Tal descrição sobre os meios espirituais inferiores cabe como uma luva para descrever o funcionamento da nossa sociedade. Isso não acontece por acaso. Quem constrói uma sociedade são os seus indivíduos. Se a nossa sociedade é ruim, é doente, apresenta falhas, a responsabilidade é toda nossa. Seja por ação, seja por omissão. O que quer dizer que *nós* é que somos falhos! Tudo o que existe foi construído conforme as nossas ideias, percepções e convicções. Tanto aqui como no meio espiritual, o que existe é o espelho de nós mesmos.

Quando desencarnamos, somos atraídos para um meio cuja vibração energética é compatível com a nossa, não sendo isso nem castigo nem prêmio. É apenas uma questão de afinidade. É como se fosse um ímã, cuja força de atração é exercida em alguns metais, mas em outros materiais não produz efeito algum. Assim, em qualquer plano espiritual, dos mais elevados aos mais inferiores, lá estarão os espíritos que se compatibilizam energeticamente com aquele meio e lá continuarão reproduzindo os seus valores.

A atração vibracional é automática, ou seja, sem a intervenção de ninguém neste processo. Ao contrário do que muitos pensam, não há julgamentos. Cada um prepara a sua própria “sentença” durante toda a sua vida material. Claro, no

momento do desencarne, sempre é oferecida ajuda, mas nem sempre ela é aceita ou reconhecida. Então, nestes casos, vários dos desencarnados resistentes acabarão engrossando as fileiras dos “exércitos” mencionados há pouco, por medo ou por acharem que não há outra opção.

Os líderes das legiões que se formam nos planos espirituais inferiores adquirem o conhecimento para a manipulação de energias das únicas formas possíveis: recebendo o conhecimento de outros, estudando e experimentando. É um processo cumulativo. O que se aprende uma vez é patrimônio do espírito para sempre, num processo que nunca acaba. Por isso há tantas diferenças de níveis de conhecimento e uns dominando outros através da manipulação das energias disponíveis.

A este processo nós damos o nome de magia. É por isso que aqueles espíritos, que aparecem nos nossos trabalhos com certa frequência, que desenvolveram profundo conhecimento sobre a manipulação de energias, e com isso conseguiram colocar a seu serviço grandes legiões de servos em verdadeiras bases do mal, são chamados de “magos negros”. Eles manipulam energias, ou seja, praticam magia, direcionando-as para fins condenáveis ou prejudiciais a alguém, o que caracteriza as suas ações como magia negra.

Agora nós chegamos num ponto no qual é inevitável que surja um questionamento. Nós, médiuns, trabalhamos com Apometria utilizando energias. E os magos negros também as utilizam para os seus fins. Já que eles têm tanto conhecimento sobre isso, quem tem mais chances de ganhar o duelo?

Respondendo à questão, primeiro vamos deixar bem claro: *não existe duelo!* E, além disso, os objetivos são diferentes. O mago negro chega ao atendimento confiante e senhor de si, demonstrando todo o poder que possui e desafiando os médiuns. Se lhe for possível, ele usará seus conhecimentos sobre manipulação de energias para subjugar os membros do grupo. A pior coisa que poderia ser feita nestas ocasiões é partir para o enfrentamento. Pior ainda, se os médiuns se desequilibrarem emocionalmente com as provocações e investidas do mago, pois as energias resultantes deste desequilíbrio se transformarão em armas a serem usadas por ele contra o grupo. Apesar de encarnados terem condições de manipular energias mais densas por causa da matéria que compõe seus corpos, os resultados de tais disputas nunca são adequados.

Pelo contrário, devemos nos limitar a neutralizar seus ataques e tentar mostrar a ele os erros que está cometendo e as consequências que terá que assumir por causa deles. Falamos “tentar” porque não é uma tarefa fácil, pois, além de saberem muito bem o que estão fazendo, os magos negros já estão muito comprometidos com as trevas e profundamente enraizados nas suas atividades maléficas. O enfrentamento direto não surte bons efeitos, pois gera resultados

mínimos com a entidade, o trabalho fica demorado e há um desgaste muito grande para os médiuns.

Geralmente, há um “confronto” inicial para neutralizar as iniciativas do mago, que tentará usar seu arsenal energético para se defender. O grupo, então, deve apenas anular suas investidas através de comandos apropriados e emanando energia para tal, isolando-o energeticamente. A partir deste ponto será possível começar uma conversa com o mago para levantar informações e esclarecê-lo de que ninguém está ali para lutar contra ele, nem para conquistar seus domínios. É muito útil para o trabalho que o grupo estabeleça uma relação com o mago que lhe inspire alguma confiança para ele não achar que tem que ficar se defendendo o tempo todo. Isso facilita o uso de recursos para tentar convencê-lo a dar um novo rumo à sua vida.

Como todo mago negro possui grande conhecimento sobre a arte de manipulação de energias, é quase certo que ele é um iniciado. Uma técnica que geralmente dá bom resultado é levar o mago até o passado para reviver a sua iniciação, onde reencontrará seus antigos mestres e companheiros e relembrará os compromissos assumidos, os quais já foram todos quebrados em função da sua atividade como mago negro. Revivendo este momento, suas barreiras e sua resistência costumam desabar e a entidade se dá conta do caminho errado que tomou. A partir daí o trabalho fica facilitado, pois, vendo que os médiuns não estão interessados nos seus domínios nem em nada que seja seu, mas que apenas querem lhe mostrar seus erros e ajudá-lo a retomar sua caminhada original, a entidade começa a cooperar.

Parece haver uma contradição aí: foi dito há pouco que não há duelo, mas, na verdade, o trabalho é uma luta entre as energias manipuladas pelo mago e as energias manipuladas pelo grupo mediúnico. Sé é assim, e tendo em vista que os magos negros são profundos conhecedores do assunto, de onde vem a convicção de que o trabalho com magos terá sucesso?

Para evitar confusão, precisamos esclarecer melhor alguns pontos. A certeza que temos no sucesso vem dos aliados que temos no trabalho. Durante todo o trabalho nós contamos com a assistência superior da espiritualidade, que é imprescindível, orientando-nos e dando-nos proteção. Nosso segundo aliado é o amor. Sem ele a conduzir o trabalho estaríamos condenados ao fracasso, pois passaríamos a vibrar mais próximos da vibração do mago, o que, além de não ajudar, colocaria os médiuns do grupo em perigo, pois estaríamos mais ao alcance de seus ataques.

Se, em vez do sentimento de amor sincero e da vontade pura de ajudar, os médiuns forem dominados por sentimentos inferiores como o orgulho, a vaidade, a prepotência, a soberba, a raiva ou outros semelhantes, a diferença entre eles e o

magos será muito pouca, energeticamente falando. Se isso ocorrer, a situação se tornará mais grave ainda por possuímos um corpo material. Mesmo uma energia sutil, ao passar por nós, é carregada com uma força muito maior em razão da nossa densidade.

Se os sentimentos dos médiuns forem inferiores no trato com o mago, será possível que ele se nutra com as emanções negativas que eles estão gerando e se fortaleça, usando as energias densas dos médiuns contra eles mesmos. Muitos magos têm consciência disso e tentam reverter a sintonia do grupo para terem à sua disposição as energias dos médiuns. Porém, se o grupo estiver vibrando em alta sintonia, os médiuns terão uma vantagem energética expressiva, que vem dos seus corpos físicos densos, para realizar um trabalho proveitoso em prol do mago, do consulente e deles mesmos.

Resumindo, nós sempre produziremos energias compatíveis com a nossa vibração no momento. Esta é mais uma razão para nos policiarmos quanto aos nossos sentimentos e emoções, ainda mais se estivermos lidando com entidades que sabem como tirar proveito dos nossos desleixos.

Já que estamos falando em energias sutis e energias densas, seria interessante tentar esclarecer uma questão agora: o fato de uma energia ter força para atuar em um plano ou vibração não é garantia que, só por isso, possa atuar em outro. Nós podemos atuar sobre a matéria, como no caso da experiência onde o comportamento de elétrons se modifica conforme as expectativas dos cientistas. Também podemos atuar sobre a não matéria criando ou alterando coisas plasmadas no astral. Porém, a energia utilizada em ambos os casos não é a mesma. A energia que resulta da nossa vibração densa age sobre a matéria ou em vibrações próximas a ela e a energia que resulta da nossa vibração sutil age sobre energias mais sutis. Note que a vibração dos meios espirituais inferiores não é muito distante da nossa, razão pela qual conseguimos atuar ali com muita eficiência. Se houver dúvida sobre qual das duas energias utilizar, o médium pode se tranquilizar, pois não é necessário escolher.

Nós temos, nós somos, a união de todas estas energias. E é justamente aí que está a magia, a maravilha da humanidade. Nós somos matéria e espírito ao mesmo tempo! Nós somos a matéria espiritualizada e o espírito materializado! Somos a matéria trilhando um caminho espiritual através do espírito confinado e limitado em um corpo físico material. Nós somos o meio, o *médium*, a ponte, entre o plano material e o plano espiritual, possuindo as características de ambos.

Assim, quando dirigimos a nossa vontade, conscientemente ou não, para um determinado fim, estamos colocando em ação todo o conjunto de forças e de energias que possuímos, fazendo com que cada uma delas atue nos meios que lhes

são afins, com as energias mais densas atuando nos meios mais densos e as mais sutis atuando nos meios mais sutis.

O passe

Muito se recomenda a quem passa por atendimentos que tome passes periodicamente. Ignorando-se o mistério que possa se criar em torno do assunto, podemos dizer que o passe é simplesmente uma interação energética que se dá através da transferência de energias de uma pessoa para outra.

Embora este processo tenha recebido o nome de “passe” recentemente, ele sempre existiu na história da humanidade. Talvez o relato mais antigo tenha origem no antigo Egito, quando o povo passava com as mãos estendidas sobre o corpo do faraó morto, com a intenção de lhe fornecer fluídos que ele precisaria na sua outra vida. Há quem diga que este é um dos fatores que fizeram com que as múmias dos faraós se mantivessem preservadas através dos séculos.

Quando nos machucamos, a primeira coisa que fazemos é levar as mãos até o local ferido. Quando queremos confortar alguém que esteja em apuros, sempre lhe estendemos as nossas mãos. Quando queremos acariciar, também as utilizamos. Isso já é uma reação quase automática, tão enraizada em nós que criamos a expressão “mão amiga”. As mãos. Sempre as mãos! Não é por acaso que isso acontece.

Nas palmas das nossas mãos existem vórtices energéticos, ou *chakras*, muito atuantes e poderosos. Através deles nós irradiamos energias e também as captamos. Na maioria das vezes, como nos exemplos acima, este recurso é utilizado de forma intuitiva, ou instintiva até, sem que se saiba o que realmente acontece em termos energéticos. Mas é sabido que funciona, o que já é suficiente para que usemos as mãos sempre que for preciso.

Apesar de algumas culturas mais antigas conhecerem o poder das mãos há milênios, na nossa cultura ocidental este conhecimento é recente. Porém, embora esteja disponível para qualquer um, continua restrito a alguns grupos que se interessam pelo estudo das questões energéticas, razão pela qual o assunto é menos divulgado e discutido do que merece.

Até aqui, nós tratamos da troca de energias que acontece entre as pessoas naturalmente. Neste processo estão envolvidas apenas as energias pessoais, onde cada um transmite a sua energia e recebe a energia de outro. Quando adicionamos o ingrediente espiritual a este processo, tudo muda. Nós deixamos de ser os atores principais e passamos a ser os meios, os médiuns, do processo de transferência de

energias. Com a assistência da espiritualidade, passamos a ser os canais por onde transitam as suas energias sutis para chegarem à densidade da matéria.

É o que acontece com a benzedeira (quem não conhece uma?) que cura uma infinidade de males com suas rezas, invocações e a manipulação de ervas e outros materiais. As religiões de origem africana também usam as mãos para fazerem limpezas nas pessoas e transmitirem energias a elas. Assim como os pajés e feiticeiros de quase todas as tribos do mundo. E o espiritismo também as adotou para o que se passou a chamar de passe. Este é o novo nome para um processo tão antigo que se perde na história da humanidade, mas que agora conta com a consciência de quem lida com ele.

A necessidade, pura e simples, para que haja médiuns (ou seja, pessoas atuando como intermediários entre a espiritualidade e as outras pessoas) nos trabalhos de passe deve-se à densificação que é causada na energia sutil originária dos planos espirituais mais elevados, levíssima, que é enviada aos passistas. Esta é a forma como se consegue atingir os encarnados, que não passam, na maioria dos casos, de brutamontes encarcerados num corpo material que forma uma barreira quase intransponível para a espiritualidade e suas energias tênues.

A energia sutil do plano espiritual é carregada com a densidade do corpo físico do médium encarnado ao passar por ele. Apesar de ainda continuar sutil, segundo os nossos padrões materiais, neste momento ela estará mais densa e mais próxima da densidade das energias que existem nos encarnados e, assim, poderá produzir seus efeitos de maneira mais efetiva nos corpos não físicos das pessoas. Se não fosse assim, poucos neste planeta seriam capazes de perceber ou de receber as energias enviadas pela espiritualidade.

É preciso ressaltar que o processo de densificação da energia quando esta entra em contato com a matéria ocorre à revelia de quem quer que seja e produz seus efeitos próprios. Mas, se adicionarmos um ingrediente essencial neste processo, que é a vontade do passista, o seu pensamento, a sua intenção em provocar determinada finalidade com a manipulação da energia com a qual está trabalhando, então estaremos subindo de patamar neste trabalho. Deixaremos de ser apenas médiuns passivos e passaremos a participar mais efetivamente no trabalho como médiuns ativos, utilizando mais recursos para potencializar o bem-estar dos que procuram as casas espíritas para receberem os bálsamos do passe.

Desde que começamos a discutir o passe, estamos falando sobre as mãos e seus *chakras*. Façamos uma ressalva, aqui, para salientar que há aqueles que defendem a tese de que não há necessidade de se utilizar as mãos para o passe. Para estes, bastaria a presença dos médiuns reunidos em algum lugar com a intenção de concentrar as energias que serão direcionadas ao público. Ninguém poderá lhes tirar a razão quanto a isso, pois as energias sutis entrarão em contato

com os médiuns, assumindo maior densidade, e serão enviadas pelos espíritos que amparam os trabalhos do grupo aos que estiverem presentes no centro espírita para receber o passe. É o que se chama de passe coletivo. Entretanto, a questão que estamos levantando vai além da necessidade, enfocando a utilidade e a eficiência.

No momento em que o médium impõe suas mãos sobre alguém para dar o passe, ele entra em contato direto com as energias de quem o está recebendo. Como os *chakras* localizados nas palmas das mãos naturalmente agem emitindo e recebendo energias, quando o médium utiliza suas mãos para o passe está colocando em ação o meio mais adequado para o trânsito de energias, o qual a própria natureza já providenciou. Além de a energia fluir livremente pelos *chakras* e poder ser amplificada pela vontade do médium, este pode perceber as deficiências energéticas de quem está recebendo o passe e direcionar a energia objetivamente para os pontos onde forem detectados desequilíbrios.

Através deste contato mais próximo, ainda é possível para o médium sentir energias que estejam próximas à pessoa que está recebendo o passe, como espíritos obsessores, por exemplo. Ou detectar aparelhos ou objetos acoplados aos seus corpos sutis. Tal percepção pode contribuir muito para os efeitos benéficos do passe, pois proporciona uma intervenção mais direta sobre as necessidades reais daqueles que procuram o centro espírita. Desta forma, o passe deixa de ser um processo de direcionamento de energias a um grupo de pessoas para que cada um absorva o que estiver precisando. Ele se transforma numa ótima ferramenta de auxílio para proporcionar um maior bem-estar, de forma mais ou menos personalizada, conforme as necessidades de cada um.

A importância do passe individual se torna evidente quando consideramos que aqueles que mais estão precisando de ajuda são justamente os que têm menos condições de captar as energias que estiverem dispersas no ambiente. Se eles estão em desequilíbrio energético, sofrendo influências externas ou vibrando numa sintonia baixa, dificilmente conseguirão usufruir as energias positivas que são irradiadas aleatoriamente para um grupo de pessoas.

Claro, não é bem assim que a coisa acontece! As energias não são simplesmente jogadas num salão para que cada um saia à caça daquelas que lhe são necessárias, como se fosse uma presa. Existe a assistência dos espíritos que dão amparo aos trabalhos da casa. Eles direcionam as energias geradas pelos médiuns para que cada um dos presentes receba o que estiver precisando. Entretanto, por mais habilidade que tenham, eles são sutis. Eles não têm a densidade energética dos encarnados.

Não estamos querendo dizer que o trabalho destes espíritos é infrutífero por causa disso. Muito pelo contrário! Com certeza, os médiuns não conseguiriam fazê-lo sozinhos. Mesmo com o médium interagindo mais diretamente com a

energia de quem recebe o passe individual, há a inestimável assistência das organizações espirituais no processo. É justamente através dos espíritos amparadores que chegam aos médiuns as intuições, as visões e as orientações sobre o que deve ser feito e como fazê-lo.

O que queremos dizer é que não custa nada ajudar um pouco mais no processo de energização ao nos tornarmos mais ativos e menos passivos no passe. Ajudar, não necessariamente os espíritos, mas principalmente os encarnados que buscam a ajuda do centro. Se através do passe é possível ao médium perceber o desequilíbrio de alguém, a interferência de energias externas, a existência de coisas etéreas prejudiciais junto a ele, além de outras manifestações, por que deixaríamos de utilizar este recurso? Se por meio do passe é possível ao médium reverter ou amenizar uma situação energética desfavorável em alguém, por que deixaríamos de fazê-lo?

Não estamos querendo passar receita de como devem ser feitas as coisas. Não é nossa pretensão. Apenas gostaríamos de deixar estes questionamentos no ar para reflexão esperando que esta questão possa ser discutida e seu resultado possa trazer benefícios a quem está precisando de ajuda.

Independentemente da forma adotada por cada instituição para o passe, algumas questões básicas deveriam ser observadas por todas elas. O médium, como o próprio termo diz, é apenas o meio, uma ferramenta de trabalho da espiritualidade, através do qual o processo acontece. E como tal ele deve se comportar. Por isso, deve canalizar somente a energia vinda da espiritualidade através de si para que adquira a densidade apropriada para poder atingir um encarnado. A passagem da energia sutil pelos corpos físico e não físicos do médium já é suficiente para prepará-la para o fim ao qual se destina.

O médium não deveria usar a sua própria energia no passe por motivos óbvios. Ele nunca saberá se a sua energia pessoal é compatível ou não com quem estiver recebendo seu passe, nem terá certeza se estará ajudando ou prejudicando ainda mais. Além disso, haverá um esgotamento energético do médium sem necessidade. Mesmo que o médium não tenha percepções que o guiem para direcionar a energia que está transmitindo no passe, isso não é motivo para preocupação. Sendo ele apenas o meio através do qual a energia é passada, basta que se coloque à disposição do trabalho para que a própria espiritualidade providencie a energia que cada um dos que estiverem recebendo o passe precisa.

Seria importante, também, que as pessoas que recebem o passe tivessem alguma noção do que acontece neste processo. Ao se aconselhar alguém para que tome passes periódicos, é recomendável que lhe seja explicado seus efeitos. Uma explicação de fácil compreensão para qualquer um seria a comparação do passe com o banho que tomamos diariamente. Ao nos lavarmos todos os dias nós tiramos

os resíduos que se depositam no nosso corpo, como o suor, a poeira e todo tipo de poluição, e nos sentimos leves e revigorados. O passe também seria um banho, mas de energia. Através dele são “lavadas” as sujeiras energéticas. Este banho de energias, tomado periodicamente, ajudará a evitar a formação do “cascão” de miasmas e de energias negativas com os quais nos poluímos a cada dia, o que, por sua vez, favorece a manutenção do equilíbrio energético do indivíduo.

É impressionante o efeito que produz uma explicação simples como esta. Quem a recebe entende perfeitamente. Nunca fica com dúvidas, nem pergunta nada. É muito melhor do que detalhar o processo do passe para o leigo, pois, dependendo das palavras usadas na explicação e da sua capacidade de compreensão, podem se criar temores infundados e confusão sem a menor necessidade. Se nós podemos simplificar, para quê complicar, não é mesmo?

Para finalizar a questão do passe, seria oportuno frisar que o médium que se propõe a este trabalho precisa procurar o seu próprio equilíbrio de forma contínua. Aliás, isso serve para qualquer pessoa, mas mais ainda para quem trabalha de alguma forma num centro espírita e, em especial, a quem trabalha dando passes no público. Justamente porque uma das funções do passe é levar um pouco de equilíbrio energético aos que estão sofrendo de algum tipo de desequilíbrio.

Mas que isso não sirva de alegação a quem não se sinta em perfeito equilíbrio para deixar de dar passes. Ainda mais porque não deve existir ninguém em perfeito equilíbrio na superfície da Terra! Todos nós temos nossas mazelas e nossas questões espirituais para resgatar e superar. E a melhor forma de fazermos nossos resgates é nos dedicarmos de mente e de coração ao trabalho caridoso e de amor, do qual o passe também faz parte. A menos que o médium esteja sofrendo de algum desequilíbrio sério, não deve se furtar a tentar levar um pouco de paz e de harmonia a quem precisa.

Na dúvida, que o médium confie em Deus e na espiritualidade e se entregue a Eles. Se o médium cumprir o seu papel sem usar a sua própria energia, como dito há pouco, a espiritualidade tomará as providências necessárias para que suas eventuais desarmonias sejam isoladas e não entrem em contato com quem estiver recebendo seu passe. Fazendo este trabalho com amor e carinho, o médium já terá percorrido mais da metade do caminho para fazê-lo bem feito.

O trabalho

Sintonia e vibração do local de trabalho

Há dias, ou períodos, nos quais os trabalhos de um grupo são mais “puxados” do que o normal, sendo tratados casos que envolvem energias e situações bastante pesadas. Ao notarem a mudança, é comum que os médiuns do grupo procurem uma explicação. Porém, dificilmente ela é encontrada. Não por ser algo misterioso, mas apenas porque não existe um motivo específico. Ou, pelo menos, que algum de nós consiga identificar.

Poderíamos tentar enumerar uma série de motivos possíveis, mas estaríamos apenas especulando. Porém, uma coisa é certa: se um grupo consegue trabalhar com energias e situações pesadas e dá conta de forma satisfatória dos casos que se apresentam, é porque há condições para tal. A maior prova disso é os médiuns do grupo saírem se sentindo bem ao final do trabalho.

Uma parte das boas condições para o trabalho mediúnico é providenciada pela espiritualidade, por meio da assistência que sempre presta a quem se dedica a ele de forma amorosa e fraterna. A outra parte, que é tão importante quanto o auxílio espiritual, precisa ser providenciada pelos próprios médiuns. É aí que estará o mérito dos membros dos grupos de atendimento. Eles devem ser pessoas que procuram viver a Doutrina Espírita e os princípios cristãos no dia-a-dia, o tempo todo, buscando a harmonia em tudo e tentando levá-la aonde forem.

De nada adiantaria as providências espirituais para criar um ambiente propício ao trabalho mediúnico se os próprios médiuns não se empenharem em se melhorar permanentemente. Caso contrário, ficariam fora do alcance das vibrações positivas que a espiritualidade impregna no ambiente para favorecer o trabalho e ajudar os médiuns e as pessoas que frequentam o local. Às vezes, dependendo do grau de desequilíbrio de alguns médiuns, em vez de se sintonizarem com as energias elevadas emanadas pela espiritualidade, estes podem até ficar mais sintonizados com as energias negativas com as quais entram em contato nos trabalhos.

Se o centro for sério e comprometido com a moral, com a ética, com a caridade e com a Doutrina Espírita, a espiritualidade pode impedir que situações mais complexas se apresentem para serem trabalhadas nos grupos, para que os próprios médiuns imprevidentes não venham a sofrer com o contato com vibrações negativas com as quais apresentem compatibilidade. Se, ao contrário, a instituição e os médiuns não tiverem tais preocupações, cada um estará jogado à própria sorte

e sujeito às influências negativas dos planos com os quais sintonizam conforme sua vibração.

Se analisarmos a questão apressada ou superficialmente, até podemos deduzir que quem passa a fazer parte de um centro espírita pode estar sujeito a essas tais influências negativas. Mas não é bem assim! Tudo na vida é relativo e depende das circunstâncias nas quais a situação está envolvida.

Se um centro e seus membros não se preocuparem com as questões éticas e morais e um médium que estiver iniciando seu trabalho neste local se identificar com a instituição por vibrar de maneira semelhante, é óbvio que ele estará sujeito às influências negativas que pairarem no ambiente. Porém, se quem chegar ali for um médium comprometido com a Doutrina Espírita e com a sua própria evolução, ele estará protegido e perceberá, em pouco tempo, que aquele não é o lugar ideal para trabalhar e procurará outro.

Por outro lado, nos centros espíritas sérios podemos encontrar médiuns que ainda não conseguiram superar alguns dos seus desequilíbrios, mas que estão lutando contra eles e se esforçando para melhorar. Podem estar em tratamento espiritual ou desenvolvendo alguma atividade, desde que seus problemas não interfiram no trabalho. Estes estarão imunes a qualquer energia negativa com as quais entrarem em contato, pois sempre terão a proteção e a orientação da espiritualidade.

Na verdade, a questão central não é o centro espírita. O contato com energias negativas e positivas acontece o tempo todo e em todo lugar. Cada um fará sintonia com as energias que forem compatíveis com a sua própria vibração. E não é necessário invocar nada para se trocar energias com o ambiente ou com quem está à nossa volta. Este é um processo constante e natural.

Muitos procuram um centro espírita, uma igreja ou um templo de outras religiões tentando se aproximar de Deus. Porém, vários destes acabam estabelecendo apenas uma ligação exterior porque não têm a preocupação sincera de se melhorarem como seres humanos para realmente se aproximarem de Deus. Se observarmos as reuniões e os cultos, poderemos perceber que se formarão grupos mais ou menos distintos entre os fiéis. E o que os unirá? A afinidade! Com o quê? Com ideias, sentimentos, projetos de vida e mais uma infinidade de coisas que podem ser resumidas em uma única palavra: vibração.

É normal, e natural, que as pessoas se unam através dos seus pontos comuns. Cada um vai se aproximar de quem possui vibrações compatíveis com as suas, formando grupos dentro do grande grupo, que irão se relacionar e sempre acabará havendo certa dominância vibracional de uns sobre outros. Em última análise, este é um jogo de poder no qual a maioria, ou os mais influentes, exercerá o domínio, mesmo que veladamente.

Os dominados não se sentirão à vontade e poderão se retirar, enquanto os dominantes atrairão mais e mais os que com eles são compatíveis. Assim, o tom da vibração do lugar como um todo será o reflexo da vibração da maioria dos frequentadores, ou seja, dos que se afinizam com a energia que lá se estabeleceu ou, ainda, com as energias com as quais eles mesmos impregnaram o ambiente. Isso vale tanto para as vibrações positivas como para as negativas. Tanto faz.

É por isso que, quando chegamos num lugar, sentimo-nos bem ou mal ou achamos o local agradável e aconchegante ou não. Mesmo quando não há ninguém lá, pois a energia dos que costumam ir a um lugar impregna o ambiente e atrai o mesmo tipo de energia do plano espiritual, impregnando-o mais ainda e realimentando a vibração, seja ela positiva ou negativa. A carga energética de qualquer local é de responsabilidade única das pessoas. Se um local estiver infestado de entidades de baixa vibração, foram os próprios encarnados que ali trabalham ou parecem que sintonizaram com elas e as atraíram para lá. Ou seja, o padrão energético de qualquer lugar é sempre criado pelas pessoas.

Para se construir um ambiente saudável e de energia elevada para o trabalho espiritual é necessário o esforço dos trabalhadores do local. Começando consigo mesmos, na busca constante e individual para se melhorarem como seres humanos e como seres espirituais. Em seguida, procurando promover a paz e a harmonia entre os membros do seu grupo de trabalho e sendo solidário com quem estiver precisando de apoio, sempre respeitando a caminhada do companheiro e sem invadir a sua individualidade. E, finalmente, respeitando as diretrizes da casa espírita onde trabalha e o público que lá comparece, procurando colaborar para que a Doutrina Espírita seja o lastro para todas as ações acontecerem.

É muito fácil passar receitas como esta. Mas é difícil segui-las. Principalmente por que estamos lidando com o fator humano, cheio de conflitos, de contradições e de dúvidas. Por isso, que ninguém se iluda achando que tem as soluções para todos os problemas. Muitas atrocidades já foram cometidas na história humana por líderes que eram convictos de suas ideias e tinham seguidores que não as discutiam. Por mais trabalho que possa dar, as melhores soluções sempre serão as pensadas coletivamente.

Afinidade energética e a reincidência de problemas

Há um pensamento popular segundo o qual os atendimentos espirituais se destinam a tratar de casos de desencarnados que se colocam ao lado de encarnados para atrapalhar suas vidas, como se fosse só isso que existisse. Nada há a condenar quanto a isso, mesmo porque quem nunca se dedicou ao estudo da espiritualidade não tem como saber que há muitas coisas que podem interferir na vida das pessoas,

como o próprio modo de pensar e de agir, reflexos de vidas passadas, envolvimento consciente ou não com energias de todo tipo, entre outras.

Muito se fala sobre afinidade energética, principalmente nos casos cuja solução é mais difícil, quando os mesmos problemas de certos consulentes se repetem nos seus atendimentos porque eles não se esforçam para mudarem seus hábitos ou sua forma de ser que vêm prejudicando-os. O exemplo mais claro deste tipo de situação ocorre nos casos de obsessão, onde num atendimento são encaminhados os espíritos que estiverem acompanhando o consulente, mas no atendimento seguinte surgem outros semelhantes. A repetição de casos nos atendimentos de um mesmo consulente seria provocada pela afinidade energética, ou de vibrações.

A afinidade energética não só está relacionada com a repetição dos fenômenos que causam transtornos ao consulente, como é o motivo determinante para que ela aconteça. A reincidência é bastante comum quando o consulente resiste em fazer a sua parte. Alguns acham que é suficiente comparecer aos atendimentos para serem aliviados da carga que lhes pesa. Ao receberem algum alívio, e se sentindo melhores, não têm a preocupação de se aperfeiçoarem para manter o bem-estar que lhes foi proporcionado e saem cometendo os mesmos desatinos que causaram os problemas que os levaram a buscar socorro espiritual.

Ao se depararem com consulentes que procedem desta forma, os médiuns fatalmente se questionam sobre a validade da série de atendimentos que são dedicados a eles, aparentemente em vão. O principal questionamento é se isso é certo. Ou seja, os grupos se ocupam com pessoas que não cuidam de si mesmas e que não fazem o que lhes é recomendado, enquanto poderiam estar tratando outros que se esforçariam para melhorar e atingiriam um resultado melhor. Se analisarmos a questão friamente, realmente encontraremos certa incoerência nestes casos.

Tal inconformidade é um sentimento comum entre os médiuns. É provável que todos nós já tenhamos passado por questionamentos deste tipo pelo menos uma vez. Porém, antes de nos indignarmos com o comportamento destes consulentes, devemos nos perguntar: quem são os que mais precisam de socorro? Aqueles que não conseguem se libertar do que lhes causa mal e recaem nos mesmos erros ou os que conseguem enxergar a luz que irá guiá-los?

Esta resposta já foi dada há muito tempo. Em Marcos (2;16) há um questionamento por parte dos escribas e fariseus aos discípulos de Jesus por Ele estar à mesa comendo e bebendo com os publicanos e pecadores. Tendo ouvido, Jesus mesmo respondeu-lhes: “Os são não necessitam de médico, mas, sim, os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas os pecadores ao arrependimento”.

Bem, este é um lado da questão. A argumentação em contrário é alimentada pela afirmação de que a melhora depende do próprio esforço do consulente. E ganha mais força com a alegação de que, para atender ao chamado de Jesus, como dito acima, será preciso esforço, renúncia e dedicação. Jesus nunca carregou ninguém no colo. Muito pelo contrário. Ele mostrou o caminho para que cada um o trilhasse. Há lógica nesta linha de raciocínio, mas precisamos expandir um pouco mais nossa visão sobre a questão para avaliá-la melhor.

Até mesmo porque há quem não consiga entender o que lhe é recomendado. Houve um caso que ilustra bem esta questão. Um consulente passou por uma série de atendimentos, nos quais o grupo enfatizava, desde o início, que ele precisava promover mudanças nas suas atitudes para não atrair mais os problemas que vinha enfrentando repetidamente. Até que um dia ele “descobriu” o que tinha que fazer para se livrar dos males espirituais e energéticos que o afligiam. Muito feliz, ao retornar para mais um atendimento, comunicou a sua descoberta ao grupo que o estava atendendo: “Eu tenho refletido muito e descobri que eu tenho que mudar, mudar a forma como eu encaro os fatos e a vida.” E ainda falou para o grupo: “Vocês poderiam ter me dito isso antes. Que era só eu mudar.”!

Aos médiuns do grupo restou apenas se olharem e, surpresos e intimamente achando engraçada a situação, compartilharem a felicidade do consulente com a sua “descoberta”. Embora possam ser construídas várias justificativas para o consulente não ter seguido as orientações do grupo desde o início, em última análise constataremos que, no seu desequilíbrio, ele não conseguia encontrar o sentido da mensagem que lhe transmitiam. Somente quando adquiriu certo equilíbrio o consulente foi capaz de entender o significado de uma mudança de atitudes e os reflexos que isso traria à sua vida.

Todo desequilíbrio deve ser considerado uma doença. Não importa se a origem é espiritual, energética, emocional, mental ou, mesmo, física. Qualquer um entende com facilidade que quem está doente do corpo precisa de cuidados especiais para se restabelecer. Ninguém exige do doente um esforço maior do que o que ele é capaz de realizar. Porém, quando as doenças se localizam nas esferas mais sutis, a percepção da situação é mais difícil. O comportamento mais comum nestes casos é atribuir culpas ao doente espiritual e responsabilizá-lo por seus fracassos e recaídas, cobrando-lhe atitudes e condenando-o por não agir conforme achamos que deveria.

Esta é uma atitude muito comum quando a questão é analisada sem o devido cuidado, pois tendemos a achar que, se nós podemos fazer algo, os outros também podem. Ou seja, seguindo um padrão comum do comportamento humano, costumamos julgar os outros a partir do julgamento que fazemos de nós mesmos. O qual, aliás, nem sempre é verdadeiro!

Mesmo parecendo que os grupos aceitam passivamente que um consulente compareça vezes seguidas para tratar o mesmo problema para o qual ele mesmo não colabora para resolver, não se trata disso. Quando alguém procura o socorro espiritual, está reconhecendo que precisa dele e demonstra insatisfação com a sua situação. Porém, atender novamente aquele que deixa de fazer a sua parte no tratamento não significa que o grupo está conivente com o seu mau comportamento.

Muito pelo contrário! Cada atendimento prestado representa uma oportunidade para que o grupo lhe mostre, de forma educada, fraterna e amorosa, sem envolvimento pessoal, o quanto ele está sendo desleixado e imprevidente consigo mesmo, salientando sempre a sua responsabilidade no êxito do tratamento e deixando claro para ele que, se não mudar o que tiver que ser mudado, passará o resto da sua vida recebendo atendimentos para apenas se aliviar temporariamente, sem resolver o problema. E assim, mostrando-lhe que seu comportamento impróprio é a causa dos efeitos negativos aos quais se submete e insistindo para que adote atitudes saudáveis, chegará o dia no qual, cansado de sofrer ou finalmente tendo tomado consciência da sua situação, tomará a decisão de se ajudar e de ajudar a quem está tentando ajudá-lo.

Não é preciso um alto grau de abnegação para tentar ajudar quem não consegue se ajudar. Basta um pouco de paciência com as dificuldades alheias e um pouco de humildade para reconhecer que ninguém tem o poder de mudar o que quer que seja em alguém sem que a mudança parta da própria pessoa. O tratamento de casos reincidentes é idêntico ao de drogados. Quem procura atendimento espiritual geralmente está sofrendo por se encontrar “viciado” em sensações e em prazeres, ou em procurar vantagens ilícitas, ou em querer ser o melhor, o mais isso, o mais aquilo, ou insiste em comportamentos e pensamentos autodestrutivos, o que faz com que brechas se abram nas defesas dos seus corpos sutis à medida que ele se compraz com seu “vício”.

Suas vibrações doentias são, então, captadas no plano astral, atraindo para si energias e seres compatíveis. É compreensível que ocorram recaídas, mesmo que haja um esforço sincero por parte do consulente. Por tudo isso, além da paciência e da humildade, é fundamental o médium não se envolver com o problema do consulente. Por mais que queiramos ajudar, por mais aptos que achemos estar para tal, por mais que julguemos saber exatamente o que ele deve fazer, devemos sempre ter consciência que o problema do consulente é somente dele e não deve ser repartido com os médiuns que o estão atendendo. Nós não podemos querer fazer pelo outro o que ele mesmo tem que fazer por si. Senão, nós tiraremos dele as oportunidades que terá para aprender as lições que lhe forem trazidas pelos seus desatinos.

Mesmo que alguma vez o médium tenha feito um julgamento como o que estamos discutindo, que não se sinta envergonhado por isso. Ou por ter emitido, reservadamente, opiniões duras contra alguém um dia. Nem ache que tenha sido cruel. Se o médium adquiriu condições de pensar que poderia ter agido melhor no passado, é porque hoje ele está alguns passos mais adiante na sua jornada evolutiva graças ao exercício do amor e da fraternidade e à busca pelo conhecimento. E acumular algum conhecimento leva vários anos de dedicação ao estudo e ao trabalho espiritual, além das bordoadas que se leva da vida de vez em quando. Talvez sejam elas a maior fonte de aprendizado! Nem sempre aprender é tarefa fácil.

Obsessão

A maioria dos casos de obsessão ocorre por alguns motivos básicos. Os mais comuns são aqueles nos quais espíritos são atraídos pelo encarnado por causa dos seus pensamentos, das suas atitudes e das suas ações, tanto na vida atual como em anteriores. O nível de consciência dos espíritos obsessores varia muito, indo desde o completo desconhecimento do que está acontecendo, até a aproximação e manipulação intencionais do obsedado.

Nos atendimentos, os mais inconscientes dizem que estão junto ao consulente porque este os chama e, às vezes, até reclamam que o encarnado não os deixa em paz! Eles mesmos não sabem, mas o que querem dizer é que são atraídos pela vibração do consulente como que por um ímã. Porém, na verdade, ocorre algo como uma simbiose para a satisfação de desejos e de necessidades energéticas. Tais espíritos ainda são muito ligados à matéria, tanto que alguns chegam ao ponto de não se darem conta de já terem desencarnado, às vezes há muito tempo.

Existem várias formas diferentes de interferência energética, nas quais desencarnados atuam sobre encarnados e vice-versa. Assim como encarnados atuam sobre encarnados e desencarnados atuam sobre desencarnados. Conforme a corrente doutrinária, ou a cabeça de cada um, tais fenômenos podem receber nomes diferentes. Para simplificar e facilitar o entendimento, trataremos como “obsessão” todas as ocorrências nas quais espíritos, desencarnados ou não, aproximam-se de outros, desencarnados ou não, e conseguem interferir na energia destes de alguma forma.

Antes que alguém mais detalhista se sinta incomodado, vamos combinar que isso é apenas um recurso didático para entender os processos de intercâmbio energético entre os espíritos e como uns exercem influência sobre outros, sem a intenção de classificar as formas como se dão estas interações. Para não complicar

ainda mais um tema que nem sempre fica claro nas discussões, no contexto que vamos explorar nós podemos deixar de lado as classificações que existirem. Nossa proposta se resume, apenas, em abordar os casos que surgem com mais frequência nos atendimentos e estabelecer os paralelos entre eles ao final.

-Por afinidade

Em geral, quem apresenta algum desequilíbrio e não procura tratá-lo acaba por atrair espíritos com desequilíbrios semelhantes. O que os atrai é a possibilidade de se suprirem com energias capazes de amenizar suas necessidades, mesmo que temporariamente. Tal aproximação acontece por afinidade de vibrações.

Assim, alguém que costuma se entregar à bebida terá grandes chances de atrair espíritos que eram bêbados em suas vidas terrenas e que ainda procuram saciar a necessidade de álcool que continuam sentindo.

Se alguém apresentar um desequilíbrio no *chakra* básico, o qual rege a sexualidade, levando-o a adotar um comportamento devasso, libertino, ou algo deste tipo, poderá atrair espíritos que buscam no sexo a satisfação das suas angústias. É muito comum que encarnados com este tipo de desequilíbrio sejam acompanhados por entidades comumente chamadas de pombas-gira.

Nos casos envolvendo drogas, tão frequentes hoje em dia, é comum haver espíritos que também as usavam antes de desencarnarem. E assim por diante, espíritos energeticamente doentes se sentem atraídos e se associam a encarnados que tenham desequilíbrios semelhantes. Desta forma, eles conseguem se manter mais próximos do plano material. Podemos afirmar, sem medo de errar, que tais espíritos participam ativamente da vida dos encarnados por eles obsessados.

Nos casos de obsessão por afinidade, de certo modo, podemos dizer que o obsessor e o obsessado convivem um com o outro, como se formassem uma parceria. Um acaba suprimindo o outro. Porém, na maioria dos casos o encarnado não tem consciência do que está acontecendo, embora muitas vezes acabe apreciando o que acontece. Os espíritos se aproximam dos encarnados em busca das sensações das quais sentem falta, estimulando as tendências a comportamentos nocivos já existentes potencialmente nas suas vítimas e que possam lhes trazer proveito.

Para não deixar passar em branco a oportunidade, devemos salientar que os encarnados envolvidos neste tipo de obsessão não são pobres coitados à mercê de espíritos que os envolvem em situações que fogem do seu controle. Eles são tão responsáveis pelo processo de obsessão quanto os seus obsessores. Eles mesmos cavam o buraco no qual se enterram. Os que se conscientizam e aceitam se

reformular, logo se veem livres dos seus obsessores, pois estes não conseguem mais ter acesso a eles. Porém, aqueles que gostam de viver mais do lado da negatividade e preferem continuar levando a vida comprometedoras que levam, acabam por se tornar parceiros dos seus próprios obsessores. E assim, lá se vão eles, obsessores e obsedados, de braços dados, cada um em busca do que lhe interessa.

Nas “leis” da evolução, onde o livre-arbítrio faz parte, cada um é livre para fazer da sua vida o que quiser. Mas há uma imposição: que, em algum momento, sejam colhidos os frutos das sementes que foram plantadas, sejam eles bons ou ruins. Deus não interfere na vida dos humanos para poupá-los de sofrimentos, nem mesmo quando Lhe pedem, justamente para que exista o mérito pessoal, tanto pelas escolhas acertadas como pela reparação consciente dos danos que tenha causado.

-Zombeteiros

Há um tipo de obsessão um pouco parecida com a que tratamos acima, porém menos culposa, se é que podemos dizer isso. Dá-se quando espíritos desequilibrados se aproximam de um encarnado ou de um grupo de encarnados, estes também vivendo em desequilíbrio, para se divertirem com as situações embaraçosas ou conflituosas nas quais se envolvem. Eles acham graça das trapalhadas que provocam nas vidas daqueles aos quais têm acesso, às vezes pequenas bobagens, como dificultar que a pessoa encontre algo que está procurando. A chave da casa na hora de sair, por exemplo.

Divertem-se e riem muito com tais situações. Em geral, desdenham das suas vítimas e lhes arranjam uma série de adjetivos pejorativos. Casos assim são bastante comuns e causam alguns transtornos e incômodos. Entretanto, são de pouca gravidade e fáceis de serem resolvidos, bastando mostrar aos obsessores a infantilidade dos seus atos e o tempo e as oportunidades que perdem enquanto se dedicam a atrapalhar a vida dos outros apenas para se divertirem.

A atividade destes espíritos desencarnados que estão soltos por aí, fazendo gracinhas com os encarnados para se divertirem, tem um objetivo específico: energia! É a eterna guerra para conquistar este elemento precioso que sustenta a vida! A maioria destes espíritos, que costumamos chamar de “zombeteiros”, nem têm consciência que a buscam. Eles gostam de estar junto a encarnados que passam por situações difíceis por acharem que estão se divertindo com isso, mas o que ocorre, na verdade, é que se sentem bem participando das mazelas das pessoas em desequilíbrio. Aprendem rápido que tais situações lhes trazem bem-estar e se sentem compelidos a provocá-las com frequência cada vez maior, como um viciado que se atira ao objeto do seu vício.

Nossos corpos físicos são, naturalmente, usinas geradoras de energia. Ainda mais energia será gerada se forem provocadas ou criadas certas condições. Imaginemos a quantidade de energia adicional que será gerada pelo nosso corpo se ele for bombardeado com sensações e hormônios diversos!

As situações difíceis que enfrentamos provocam um turbilhão no nosso organismo, nos nossos sentidos e na nossa consciência. O medo, a preocupação, o aborrecimento, a mágoa, a ira, assim como outros sentimentos e emoções fortes, provocam alterações profundas de humor e de consciência e desencadeiam um grande desequilíbrio em nosso ser, que passa a gerar uma quantidade enorme de energia de forma descontrolada.

É então que os espíritos zombeteiros se fartam com a energia abundante e disponível gerada pelo encarnado sujeito às suas influências. A alegria e a diversão que dizem sentir vêm muito mais do abastecimento das energias que lhes falta do que de haver graça na situação. Se considerarmos que fora do nosso plano material tudo é energia e tudo acontece em função dela, ficará mais fácil de entender os motivos deste processo.

-Magos Negros

As obsessões através de magos negros acontecem com alto nível de consciência. Os obsessores sabem que estão ao lado do encarnado, sabem como chegar até ele e sabem perfeitamente o que estão fazendo ali. E os motivos que os levam à obsessão podem ser muitos, podendo variar desde simples ligações de passado com o obsedado a ações altamente coordenadas de represália contra quem eles consideram estar agindo contra seus interesses.

Os casos mais comuns com os quais temos nos deparado são aqueles onde os magos buscam o seu “sustento”. O objetivo, nestes casos, é muito prático, direto e claro: obter as energias do encarnado através de processos de vampirismo no estrito sentido da palavra. A gama de variações e de sofisticação dos meios que eles empregam é impressionante. Nos casos mais simples, pode haver apenas um espírito solitário acoplado ao encarnado drenando suas energias. Nos mais complexos, podemos encontrar aparelhos de diversos tipos instalados no encarnado e conectados a bases imensas no umbral, comandadas por magos negros.

Os magos negros são espíritos com profundos conhecimentos sobre magia. E, vamos deixar claro, magia é, pura e simplesmente, a manipulação consciente de energias com o objetivo de direcioná-las para um determinado fim. Quanto maiores os seus conhecimentos e a capacidade de usá-los, mais poder terão nos

meios onde vivem, podendo controlar vastas regiões nos níveis astrais inferiores e ter sob seu domínio um sem número de outros espíritos, seja como aliados ou como escravos.

Em geral, eles iniciaram suas jornadas a serviço de causas nobres, que objetivavam a evolução da humanidade e do ser humano, quando adquiriram a maioria dos conhecimentos que possuem em estudos no plano espiritual e em sucessivas encarnações. Porém, em algum momento, provavelmente dominados pela soberba, pelo orgulho, pela ganância, por sentimentos de poder ou autossuficiência, eles se desviaram do caminho original, tomaram o rumo oposto e se instalaram nas regiões mais densas da espiritualidade, onde puderam construir seus domínios subjugando a todos que encontravam e colocando-os a seu serviço.

O assunto é tão extenso que poderia render vários livros. Não temos a pretensão de esgotá-lo aqui, mas precisamos abordar alguns detalhes importantes. Um mago negro se acha o máximo, o mais poderoso, e que não precisa de ninguém. Tanto que, quando nos deparamos com um deles em um atendimento, costumamos explorar seu enorme ego enaltecendo seus conhecimentos e o poder que possui no meio onde vive. Deste modo, conseguimos diminuir sua resistência ao contato para podermos conversar. Porém, ao contrário do que costuma demonstrar com sua arrogância, para manter os domínios conquistados e evitar disputas territoriais, um mago negro precisa se aliar a outros e assumir alguns compromissos.

Se os aliados tiverem poder semelhante, poderá haver respeito mútuo e eventuais ações em conjunto que sejam do interesse de ambos. Senão, o que tiver mais poder poderá submeter o outro ao seu comando dando-lhe, em troca, proteção. Assim, é formada uma grande rede de relacionamentos e de compromissos, difíceis de serem quebrados, pois sempre há represálias para quem infringir as regras rígidas que vigoram naquelas regiões. Por isso, um mago negro resiste e luta muito durante o atendimento, pois se sente ameaçado de perder seus domínios e seus comandados. Para resguardar o poder que conquistou, ele procura montar defesas energéticas e assume uma posição agressiva contra os médiuns, tentando atingir quem lhe for possível com a sua magia, encarando a todos como adversários que estão tentando usurpá-lo.

As obsessões onde os obsessores são conscientes do que fazem são as mais difíceis e trabalhosas para se lidar nos atendimentos. Para não complicar ainda mais, é necessário seguir uma regra básica ao se deparar com um caso destes: nunca, em hipótese nenhuma, enfrentar ou medir forças com o obsessor. Se a questão pudesse ser resolvida pela força, a própria espiritualidade já teria providenciado patrulhas policiais e construído penitenciárias astrais. Como isso não existe, só se conseguirá algum resultado positivo no atendimento se houver a conscientização do obsessor.

Para se conseguir algum sucesso de fato, temos que trabalhar a própria consciência do obsessor. Por mais incrível que possa parecer, o espírito envolvido e comprometido com as trevas não recorda das suas experiências anteriores, quando se preparou arduamente para trabalhar ao lado de espíritos iluminados visando o bem da humanidade. Também não se lembra dos feitos dos quais tenha participado neste sentido. Na sua mente consciente só há o registro das suas atividades nas trevas.

Um recurso muito útil nestes casos é levá-lo à presença dos seus antigos mestres e fazê-lo reviver o ritual da sua iniciação e os momentos nos quais prestou seus votos ou juramento de seguir no caminho para o qual havia se preparado. Quase sempre isso basta para o obsessor perceber seus erros, arrepender-se e se envergonhar diante dos seus antigos mestres e companheiros e querer retomar o caminho que interrompera.

Nestes atendimentos, somos levados a diversas culturas antigas. A mais frequente é o Antigo Egito, dos tempos dos faraós. Mais raramente, podemos nos deparar com as culturas celtas, maias, incas, e outras menos conhecidas que já existiram por toda a Terra. Vez ou outra, também podemos nos deparar com algum mago negro cuja iniciação se deu na Atlântida, tão remota no tempo. Estes momentos são sempre emocionantes e carregados de energia. Dificilmente um mago negro deixa de tomar consciência dos seus erros ao reviver sua iniciação.

Há uma questão aparentemente contraditória nestes casos, que podemos explorar. Sendo um mago negro um espírito com tanto poder no meio onde vive, com tanto conhecimento, por que iria precisar das energias de uma determinada pessoa? Agindo assim, ele estaria restrito ou até mesmo preso a ela. Isso parece incoerente. E realmente seria se a coisa fosse assim tão simples.

Um mago negro que tenha uma ou mais bases é responsável por uma infinidade de outros espíritos que estão sob suas ordens. Tanto as suas instalações como os seus servos precisam de energia para se manterem. Porém, uma única pessoa não tem energia suficiente para sustentar todo o seu aparato, razão pela qual ele precisa buscar várias fontes de energia, ou seja, o maior número possível de encarnados.

Para obter as energias de encarnados e levá-las às instalações das bases, uma estrutura sofisticada e variada é preparada. A forma mais simples seria colocar espíritos ligados às bases junto a encarnados, retendo as energias das vítimas até serem levados de volta às suas bases e lá descarregados. As formas mais complexas envolvem o uso de equipamentos que chamamos de aparelhos. Há alta tecnologia envolvida na confecção e no uso destes equipamentos, os quais geralmente se encontram interligados a outros que, por sua vez, podem estar conectados a outros ainda, até chegarem às bases transmitindo as energias

captadas. Como é feito com a eletricidade, mas com a diferença de que a eletricidade tem a geração centralizada em usinas para depois ser distribuída, ao contrário dos casos que estamos analisando, onde a energia é captada em pontos diversos, junto aos encarnados, para ser enviada a um ponto central onde é armazenada e consumida.

A simples existência de organizações como estas, situadas em planos espirituais diversos, funcionando como descrito acima, é algo fantástico demais para muitas pessoas. Realmente, não é fácil se conceber coisas assim funcionando livremente e prejudicando pessoas inocentes. É incompatível até com a noção que a maioria tem de Deus. Estes poderiam até questionar onde estaria Deus nesta história, que não intervém em favor das pessoas prejudicadas.

Estas questões envolvem temas capazes de gerar uma discussão teológica e filosófica que poderia durar para sempre. Por isso, para não fugir do nosso tema central, vamos abordá-las de forma bastante simples e objetiva. Em primeiro lugar, não existem pessoas inocentes sendo prejudicadas, pois todos os obsedados têm responsabilidade no processo de obsessão, mesmo que seja apenas por omissão quanto aos seus deveres consigo mesmo. Em segundo lugar, a vítima de uma obsessão, ao contrário de estar sendo prejudicada, como parece, está recebendo uma ótima oportunidade para o seu despertar espiritual e para aprender a lidar com energias negativas, sendo o aparente prejuízo limitado à medida certa para que seja aprendida a lição que estiver precisando aprender.

E, para finalizar, podemos assegurar que Deus está onde sempre esteve e onde sempre estará: no centro de tudo! Lugares como bases, umbral e abismos trevosos cumprem papel importante no processo evolutivo, tendo como finalidade abrigar os espíritos que não conseguiriam se manter em planos mais elevados devido à baixa vibração que possuem. Assim, eles acabam abrigados em locais compatíveis com as suas vibrações, pois, como a vida continua e a morte física, por si só, não provoca mudanças, cada um vai continuar vivendo a sua vida conforme a própria consciência, embora num meio diferente. Para que isso aconteça, é preciso existir lugares na espiritualidade onde possam se instalar para prosseguirem com as suas experiências de vida, onde receberão as oportunidades que precisam para se depurarem e se conscientizarem para, enfim, ascenderem a planos espirituais superiores conforme forem evoluindo.

-Experiências com aparelhos

É um tipo de obsessão que, à primeira vista, é bastante parecida com as obsessões por magos negros e/ou bases devido ao uso de equipamentos. Porém a semelhança acaba aí. A finalidade deste tipo de obsessão não é a obtenção de

energias, mas de resultados. Através de aparelhos instalados no encarnado, são enviados estímulos diversos e colhidas informações. São experiências levadas a cabo por cientistas ou médicos desencarnados que deixaram o corpo, mas não abandonaram o trabalho e continuam obstinadamente com suas pesquisas científicas.

Normalmente, eles são “patrocinadas” por organizações trevosas que tenham interesse em determinado resultado. Tais organizações costumam buscar os detentores destes conhecimentos para convencê-los a continuarem seu trabalho. Para isso, montam toda a estrutura necessária nas suas instalações. Esta possibilidade geralmente acaba seduzindo-os.

É comum que os consulentes que estejam sofrendo este tipo de obsessão cheguem com sintomas os mais variados, como dores no corpo, mau funcionamento de órgãos, desorientação, apatia, alucinações, entre outros. Dependendo do grau de tecnologia disponível, os manipuladores das experiências podem atuar diretamente no sistema nervoso, no cérebro e em órgãos vitais, através dos corpos sutis, utilizando aparelhos e equipamentos diversos, com diferentes níveis de sofisticação, provocando doenças e distúrbios variados nas suas vítimas. Geralmente, pensam estar fazendo grandes progressos, que as pesquisas que conduzem são muito importantes e que estão prestes a descobrir o que tanto têm buscado.

E então nos confrontamos com um novo paradoxo. Por serem espíritos mais esclarecidos, médicos ou cientistas, é presumível ser mais fácil tratar estes casos. Porém, acontece o contrário! Justamente por isso, e pela importância que dão às suas pesquisas, o atendimento a casos deste tipo tende a ser trabalhoso, pois o esclarecimento que eles têm restringe-se à matéria e ao conhecimento mental. Quando eles se deparam com suas “cobaias” humanas e se dão conta que podem ter acesso mais facilitado aos seus corpos etéreos, mesmo que não entendam o que seja isso ou como acontece, a primeira vítima a sucumbir na batalha é a ética.

Afinal, pensam eles, uma cobaia é apenas uma cobaia e sem elas não seria possível alcançar os progressos que a humanidade já conseguiu. Não se preocupam muito com a possibilidade de perder uma ou outra, pois, afinal, isso é um fato normal e esperado durante as experiências. Para eles, os fins justificam os meios, já que acham que suas descobertas poderão revolucionar o mundo. Por isso, a disposição que apresentam e a dedicação com a qual se atiram às suas experiências, aos estudos e à organização dos resultados que obtiveram beiram o fanatismo, o que dificulta o tratamento destes casos.

Entretanto, se forem aproveitadas as características positivas destas entidades, como o empenho, a força de vontade, a curiosidade e a ânsia do saber, as dificuldades iniciais podem se transformar em facilidades e se constituir na

chave para a solução do caso. Quando surge um destes “cientistas loucos” nos atendimentos, é conveniente se mostrar a ele os erros nos quais incorre ao utilizar seres humanos nas experiências, prejudicando-os enquanto persegue os resultados que almeja, mesmo que a sua intenção seja ajudar a humanidade. Apesar da pouca eficácia da doutrinação, por ele achar que o interesse coletivo e da ciência está acima do individual, não podemos deixar de lhe falar tais coisas como uma preparação para a proposta que lhe será feita mais adiante.

O próximo passo poderia ser esclarecê-lo que, embora até pudesse haver nobreza nos seus objetivos, os métodos e os meios utilizados nas suas experiências já estavam ultrapassados. Isso mexe bastante com o pesquisador obstinado e cria a oportunidade de mostrar-lhe os modernos laboratórios existentes na espiritualidade e oferecer a ele a oportunidade de abandonar suas práticas e ir trabalhar lá, onde poderia aprender e explorar novos campos de conhecimento muito mais avançados do que aqueles aos quais ele estava se dedicando. Até hoje, raros foram os casos nos quais tais obsessores recusaram a oferta.

É claro que ele não será aceito nos laboratórios espirituais assim, sem mais nem menos, mas somente depois de um período no qual precisará tratar suas mazelas e se recuperar dos desequilíbrios que possuir. Terá que se reciclar quanto à ética e à moral, assumir princípios elevados e, só depois, estudar muito e atualizar seus conhecimentos para, talvez, poder participar dos trabalhos nos laboratórios. O “talvez” não precisa ser mencionado à entidade para não a desencorajar.

Apesar de poder parecer fantástico para alguns, no sentido de fantasioso, é mais fantástico ainda, no sentido de impressionante, o fato de muitas outras pessoas, milhares até, beneficiarem-se do atendimento de um único consulente sofrendo de obsessão deste tipo. Quando conseguimos convencer o obsessor a abandonar suas atividades ou quando as interrompemos se não houver o convencimento, todos os que estavam sendo obsedados por ele são libertados da sua influência, num efeito cascata maravilhoso.

-Ligações com vidas passadas

A obsessão originada em ligações ainda existentes com vidas anteriores é uma das mais comuns. O caso é clássico: um espírito desencarnado, obsedando um encarnado, com quem compartilhou uma existência terrena, sente-se no direito de cobrar os sofrimentos ou prejuízos que este tenha lhe causado naquela vida anterior, tentando se vingar levando a ele o mesmo sofrimento que tivera. O resumo da história é quase sempre o mesmo, mas o enredo varia bastante.

Encontraremos casos onde o obsessor tem consciência de já ter desencarnado, dos motivos que o levaram a se posicionar junto ao encarnado e do que ele está fazendo ali, assim como os casos que o obsessor não faz a menor ideia de nada disso, mas apenas sofre ainda e age contra o encarnado movido pelo ódio. Há até casos onde espíritos se mantêm na situação penosa de outrora e se encontram ao lado do encarnado, vendo-o ainda como o seu carrasco ou malfeitor e revivendo os mesmos medos, sofrimentos e sensações daquela existência anterior.

Esta é uma questão que pode levantar alguma polêmica e muita discussão. Principalmente se levarmos em conta o questionamento mais comum nestes casos. Estes espíritos vindos do passado teriam, realmente, o direito de atazanar a vida de pessoas que já estão vivendo uma nova vida, às vezes muito tempo depois de terem ocorrido os fatos que geraram o sofrimento? E, se eles têm tal direito, quem o deu a eles?

De qualquer forma, seja qual for o caso, tais obsessores representam as notas promissórias de dívidas que precisam ser quitadas. Tais dívidas foram trazidas de outras vidas e são frutos dos erros cometidos contra outros. Se fôssemos tratar a questão como um caso legal, poderíamos argumentar que há uma Lei Maior, uma Lei Divina, uma Lei Universal, ou seja lá o nome que se dê a ela, que estabelece que todo desequilíbrio provocado tem que ser reparado por quem o provocou.

Alguém mais afoito que ouvisse isso poderia deduzir que o obsessor adquiriu o direito de agir contra o causador do seu mal até que a dívida ficasse quitada. Bem, é o que os obsessores também acham, mas eles estão errados. Na verdade, uma injustiça sofrida, ou um dano material ou moral, ou qualquer outra coisa capaz de deixar marcas profundas em alguém, cria um vínculo muito forte entre aquele que sofreu e aquele que causou o sofrimento. Tal vínculo poderá persistir por muito tempo, séculos ou milênios até, enquanto o equilíbrio entre os espíritos envolvidos não for restabelecido.

Nestes casos, o obsessor acha que só haverá equilíbrio se conseguir infligir ao seu desafeto o mesmo mal que sofreu por causa dele. A lógica seguida por este pensamento é a do olho por olho, dente por dente! Porém, na sua tentativa de vingança, o obsessor acaba apenas aprofundando e agravando cada vez mais a ligação negativa que mantém com o espírito que um dia lhe causou mal. Em vez de quitar a dívida que julga existir tentando fazer com que seu algoz experimente o sofrimento que provocou, ele só aumenta os débitos futuros.

O atendimento a este tipo de obsessor fica bastante facilitado se lhe forem mostradas duas coisas. Primeiro, que nada é por acaso. Se ele sofreu nas mãos daquele a quem hoje está obsedando, é porque, em existência anterior àquela, foi a sua vez de prejudicar de alguma forma o espírito que agora julga ser o culpado

pelos seus males. Ao mesmo tempo em que se revela isso ao obsessor, é muito útil projetar as imagens desta vida anterior para que ele as veja, reforçando o que lhe é dito. A seguir, repetindo-se este procedimento para encarnações comuns anteriores, pode-se demonstrar ao obsessor que ele e o espírito que hoje persegue vinham se alternando em prejudicar um ao outro. Era uma vez para cada um ser o perseguidor e o perseguido.

Em cada encarnação, em vez de reparar as desarmonias existentes, o que fora prejudicado na anterior aproveitava a oportunidade para prejudicar o outro. E assim, a tendência era que a situação se eternizasse desta maneira, até que um deles resolvesse acabar com a pendenga reconhecendo a sua responsabilidade no caso e resolvendo perdoar o outro. Ou, pelo menos, deixasse-o em paz e seguisse seu próprio caminho.

Na maioria das vezes, isso já basta para fazê-lo reconhecer seus erros e convencê-lo a mudar de atitude. Depois de conscientizado desta forma, o obsessor não quererá mais se submeter a este processo repetitivo e resolverá abandonar seu projeto de vingança. Porém, há sentimentos muito fortes envolvidos, reforçados por muito tempo, que são difíceis de serem abandonados. Além disso, este tipo de obsessor quase sempre acha que está quase conseguindo atingir seus objetivos e que falta pouco para o que ele queria, o que pode dificultar o convencimento para que desista dos seus planos.

Então, chega a hora de se apelar para a segunda coisa que deve ser mostrada a ele. Talvez não seja o meio mais correto do ponto de vista da evangelização ou conscientização, pois se explora o lado negativo e egoísta do próprio obsessor. Mas funciona! Consiste em mostrar-lhe que, através do seu desejo de vingança e retribuição do mal sofrido, ele se mantém ligado a um sofrimento que já passou, que não existe mais, e que ele não precisaria reviver o tempo todo, pois já poderia ter se libertado de tal situação há muito tempo se não insistisse em se vingar a qualquer custo.

É comum que o obsessor, a esta altura, já esteja demonstrando mais consciência dos danos que vem causando a si mesmo e um pouco de cansaço da situação que vem vivendo. Mesmo que isso não esteja ocorrendo, é a hora certa de fazê-lo ver que o seu procedimento é ilógico e irracional, pois, para se vingar, ele mesmo se aprisionou à pessoa que mais odeia no mundo e vem convivendo com ela sabe-se lá há quanto tempo, em vez de estar cuidando da própria vida, de evoluir e de ser feliz longe de quem tanto mal lhe havia feito. É o que basta para o obsessor ver a grande bobagem que está fazendo e querer se afastar e iniciar uma nova vida, mais saudável.

Tudo envolve convencimento e conscientização. Após perceber a situação na qual se encontra, fica mais fácil para ele aceitar que precisa se tratar e se reciclar

para poder evoluir. Embora neste momento ainda não tenha ocorrido a evangelização e o convencimento ideais, já existirá condições suficientes para que o obsessor seja encaminhado com sucesso para receber os cuidados que necessita na espiritualidade. Só depois, à medida que for se esclarecendo e se reequilibrando já nos planos espirituais adequados, terá melhores condições de reconhecer que seus atos de vingança se deviam à sua ignorância com relação à Lei de Ação e Reação. E perceberá que os males dos quais fora vítima no passado aconteceram porque havia brechas nas suas defesas energéticas causadas por ações praticadas por ele contra outros, semelhantes às que ele sofrera quando se achou uma vítima inocente.

Na maioria das vezes, o espírito obsessor que reclama de males sofridos em vidas passadas também os praticou contra alguém antes. Porém, não se pode tomar tal afirmação como regra, pois cada caso diz respeito a uma experiência de vida única, a qual deve ser investigada no atendimento para se tomar as melhores medidas para solucionar as pendências *kármicas*. Podemos considerar tal processo como um mecanismo extremo de aprendizagem, que entra em ação quando não deram resultado as alternativas que envolvem o amor, o arrependimento e a conscientização. Quem provoca um sofrimento precisa aprender sobre ele. Se não conseguir aprender de outra maneira, a única alternativa que restará é experimentá-lo.

É preciso tomar cuidado e adotar algumas ressalvas para não se banalizar a questão. Transformar uma afirmação em regra e generalizá-la pode ser perigoso e irreal, pois cada situação é única, assim como são únicas as pessoas. Porém, de maneira geral, o que constatamos nestes casos é que toda ação gera uma reação e que todo efeito tem uma causa.

O homem interage com o universo continuamente através de suas produções mentais ou concretas, que podem ser positivas ou negativas. Como consequência, elas repercutem no todo criando e transformando energias, as quais estarão identificadas com quem as gerou, criando-se um rastro energético, um canal, pelo qual passam a fluir energias com vibrações compatíveis atraídas do meio externo como um ímã pela afinidade energética.

Por outro lado, as energias com vibrações incompatíveis não conseguem transitar por esta via, deixando de entrar em contato com quem criou aquele canal energético. Por ele haverá fluxo energético de intensidade e qualidade semelhantes às existentes na sua criação, sejam elas positivas ou negativas. E isso acontece sem que ninguém, nem Deus, interfira diretamente. Assim, cada um é responsável por tudo o que lhe acontece porque criou as condições para tal em algum momento da sua vida atual ou das anteriores.

É um mecanismo maravilhoso para o ajustamento dos espíritos quanto às questões que ficaram pendentes no passado. É uma forma bem consistente de encarar uma questão tão complexa como a do sofrimento humano. Pode, inclusive, explicar o que comumente é considerado inexplicável, como os casos daquelas pessoas que aparentemente não mereceriam passar pelo sofrimento e pela dor que passam na vida.

Com relação a esta questão e à forma como se dá o processo obsessivo que ela origina, será interessante tentarmos esclarecer um ponto importante. Se um espírito passa por sucessivas encarnações, com um corpo diferente e situações distintas em cada uma delas, como o obsessor consegue encontrá-lo em uma vida posterior?

Em alguns atendimentos acontece um fato curioso. Não é raro o obsessor alegar que aquele a quem ora persegue está tentando se esconder dele ao se disfarçar com um corpo diferente. Segundo seu julgamento, ele agora se mostraria bonzinho, quando seria muito mau, perverso, cruel, além de outros adjetivos. O obsessor chega até a advertir os médiuns para que não se deixem enganar por “aquela pessoa dissimulada e astuta”. E se vangloria por ter conseguido identificar o espírito com o qual tem ligação, apesar da sua tentativa de “disfarce”.

Isso só é possível porque o espírito continua o mesmo, apesar de utilizar corpos diferentes nas suas sucessivas encarnações. E porque os processos obsessivos se dão através do espírito, e não do corpo. E agora, ficaria mais uma pergunta a ser respondida: como o obsessor consegue encontrar o espírito que ele procura na vastidão da espiritualidade?

Há pouco, tratamos do rastro, ou canal, energético que se cria sempre que interagimos com o universo. Quando um espírito interage com outro, cria-se entre eles uma ligação energética que será tão forte quanto os sentimentos gerados pela relação que eles tiverem experimentado. Se um deles causar sofrimento ao outro a ponto de o prejudicado não conseguir se reequilibrar e continuar vibrando negativamente por causa disso, o canal energético que os liga vai se fortalecendo devido à carga contínua de energias que é lançada através dele pelo espírito sofredor.

É justamente este canal energético que serve de ponte para que eles se encontrem novamente. É através dele que o obsessor localiza o espírito que ele acha que lhe deve. Infelizmente, apesar de todo reencontro ser uma oportunidade de reconciliação, dificilmente o espírito desequilibrado o aproveita para tal, preferindo a vingança e se desequilibrando ainda mais.

-Por amor

É uma forma de obsessão que pode causar estranheza. Até agora, discutimos obsessões originadas em sentimentos negativos, como vampirismo, interesses pessoais e ressentimentos. Pois agora, tratemos da obsessão que acontece por amor. É estranho chamar de obsessão tais casos, mas combinamos no início que daríamos este nome a todos os processos onde há interferência de desencarnados sobre encarnados. Assim sendo, vamos em frente!

É bastante comum alguém desencarnar e não querer abandonar sua família ou alguém que ama. Ou resolver voltar da espiritualidade para junto de sua família para ajudá-los a resolver seus problemas. Ou porque precisa comunicar algo que eles deveriam saber. Ou por não aceitar a morte do corpo físico. Ou porque há um sentimento de que não poderia ter morrido antes de terminar algo que havia começado. Ou por achar que alguém que continua vivendo no plano físico precisa da sua ajuda ou da sua proteção e não poderia deixar tal pessoa desamparada. Ainda existem muitos outros motivos, mas vamos parar por aqui.

Apesar destes espíritos desencarnados quererem ajudar, eles só conseguem produzir muita confusão e desequilíbrio na família, como consequência das interferências energéticas que produzem entre os encarnados. São comuns os relatos de aparições de falecidos nas suas casas e de desarmonias que começam a acontecer após a morte de alguém da família. Muitas vezes, tais fatos são atribuídos à imaginação de gente supersticiosa, mas eles acontecem de verdade. E muito!

Os casos nos quais o espírito tem consciência do seu desencarne são até fáceis de serem tratados, pois a espiritualidade não é estranha a ele. Basta convencê-lo de que, apesar de querer ajudar, não saberá como fazê-lo e só prejudicará aqueles a quem ama, pois, para se manter ao lado deles, precisará se nutrir das suas energias, as quais lhes farão falta para poderem cuidar das suas vidas. Além disso, será sempre útil ao atendimento garantir ao espírito preocupado com seus entes queridos que eles ficarão amparados por espíritos que saberão levar a eles a ajuda que precisarem e que ele não consegue dar.

Então, o preocupado desencarnado se tranquiliza, pois, afinal, era só isso o que queria. E acaba aceitando com alívio a sua nova jornada na espiritualidade, deixando para trás o mundo terreno para se tratar, estudar e trabalhar no plano espiritual, com a esperança de um dia poder ajudar aqueles que ama de maneira efetiva quando já estiver preparado para tal. Casos assim provam que apenas a intenção, sem o preparo adequado, não vale muito. É como dizem: de boas intenções, o inferno está cheio!

Para tudo é preciso se preparar. E são poucos os que se preparam para desencarnar em paz. É compreensível que as pessoas se preparem para a vida, e não para a morte. Até mesmo porque pensar em morte implica pensar em mudança, em transição, e o ser humano tende a se acomodar nas situações que cria ou encontra. Não se está tentando justificar tal atitude, mas apenas procurando uma explicação. Nem se trata de condenar ou absolver alguém por isso. Cada um sabe de si e é o legítimo senhor da própria vida. Mas é lamentável que haja tanta gente se dedicando tanto apenas a coisas mundanas, a ponto de achar que a vida se resume aos breves momentos que passamos na superfície da Terra e se esquecer da grande jornada que há muito já estamos trilhando fora da matéria. É por isso que há tanta gente que não sabe morrer! Assim, quando chega a hora de abandonar o corpo físico, vêm o desespero, a negação e a não aceitação da morte do corpo.

Também é comum não ser percebido o momento do desencarne, pois o espírito recém-desencarnado continua com todas as suas características pessoais, como se ainda possuísse um corpo físico, sentindo-o completamente e pensando da mesma maneira. Então, a mente procura racionalizar a situação e acaba atribuindo o episódio do desencarne a um sonho esquisito, uma alucinação passageira, um devaneio ou algo desse tipo.

Segundo seu ponto de vista, era impossível ter morrido, pois continuava ali, fazendo tudo o que fazia e se sentindo da mesma maneira. E assim pensando, dá por resolvida a questão, ignora os fatos, volta para casa para cuidar dos seus afazeres e passa a interagir com seus familiares encarnados. Só estranha um pouco o fato de ninguém lhe responder quando fala, de não lhe darem mais atenção, e de todos fingirem que não o veem! Mas, de qualquer forma, tenta continuar vivendo sua vida “normalmente” com os familiares e amigos, dando suas opiniões e fazendo de tudo para participar da vida deles.

Seria algo parecido com o que popularmente se costuma chamar de “assombração”. Porém, o termo assombração pende mais para a superstição do que para o conhecimento e é usado quando não se sabe explicar os fatos espirituais e energéticos. É um termo popular, mas, apesar de não dizer nem explicar nada, podemos aplicar a ideia que ele transmite a estes casos. Mais próximos do sentido que é atribuído ao termo são os casos onde os espíritos não sabem que desencarnaram, ou simplesmente não aceitam terem desencarnado, e permanecem junto aos encarnados, não necessariamente por amor, mas mais por falta de fé e por excessivo apego à matéria.

Geralmente, estes espíritos são possessivos e ciumentos com relação ao que consideram serem “suas coisas”. Entre as “suas coisas” pode haver bens de valor, objetos pessoais valiosos ou não e até coisas de valor sentimental. Assim, sua casa, sua empresa, seu dinheiro na conta bancária, seu carro, suas roupas, suas joias, seus discos ou até mesmo seu bichinho de pelúcia podem se transformar num

estopim que detonaria uma bomba de sentimentos e de emoções no espírito desencarnado sempre que alguém tentasse fazer algo com o seu objeto de apego.

Seja qual for o caso, geralmente os espíritos que relutam em abandonar o plano material procuram retomar seu modo de vida anterior ao desencarne e voltam à suas casas e às suas famílias. É então que coisas estranhas começam a acontecer na casa ou com as pessoas. Os encarnados podem perceber vultos que os olhos não conseguem focalizar, ouvir barulhos que não têm origem aparente, passar a ter um sono inquieto, ter sentimentos e pensamentos que parecem não ser seus, além de uma série de outras perturbações, inclusive doenças físicas que os médicos não conseguem identificar. Em geral, o ambiente no lar se torna mais carregado e propício a desentendimentos, podendo gerar cansaço, desânimo, esgotamento, sonolência ou pensamentos estranhos nos que vivem ali. Quem tiver a mediunidade mais sensível, poderá sentir a presença de alguém mais no ambiente e até identificá-la.

Costuma-se pensar que a simples presença de um espírito desequilibrado num ambiente é capaz de fazer muito rebuliço. Porém, ele não estará só presente. Ele estará procurando interagir com todos, achando que está cumprindo o seu papel no meio onde se encontra. Ora cuida de alguém que esteja doente, ora aconselha outro, ora cobra algo de outro, ora procura aconchego, tudo como se estivesse ali em carne e osso. Entretanto, não sabe que consegue se manter lá apenas porque drena para si parte da energia dos encarnados, sustentando-se desta maneira no plano material.

Depois de obter a energia que precisa, os desequilíbrios do desencarnado a transformam, impregnando-a com suas angústias, seu ódio, suas aflições, seus medos, além de outras negatividades, e a compartilha com os encarnados. Sem saber, e sem ter intenção, o espírito desarmonizado gera uma perturbação enorme nas pessoas e no ambiente através deste processo de troca de energias.

Há um grau de dificuldade adicional no atendimento ao espírito causador de casos deste tipo, pois ele não tem consciência do que lhe aconteceu. Primeiro, com amor e com paciência, de uma maneira indireta, é conveniente iniciar as tratativas com este espírito mostrando-lhe que ele se encontra numa situação anormal, já que ninguém o vê, ou ouve ou fala com ele. Em geral, isso faz com que suas convicções se desestabilizem. Desorientado e confuso, ele estará mais aberto às mensagens e orientações que os médiuns estiverem tentando lhe passar. E, também, para receber energias que podem ser direcionadas a ele para dar-lhe algum equilíbrio momentâneo e aumentar sua percepção.

Depois, caso não tenha conseguido se conscientizar da situação, seria recomendável mostrar-lhe as cenas do seu desencarne, o que, em geral, causa-lhe comoção e consternação. Isso deve ser feito com calma e cuidado para não causar

um choque desnecessário. Depois de conscientizado do próprio desencarne, o próximo passo seria convencê-lo de que ele não deveria estar ali. Para tal, podemos lhe enumerar as perturbações que a sua presença causa aos outros, fazê-lo ver a inutilidade das suas ações na matéria, já que não tem o controle e o poder que gostaria de ter sobre as “suas coisas”, mostrar-lhe o mal-estar e os desequilíbrios que o afligem por estar num ambiente que é inadequado ao seu atual estado. E, por fim, evidenciar as oportunidades de aprendizado, de felicidade e de evolução que está desperdiçando por insistir em permanecer preso à matéria, em vez de se libertar de vez e usufruir as vantagens que a espiritualidade oferece.

Num primeiro momento, pode ser difícil imaginar que, depois de morto, alguém possa dar tanto trabalho. Mas alguns dão. Porém, médiuns comprometidos com a Doutrina Espírita não encaram isso como trabalho, no sentido negativo da palavra. Pelo contrário, é muito gratificante poder participar do processo de esclarecimento de espíritos encarnados e desencarnados que se desorientaram nos seus caminhos.

-A busca por energias e os desequilíbrios

Depois de tratar das principais formas de obsessão que surgem nos trabalhos espirituais, para fechar o assunto seria interessante tentar entender como acontece este processo. Com exceção dos casos que envolvem magia com a intenção de interferir na energia da vítima, as demais formas de obsessão têm como efeito comum a obtenção de energia para o obsessor e, como consequência, a perda de energia do obsedado. Estes efeitos ocorrem sempre e independem da consciência ou da vontade do obsessor.

Do ponto de vista dos desencarnados, os espíritos encarnados, por causa do corpo físico, são poderosas usinas geradoras de energias de diversos tipos. Por isso, podem procurar envolver suas vítimas em situações capazes de gerar emoções e sentimentos intensos, com o fim de ativar a geração das energias que lhes interessam.

As energias negativas geradas pelos encarnados enquanto praticam as ações induzidas pelos obsessores são acessadas através das brechas que se criam nos seus corpos não físicos. Os fluídos energéticos que emanam dos encarnados invigilantes são o alimento dos obsessores, a energia indispensável para se manterem junto à matéria e escassa nos planos mais próximos à Terra. Eles se alimentam, mesmo, das energias dos encarnados.

Nós comemos e bebemos para mantermos nossos corpos físicos. Os espíritos que vivem em planos mais elevados têm as energias do universo à sua

disposição. Mas os espíritos que estão perambulando por aqui não são encarnados, nem vivem em locais onde haja abundância de energias compatíveis com o estado no qual estão. Por isso, buscam-na nos encarnados, sugando o que puderem dos seus corpos etéreos desequilibrados.

A energia vital que possuímos não é estática, nem está armazenada em algum órgão físico ou em algum local nos nossos corpos não físicos. Ela circula por todo o nosso ser, o tempo todo, percorrendo os centros de força, ou *chakras*, promovendo a interação de funções vitais entre eles e se comunicando com o ambiente externo. Ao mesmo tempo, porém, não está livre ou solta no ar. Em um espírito equilibrado, a energia vital percorre seus caminhos naturalmente protegida de interferências externas, como se houvesse um campo de força, um escudo energético, que bloqueia as influências daninhas.

Se é assim, então um obsessor não teria acesso às energias da sua vítima. Porém, é assim com as pessoas ou espíritos em equilíbrio. Os desequilíbrios de qualquer ordem provocam rupturas no sistema de proteção energética. Então, a energia que flui se comporta como a água percorrendo uma tubulação com furos, perdendo-se. Tais “vazamentos” de energia são percebidos pelos espíritos que dela precisam e estes, famintos por energia, não perdem a chance de se abastecerem numa fonte abundante. É só por isso que um espírito obsessor consegue ter acesso às energias de outro. Como agravante da situação, os obsessores conscientes deste processo procuram aprofundar os desequilíbrios já existentes para que o fluxo energético disponível a eles aumente, pois, quanto mais desequilibrado estiver o obsedado, mais fracas ficam as suas defesas naturais e maior é o “vazamento” de energias por seus pontos fragilizados.

Tentaremos explicar como se estabelece a ligação entre os espíritos obsessores e os que estão sendo influenciados por eles. Não é uma tarefa das mais simples, pois, mesmo que consigamos, é normal que ainda restem dúvidas sobre como funciona o processo de transferência de energias. Porém, isso não é motivo de preocupação. Se não ficar bem claro agora, mais tarde ficará, com certeza. O estudo, o tempo e a prática espiritual são as ferramentas necessárias para que novos conceitos sejam assimilados aos poucos e acabem fazendo parte do acervo de conhecimentos pessoais.

Talvez o termo mais adequado para definir a forma como o obsessor se une à sua vítima seja “acoplamento”, pois é isso mesmo o que acontece. Mas, para um melhor entendimento, vamos imaginar este processo como se fosse uma ligação iônica, onde um átomo é atraído por outro por magnetismo e se ligam compartilhando seus elétrons. Nesta ligação, elétrons de um átomo orbitam o núcleo do outro e retornam para orbitar o núcleo de origem, num processo constante de mudança de órbitas. É isso o que provoca a união entre os átomos e faz surgir as moléculas.

A energia do obsedado é compartilhada com seu obsessor de forma semelhante. Conectando-se com os corpos energéticos do encarnado, parte da energia deste é compartilhada com o obsessor, saindo do primeiro para o segundo, que consome parte dela. Além de perder esta parte de sua energia, o obsedado sofre duplamente, pois a parte não consumida tem sua vibração reduzida ao entrar em contato com o obsessor e retorna para ele pior do que quando saiu. E o obsedado vai se poluindo cada vez mais...

Isso ocorre naturalmente, sem que se precise fazer nada neste sentido. Porém, os obsessores que conhecem o processo, dele se valem carregando propositalmente vibrações negativas na energia que volta ao obsedado com o objetivo de agravar seus desequilíbrios, de modo a aprofundar o processo obsessivo. Nestes casos, o obsessor procura minar cada vez mais as defesas naturais da sua vítima aumentando os desequilíbrios dos seus centros de força por meio de estímulos negativos.

Algumas pessoas têm certa resistência em aceitar ou admitir que um espírito desgarrado possa se acoplar a alguém a seu bel prazer e se servir impunemente das suas energias. A dificuldade de compreensão talvez se deva menos ao fato em si e mais a uma crença comum de que Deus desempenha o papel de policial patrulhando nossas vidas, interferindo nos nossos atos e punindo os que procedem errado. Se analisarmos a questão sem esta distorção, ficará mais fácil entender o processo e aceitá-lo. Iniciemos pelo início, recapitulando alguns pontos, para compreendermos melhor.

Um processo obsessivo sempre surge através dos desequilíbrios energéticos que fragilizam o espírito, seja ele desencarnado ou encarnado. Quando em desequilíbrio, o espírito se torna fraco, como que adoentado, e abre brechas em suas defesas energéticas, ficando suscetível a ataques como os que ocorrem nos casos obsessivos. Suas fragilidades possibilitam que outros espíritos, desencarnados ou encarnados, aproximem-se a ponto de ter acesso às suas energias e utilizá-las, num processo de vampirismo consciente ou não.

Estes tais desequilíbrios espirituais dos quais tanto falamos são frutos que cada um vem cultivando durante suas sucessivas vidas. As fontes equilibrantes ou desequilibrantes são várias. São as ações, os pensamentos, os sentimentos, as emoções. Tudo o que acontece conosco gera energia, a qual assumirá uma qualidade compatível com a qualidade do que fazemos, pensamos e sentimos. Toda energia que geramos passa a fazer parte dos nossos corpos energéticos, atuando diretamente sobre eles conforme a sua qualidade.

Assim, sempre que alguém gerar uma energia ruim, de baixa vibração, esta terá um efeito negativo sobre seus corpos energéticos e provocará ou agravará desequilíbrios em áreas ou funções específicas, de acordo com a natureza da

energia gerada. Por exemplo, sentimentos de ódio desequilibrarão e fragilizarão o *chakra* cardíaco. O maledicente ou fofoqueiro terá o seu *chakra* laríngeo afetado, já que este está ligado à função da comunicação. E assim por diante...

Por outro lado, a geração de energias boas, de alta vibração, tem o poder de harmonizar, de curar, de equilibrar e de reverter desequilíbrios existentes. Portanto, em última análise, o espírito desequilibrado é o único responsável pelo estado no qual se encontrar devido a desvios cometidos tanto na vida atual como em vidas anteriores.

E Deus não tem nada a ver com isso... Nem Deus, nem o diabo! Tudo o que há é o livre-arbítrio de cada um para tomar suas próprias decisões e assumir a responsabilidade por elas. Tanto que uma das bases da Doutrina Espírita é a afirmação: “A sementeira é livre, mas a colheita do que foi semeado é obrigatória”.

Os desequilíbrios energéticos, os quais são consequência da invigilância consigo mesmo, são as portas de acesso aos obsessores. A vibração emitida por um espírito desequilibrado é captada por outros que vibram de forma semelhante à emitida pelo seu desequilíbrio, atraindo-os. E estes respondem de imediato, famintos pela energia grátis que está à disposição! A atração é tão forte que alguns obsessores, sem entenderem direito como se ligaram ao obsedado, dizem que foi este quem os chamou. Então, eles se acoplam à estrutura não física do invigilante pelo ponto, ou pontos, em desequilíbrio.

Simple assim! Mas aí começa a parte mais cruel e daninha de uma obsessão. O obsessor, também um desequilibrado que vibra de forma semelhante ao desequilíbrio que o atraiu, ao se postar junto ao seu candidato a obsedado, passa a interagir com a energia deste. Só isso já seria suficiente para contaminar a energia do obsedado, que, além de ter que lidar com os seus próprios desequilíbrios, ainda entra em contato com as baixas vibrações do seu obsessor. Não bastasse isso, o obsessor consciente sempre procura escancarar cada vez mais o acesso às energias de sua vítima estimulando nela pensamentos, sentimentos e ações que agravem os seus desequilíbrios. Assim, pode se criar um círculo vicioso no qual o obsedado acaba se envolvendo cada vez mais em seus próprios desequilíbrios, como se estivesse preso em uma teia.

A cura

Desequilíbrios energéticos, ou obsessões, ou estado energético ou espiritual alterado, têm a tendência de sempre se agravar com o passar do tempo. E assim será enquanto não acontecer algo que altere as situações que favorecem a sua ocorrência. E a solução não vem apenas com atendimentos espirituais. É claro que

esta é uma ajuda importante, mas não passa disso. Tanto que há consulentes que vivem se tratando nos centros espíritas dos mesmos casos de obsessão, só se alternando os espíritos obsessores a cada atendimento.

Isso quer dizer, então, que estes casos não têm solução? Muito pelo contrário! Eles têm, sim, mas uma única: a reforma interior do consulente. O próprio doente precisa providenciar a sua cura. Enquanto continuar se comprazendo com seus vícios morais e compartilhando-os com seus obsessores, realimentando desta forma seus desequilíbrios energéticos, ninguém poderá ajudá-lo. Enquanto não mudar suas atitudes, enquanto não se esforçar para controlar seus pensamentos, sentimentos e emoções, não haverá cura possível, mas tão somente paliativos.

Não é uma tarefa fácil, todos nós sabemos. Se fosse fácil, não haveria tanto sofrimento no mundo, pois todos nós seríamos pessoas equilibradas e saudáveis. Apesar disso, cada um tem a sua fórmula para bem viver ou conseguir mudanças que proporcionem isso. E, podemos arriscar um palpite, a maioria das fórmulas que poderiam surgir teria Deus como o principal ingrediente. E mais, teriam como premissa que só buscando a Deus e seguindo as premissas cristãs seria possível se elevar e ficar imune às influências negativas das quais estamos tratando, pois longe de Deus, não há salvação.

Será, mesmo? A Doutrina Espírita usa uma expressão parecida, mas que não menciona Deus: longe da caridade não há salvação. Isso não quer dizer que Deus está excluído do contexto. Mas, se analisarmos a questão de forma mais abrangente e aberta, será inevitável alguns questionamentos. Quem não crê em Deus estaria condenado? Ou quem é hindu, muçulmano, judeu ou segue alguma outra religião não cristã?

Pois ousemos mais uma vez, dizendo que não é necessário nem mesmo acreditar em Deus para se viver em equilíbrio! Há muitos ateus que seguem Cristo através dos seus atos diários porque têm em si incorporados seus valores. Não precisam invocá-Lo ou a Deus. Por outro lado, há os que creem, comparecem a cultos assiduamente e se desdobram em orações, mas deixam de observar e aplicar, nas suas próprias vidas, os preceitos que costumam receitar aos outros. Claro, estes casos são os extremos, embora não sejam raros. Mas é um bom tema para análise.

Dito isso, fica fácil determinar qual deles teria a aprovação de Deus. É óbvio que seriam os primeiros, mesmo que O neguem, pois Deus enxerga dentro do coração humano e não há como enganá-Lo. Tal discussão pode parecer não ter relação com a reforma pessoal que estamos discutindo. Afinal de contas, aqueles que procuram se aproximar de Deus e entram em contato com seus ensinamentos geralmente acabam se melhorando.

Porém, só gostaríamos de frisar que este não é o único caminho. É comum que o seguidor de uma corrente de fé ache que ela seja a solução para os males de todas as pessoas e procure fazer com que outros a abracem também. Mas não existem soluções universais. Cada um tem que buscar as suas, conforme seu grau evolutivo e sua capacidade de entendimento.

Por isso, nos atendimentos, os médiuns e dirigentes devem deixar o consulente à vontade quanto às suas convicções e escolhas e fazer com que não se sinta acuado ou pressionado a fazer determinadas coisas ou tomar determinadas decisões. Como, por exemplo, adotar a Doutrina Espírita dali em diante, como forma de se aproximar de Deus e de se melhorar. Ou desenvolver sua mediunidade latente. Isso não quer dizer que não devemos aproveitar a oportunidade do contato para tentar divulgar a Doutrina Espírita e mostrar ao consulente o que ela tem de bom.

Ao conversarmos com o consulente, devemos lhe falar o que ele precisa saber sob o enfoque da Doutrina Espírita, deixando claro que através dela ele pode encontrar explicações para muitas questões que envolvem sua vida, além de um indicativo do caminho a percorrer para viver melhor. Porém, não lhe pode ser dito que ele *terá* que adotar a Doutrina Espírita ou que *precisará* desenvolver sua mediunidade e trabalhar num centro espírita para poder viver em paz. Não porque não acreditemos nisso, mas por respeito às crenças de cada um.

Todo tipo de gente, seguidores das mais variadas crenças, busca atendimento espiritual nos centros espíritas. São ateus, católicos, judeus, umbandistas, evangélicos, além de seguidores de outras correntes. E espíritas, claro. Na verdade, ninguém precisa mudar suas convicções religiosas para poder desfrutar de proteção espiritual ou viver em harmonia. Basta adotar atitudes sadias com relação aos outros e ao mundo e cultivar o amor em seu coração. Só isso!

Para tanto, é importante que todos os consulentes saiam do atendimento com orientações específicas que digam respeito ao que ele estiver precisando. Pode ser aconselhável a leitura de livros cujos conteúdos sirvam para esclarecê-lo conforme sua necessidade e, também, se for o caso, para aproximá-lo de Deus. Pode ser recomendada a leitura de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* para que o consulente entenda melhor a relação que existe entre a espiritualidade e os encarnados e a responsabilidade que temos, principalmente conosco mesmos, quanto às escolhas que fazemos. Além de leituras, o consulente deve ser instruído a respeito de aspectos específicos que tenham relação ao seu caso em particular. E, finalmente, deixar claro para quem estiver recebendo atendimento que o centro espírita sempre estará à sua disposição para quaisquer esclarecimentos que precisar. E, também, para trabalhar, se esta for a sua vontade.

Mas, acima de tudo, que se deixe bem claro para o consulente, sempre, algumas questões fundamentais. Que só ele mesmo será capaz de obter a sua cura, já que ninguém tem poder para mudar ninguém. Que ele mesmo deverá se esforçar e caminhar com as suas pernas. E que, mesmo podendo contar com o centro espírita e com os médiuns, ele poderá ser, no máximo, auxiliado, mas nunca carregado.

Preparar-se para desencarnar

É compreensível que haja certa dificuldade em entender como um espírito pode preferir ficar vagando por aí, ou retornar à sua antiga casa e ao convívio da sua família, se ele poderia ser acolhido por espíritos evoluídos e viver em paz e harmonia em planos mais elevados da espiritualidade. Se analisarmos a questão sob o ponto de vista lógico ou consciencial, realmente é uma confusão sem sentido. Porém, vamos tomar como exemplo alguém que se dedicou durante boa parte da sua vida à caridade ou à evangelização e estudou e praticou os princípios da sua fé, seja ela qual for. Poderíamos deduzir que esta pessoa tivesse um conhecimento profundo sobre os assuntos relativos à espiritualidade?

Pois bem, se esta pessoa, que já estudou e praticou tanto, tem dificuldade para compreender a espiritualidade da forma como estamos tratando-a, o que se poderia esperar de alguém que nunca deu a mínima para a espiritualidade, que nem acredita que tais coisas existam, que nunca se interessou em conhecer um pouco, pelo menos, do que se passa do outro lado? Seria muito difícil para alguém assim perceber o que acontece quando estivesse desencarnando.

Tentemos imaginar a situação do desencarne da forma como ela se dá a quem não se preparou para este delicado momento de transição. Tentemos “calçar as sandálias” deste espírito e caminhar pela sua trilha de vida para entendermos melhor a situação que ele enfrentará. Mesmo que lhe chegassem “anjos” dizendo que iriam levá-lo ao paraíso, ele não acreditaria, pois, pela lógica, anjos não ficam abordando as pessoas na rua para levá-las. Quanto mais se ele for abordado por espíritos socorristas. Estes costumam ser taxados de malucos pelo recém-desencarnado, que não reconhece a diferença que existe entre os planos material e espiritual e acha que os espíritos que chegam para ajudá-lo são pessoas comuns, encarnados como ele mesmo acha que ainda está.

Como nada muda no espírito por causa da morte do corpo físico, é complicado, mesmo, reconhecer quando o espírito deixa o corpo para trás. Tanto que, de vez em quando, surge a oportunidade de prestar socorro espiritual a espíritas e até a médiuns que atuavam em grupos de atendimento mediúnico. Houve um caso no qual um médium recém-desencarnado deu bastante trabalho no

centro espírita por não aceitar o próprio desencarne, precisando de vários atendimentos até se convencer que precisava deixar a matéria e continuar sua jornada no plano espiritual. Quando incorporado em médiuns, ficava se lastimando e chorando, inconformado. Então, teve que ser feito com ele o mesmo esclarecimento e a mesma doutrinação que ele fazia com os espíritos que chegavam desorientados nos atendimentos dos quais já havia participado.

Situações como estas podem levantar dúvidas quanto à validade da vivência da Doutrina Espírita. Não faltará quem argumente que estas pessoas, por serem médiuns, ou por terem estudado e praticado a Doutrina Espírita, deveriam saber o que estava acontecendo e como se portar nesta hora. Porém, a questão vai além do conhecimento, chegando à experiência da situação. Saber, eles sabiam! Mas, ao chegarem lá no outro lado, a matéria falou mais alto e eles não gostaram de ter que abandoná-la. Nós podemos criar raízes tão profundas na matéria, hábitos tão arraigados e apegos tão fortes, que fica difícil abandonar tudo de repente. Não podemos esquecer que as pessoas têm uma resistência natural às mudanças.

Poderíamos, então, concluir que de nada adianta conhecer e saber se, na hora H, não se consegue usar o conhecimento? É verdade, mas em parte! *Só* o conhecimento ajuda pouco. É preciso *apreender* aquilo que se aprende, ou seja, que os conhecimentos adquiridos sejam assimilados e passem a fazer parte do nosso ser, da nossa verdade interior. Uma pequena sutileza que faz toda diferença. Então, precisamos dividir o conhecimento em duas categorias: o conhecimento captado pela mente e o conhecimento colocado em prática e vivido.

Se o saber estiver restrito apenas à mente, é provável que ela mesma construa justificativas para negar a ocorrência do desencarne. Por outro lado, o conhecimento adquirido pela vivência das leis espirituais, baseado no seu estudo, ajudará o espírito a reconhecer o momento no qual se dará a transição do plano material para o espiritual. Ou, pelo menos, poderá mostrar indícios do que estiver acontecendo.

Princípios básicos para o trabalho espiritual

Detalhar os procedimentos a serem adotados durante os atendimentos é uma missão impossível. Para isso, teria que ser elaborada uma receita ou um manual tendo determinados padrões como base. Acima, nós dividimos a discussão da obsessão em diversos tipos apenas para fins didáticos. Porém, a nossa divisão tem aplicação restrita na prática, pois cada atendimento apresenta características únicas, as quais podem nunca ter acontecido antes ou não se repetirem jamais. Roteirizar atendimentos seria temeroso, pois não é possível prever todas as situações que podem acontecer. Assim, um procedimento que serve como uma

luva para determinada situação pode se transformar num desastre para a mesma situação com algum detalhe diferente. Se tentássemos criar um manual de procedimentos para atendimentos, correríamos um sério risco de enfiar no mesmo saco coisas completamente diferentes e ficaríamos fechados a novos aprendizados.

Isso não quer dizer que não há uma orientação. Senão, como fariam os grupos, e principalmente os dirigentes, para lidar com os diferentes casos que surgem nos atendimentos? O que não há é detalhamento, por ser impossível. Existem diversos materiais para estudo. Há cursos, seminários, palestras, e uma infinidade de outras fontes onde podem ser buscadas informações e conhecimento, inclusive esclarecimentos e mensagens que nos são repassados pela espiritualidade. A própria prática nos trabalhos nos ensina muito. Porém, tudo isso se refere a conhecimentos e técnicas e resultaria em nada se não houvesse uma orientação para os trabalhos baseada em alguns princípios.

São princípios muito simples, mas fundamentais. Os princípios básicos são o amor, o respeito, a humildade, a honestidade e a confiança na espiritualidade. Tudo o mais que possa existir num centro espírita e na atividade mediúmica estão alicerçados nestes princípios. Na verdade, eles deveriam nortear sempre a vida de cada ser humano, mas este é um assunto que foge um pouco do nosso enfoque. Então, vamos nos concentrar na importância que estes princípios têm nos trabalhos espirituais e discuti-los um a um.

Começemos pelo princípio do amor, que, por si só, é a base da própria vida. Tratar a todos, encarnados ou desencarnados, com o coração pleno de amor fraterno e reconhecê-los como irmãos, sem outro interesse que não seja o de ajudar como for possível. Sentir-se compartilhando a jornada daqueles que encontramos, entristecendo-se com seus fracassos e tropeços e comemorando suas vitórias como se elas também fossem nossas.

Ter sempre palavras amigas, de incentivo, de harmonia e de paz e distribuí-las a quem delas precisar. Ser consciente de que, ao se lidar com alguém em desequilíbrio profundo, uma palavra pode mudar a sua vida, tanto para tirá-lo do poço, como para enterrá-lo de vez. Não custa nada ser amoroso e responsável quando se fala algo a alguém. Exercer, em abundância, o perdão, a forma mais sublime do amor e a maior manifestação da liberdade, e fazer o que for possível para merecer o perdão dos outros. Espelhar-se no exemplo daqueles que mais amaram a humanidade e procurar fazer como eles. Muito mais se poderia falar sobre o amor, mas isso já é suficiente para os nossos objetivos.

Falemos agora sobre o respeito. Tratar a todos, encarnados ou desencarnados, da mesma forma como gostaríamos de ser tratados e dispensar-lhes a mesma atenção que julgamos merecer. Ver e tratar a todos como iguais.

Nem mais, nem menos, pois, do ponto de vista espiritual, todos nós ainda estamos trilhando o mesmo caminho, rumo a planos mais elevados.

Ao nos depararmos com espíritos que vivem em regiões de vibração mais densa, não achar que eles são inferiores por causa disso e lembrar que eles estão apenas contornando uma curva pela qual nós também já passamos um dia. Ou ainda teremos que passar! Lembrar, também, que muitos destes espíritos estão naquelas regiões servindo ao trabalho evolutivo, pois eles têm acesso aos espíritos insensíveis às vibrações mais elevadas e os tratam conforme exige o baixo grau de compreensão que possuem. Enfim, encarar a todos como companheiros de uma mesma longa viagem, que só terminará quando todos os passageiros desembarcarem juntos, e se esforçar para tentar aproximar da porta de saída os que estão mais afastados, assim como se esforçar para se aproximar dela por si mesmo, para dar menos trabalho aos outros.

O terceiro princípio é a humildade. Estar convicto de que nós somos apenas os meios do processo, os médiuns, e nunca as figuras principais. Encarar o trabalho com a espiritualidade como uma oportunidade de aprendizagem e de evolução, própria e de outros, e não como um projeto pessoal visando se destacar entre os demais. Executar todas as tarefas que forem necessárias para que a estrutura de atendimentos funcione plenamente, sem a preocupação de selecionar as atividades que dão menos trabalho ou trazem mais prestígio pessoal ou visibilidade, pois o bom operário não escolhe trabalho. Ele apenas trabalha.

Reconhecer que não sabe de algo e perguntar. A dúvida e o não saber fazem parte do processo de aprendizagem. Se acharmos que já sabemos o suficiente, não haverá mais possibilidade de aprendermos coisas novas, pois nos fecharemos a elas, o que seria muito triste. Quando alguém acha que sabe muito, é sinal que ainda não aprendeu o bastante para saber que não sabe nada.

Não procurar ser reconhecido ou receber louros pelo que faz. Nem achar que faz grandes coisas. Não querer se colocar acima de ninguém. Assumir o papel de servo de Deus na missão de espalhar a sua paz e o seu amor. Mesmo quando assumir um cargo formal na entidade, como uma direção, estar consciente de que isso não o faz melhor do que ninguém, mas o torna mais servo ainda e que a única coisa que aumenta é a sua responsabilidade, pois precisará dobrar seus esforços para que os médiuns e os frequentadores se mantenham fiéis a compromissos espirituais e humanitários os mais elevados possíveis. Em resumo, procurar ser a pedra bruta do alicerce, que, mesmo sem ser notada por ninguém, sustenta a construção e a mantém em pé, impedindo que afunde ou se rache.

O princípio básico seguinte é a honestidade. Não só relacionada à vida civil, mas consigo mesmo e com os demais. Ficar atento, vigiar-se todo o tempo, procurar identificar as próprias falhas e tentar corrigi-las. Não ter vergonha de

dizer “não sei” ou “tenho dúvidas”, em vez de querer posar de sábio. Assumir os próprios erros e responsabilidades antes que alguém tenha que apontá-los. Não ser adepto do “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”, para dar credibilidade à sua mensagem.

Não sucumbir ao animismo, à fantasia ou mesmo à farsa para demonstrar “habilidades” mediúnicas. Por outro lado, ficar atento para identificar a ocorrência de tais fatos no grupo de médiuns e não ser omissos para tomar medidas imediatas para que elas cessem e não se repitam mais. Ser sincero, mas sem ser grosseiro, ao se dirigir a alguém para apontar-lhe algum problema no qual esteja envolvido ou seja o causador.

Ter consciência do papel que representa no contexto do centro espírita e saber que o público vê os membros da instituição como pessoas especiais e representantes da casa, nas quais podem procurar se espelhar. Assim, tudo o que for percebido no comportamento de um médium refletirá muito mais na imagem da casa do que na sua própria, tendo, cada médium, a responsabilidade de zelar não só por si, mas pelo grupo do qual faz parte também.

Usar adequadamente a mediunidade, cuja finalidade é servir de instrumento para o aprendizado próprio e para que as providências da espiritualidade cheguem a quem precisar delas, e não tentar usar o centro espírita e os colegas de grupo como se tudo ali existisse para resolver os seus próprios problemas, do cônjuge, dos filhos, dos parentes, dos vizinhos, dos amigos dos vizinhos, atrapalhando os trabalhos com pedidos constantes de atendimentos que não haviam sido previstos. Ser honesto também pressupõe que o médium encare com seriedade o trabalho espiritual e se comprometa com ele, não permitindo que qualquer bobagem o impeça de comparecer.

Por fim, chegamos à questão crucial, que é a confiança que depositamos no amparo e na assistência que a espiritualidade presta aos centros espíritas. Caro leitor, você arriscaria um palpite sobre o motivo de ter ficado por último o fator mais importante? A resposta é muito simples. Tanto que talvez você nem tenha se dado conta.

Para podermos contar com as providências espirituais, com sua assistência e com sua proteção, teremos que ser merecedores de tais benesses. Teremos que pautar nossas ações e nossas intenções no amor, no respeito, na humildade e na honestidade para podermos ter a confiança de que a espiritualidade nos dará o amparo necessário para o que for preciso. É esta a parte que cabe aos médiuns: zelar por si e pelo ambiente, criando as condições que espíritos mais elevados precisam para acompanhar os trabalhos desenvolvidos no centro e participar dos mesmos. Se os médiuns fizerem a sua parte, ficarão ao alcance da assistência da espiritualidade.

Assim, se surgir uma situação num atendimento na qual o grupo fique inseguro ou sem saber que decisão tomar, sempre haverá o auxílio dos espíritos que zelam pela casa. A assistência espiritual poderá ser percebida de diferentes formas, como uma intuição a algum dos médiuns, uma mensagem, a visualização de alguma cena que esclareça um ponto chave, a sintonização dos médiuns com as frequências corretas para a solução do caso, o isolamento de perturbações que possam atrapalhar o atendimento, além de uma infinidade de outras ações.

E então? Não é simples basear os atendimentos nestes poucos princípios? E, ao mesmo tempo, não é o bastante? Na verdade, eles podem servir para qualquer atividade humana, envolvendo ou não Deus ou a espiritualidade.

Condições para a assistência espiritual

É razoável supor que atividades espirituais que nós, encarnados, venhamos a desenvolver contem com a participação de espíritos de esferas mais evoluídas dando suporte e auxílio, supervisionando, controlando e coisas assim. Ao tratarmos da questão da confiança na espiritualidade, mencionamos certas condições para a providência espiritual chegar aos médiuns e ao centro espírita, como os médiuns fazerem a sua parte para se harmonizarem e ao ambiente.

Ao estabelecermos condições para que algo aconteça, somos levados a pensar no que aconteceria se tais condições não fossem satisfeitas. Será que os espíritos mais elevados se retirariam se os médiuns relaxassem com o que lhes cabe fazer? Com certeza, não se retirariam! Se eles se retirassem, estariam abandonando seus irmãos e deixando-os à própria sorte no meio de um caminho perigoso para o qual estivessem enveredando.

Os espíritos que se encontram em um grau evolutivo superior ao nosso têm uma missão muito importante e séria junto a nós, que estamos na matéria, que é a de nos ajudar a caminhar na *nossa* própria trilha evolutiva. Eles farão tudo o que puderem para nos ajudar. Porém, poderão enfrentar algumas limitações que nós mesmos vamos lhes impor de vez em quando. Quando os médiuns de um centro espírita, ou de qualquer outro local envolvido com a espiritualidade, tornam-se invigilantes consigo mesmos, ou não se esforçam sinceramente para se melhorarem e se equilibrarem, forma-se uma barreira entre eles e os espíritos mais elevados por causa da diferença de vibrações que se estabelece.

Notemos que, ao questionarmos se os espíritos mais evoluídos se retiram, há uma ideia oculta de que eles poderiam ir embora em represália pelo fato de os médiuns não terem “se comportado bem”. Não é um pensamento consciente, mas, sem dúvida, a ideia é essa mesmo. É uma forma automática de raciocínio,

influenciada pelo modo como a nossa sociedade se estruturou, onde, para um crime deve haver uma condenação, para uma má ação, um castigo, para um ataque, um contra-ataque, para uma regra quebrada, uma punição. Porém, as motivações nas questões espirituais são diferentes.

O distanciamento que acontece entre a espiritualidade e os médiuns que se descuidam de si mesmos é apenas uma consequência natural e automática, provocada pela perda de qualidade das suas vibrações. Os espíritos de vibrações elevadas continuarão tentando ajudar do mesmo modo, mas, com a queda de vibração dos médiuns descuidados, ficará mais difícil para eles receberem as emanações que lhes são dirigidas. Por outro lado, ao baixarem seus níveis vibratórios, fica mais facilitado o contato com espíritos cujas vibrações são mais baixas ainda.

Comparando de forma grosseira, o médium teria posicionado o dial do seu aparelho de recepção de sinais da espiritualidade numa posição onde a sintonia se daria mais com as energias negativas densas do que com as positivas sutis. Numa hipótese extrema, dependendo do grau de rebaixamento das vibrações do grupo de médiuns, poderia até acontecer de passarem a ser influenciados mais pelos espíritos de baixa vibração do que pelos de alta. Felizmente, as quedas de vibração de médiuns costumam ocorrer de forma isolada, com um ou outro, possibilitando aos colegas levarem a ele o apoio e o socorro necessários antes da sua situação se agravar e do trabalho na casa ser prejudicado.

E aqui estamos nós, falando novamente em vibração energética e em sintonia. A questão é tão recorrente porque é o ponto central de toda atividade espiritual. O nível vibracional no qual o médium e o grupo estejam situados é o ponto chave que determinará até onde poderão contar com a ajuda dos espíritos de elevada vibração no trabalho. Porém, só isso não é suficiente para garantir que estejamos aptos a participar de grupos de atendimentos mediúnicos.

Ainda há mais um quesito que não pode faltar: é preciso saber o que se está fazendo! Tal saber só se adquire com estudo, trabalho e dedicação, num processo que precisa de tempo, do esforço sincero e da dedicação do médium. Por isso, não devem ser formados grupos apenas com médiuns e dirigentes novatos, pois há um sério risco de ocorrerem problemas. Eles precisam ter o apoio dos mais experientes para aprenderem a lidar de forma adequada com suas manifestações e para conhecê-las. Só assim os novatos podem se familiarizar com as diferentes situações que ocorrem nos atendimentos e adquirir confiança em si mesmos.

Além de se apoiar em princípios éticos e morais, é preciso que se tenha conhecimento a respeito da realidade com a qual se está lidando. As duas coisas, princípios elevados e conhecimento, têm que existir ao mesmo tempo e é preciso

que andem juntas, uma complementando a outra. Se não for assim, se um destes aspectos for negligenciado, as consequências para o trabalho não serão boas.

Mesmo que princípios elevados sejam seguidos nos trabalhos, se a parte teórica não receber a devida atenção através do estudo e da pesquisa individual, de pouca utilidade seria o médium ou dirigente, podendo atrapalhar mais do que ajudar. O médium poderia se transformar num mero repassador das sensações dos espíritos com os quais se sintonizasse. E, mesmo assim, de uma forma bruta e não confiável. E o dirigente poderia se tornar um papagaio tentando imitar os outros, pois não saberia o que realmente estivesse acontecendo. Ou, por não saber como lidar com cada caso, poderia deixar de trabalhá-los com o grupo de médiuns e jogá-los para a espiritualidade, assim como quem se livra de um estorvo, para que esta se encarregasse de resolvê-los.

Por outro lado, o conhecimento sem as bases morais e éticas é perigoso. Este é um dos motivos que fez com que o estudo e a prática das questões que envolvem a manipulação de energias e o contato com a espiritualidade ficassem inacessíveis às pessoas comuns e restritos a determinados grupos que surgiram na história da humanidade com tal finalidade. O outro motivo é que quem detinha tais conhecimentos não queria dividi-los mesmo, pois conhecimento sempre foi poder! Os melhores exemplos de conhecimento separado da ética e da moral são os próprios magos negros.

Pode ser que estejamos sendo um tanto cáusticos ao dizermos tais coisas, mas é melhor colocar as questões à luz do sol para que sejam depuradas, do que deixar de falar para que alguém não se melindre. Também podemos, até, estar passando a impressão de que não há segurança aos que buscam um centro espírita. Neste mundo material, a insegurança é realmente uma possibilidade, embora não se restrinja apenas a centros espíritas. Qualquer instituição que se proponha a servir de guia a outros tem que se preparar para tal.

Um padre, um pastor ou qualquer representante de uma corrente religiosa, antes de ter o primeiro contato com seus fiéis, tem que passar por vários estágios preparatórios e trabalhar muito até poder exercer sua função. Não há como professar algo se não houver uma preparação adequada para isso. É o que acontece com todas as orientações religiosas. E o normal é que todas elas cumpram com o que se propuseram.

Porém, não são as instituições que cumprem tal papel, mas sim as pessoas que delas fazem parte, em seu nome e representando-a. Entretanto, quase nunca se ouve falar do que está bem e funcionando direito. O que se torna notícia são os eventuais escândalos e crimes, pois é isso o que desperta o interesse da maioria dos que consomem notícias. Tal comportamento nos dá uma ideia do precário nível de consciência no qual se encontra a nossa sociedade e, por decorrência, das

pessoas que a formam. Porém, as notícias ruins quase sempre se relacionam com as pessoas, e não com as instituições. Mas são as instituições que sofrem os maiores danos, pois a elas são associados os atos de quem as representa.

Por mais que sejam tomadas todas as providências para que nada saia errado, sempre pode surgir algum descuido que, com seus atos impensados, acabe comprometendo o esforço de muitos outros. Por isso, temos que seguir o velho conselho que Jesus nos deixou: “Orai e vigiai!”. Vigiar a si mesmo, e não aos outros. Mas, ao mesmo tempo, ficar atento aos comportamentos dos colegas para identificar alguma impropriedade que possa comprometer o trabalho. São justamente as fraquezas do ser humano o ponto fraco das instituições. E seguindo o conselho, vigiemo-nos para não sermos vítimas do orgulho, da soberba, ou coisa parecida, e achamos que nós estamos imunes a tais falhas só porque pensamos de determinada maneira ou fazemos parte de um determinado grupo.

Deste ponto de vista, a insegurança que estamos comentando não se aplica às instituições, mas às pessoas. Ou seja, a nós mesmos! No caso específico de uma casa espírita, que é o nosso foco, deverá haver um esforço conjunto e permanente para que todos os médiuns e trabalhadores estejam preparados para o bom desempenho das funções que lhes couberem. Para tal, deverá haver a conjugação, da melhor maneira possível, entre a teoria e a prática. Além dos estudos sobre a espiritualidade e do exercício prático para o aprendizado da própria mediunidade, todos os médiuns, sem exceção, devem ser orientados e trabalhados para assimilarem os valores básicos, éticos e morais que deverão nortear não só o trabalho que irão desenvolver no centro, mas as suas próprias vidas.

E, acima de tudo, ter consciência de que nada acontece por acaso. Se há um problema, ele será proporcional à capacidade que as pessoas têm para resolvê-lo e de acordo com a necessidade de aprendizado de cada um. Assim, os percalços que surgirem deverão ser resolvidos tendo como base o amor, evitando-se julgamentos e envolvimento emocional. Em outras palavras, os problemas devem ser tratados de forma precisa, e firme se necessário, mas impessoal, com a consciência de que eles constituem uma prova para quem tiver a responsabilidade de resolvê-los. É a única forma de acumular pontos nesta prova é agindo com amor.

Parte 2 – A Prática: Atendimentos

Considerações gerais

Neste tópico trataremos de alguns procedimentos adotados para os atendimentos descritos mais adiante, os quais não têm a menor pretensão de servir de guia, receita ou manual, nem devem ser tomados como tal. Respeitamos profundamente a caminhada de cada médium e de cada casa espírita. Por isso, o que discutiremos a seguir deve ser encarado como um relato e como uma tentativa e uma oportunidade de compartilhar experiências e conhecimentos adquiridos com o trabalho espiritual através do tempo.

Nós nos sentiremos gratificados se este material puder ser útil de algum modo a alguém. Esta é a nossa maior pretensão.

Identificação do público com a Casa Espírita

Toda instituição, seja de que ramo for, estabelece sua identidade através das particularidades e dos padrões que adota. Casas espíritas não fogem a esta regra. Alguns dos padrões desenvolvidos por cada casa se fizeram necessários para resolver problemas encontrados na prática, enquanto outros foram descobertos ou criados para facilitar o trabalho. Somando-se a isso as características pessoais dos membros de uma casa, teremos o seu retrato, próprio e inconfundível, tanto com relação ao seu funcionamento como quanto ao seu padrão vibratório.

É por isso que, apesar das tentativas de normatização e padronização do funcionamento dos centros espíritas, não existe um que seja igual a outro. É por isso, também, que há pessoas que se sentem melhor em um centro do que em outro. Mesmo que ambos adotem a mesma linha de trabalho e de procedimentos, ainda haverá características e um padrão vibratório próprio que os diferenciarão.

Isso não torna, necessariamente, um local melhor do que outro. Em tese, apenas os diferencia, mesmo que sutilmente. É ótimo que assim seja, pois possibilita que o público que procura um centro espírita se identifique com um ou com outro através da sintonia energética que se estabelece.

Mesmo que nem sempre consiga explicar os motivos, cada um tem uma preferência por determinado centro espírita. Mais uma vez, frisamos que a questão não é avaliar se um é melhor do que outro. O que acontece na maioria das vezes é que as energias do centro e das pessoas que o frequentam são compatíveis e se complementam. É o suficiente para que se criem os sentimentos de identificação e de bem-estar que alguns sentem em determinados ambientes. Ou seja, o elo que

liga as pessoas a um determinado centro espírita é a afinidade energética que encontram lá com a sua própria vibração. Mesmo que se procurem razões conscientes para tal ligação, como procedimentos ou técnicas utilizadas, qualquer motivação baseada nestes aspectos não fará sentido se não houver afinidade energética.

Grupos de trabalho

No Centro Espiritualista Casa da Luz, onde aconteceram os atendimentos adiante relatados, funcionavam dois tipos de grupos de atendimento mediúnico: os de atendimento continuado e os prontos-socorros.

Os grupos de atendimento continuado foram os primeiros a serem implantados na casa. Para ser atendido nestes grupos, o interessado entrava em contato com o representante do grupo escolhido e agendava uma data para o atendimento, quando se iniciava um tratamento espiritual. A cada atendimento, era marcada uma nova data para que o consulente retornasse para prosseguir o tratamento de onde ele fora interrompido, até que não houvesse mais o que ser trabalhado em termos espirituais ou energéticos, quando então o consulente recebia “alta” do tratamento.

Com o tempo, e com a procura por atendimentos aumentando, o prazo entre o agendamento e o efetivo atendimento chegou a alguns meses. A situação não melhorou significativamente com a abertura de novos grupos, pois a procura continuava aumentando sempre. E problemas começaram a surgir.

As faltas de consulentes aos seus atendimentos se tornaram rotina, pois o longo período de espera favorecia o esquecimento da data. Além disso, havia casos leves ou que nem precisariam passar pelo atendimento, os quais engordavam as agendas dos grupos sem necessidade. Por outro lado, havia casos que precisavam ser tratados com a maior urgência e não poderiam ficar esperando meses para serem atendidos.

Então, foram criados os grupos de pronto-socorro para atender os que ainda não tinham atendimento agendado nos outros grupos. Para os grupos de pronto-socorro eram distribuídas fichas no próprio dia, por ordem de chegada dos interessados na casa. Com isso, conseguiram-se alguns avanços. Os grupos de pronto-socorro passaram a fazer uma triagem entre os casos que surgiam. Antes de ser agendado um atendimento nos outros grupos, o consulente precisava passar pelo pronto-socorro, o qual indicava a necessidade ou não de continuação do tratamento.

Com a solução daqueles casos que precisavam de apenas um atendimento no próprio pronto-socorro, o tempo de espera de agendamento dos outros grupos diminuiu. Além disso, puderam ser atendidos imediatamente os casos graves que não poderiam esperar, como, por exemplo, os que colocavam em risco até a própria vida daqueles que apresentavam tendências suicidas.

Acomodação do consulente

Em cada sala de atendimento foi instalada uma espécie de maca estofada, do tipo das que são usadas por massagistas, de mais ou menos um metro de altura, na qual os consulentes podem ser acomodados enquanto estão sendo atendidos. Após relatarem seus casos, eles deitam ali e são induzidos a um relaxamento, desdobrados e deixados em sintonia com a espiritualidade. Os motivos que levaram à adoção deste expediente são bem práticos.

Como há pessoas impressionáveis e curiosas, tal artifício evita que elas foquem sua atenção ao que estiver acontecendo durante o seu atendimento, o que poderia acabar comprometendo o trabalho do grupo. Quando o consulente fica prestando atenção no que se desenrola durante o próprio atendimento, na verdade ele está participando do trabalho indiretamente, enviando suas energias ao grupo e interferindo mental ou emocionalmente no trabalho sem saber.

Além disso, há casos nos quais é preciso cortar as ligações inconscientes do consulente com vidas passadas cujas vibrações interferem na atual. Se ele vê ou ouve o que acontece durante o seu atendimento, as situações de existências anteriores que o prejudicam na vida atual são trazidas para o seu nível consciente, o que pode fazer com que elas sejam revividas e lembradas com maior intensidade ainda. Como consequência de tal situação, os laços que o grupo tenta desfazer no atendimento podem acabar se fortalecendo, piorando o seu quadro e pondo a perder todo o trabalho.

Outro benefício relevante desta prática é que, ao relaxar e ser desdobrado, o consulente deixa de estar sob o domínio da consciência. Assim, as suas estruturas e ligações não físicas ficam mais acessíveis para o trabalho, facilitando-o e possibilitando que se possa ir mais a fundo no caso que se apresenta. A posição horizontal e estendida na qual o consulente fica também favorece o trabalho quando os médiuns precisam atuar diretamente nos *chakras* ou nos corpos sutis através da imposição das mãos.

É comum o consulente dormir enquanto está sendo atendido, ou parecer em sono por causa do desdobramento. O que poderia ser considerado como negativo à primeira vista, ao contrário, é muito bom! Quanto mais ele conseguir se desligar

do seu corpo material, melhor será para o atendimento. Se ele dormir, será bom. Se ele se desligar profundamente pelo desdobramento, será melhor ainda.

Esclarecimentos ao consulente

Há aqueles consulentes que, mesmo estando desdobrados e induzidos ao relaxamento, não conseguem se desligar do atendimento por causa das suas expectativas e da tensão.

Por isso, uma primeira providência útil que o dirigente deve tomar é explicar ao consulente o que acontece ali, principalmente se é a primeira vez que ele está sendo atendido. Procurar acalmá-lo, falando-lhe que não precisa ter qualquer tipo de receio, pois nada de anormal ou de espetacular iria acontecer, e que o trabalho transcorreria de uma maneira muito tranquila. Avisá-lo, ainda, que o trabalho iniciaria com uma conversa, na qual o consulente relataria para o grupo o motivo que o fez buscar um atendimento espiritual e que, a seguir, ele iria deitar-se e relaxar enquanto o grupo trabalharia seus aspectos espirituais e energéticos no que fosse possível e necessário.

O consulente seria instruído para procurar se desligar do que viesse a ser falado na mesa enquanto estivesse sendo atendido, pois isso não lhe teria qualquer utilidade, já que não haveria relação pessoal ou direta com ele, mas com o atendimento. Ele seria alertado que a sua atenção, ao ser dirigida para o trabalho, gera energias que podem interferir no seu desenvolvimento ou no seu resultado. Para aplacar sua curiosidade, deve ser dito a ele que não é preciso se preocupar, pois, ao final, voltariam a conversar e as dúvidas poderiam ser esclarecidas.

Além da questão energética, a explicação do trabalho ao consulente também visa dar-lhe tranquilidade e confiança. E também evita que, por desconhecimento, venha a interpretar mal algo que ocorra ou que seja dito durante o atendimento.

A conversa de esclarecimento com os consulentes não era uma prática adotada desde o início. Descobriu-se a sua necessidade após um atendimento no qual, ao final, o consulente parecia um pouco ansioso para sair. O grupo sentiu que ele estava concordando com o que lhe falavam mais para apressar, para que pudesse ir embora logo, do que querendo buscar solução para o seu caso.

Depois que o consulente saiu da sala, os membros do grupo ainda comentaram entre si que não parecia que ele fosse fazer o que lhe haviam recomendado. Ao mesmo tempo, do outro lado da porta, no salão, ele reclamava, dizendo aos presentes que nunca fora tão humilhado na sua vida, pois alguns membros do grupo ficaram rindo do seu problema e debochando dele. Antes que

alguém pudesse chegar até ele para conversar a respeito, saiu apressado falando que nunca mais voltaria lá.

O que de fato ocorreu é que, logo que o atendimento iniciou, algumas entidades zombeteiras que o acompanhavam manifestaram-se, realmente rindo e debochando, como costuma acontecer nestes casos. Mas, como o consulente não conhecia o assunto, e talvez nem soubesse da existência do fenômeno da incorporação, interpretou as manifestações das entidades como se fossem dos próprios membros do grupo. Talvez pudesse até estar acostumado com reações deste tipo, já que ele não se enquadrava nas características consideradas normais pela maioria das pessoas, sendo levado a pensar que sofrera ataques pessoais.

Só mais tarde os membros do grupo ficaram sabendo do fato, quando um dos frequentadores da casa que presenciaram a cena procurou o dirigente e lhe contou o que acontecera. O caso foi discutido no grupo e os médiuns chegaram a algumas conclusões, entre as quais, que não importava se alguém tinha razão ou não. O fato é que houvera um mal-entendido, causado pela falta de conhecimento do consulente. Porém, o consulente não tem qualquer obrigação de conhecer ou saber algo. Se soubesse, não estaria ali pedindo socorro e se expondo a pessoas que nunca tinha visto antes. Então, o mínimo que deveriam fazer, como trabalhadores espirituais, era tentar evitar que coisas deste tipo acontecessem.

E assim, foi tomada a decisão de dar algumas explicações aos consulentes antes de se iniciar cada atendimento, para que não fossem surpreendidos por fatos que pudessem lhes parecer incompreensíveis ou estranhos, comprometendo o trabalho ao qual se submetiam. O grupo resolveu comunicar sua decisão, e os motivos que levaram à sua adoção, aos demais grupos de atendimento da casa, pois algo assim poderia acontecer também com estes. São pequenos cuidados que demonstram o carinho, a responsabilidade e a sensibilidade com os quais os médiuns, obreiros da harmonização universal, devem se entregar ao seu trabalho.

Atendimento presencial

A questão da presença física do consulente no local onde está sendo atendido é motivo de discussões e de divergências de opiniões. Há casas espíritas que preferem deixar o consulente em ambiente diferente do qual está acontecendo seu atendimento. Desta forma, os problemas relatados seriam evitados. Por outro lado, e sempre há um outro lado, tal distanciamento impede uma interação mais próxima com quem está recebendo o atendimento.

Com certa frequência, nos atendimentos surgem percepções que parecem não ter qualquer ligação com o consulente. A primeira reação poderia ser

desconsiderá-las. Porém, basta uma ou duas perguntas ao consulente para investigar o que surgiu para se estabelecer a conexão entre ele e situações energéticas ou espirituais mais importantes a serem tratadas, ou que lhe causam mais transtornos do que os que ele relatou, ou que precisam ser resolvidas antes de qualquer outra providência, entre outras situações. A possibilidade de confirmação imediata, diretamente com o consulente, de situações que não estão claras facilita muito o trabalho dos médiuns e o bom andamento do atendimento.

A proximidade física do consulente ainda possibilita a intervenção direta dos médiuns nos seus corpos não físicos. É bastante comum um ou mais médiuns se dirigirem ao consulente para ajustar seus fluxos energéticos, regular seus *chakras* ou energizá-lo enquanto os demais trabalham com as manifestações mediúnicas do atendimento. Este é um recurso importante, pois dá ao consulente condições de assimilar melhor o resultado do trabalho, já que podem ser eliminadas barreiras energéticas porventura existentes que o prejudicariam ou impediriam de aproveitar os benefícios do atendimento. É uma ferramenta de trabalho muito útil, que se soma ao esforço de proporcionar o maior bem-estar possível ao consulente.

Mais importante, porém, é a interação que acontece entre o grupo e quem está sendo atendido devido à proximidade dos médiuns com a sua energia. O contato direto com o consulente favorece uma percepção mais profunda de várias das suas características, como o seu equilíbrio (ou desequilíbrio) emocional, sua vontade de se curar, sua determinação, sua capacidade de compreensão, além de muitas outras que só poderão ser percebidas se estivermos frente a frente com ele. Tais informações são muito importantes para as orientações que lhe serão passadas no final do seu atendimento, pois possibilita uma abordagem compatível com seu estado de ânimo.

O trabalho espiritual não deve se centrar apenas no atendimento e na doutrinação dos espíritos que se manifestam. Senão, ele acabará incompleto. Os médiuns do grupo devem aproveitar a oportunidade de contato direto com aquele que procurou o atendimento para doutriná-lo também, da mesma forma como se doutrina um espírito que se manifesta no trabalho. Afinal de contas, o consulente também é um espírito em busca e precisando de esclarecimento, não é, mesmo? Esta é a melhor maneira de ajudar o consulente a se libertar das suas mazelas espirituais e energéticas.

Orientações e mensagens certas, ditas na hora certa, podem fazer toda a diferença entre o sucesso ou o fracasso do atendimento. Podem fazer o consulente confiar no que lhe dizem. Podem fazê-lo acordar de um sono profundo. Assim se conseguirá atingir de forma completa os objetivos do atendimento: a busca pela sua reforma interior e a solução das questões referentes aos desencarnados

envolvidos com ele, por meio da doutrinação e do encaminhamento destes às instâncias espirituais superiores.

Médiuns iniciantes

Além dos cuidados com os consulentes, merecem atenção especial os médiuns iniciantes ou com menos experiência. Eles devem ser instruídos para não deixarem de relatar suas percepções, pois é normal que um médium que esteja iniciando no trabalho com a espiritualidade se sinta inseguro, receoso, “travado”. Ele ainda não tem a prática necessária para confiar na própria intuição e também não sabe distinguir direito as sensações e os pensamentos que lhe vêm, se seriam seus mesmos ou se originados no trabalho espiritual. Deve-se recomendar ao iniciante, ainda, que se alguma entidade vier a se manifestar através dele, que se lembre que é ele quem tem o controle da situação e não deve se permitir a excessos. Por mais intensos que sejam os sentimentos do espírito manifestante, é necessário e útil para o trabalho expressá-los de uma forma tranquila e adequada, simplesmente para comunicá-los ao grupo, sem se deixar dominar por eles ou tentar reproduzi-los como a entidade gostaria de se manifestar.

A experiência em dirigir grupos mediúnicos demonstra que a melhor forma de lidar com estes casos é dar liberdade ao médium iniciante para expressar o que estiver intuindo, pensando, sentindo, etc., mas com o dirigente se mantendo sempre atento às suas manifestações, comprovando-as com os médiuns mais experientes e orientando-o no que for necessário. Há casos de médiuns que iniciam a prática espiritual cheios de recomendações e de medos, inculcados pelos responsáveis por seus grupos de trabalho. Não é raro que eles empaquem e não consigam desenvolver suas aptidões, ou as desenvolvam lentamente, e acabem até abandonando a atividade espiritual por se sentirem frustrados e receosos de estarem prejudicando o grupo em vez de ajudar.

O ingrediente mais importante para o sucesso é a confiança que o médium pode adquirir em si mesmo por meio do conhecimento e da experiência da sua mediunidade. E, para isso, nada melhor do que a prática, com a comprovação de suas percepções. Como cada pessoa é um universo único, o dirigente deve ficar atento e detectar as formas de manifestações mediúnicas apresentadas pelo iniciante, orientá-lo e ampará-lo, levando em conta suas características de personalidade, as quais podem influir nas manifestações que apresentar.

Por outro lado, também há casos de médiuns que se deixam dominar pelo deslumbramento. Por falta de orientações, acham que quanto mais espetacular for a manifestação, melhor será para o trabalho, pois estariam passando, segundo a sua compreensão, uma ideia mais exata do ânimo do espírito e da situação.

Infelizmente, às vezes tal pensamento é compartilhado por um ou outro médium, que pode chegar até a qualificar os médiuns que procedem desta forma como os melhores.

Para poder prosseguir seu caminho no sentido do bom trabalho e conseguir superar as limitações da própria ignorância, o médium precisa vestir o manto da humildade, dedicar-se ao estudo da espiritualidade, empreender esforços sinceros no sentido de se melhorar e ter paciência para não apressar o tempo necessário para o conhecimento e o domínio da sua mediunidade. O médium que, pelo contrário, não quer descer do pedestal no qual ele mesmo se coloca, não tem como passar na peneira da espiritualidade e acabará saindo da casa espírita séria e irá para onde puder encontrar uma plateia para aplaudi-lo.

Médiuns e dirigentes de grupos

Para que os trabalhos de grupos de atendimento mediúnico fluam da melhor maneira possível é imprescindível a atuação constante do dirigente. O dirigente precisa estar atento a tudo o que acontece no grupo, mesmo nos intervalos entre os atendimentos, para que não haja dispersão, indisciplina ou rebaixamento da sintonia vibratória. Apesar da importância do trabalho de direção de grupos mediúnicos, fazer o papel de dirigente não é tão complicado como pode parecer.

Mesmo assim, a maioria dos trabalhadores tem medo de encarar a responsabilidade de dirigir um grupo por achar que não teria capacidade para tal. Apesar do estímulo constante que é dado aos médiuns para que aprendam a dirigir os trabalhos mediúnicos, poucos são os que se encorajam. Por causa deste receio quase geral, é comum às casas espíritas sofrerem de uma carência crônica de dirigentes, dificultando a formação de novos grupos para atender a demanda sempre crescente.

Na verdade, não há mistérios em se dirigir os trabalhos de um grupo. Se os médiuns estiverem trabalhando com amor, seriedade e responsabilidade, a própria espiritualidade se encarregaria de mostrar algum engano que porventura se estivesse cometendo e iria impedi-lo, bastando ao grupo ficar atento aos sinais que chegarem. Um ou outro médium eventualmente acaba descobrindo isso e toma coragem para começar a participar da direção de trabalhos, de início auxiliando no atendimento a outros médiuns do grupo, e percebe que esta atividade não é o monstro que parecia ser. Os próprios dirigentes costumam brincar, tentando tirar a aura de mistério com a qual alguns médiuns envolvem este trabalho, dizendo que o dirigente é aquele médium que não serve para outra coisa na casa, restando-lhe somente esta atividade.

Práticas básicas

Sem dúvida, as questões morais e éticas são importantes e têm grande relevância nas atitudes e na conduta dos médiuns em todos os momentos das suas vidas. Isso é fácil de ser entendido. E que o bom proceder eleva a nossa vibração, facilitando a relação com a espiritualidade, também. Mas talvez ainda não esteja clara a forma de aplicação direta de tudo isso. Pode parecer que estas questões não têm relação direta com a prática nos atendimentos. Entretanto, elas são a sua própria base. Se analisarmos situações concretas, ficará mais fácil estabelecer vínculos entre princípios éticos e morais e as técnicas empregadas nos atendimentos e constatarmos que a origem de quase todos os problemas enfrentados em trabalhos espirituais está na inobservância destes valores.

Há atendimentos que se complicam, ou não conseguem ser resolvidos, por causa da inabilidade de médiuns e dirigentes para lidar com eles. Não seria aconselhável que aqueles que não se preocupam em ampliar seus conhecimentos através do estudo ou ainda não têm experiência suficiente se aventurassem a fazer o que não sabem. Por outro lado, aqueles que se empenham seriamente em aprender não podem ficar eternamente esperando “estarem prontos” para o trabalho, como se costuma dizer, por insegurança ou falta de confiança.

A fronteira entre uma coisa e outra é muito tênue. Na verdade, o médium não perceberá que a atravessou, mesmo porque não existe uma placa avisando: “Você acaba de cruzar a fronteira onde se separam a ignorância e o conhecimento”. Porém, com a prática no trabalho, o estudo e o apoio dos demais médiuns, será possível adquirir confiança na espiritualidade e na própria mediunidade e distinguir o que é seu do que é intuído ou orientado pelo plano espiritual.

O trabalho, seguindo princípios éticos e morais saudáveis, é a melhor maneira de o médium se superar e avançar na sua trilha evolutiva e no seu autoconhecimento. Ainda estamos generalizando, mas é necessário salientar a importância de uma atitude saudável e equilibrada do médium com relação ao trabalho com o qual está comprometido, pois, sem isso, de nada valeriam as melhores técnicas que pudessem existir. Mas agora vamos botar a mão na massa.

Em qualquer tipo de atendimento, e especialmente nos casos de obsessão, a pior tática a ser adotada com os espíritos que se apresentam é o enfrentamento e a medição de forças. Apesar de parecer funcionar na hora, não se conhece caso de atendimento bem-sucedido usando tal expediente. É até fácil cair nesta armadilha, pois, graças à enorme quantidade de energia densa gerada pelo corpo físico, o

encarnado tem um poder considerável de intervenção nos planos astrais mais próximos da matéria.

Médiuns e dirigentes podem se deslumbrar ao descobrirem isso e acabarem achando que tudo pode ser resolvido rapidamente apenas com alguns comandos e direcionando energias para um determinado fim. Porém, mesmo que o objetivo seja nobre, como tentar livrar o consulente de espíritos que o obsedam, nenhum caso se resolve “na marra”. Como, por exemplo, encaminhar um obsessor que não esteja convencido que aquela é a melhor alternativa para ele. Não podemos acreditar que, com o simples encaminhamento, automaticamente o obsessor seria esclarecido por espíritos de vibração mais elevada e teria melhores condições de se conscientizar por se encontrar longe das vibrações negativas do meio onde vive.

Bem, se não é assim que funciona, então onde estaria a falha de tal raciocínio? A falha está em nós mesmos! Na nossa limitada capacidade de compreensão das leis que regem a vida em todas as suas formas! Na maneira como construímos as regras da sociedade na qual vivemos! É natural que tentemos aplicar as nossas leis e as nossas regras em todas as situações. Afinal, é o que conhecemos e o que assumimos como correto.

Neste exemplo, mesmo que a intenção seja a melhor possível, há uma tentativa, não percebida e não declarada, de levar para as questões espirituais as nossas convicções humanas, com as quais estamos habituados. Neste caso, o princípio do crime e castigo. Na nossa sociedade é normal que um erro seja punido de alguma forma. Consideramos aceitável que um criminoso seja retirado do convívio social sob a alegação de que, desta forma, ele terá oportunidade para se redimir e não querer mais voltar ao crime, embora saibamos que o motivo real para isso é isolar o problema para que ele não incomode mais.

Se isso, ou algo parecido, estiver acontecendo nos atendimentos de um grupo, poderá surgir o indicativo de que não se está fazendo a coisa certa: quando o consulente retornar para continuar o tratamento, lá estará o obsessor de novo! Este é um forte sinal de alerta para médiuns e dirigentes procurarem os motivos que fazem com que tais casos se repitam. O que se pode constatar é que não adianta tentar forçar os obsessores a algo que não queiram ou do que não estiverem convencidos. Se isso resolvesse, os próprios espíritos evoluídos se encarregariam de fazê-lo. Bastaria que se criassem “camburões espirituais” patrulhando as áreas problemáticas e recolhendo os espíritos que não se comportassem bem para depois encaminhá-los para alguma “penitenciária espiritual”.

Mas no plano espiritual não é assim que as coisas acontecem. As questões espirituais só podem ser resolvidas através do amor e da solidariedade. Nos planos espirituais não existem cadeias. Lá impera o livre-arbítrio. Por isso, mais cedo ou mais tarde, o obsessor encaminhado à força acaba se libertando das energias

direcionadas pelo grupo, que podem detê-lo apenas por um tempo, e retorna às suas atividades costumeiras. A razão para que assim aconteça é uma só: não existe solução espiritual ou energética para um caso se ela não for uma solução para todos os espíritos envolvidos, obsessores e obsedados.

Antes que se diga que Deus, ou a espiritualidade, permite que um inocente seja assediado enquanto não se conseguir resolver o caso do seu algoz, lembremos de que não existe vítima inocente. Quem sabe o que o espírito que hoje é vítima já fez no passado para merecer o que está lhe acontecendo? Talvez ele já tenha agido contra o seu atual obsessor em vidas anteriores, como costuma acontecer na maioria dos casos. Porém, isso não importa. Não é preciso julgar ninguém, nem ficar bisbilhotando por curiosidade. Basta que se tomem as providências necessárias para que todos possam se harmonizar e se equilibrar.

Mesmo que um obsessor não aceite mudar e insista em permanecer ligado ao mal, nós não podemos fazer nada. É a lei do livre-arbítrio. Se não a respeitarmos, seremos nós mesmos que estaremos infringindo as leis às quais achamos estar servindo. A nossa atuação nos atendimentos deve se concentrar no convencimento, tanto dos obsessores como dos consulentes, fazendo-os ver que existem opções melhores, que poderiam lhes proporcionar uma vida mais equilibrada e em paz, precisando apenas que optem pela mudança.

Se utilizarmos a força, estaremos nos igualando aos obsessores, os quais tentamos convencer de que estão agindo errado. Porém, se agirmos com amor e respeito, seja com quem for, em resposta conseguiremos, no mínimo, seu respeito. Mesmo discordando de nós num primeiro momento, ouvirão o que estivermos lhes dizendo e abrirão suas defesas quando não nos virem mais como seus adversários e entenderem que não estamos lutando contra eles, mas abrindo-lhes possibilidades de ascensão. Não há maneira melhor para se lidar com qualquer caso de obsessão que surgir.

Não podemos dizer que sempre funciona. Mas podemos afirmar, com toda certeza, que funciona sempre melhor que o enfrentamento! Agindo com amor e com respeito, é possível transformar em aliado um espírito que chegou como adversário. Ou obter sua gratidão. Até nos casos mais complicados, como dos magos negros, com respeito se consegue muito mais.

Mesmo que o obsessor não se deixe convencer e insista em continuar com suas práticas, ele terá ouvido e discutido de forma civilizada os argumentos que lhe forem apresentados pelo dirigente. Uma semente ficará plantada na sua consciência e, por menor que ela seja, um dia poderá germinar. Além disso, ele geralmente concorda em ficar em contato com alguma faixa de trabalho da espiritualidade recebendo orientações que irão ajudá-lo a se conscientizar. Assim,

embora não se consiga a solução imediata para o caso, esta estará se encaminhando e acabará acontecendo no tempo devido para o obsessor.

Em último caso, pode-se “negociar” com o obsessor para que deixe o consulente livre de suas influências. Em troca, o grupo não interferiria nas suas atividades. “Negociar com o obsessor” é apenas modo de falar. Na verdade, ele continuaria a agir como quisesse de qualquer forma. A negociação é mais um artifício a ser usado para continuar tentando convencê-lo, quando se mostra ao obsessor que, embora possa, o grupo não pretende usar a força para conseguir o que quer. E ainda se pode argumentar que, se quiser continuar se degenerando, o problema é dele e sua decisão não afeta a ninguém do grupo em nada. Apenas deve ser cobrado dele o compromisso de deixar o consulente livre das suas influências para ele também ficar livre de intervenções. Este comportamento, por si só, transmite ainda mais credibilidade a tudo o que o grupo já tenha lhe dito antes.

Na grande maioria das vezes, uma de duas coisas acontece nestes momentos. O obsessor pode concordar em liberar o consulente para que as suas atividades não sejam prejudicadas pela intervenção de energias mais poderosas que as suas. Dificilmente admitirá isso e procurará manter a arrogância e se mostrar superior, minimizando a importância do consulente para ele. De qualquer forma, o obsessor é deixado livre, mas em contato com alguma faixa da espiritualidade para receber esclarecimentos e orientações que, pouco a pouco, poderão trazê-lo de volta aos compromissos dos quais um dia se desviou. A segunda alternativa é o obsessor concordar em abandonar suas práticas nesta fase da conversa por constatar que nem ele nem seus domínios estão sendo atacados. Vendo que não se encontra em perigo, relaxa e passa a analisar sua situação da maneira como lhe foi proposta e admitir a viabilidade de uma mudança.

Uma destas duas alternativas acontece na maioria das vezes. Nos demais casos, o obsessor pode simplesmente desincorporar do médium e ir embora no meio da conversa. Neste caso, não há muito que fazer, a não ser tentar desvincular o obsessor do consulente cortando a ligação energética que os une. Este recurso pode funcionar ou não. Tudo depende da intensidade da ligação que eles têm. De qualquer forma, sempre deixamos o obsessor em contato com uma faixa da espiritualidade que possa lhe levar algum esclarecimento, como, por exemplo, com os Senhores do Karma, quando o caso envolve cobranças de vidas anteriores, ou com o Mago Merlin, quando a obsessão se dá através de magia.

Aqui é necessário um esclarecimento. A magia à qual estamos nos referindo, passível de ser tratada na faixa do Mago Merlin, está relacionada às atividades de bruxos e feiticeiros e à manutenção e ao funcionamento de bases astrais. Não é aquela de origem africana, que se aplica a trabalhos encomendados como os que vemos nas ruas. Apesar de também se tratar de magia, as linhas são bem diferentes e não devem ser misturadas.

Os casos de magia de origem africana, quando surgem nos atendimentos, representam ótimas oportunidades de resgate para os espíritos que executam tais trabalhos. O nível de consciência destes espíritos é bastante baixo, pois ainda estão muito ligados à matéria e às suas necessidades básicas. Assim, eles são “pagos” com coisas das quais sentem falta, como comida, bebida alcoólica, fumo, perfume, além de outras oferendas, para realizarem um determinado “serviço”.

Não há questões éticas ou morais envolvidas na transação, mas apenas a satisfação das suas necessidades e o cumprimento dos compromissos assumidos com os “trabalhos” pelos quais receberam pagamento. Na sua semi-inconsciência, estes espíritos ficam ligados indefinidamente às atividades energéticas envolvidas na magia para a qual foram “contratados”, atuando de diversas formas tentando fazer com que os objetivos pretendidos sejam alcançados.

Um aspecto interessante de tais casos é que, em geral, estes espíritos são inconscientes do mal que produzem. Pode parecer estranho afirmar isso, mas é verdade! O mundo onde vivem é regido por regras próprias e duríssimas. Se algum deles infringi-las, o castigo é certo e cruel. Nas suas leis, quem receber um pagamento para executar algo assume um compromisso que não pode ser quebrado. Para eles, não há nada mais natural. Tanto que a alegação mais comum nos atendimentos é que eles estão atuando no caso porque foram pagos. Simplesmente isso, sem avaliação de valor ou de moral.

Quanto ao pagamento, há outro aspecto curioso que vale a pena explorar. Eles são espíritos, portanto imateriais. Mas são pagos com coisas materiais. Como, então, eles poderiam usufruir o pagamento que recebem? Apesar de serem pagos com matéria, não é ela o que lhes fornece o que precisam. A matéria é utilizada apenas como intermediária neste processo, ou seja, é através dela que os espíritos recebem o que é ofertado pelos encarnados. O que há nas oferendas e que interessa a eles, além da matéria, é energia.

O que fica disponível aos espíritos chamados para estas tarefas é a energia que está impregnada nas coisas que lhes são ofertadas. A manipulação dos materiais das oferendas pelos encarnados, desde quando eles começam a ser providenciados, depois preparados, submetidos ao ritual e entregues em local adequado, faz com que a matéria utilizada nas oferendas receba uma grande carga de energias emanadas pela vontade dos encarnados envolvidos na sua confecção, direcionadas para o objetivo pretendido. Muitos destes espíritos, no seu limitado entendimento, percebem apenas a matéria que lhes é oferecida, tanto que eles mesmos qualificam-na como “comida” ou “bebida”, sem se darem conta de que o alimento do qual se nutrem é a energia que ali está impregnada.

A fixação que eles têm pela oferenda, como algo que poderia aplacar uma fome insaciável, faz com que ela seja plasmada no plano astral de forma idêntica

à original. Claro que isso ocorre sem que tenham tal intenção ou saibam o que está acontecendo. De tão ligados que se encontram à matéria, podem achar que recolhem a própria oferenda física. A oferenda plasmada no astral fica vinculada à original e a energia que esta continha continua existindo no plano espiritual por um tempo indeterminado, suprimindo aquelas criaturas em desequilíbrio, mesmo após a matéria ter se deteriorado e se extinguido.

Estes casos até são fáceis de lidar. Basta elevar a frequência dos espíritos encarregados de cuidar do trabalho de magia, limpá-los e restituir-lhes o aspecto normal para que percebam a péssima situação na qual se encontram. Com o nível de consciência artificialmente elevado por causa da carga de energias positivas que lhes são dirigidas pelo grupo, eles conseguem se perceber no meio de todo tipo de coisas podres, pois a decomposição do material utilizado nas oferendas se reflete no plano astral. É uma cena realmente grotesca. Nem tudo são flores no plano espiritual, principalmente no meio onde vivem. Mas isso é apenas a colheita do que foi plantado.

Mas, ao verificarem que existe um mundo melhor que o que eles estão vivendo e que este mundo está disponível para eles, fica bastante simples convencê-los a se engajarem às hostes espirituais que trabalham com a luz. Ainda mais quando entram em contato com as faixas da Umbanda, como as dos Pretos Velhos e dos Caboclos, nas quais geralmente são encaminhados. A partir daí, estes espíritos se reciclarão, aprenderão e poderão se transformar em novos trabalhadores a serviço da evolução da humanidade.

Como vimos, o envolvimento destes espíritos nos trabalhos de magia nos quais atuam não surge do nada. Ele é provocado. Apesar de tais espíritos estarem disponíveis, e até procurando as energias envolvidas nesta atividade de magia, nada aconteceria se não fosse a intervenção das pessoas que a manipulam e dos que as procuram para encomendar os “trabalhos”. Este é um aspecto que não pode ser negligenciado nos atendimentos. Não basta que se faça apenas a despolarização das energias envolvidas e se dê o atendimento como encerrado. Além dos espíritos encarregados de cuidar o trabalho de magia, para completar o quadro ainda estaria faltando quem fez e quem encomendou o trabalho. Ou, em linguagem policial, o executor e o mandante.

O primeiro, alguém que se coloca como intermediário entre espíritos de baixa vibração e as pessoas comuns e se diz capaz de conseguir coisas fantásticas. O segundo, alguém que procura o primeiro pretendendo alcançar um objetivo facilmente e a qualquer custo. Tanto um quanto o outro, não passam de pobres ignorantes sem noção da encrenca que estão arranjando para si mesmos ao lidarem com magia negra tentando prejudicar ou interferir na vida de outras pessoas. Se soubessem, jamais se envolveriam com energias tão pesadas. São com estes que devemos encerrar o atendimento de tais casos.

Porém, eles são encarnados e, como consequência, fortemente ligados à matéria e possuidores de energias densas iguais às dos médiuns. Isso cria uma forte barreira para as energias que o grupo lhes envia, o que pode fazer com que os resultados do nosso trabalho sobre eles sejam muito mais amenos do que sobre os desencarnados. Na prática, não há como garantir que a intervenção do trabalho do grupo funcione sobre eles. O resultado vai depender da vontade das pessoas envolvidas e do comprometimento que elas tiverem com as trevas.

De qualquer forma, não se pode desperdiçar uma oportunidade como esta para tentar levar uma luz a tais espíritos, mesmo que ela possa lhes chegar muito tênue. Já tivemos notícias de terreiras que lidavam com energias muito pesadas, que mudaram completamente os seus métodos de trabalho depois que trabalhos de magia negra lá produzidos foram atendidos por meio de consulentes. Assim como outras que não mudaram uma vírgula. O mesmo pode acontecer com aqueles que encomendam a magia.

Na verdade, o que vai acontecer não importa. O nosso papel nestes casos é tentar oferecer uma oportunidade melhor, cabendo a cada um a escolha de aceitar ou não. O ideal seria conversar com eles, mandante e executor, através da incorporação dos seus corpos mentais nos médiuns do grupo. Mas nem sempre é possível. Na verdade, não é comum se conseguir isso, pois eles dificilmente se dispõem a se apresentarem no atendimento. Afinal, o atendimento não é para eles. Nem foram eles que o procuraram. Mas, de qualquer forma, o atendimento tem que continuar.

O que nos compete é deixar o executor em sintonia com uma faixa de trabalho adequada ao caso, geralmente ligada à Umbanda, através da qual receberá instruções e ensinamentos, seja diretamente ou por intuição, sonhos, contatos casuais com outros encarnados, além de outras formas, para que suas atividades sejam redirecionadas para o bem comum.

Com o mandante deve ser feito o mesmo. Porém, deixando-o em sintonia com outras faixas de trabalho que possam se conectar a ele mais facilmente e orientá-lo melhor. Quase sempre o mandante é deixado em sintonia com a faixa dos Senhores do Karma para que seja esclarecido quanto à carga que está tomando sobre si ao tentar interferir na vida de outros. Se ele ainda tiver comprometimento com a magia negra através de linhas africanas, também poderá ficar ligado às mesmas faixas da Umbanda para ser orientado nesta linha.

Bem, agora chega de lero-lero! Vamos ao trabalho?

Os casos relatados a seguir são baseados em atendimentos realizados em grupos de pronto-socorro, representando atendimentos únicos para cada consulente. Por isso, não há a apresentação de um quadro evolutivo de cada caso.

Estudo de casos

Depressão e vampirismo

Entrou na sala uma moça cuja expressão demonstrava desânimo e cansaço. Seu olhar era baixo e tinha os passos curtos e lentos, como se caminhar fosse um esforço para ela. Sentou-se na cadeira que lhe foi indicada pelo dirigente e permaneceu quieta, olhando para o chão. Foi com certo custo que relatou os motivos que a levaram a procurar por um atendimento espiritual. Sua fala era curta e apenas o estritamente necessário para responder às perguntas que lhe eram dirigidas.

Informou que tinha vinte anos, era solteira, trabalhava em um escritório, onde fazia serviços administrativos internos. Conversava pouco com os colegas e quase não tinha contato com outras pessoas. Não estudava e também não participava de outras atividades sociais, dizendo que não desejava se relacionar com ninguém. Se dependesse da sua vontade, ela ficaria o tempo todo em casa, no seu quarto, com pouca luz.

Não via sentido na sua vida, não almejava nada, não tinha planos para o futuro e chegava a questionar o porquê da sua própria existência. Disse que se sentia ocupando, em vão, um espaço no mundo e que a sua vida era desnecessária e inútil. Ao ser perguntada se estava tendo acompanhamento médico para o seu caso, respondeu que não. Não foi necessário que falasse mais, pois os médiuns já captavam as vibrações que a faziam se sentir tão mal. O dirigente, então, pediu que a moça deitasse e a levou a um relaxamento. Em seguida um dos médiuns se levantou e foi até ela para energizá-la e alinhar seus fluxos energéticos.

Os médiuns perceberam que havia algumas entidades ao seu redor que procuravam induzi-la a pensar de forma negativa sobre tudo, para que sua vibração baixasse cada vez mais. Então, seu corpo mental se manifestou em uma médium. Apesar de perceber o ataque energético que vinha sofrendo, sua manifestação mental estava muito confusa e debilitada para reagir. Apenas repetia as queixas da consulente. Dizia que era tudo muito difícil e que não tinha forças para encarar sua vida. Reclamava, também, das entidades que cercavam a moça, as quais não a deixavam em paz.

Outros médiuns do grupo viram as entidades se movimentando freneticamente ao seu redor, fazendo-a se sentir como se estivesse dentro de um redemoinho, sem condições de se fixar em nada, provocando a confusão mental na qual ela se encontrava. A primeira providência tomada foi parar tais

movimentos, o que surpreendeu as entidades, fazendo com que percebessem que algo diferente estava acontecendo. Uma delas estabeleceu ligação com um dos médiuns e se manifestou desdenhando e menosprezando a consulente, associando-a a vários adjetivos pejorativos. O dirigente assumiu o trabalho com a entidade que se apresentava, enquanto outra médium do grupo dava assistência à manifestação mental da consulente.

A entidade disse que eles a atordoavam apenas para se divertir e porque se sentiam bem fazendo aquilo. Chegou avisando para que ninguém se intrometesse, pois não permitiriam que alguém viesse estragar a diversão deles. O dirigente passou a conversar com o espírito que se manifestava tentando abrir-lhe os olhos para a realidade espiritual, iniciando o trabalho de doutrinação. Ao mesmo tempo, procurava harmonizar suas energias para que experimentasse um bem-estar que provavelmente já nem lembrava mais que existia. Após alguns minutos, a entidade foi questionada da validade da sua atitude e de seus companheiros, de apenas ficarem perdendo tempo e oportunidades com bobagens que em nada iriam contribuir para que se melhorassem, enquanto existia uma infinidade de alternativas evolutivas que poderiam explorar e se beneficiar.

O espírito, sensibilizado por estar se sentindo melhor graças à harmonização energética que lhe foi proporcionada, estava vacilante. Já não achava mais graça no tormento que causava. Declarava-se cansado de tudo aquilo e disse que gostaria apenas de descansar. Os outros espíritos, seus companheiros, acompanharam todo o processo e, por estarem ligados a ele, também sentiram os efeitos das energias que lhe foram dirigidas. E assim, estando receptivos à ajuda que lhes era oferecida, concordaram em serem encaminhados ao Hospital Amor e Caridade, onde receberiam o tratamento que estavam precisando.

Estes espíritos desorientados foram atraídos até a consulente pela baixa vibração energética que esta apresentava, ficando, desta forma, acessível a eles devido à sintonia compatível que apresentavam. O que eles faziam junto a ela era apenas manter a sua vibração baixa, induzindo-a a atitudes e pensamentos negativos. Isso fazia com que ela gerasse energias cada vez mais pesadas, que eram aproveitadas como o alimento que eles precisavam para se manterem naquele ambiente intermediário entre a matéria e a espiritualidade. Faziam isso sem consciência de estarem se utilizando das energias da consulente. Conforme o espírito relatou, eles simplesmente se sentiam bem. E, por desconhecerem outra forma de suprir suas carências, procuravam por pessoas que estivessem disponíveis para se divertirem um pouco, conforme suas precárias compreensões.

Ao mesmo tempo em que eram atendidas as entidades, o mental da moça estava sendo esclarecido quanto às mudanças de atitudes que deveriam acontecer para que pudesse fazer frente às exigências da vida e conseguisse cumprir o planejamento ao qual se propusera quando foi projetada a encarnação presente. A

médium abordou uma série de aspectos para os quais ela deveria dar atenção. Falou-lhe da oportunidade que estava tendo para evoluir e se melhorar como espírito através das provas que encontraria pela frente, as quais teria que enfrentar e tentar vencer sem se deixar abater pelo desânimo ou pelo medo. Enfatizou que, nem sempre, o mais importante era vencê-las, mas enfrentá-las com determinação, amor e paz de espírito, e tentar se sair o melhor possível.

Falou-lhe que cada um de nós tem a sua carga para carregar durante a vida e que seu peso é proporcional à capacidade que temos para suportá-la; que ninguém recebe um fardo maior do que lhe é possível carregar; que tudo o que se relaciona com a sua vida depende dela mesma e de mais ninguém; que não esperasse que outros resolvessem o que só ela poderia resolver, assegurando-lhe que, quando realmente quisesse, poderá dar conta dos seus próprios problemas. Falou ainda mais, procurando elevar a sua autoestima, e concluiu reavivando na sua memória os compromissos assumidos com a encarnação atual e os planos traçados para ela com o objetivo de se melhorar e de evoluir.

Encerrado o atendimento, a consulente foi acoplada e trazida de volta do relaxamento, sentando-se novamente para as orientações. O que havia sido conversado com o seu corpo mental foi repetido a ela para que a mensagem ficasse reforçada para a sua mente consciente. Foram recomendados passes, pelo menos uma vez por semana, uma mudança nas suas atitudes perante a vida, de modo a preenchê-la com coisas positivas, e leituras de fundo espiritual e de autoajuda. Também lhe foi recomendado que marcasse atendimento em um dos grupos de atendimento continuado para que o tratamento espiritual tivesse prosseguimento.

Quanto à questão física, o grupo sugeriu que ela procurasse um médico para verificar a possibilidade de estar sendo acometida de crises de depressão. O grupo esclareceu a ela que a depressão é um mal muito comum e precisa de acompanhamento médico, pois poderia ser causada por uma deficiência química no organismo e ser necessário o uso de medicação.

Os efeitos do atendimento já eram visíveis. Ao retornar para a cadeira, a expressão do seu rosto estava mais suave e ela até sorria de vez em quando durante as orientações. Livre da pressão energética que vinha sofrendo e com seu fluxo de energias restaurado e alinhado, sentia-se mais aliviada, com disposição para encarar seus desafios com mais coragem e concordou em procurar um médico.

Cobranças de vida anterior

Um jovem de vinte e dois anos, estudante, que morava com os pais, relatou que sua vida era o que se poderia chamar de normal. Sua relação com a família era

boa, tinha vários amigos, divertia-se, tinha uma namorada firme há um ano e estava procurando emprego. Relatou que, apesar de aparentar estabilidade, sua vida apresentava dificuldades que ele não conseguia entender. Para ele, conseguir dar conta das suas coisas era sempre mais complicado do que se poderia esperar.

Disse que não deveria se queixar, pois quase sempre alcançava os seus objetivos, mas achava que tudo lhe era muito difícil. Mesmo as coisas mais simples, acabavam apresentando complicações inexplicáveis que iam surgindo umas atrás das outras. Comparava as situações pelas quais passava com as que outras pessoas enfrentavam e concluía que as dificuldades que surgiam para ele eram sempre maiores. Mas disse que não desistia e se declarava um obstinado. Quando colocava um objetivo na cabeça, só descansava quando o tivesse alcançado.

Seus pais tinham certo conhecimento sobre a espiritualidade e procuravam transmiti-lo aos filhos. Sob a influência dos pais, o rapaz desenvolveu interesse pelo assunto e já havia lido alguns livros. Com base nas suas leituras, desconfiou que pudesse haver algo a mais que ele não conseguia enxergar, fazendo com que sua vida fosse mais difícil do que deveria ser.

Um dia, um casal de amigos dos seus pais estava visitando-os e comentaram que haviam conhecido um centro espírita do qual haviam gostado muito e o recomendaram. O rapaz se interessou, pegou informações sobre o centro, compareceu duas semanas seguidas para tomar passes e para conhecer o local e gostou do ambiente. Aquela era a terceira vez que ia lá e se sentia confiante para procurar um atendimento espiritual.

Concluído seu relato, o rapaz foi acomodado para relaxar e teve início o atendimento. Os médiuns perceberam que na sua casa havia uma série de objetos de uso típico em acampamentos. Chaleiras e panelas de ferro, pás, machados, enxadas, revólveres, espingardas, caniços e mais uma série de utensílios estavam espalhados pela casa, sobrepostos ao plano físico. No quarto, ao lado da sua cama, havia uma barraca, à frente da qual era mantida sempre acesa uma pequena fogueira. O local onde a fogueira queimava estava posicionado de modo que o rapaz tivesse que passar pelo fogo quando fosse deitar e ao se levantar.

Uma médium percebeu que tudo aquilo tinha relação com uma vida anterior. Através da contagem de pulsos energéticos, o dirigente procurou sintonizar com mais clareza a situação que se apresentava. A médium pôde perceber, então, e foi relatando, que o rapaz estava acampado à beira de um riacho ou rio estreito, num lugar muito bonito, isolado, cheio de árvores e de animais. Ele aparentava uns trinta e poucos anos. Percebeu, também, que *deveria* haver mais alguém com ele ali, pois as acomodações eram para duas pessoas. Mas não conseguia ver quem estava

com ele. Só o via arrumando algumas coisas apressado. Parecia que ele estava ferido no braço e queria abandonar o acampamento o mais rápido possível.

Outros do grupo estavam sintonizados com aquela faixa, tendo uma médium manifestado a fala de um espírito que reclamava de uma forte dor no peito, causada por um tiro. Sua dor foi aplacada e a ferida foi curada com o uso de ectoplasma dos médiuns. Livre da dor que o incomodava, passou a expressar muita raiva pelo rapaz que estava sendo atendido. Ele o acusava de tê-lo matado para poder ocupar um lugar de destaque que era seu na pequena cidade onde moravam.

Ambos eram médicos, mas ele gozava de melhor reputação, sendo o preferido na cidade pelas pessoas de maiores posses, o que lhe possibilitava uma renda bem maior do que a do outro, que tinha que se contentar com as suas sobras. Com certa satisfação, o espírito que se manifestava desdenhou do rapaz, dizendo que sempre lhe fora superior e que ele não se contentava em ocupar sempre o segundo lugar.

Falou que ele havia tramado tudo e contou o plano em detalhes. Como eles costumavam caçar e pescar juntos, foi fácil atraí-lo para a emboscada. Quando se viram sozinhos, depois de terem montado o acampamento, o espírito que então era o rapaz que estava sendo atendido deu-lhe um tiro certeiro no peito, matando-o na hora. Em seguida, deu um tiro de raspão no próprio braço, sem gravidade, para simular que ambos haviam sido atacados. Colocou o corpo da sua vítima numa pequena canoa e voltou à cidade contando a história que inventou sobre o ataque e lamentando a má sorte do amigo de tantos anos.

A traição daquele a quem considerava como amigo, o cinismo com o qual agiu, a privação que teve que experimentar de todas as coisas das quais gostava, tudo isso o deixou furioso. E muito confuso, também. Por um motivo que não conseguia entender, sabia que havia perdido tudo por causa do amigo que o traiu e ocupou o seu lugar. Sabia que havia levado um tiro, mas achava que ainda estava vivo e que o seu algoz não havia percebido. Resolveu, então, ficar quieto e fingir que estava morto para poder receber socorro depois e sobreviver.

Ele não se lembrava de ter sido socorrido, mas, segundo pensava, não havia outra possibilidade de estar ali, ainda vivo, depois de ter sido alvejado. Porém, não entendia porque todos passaram a ignorá-lo, nem o motivo de ter sido abandonado pelos seus clientes. Ele não estava consciente de que havia desencarnado naquela ocasião e jurou que faria de tudo para se vingar. Não entendia, também, por que a ferida no peito nunca cicatrizara, continuando a sangrar e doendo muito. E assim, permanecia junto do rapaz, tentando prejudicá-lo de todas as formas que lhe fosse possível.

O dirigente, que até então se limitara a obter as informações que precisava, passou a tentar convencer o espírito que se manifestava do erro que estava

cometendo. Falou-lhe que prejudicar o rapaz não iria lhe trazer bem algum e o colocou na frente de um espelho para que pudesse ver o péssimo estado no qual se encontrava, enfatizando que era aquele o resultado dos sentimentos vingativos que vinha nutrindo. Mesmo assim, não se convenceu, tamanhos eram o desejo de vingança e o ódio que o moviam.

Falava que não se importava com o que estivesse acontecendo a ele, desde que conseguisse o que queria. Além disso, duvidava do que via, achando que era apenas um truque para fazê-lo desistir. Tanto que chegou a pensar que todos ali eram aliados do rapaz e estavam tramando contra ele, o que fez com que o dirigente se obrigasse a lhe explicar as finalidades dos trabalhos do grupo e que o objetivo maior, naquele momento, era ajudar a ele, que estava sofrendo e precisando muito mais de ajuda do que o rapaz.

O espírito obsessor não se convenciu da necessidade de mudar sua atitude vingativa. O dirigente, então, fez com que ele visse as encarnações anteriores nas quais os dois já haviam convivido, para mostrar-lhe que não havia justiça no que ele pretendia, pois na sua lembrança só a última encarnação estava presente, e nela ele era a vítima. Na anterior, ele era o algoz. E na anterior a esta, a vítima novamente. E antes desta, algoz outra vez, formando um círculo vicioso que nunca teria fim enquanto a corrente de ódio e vingança não fosse rompida por um deles.

O espírito obsessor mostrava-se descontente e inseguro por ter lhe sido mostrado que ele não era a vítima que pensava ser e que também já havia prejudicado o espírito do rapaz em outras oportunidades, traindo-o e perseguindo-o da mesma maneira como a que se achava no direito de cobrar-lhe. Porém, ainda achava que o rapaz não poderia deixar de ser punido e que o fato de ele mesmo também já ter errado não dava o direito ao rapaz de tê-lo prejudicado daquela maneira tão covarde e traiçoeira.

O dirigente concordou plenamente, garantindo que a reparação dos danos é obrigatória sempre e para todos, seja para o rapaz, como para ele mesmo. Disse-lhe que todos, sem exceção, um dia terão que reparar e redimir seus erros. E que todos, sem exceção, também terão as oportunidades que precisarem para tal. Completou afirmando que, entretanto, não cabia a ele, ou a quem quer que fosse, tentar interferir no processo de ajustamento *kármico*, o qual é suficiente por si só para remediar todo e qualquer comprometimento que um espírito tenha assumido com relação a outro.

A resistência do obsessor já era bem menor a esta altura, embora ainda não confiasse que o rapaz iria receber a punição que ele achava que merecia. O dirigente fez com que ele visse que, apesar de todos os esforços que empreendia, nunca conseguia o que queria contra o rapaz, pois, por seguirem os preceitos ditados pela espiritualidade para a evolução pessoal, ele e a família estavam

naturalmente protegidos contra os ataques energéticos que sofriam. No máximo, o obsessor conseguia atrapalhar um pouco a sua vida.

Então, o dirigente chamou a atenção do obsessor para um detalhe. Em vez de o rapaz estar sendo prejudicado, a perseguição que sofria estava beneficiando-o, pois, como espírito imortal que é, estava aprendendo a lidar com as energias que lhe eram dirigidas. Desta forma, ele adquiria um conhecimento que iria lhe pertencer para sempre e contribuir para a sua evolução.

Tal revelação desconcertou o espírito obsessor, pois lhe custava muito admitir que, com a sua perseguição, pudesse estar provocando um efeito contrário ao que pretendia. Porém, o golpe de misericórdia nas suas convicções ocorreu quando o dirigente lhe falou que era ele o prisioneiro real daquela situação. Que era ele quem precisava se libertar. Que, tentando se vingar, ele mesmo se prendeu a alguém a quem odiava, condenando-se ao sofrimento de conviver um longo tempo com uma pessoa da qual seria melhor ficar o mais afastado possível, por causa dos sentimentos negativos que sentia por ela.

O dirigente explicou-lhe que os sentimentos de ódio, vingança e rancor aprisionam, criando laços de ligação muito fortes que só produzem dor e sofrimento. Em contrapartida, apresentou a ele o antídoto para tais sentimentos negativos: o perdão. Falou-lhe que o perdão desfaz as ligações negativas e liberta os espíritos para que possam seguir seus caminhos na jornada evolutiva. Fê-lo refletir sobre o tempo que perdeu e as oportunidades que deixou de aproveitar para o seu próprio desenvolvimento enquanto estava preso ao seu desejo de vingança.

Pesando as palavras que ouvia, o espírito obsessor se declarou cansado e disse que queria se ver livre daquela situação e descansar um pouco. O dirigente o parabenizou pela decisão sábia e providenciou o seu encaminhamento para o Hospital Amor e Caridade. Lá ele receberia o atendimento que estivesse precisando para se recompor energeticamente, seria esclarecido, estudaria e, depois, poderia optar por algum trabalho na espiritualidade com o qual se identificasse.

A seguir, todos os objetos que o espírito obsessor havia levado para a casa do consulente foram recolhidos e encaminhados também ao Hospital Amor e Caridade para reciclagem das energias neles contidas. Os objetos que ainda estavam plasmados na faixa de passado onde ocorreu o lamentável atentado, carregados de energias pesadas geradas pelo ódio e pelo desejo de vingança, receberam o mesmo destino. O atendimento foi concluído com uma limpeza energética na casa do rapaz para neutralizar eventuais miasmas que pudessem ter permanecido no ambiente e renovar as energias do local, elevando sua vibração para o proveito de todos.

O consulente foi trazido de volta do relaxamento e aconselhado a continuar se mantendo íntegro e ligado a Deus, pois era esta a garantia do sucesso que alcançava em todos os aspectos da sua vida, apesar do trabalho pelo qual passava para obtê-lo. Então, o dirigente lhe disse, sem mencionar as causas, que a trabalhadora pela qual passava para conseguir as coisas pertencia ao passado e que tudo ficaria mais fácil a partir daquele dia. Justificou tal afirmação dizendo-lhe que ele havia sofrido uma “faxina energética”, com a remoção das energias que o estavam atrapalhando, e que agora só faltava ele fazer a parte que lhe cabia, que era manter seu estado vibratório elevado através da oração, de passes, da prática do amor e da caridade e do estudo da espiritualidade.

O grupo não percebeu nada mais que precisasse ser trabalhado energeticamente ou espiritualmente. Assim, o rapaz foi liberado e deixado à vontade para, caso achasse necessário, retornar noutra oportunidade aos grupos de pronto-socorro do centro para novo atendimento.

Doença física originada em vida anterior

Uma senhora entrou na sala com dificuldades para caminhar, arrastando um pouco uma das pernas. Tinha quarenta e oito anos, era casada e tinha três filhos. Relatou seu caso com certo pesar dizendo que o motivo que a fez buscar o atendimento era a sua saúde precária.

Por volta dos seus quinze anos, começou a sentir dores leves na região abdominal, principalmente do lado esquerdo. Como elas eram constantes, seus pais providenciaram socorro médico. Não foi possível um diagnóstico imediato e, por isso, foi realizada uma série de exames, os quais nada apontaram. Assim, foi adotado apenas um tratamento sintomático para aliviar as dores, ficando a jovem em observação para verificar a evolução do caso, enquanto fazia outros exames mais específicos na tentativa de descobrir a causa das suas dores. Da mesma forma que os exames anteriores, os novos também não apontaram anormalidades no seu organismo.

Então, a rotina de médicos, exames, investigações e tentativas de tratamento passou a fazer parte da sua vida, porém sem conseguir sucesso. Pelo contrário, seu quadro ia se agravando cada vez mais, com as dores aumentando e se espalhando, atingindo outras partes do corpo e passando a comprometer alguns órgãos, como os rins e o fígado, e até a sua coluna vertebral. Um dos rins já estava quase sem funcionar e só restava aos médicos monitorar a situação.

Quando lhe perguntaram sobre como andava a sua relação com Deus, respondeu que “não era muito de orar”, conforme suas próprias palavras. Os

médiuns do grupo entenderam a mensagem que estava por trás da sua declaração: ela não tinha fé em Deus. Porém, naquela hora de desespero, procurava uma saída através do que considerava o seu último recurso. Então, ela foi deitada e colocada em relaxamento, tendo início o atendimento do seu caso.

Um dos médiuns do grupo começou a sentir as dores que ela reclamava. Não era uma dor forte, mas constante e incômoda, mais do lado esquerdo do corpo. O dirigente procurou amenizar a dor no médium com uma carga de energias sobre ele com tal finalidade, quando nele mesmo se manifestou o corpo mental da consulente. Estava desesperado, chorando, e perguntava insistentemente por que o haviam deixado lá.

Uma médium já estava ligada ao quadro que se apresentava e visualizava o que estava ocorrendo, colocando o dirigente a par da situação. Ela via alguém preso em uma espécie de cela, muito suja, escura e sem ventilação. As paredes pareciam recobertas por um musgo escuro e de consistência pastosa. A médium relatou que havia vários bichos se mexendo por ali, inclusive uns ratos enormes.

Neste momento, o desespero da manifestação mental da consulente, que havia se incorporado no outro médium, acentuou-se, pedindo que tirassem os animais dali, pois eles o estavam comendo vivo. O dirigente atendeu seu pedido imediatamente. Com a contagem de pulsos energéticos, enquadrando os animais e os encaminhou à espiritualidade. A seguir, envolveu o corpo mental da consulente em uma luz azul para acalmá-lo e direcionou ectoplasma para aliviar suas dores, fazendo com que a manifestação se tranquilizasse e pudessem conversar. À medida que se acalmava, o dirigente ia tirando informações. Com as complementações que fazia a médium que estava acompanhando o caso, a história daquela cena acabou se formando.

O espírito da senhora que estava sendo ali atendida passou por terrível experiência em uma vida anterior. Era um homem e, em uma época que não foi possível identificar, fora preso e jogado em uma masmorra ou cela fétida e ali ficara, esquecido e abandonado por todos. Não lhe davam nem água, nem comida. Foi deixado ali para que definhasse pouco a pouco e morresse. Não sabia por que haviam feito aquilo com ele, mas lembrava perfeitamente de todo o sofrimento pelo qual passou.

Quando foi trancado naquele lugar imundo, nos primeiros dias gritava e chamava por alguém que pudesse ajudá-lo. Porém, vendo que ninguém aparecia em resposta aos seus chamados ou para trazer-lhe o que comer e beber, um desespero profundo começou a tomar conta do seu ser. Percebeu que quem o colocou ali queria que morresse à míngua. Então, decidiu poupar ao máximo suas energias, passando a se movimentar o mínimo possível, num esforço desesperado para prolongar a vida.

As horas passavam sem que soubesse se era dia ou noite, pois lá não havia luz. Os dias passaram sem que lhe fosse possível contá-los. Além disso, havia os ratos famintos, as baratas, as lacraias, as formigas, além de outros bichos, todos a atacá-lo, impedindo-o de dormir ou descansar. Quando conseguia pegar no sono, vencido pela exaustão, em seguida era acordado pela mordida de um daqueles animais. Chegou a pensar que, se existisse o inferno, não poderia ser pior do que aquilo.

Já estava enlouquecendo quando suas forças se esgotaram e não conseguiu mais resistir. Fraco e doente, não tinha mais forças sequer para movimentar as mãos para afastar os animais, os quais não perderam tempo e se atiraram sobre o seu corpo inerte. Os primeiros a atacá-lo foram os ratos, que em pouco tempo conseguiram romper o seu abdômen no lado esquerdo e passaram a devorar suas vísceras. Os demais animais, por serem menores, aproveitavam-se das sobras dos ratos e entravam e saíam do seu corpo através da boca, do nariz, dos ouvidos, dos olhos, dos cortes, devorando o que pudessem.

Mesmo sem forças, ele sentia tudo o que acontecia no seu corpo. Cada toque de cada pata de cada animal andando sobre e por dentro dele... Cada mordida que levava... Cada pedaço do seu corpo que era arrancado, por menor que fosse... Cada larva que se arrastava entre os tecidos do seu corpo... Cada célula que se rompia... Aquele supremo martírio durou muitos dias, até que do seu corpo só restasse um esqueleto.

Ele não sabia que no momento em que se sentiu sem forças e sem conseguir mais se mexer havia ocorrido o seu desencarne. Como não acreditava que a vida continuava depois da morte do corpo físico, não percebeu que desencarnou e seu espírito permaneceu ligado ao corpo, que passou a ser devorado pelos animais e a se decompor. Por continuar ligado ao seu corpo material tão fortemente, sentiu nos seus corpos sutis todo o processo que seu corpo físico sofria, mas de forma amplificada.

Esclarecidas as questões que envolviam a situação que tanto marcaram o espírito da consulente, ficou evidente que as dores que sentia tinham origem no sofrimento pelo qual passou durante a experiência que ali se apresentava. Então, era preciso, pelo menos, amenizar os efeitos daquela vida passada na atual. Pela intensidade do caso, o grupo tinha quase como certo que seria necessário uma série de atendimentos para que pudesse ser mexido nas causas reais que acabaram levando-a ao seu sofrimento atual, pois tudo o que viram durante o atendimento provavelmente fosse apenas a consequência de atos anteriores que teriam provocado sofrimentos semelhantes em outros. Assim, o que ocorreu com aquele espírito, seria resultado da execução da lei de causa e efeito, ou *karma*, baseada no princípio da ação e reação.

Uma boa estratégia a ser adotada nestes casos é a substituição das impressões negativas originadas em vivências traumáticas, por outras, neutras ou positivas. A primeira providência tomada foi reconstruir seu corpo físico, bem entendido, aquele que passou por todos os sofrimentos verificados no atendimento, o qual ficou plasmado no inconsciente da consulente e no plano astral correspondente à experiência que se apresentou. O dirigente instruiu os membros do grupo para que cada um disponibilizasse um pouco do seu ectoplasma, o qual foi utilizado na reconstituição do corpo da consulente, restaurando todos os tecidos danificados através de comandos por contagem de pulsos energéticos.

À medida que o corpo astral ia se formando novamente, recobrando o esqueleto exposto, notava-se que a manifestação mental da consulente no médium demonstrava certo alívio. A seguir, visando harmonizar o lugar, o dirigente direcionou energias para lá comandando a abertura da porta da cela e a criação de janelas por onde a luz do sol pudesse entrar. Continuou o processo comandando a lavagem da cela com água corrente fluída, carregada de vibrações positivas, lavando desde o teto, escorrendo pelas paredes e pelo chão, removendo e levando consigo toda e qualquer energia negativa ou impureza que houvesse ali. O corpo astral da consulente, ainda plasmado no local, também foi limpo e energizado pela água corrente.

Concluída a higienização do local, os médiuns perceberam que a porta da cela saía num corredor, o qual dava acesso a diversas outras celas semelhantes àquela, e que nelas havia ainda várias pessoas presas. O processo de abertura, iluminação pelo sol e higienização e energização pela água foi repetido para todo o conjunto de celas e os espíritos que permaneciam presos foram energizados e equilibrados com ectoplasma do grupo. Foi solicitada a assistência do Hospital Amor e Caridade para o resgate daqueles espíritos sofredores, surgindo, então, uma equipe de socorristas que os acomodou, um a um, em algo parecido com macas, nas quais foram levados para o Hospital.

A seguir, já concluído o trabalho no ambiente, foi comandado o esquecimento daquela faixa de passado na memória espiritual da consulente para diminuir sua influência na vida presente. Seu corpo mental, que se manifestou no trabalho, também foi encaminhado ao Hospital Amor e Caridade para receber o tratamento que estava precisando. Depois, ela foi conectada com a faixa dos Senhores do Karma para ser esclarecida sobre os seus resgates.

E assim, chegou ao fim o atendimento. A consulente foi trazida de volta do seu relaxamento e o dirigente do grupo passou a orientá-la. Foi-lhe recomendada a leitura diária de um trecho do Evangelho Segundo o Espiritismo, além do seu estudo, para que conhecesse e compreendesse a espiritualidade e o papel que cabe

a cada um de nós quando reencarnamos, pois precisava trabalhar mais o seu lado espiritual. Foi instruída para que tomasse passes pelo menos uma vez por semana.

Tomando cuidado para não alarmá-la, foi instruída, também, para marcar atendimento em um dos grupos de atendimento continuado do centro, pois seu caso precisaria ser trabalhado mais a fundo, devendo haver o prosseguimento do tratamento, o qual recém havia começado naquele dia. Para que não ficasse preocupada, foi explicado a ela que às vezes são necessários alguns atendimentos para a solução dos casos, mas apenas porque não é aconselhável que se trabalhe tudo ao mesmo tempo, pois se trata de um processo composto por várias etapas, as quais devem ser superadas uma a uma.

Ela saiu muito agradecida pelo atendimento recebido e mostrava-se bastante entusiasmada, dizendo que as dores já haviam diminuído um pouco e que iria seguir à risca tudo o que lhe tinham orientado. Disse, ainda, que achava que, finalmente, tinha encontrado o que estava procurando há tantos anos! Em resposta, o grupo lhe disse que eles nada fizeram, pois eram apenas os meios utilizados para o trabalho, meras ferramentas, e que os créditos deveriam ser dados todos à espiritualidade. Esclareceram-lhe ainda que, se recebeu algum benefício no atendimento, foi graças ao seu merecimento e que, agora, só dependia dela e da sua fé para alcançar as melhoras que buscava.

Relacionamento familiar conturbado

Uma moça de dezoito anos relatou no seu atendimento que trabalhava como balconista numa loja para ajudar em casa e havia interrompido os estudos. Ela morava com os pais e mais três irmãos, dois deles mais velhos e o outro mais jovem que ela. O pai trabalhava na construção civil, a mãe fazia faxinas, um dos seus irmãos tinha um emprego fixo e os outros ajudavam um pouco fazendo um biscoito aqui, outro ali. Disse que tinham que viver com um orçamento apertado, mas que não chegavam a passar necessidades.

Ela tinha consciência da sua situação e coragem e disposição para enfrentá-la sem se lamentar. Não era por causa das dificuldades materiais pelas quais passavam que estava ali. O que a fez procurar atendimento espiritual era o ambiente perturbado no qual sua família havia mergulhado de uns meses até então. Ela falou que eles nunca foram exemplos de harmonia. E até considerava normal que surgisse algum desentendimento de vez em quando.

Entretanto, nos últimos meses as discussões vinham se tornando cada vez mais frequentes e intensas, chegando, algumas vezes, até a agressão física entre os irmãos. Seu pai também discutia com todos por qualquer coisa e tinha se tornado

autoritário em excesso. Ela relacionava a alteração ocorrida com ele ao tempo cada vez maior que passava no bar, bebendo com os amigos, o que já havia se tornado um hábito diário. Sua mãe tentava colocar um pouco de ordem no caos conversando, apaziguando, intercedendo e chamando todos à razão, mas estava ficando cada vez mais difícil controlar a situação. Os ânimos haviam chegado a um ponto de exaltação tal, que poderia se esperar que ocorresse uma tragédia a qualquer momento. A jovem chorava, dando vazão aos sentimentos que vinha retendo.

Ela foi deitada para o relaxamento e se iniciou o atendimento. O dirigente pediu à consulente que mentalizasse a sua casa e, dentro dela, todos os moradores e quem costumava frequentá-la, pois os médiuns iriam até lá. Através de comandos com pulsos energéticos, os membros do grupo, desdobrados, foram até a casa da família a fim de verificar o que havia lá.

Ao chegarem, não conseguiam ver a casa, que estava envolta em uma nuvem ou fumaça escura e densa. Foi comandado que ali se formasse um sugador, algo como um aspirador, ligado ao Hospital Amor e Caridade para sugar aquela nuvem e limpar o ar. Com a visão desimpedida, perceberam que o pequeno pátio daquela humilde casa estava atravancado de todo tipo de coisas plasmadas no plano astral, principalmente onde as pessoas tinham que passar. O lugar mais parecia um depósito de lixo. Todo aquele material foi retirado dali e encaminhado ao Hospital, limpando o pátio da casa. Foi então que perceberam que a situação era a mesma dentro da casa. Também de lá foram recolhidas as tralhas e encaminhadas.

Foi então que se manifestaram duas entidades. Chegaram rindo e debochando. Disseram que achavam muito divertido fazer aquelas pessoas brigarem. E que era muito fácil também. Nem precisavam fazer grandes esforços. Bastava soprar algumas coisas nos ouvidos deles e eles já começavam a discutir. Disseram que não adiantaria nada tirarem as coisas que eles tinham levado para a casa porque elas seriam colocadas novamente em pouco tempo, pois havia mais outros lá com eles. Até agradeceram por as terem tirado de lá, pois planejavam trocá-las por outras e, assim, teriam sido poupados daquele trabalho. E riam! De todos da família, só não gostavam da mãe, a quem chamavam de “a velha”, e da moça que estava sendo atendida, pois elas não se deixavam envolver pelas vibrações negativas que eles emanavam e resistiam às influências nocivas que espalhavam pelo ambiente.

Perguntados pelo dirigente sobre a razão de todas aquelas coisas espalhadas pelo pátio e pela casa, responderam, entre risos, que, tendo que atravessar os entulhos sempre que andassem pelo lugar, eles ficavam ainda mais irritados e atrapalhados. Assim, ficava mais fácil fazê-los brigar e discutir. Diziam que eles eram uns fracos, mesmo, e que perdiam o tino e a razão por qualquer bobagem.

Repetiam que era muito engraçado vê-los brigando e discutindo, com cada um se achando o dono da verdade. Realmente, aqueles espíritos estavam se divertindo bastante com a situação que provocavam.

O dirigente deixou que falassem livremente, até que lhe dessem as informações que precisava para dar sequência ao atendimento. O diagnóstico mais provável para o caso era que os espíritos zombeteiros foram atraídos para aquela família devido à invigilância de alguns dos seus membros. As atitudes e os pensamentos negativos que cultivavam faziam com que vibrassem em uma sintonia baixa e facilitava a aproximação de obsessores. Como a vibração entre estes e os familiares se tornara compatível, ficou fácil instigar a discórdia entre a família. Provavelmente, os obsessores nem soubessem que, ao promoverem a raiva, o rancor e a violência, ocorria uma forte alteração no campo energético das pessoas, principalmente com relação aos aspectos emocionais.

Nos momentos de tensão, a carga energética gerada pela alteração emocional dos envolvidos nas brigas e discussões era lançada no ambiente, carregando-o. Como a energia gerada com base nas emoções é muito forte e como as desavenças se tornavam frequentes, o local era constantemente inundado por tais energias, as quais eram aproveitadas pelos espíritos que promoviam a desordem. Justamente por isso, eles se sentiam bem e achavam divertida a situação. Talvez, para eles, tal processo ocorresse inconscientemente, mas, de fato, o bem-estar que sentiam era proporcionado pela absorção das energias que estavam disponíveis no ambiente, as quais lhes faltavam. O dirigente começou a doutrinação esclarecendo os espíritos perturbadores sobre tal processo, enfatizando que eles tinham acesso apenas às energias mais baixas e desqualificadas das suas vítimas e que, em vez de se recarregarem, estavam se poluindo ao absorver o que havia de pior nas pessoas que eles desarmonizavam. Falou-lhes que era assim que eles se “alimentavam” e procuravam suprir a carência energética da qual sofriam e que havia um preço a pagar por tais atos. A contínua absorção de energias negativas deste tipo iria desequilibrando-os e, pouco a pouco, transformando-os em seres cada vez mais dependentes, deformados e afastados de Deus, acabando por virarem escravos de algum comandante das trevas com muita facilidade.

Em vez de se sensibilizarem, acharam graça e acusaram o grupo de estar tentando enganá-los, pois o que sentiam não condizia com o que estavam lhes falando. Então, o dirigente se propôs a lhes provar que estavam enganados e que os prejuízos que tinham com aquilo tudo eram muito maiores do que os benefícios que pensavam estar conseguindo. Um dos espíritos, mais desconfiado, alertou o outro para tomar cuidado e ficar atento. Concluiu com a observação de que “aquele pessoal podia ser perigoso”, referindo-se ao grupo.

O dirigente não deu atenção aos comentários e plasmou um espelho à frente deles para que se olhassem e verificassem o estado no qual se encontravam. Ao verem suas imagens diferentes das que costumavam se enxergar, não acreditaram que fossem eles, o que fez com que o espírito mais desconfiado reforçasse os alertas ao outro, avisando-o de que o grupo estava usando mágica para enganá-los. Desta vez, o dirigente insistiu com ele para que se olhasse com atenção no espelho, pois, mesmo que a imagem que aparecia não correspondesse ao que esperava, ele podia se identificar com ela pela energia que estava presente. Ao fazer o que o dirigente lhe propunha, sua certeza ficou abalada, mesmo não tendo se convencido.

Aproveitando o momento de hesitação que se criou, pediu que permitissem mostrar-lhes como eles poderiam ficar melhores do que estavam, avisando-os que não precisavam se preocupar, pois não seriam obrigados a fazer nada que não quisessem e continuariam livres para tomar o rumo que achassem melhor. Depois, poderiam decidir o que iriam fazer, sem que ninguém os impedisse.

O dirigente não mentia. Sabia que os espíritos que se dedicam a práticas como estas, só o fazem porque desconhecem coisa melhor. Se for proporcionado a eles o equilíbrio energético, a paz interior, o contato com as energias sutis do amor, da esperança, da fraternidade, mesmo que apenas por alguns momentos, será isso o que passarão a almejar dali em diante. Raros são os casos de espíritos que querem continuar convivendo com energias negativas depois de experimentarem tamanho bem-estar.

Assim, sempre se utilizando do recurso de contagem de pulsos energéticos, o dirigente procurou harmonizar as energias daqueles espíritos para que experimentassem sensações melhores do que as que estavam habituados. A primeira providência tomada foi direcionar a eles um pouco de ectoplasma dos médiuns, para lhes devolver as formas normais, reconstituindo seus corpos sutis. Em seguida, foram levados para baixo de uma cachoeira de água fluída para que se limpassem dos miasmas e das energias negativas que carregavam. Já era perceptível que eles se mostravam mais calmos, mais leves, mais tranquilos, apenas com estas duas ações. O dirigente continuou o trabalho trocando os farrapos que usavam por túnicas brancas e envolvendo-os numa luz violeta, transmutando qualquer resquício de energia negativa que ainda pudesse deles emanar.

O dirigente prosseguiu, aproveitando a paz que aqueles espíritos estavam experimentando, e disse-lhes que havia outra alternativa para eles, onde poderiam receber todo atendimento do qual estavam precisando, descansar, restabelecer-se, estudar e, quando chegasse o momento, trabalhar em algo produtivo que pudesse ajudar a outros de alguma maneira. Que o que estavam sentindo naquele momento era temporário, apenas para que soubessem que existe uma situação melhor do que

a que estavam experimentando, mas poderia ser permanente se eles optassem em abandonar aquele lugar e aquelas práticas. Que, talvez por algum merecimento, naquele momento, estava sendo oferecida a eles a oportunidade de mudarem suas vidas radicalmente para melhor e que só dependia deles para aproveitá-la. Que eram livres para não a aceitar, mas, neste caso, teriam que voltar a viver do jeito que viviam até então e que não era possível saber quando iria surgir uma nova oportunidade como aquela.

Eles já haviam se decidido a mudar. Mas ainda restavam outros, que estavam na casa. Então, o dirigente os orientou para que chamassem seus companheiros e se mostrassem a eles, para que vissem a transformação pela qual passaram. Instruiu-os para que passassem a eles as impressões que estavam sentindo e que os convidassem a aproveitar a oportunidade que estava se apresentando para seguirem juntos para uma nova jornada. Assim fizeram, e todos eles, impressionados com a mudança que ocorrera nos dois, aceitaram acompanhá-los, sendo encaminhados ao Hospital Amor e Caridade.

A seguir, foi providenciada uma limpeza energética mais profunda na casa da moça. Primeiro, foram recolhidos todos os objetos que estavam plasmados no plano astral e que não faziam parte do ambiente da casa e da família. Em seguida, a casa foi envolvida por uma proteção energética para impedir novos assédios, foi plasmado um jardim com diversas plantas e flores, para devolver a alegria ao lugar, e distribuídos cristais de cores diversas pelo local para funcionarem como reguladores e irradiadores energéticos.

Encerrara-se o atendimento e a moça foi chamada de volta para as instruções do grupo. Foi-lhe explicado que o ambiente familiar havia chegado ao ponto no qual chegou porque houve descuido de alguns dos membros quanto a valores éticos e ou morais, facilitando a aproximação de energias pesadas que comprometiam a convivência harmoniosa entre eles. Sugeriram a ela que não procurasse um culpado para aquela situação, mas, sim, providenciasse para que ela não viesse a se repetir, pois todo o equilíbrio que fora conseguido com o atendimento, agora precisava ser mantido por eles próprios.

Para tal, foi aconselhado que ela e sua mãe, as quais eram as pessoas mais centradas da família, introduzissem na casa a prática do Evangelho no Lar, devendo marcar um dia da semana e uma determinada hora para realizar a reunião. Foi orientada para que, uma vez por semana, no dia e na hora combinados, a família se reunisse e, após uma prece, alguém lesse em voz alta uma passagem de O Evangelho Segundo o Espiritismo e depois discutissem o que fora lido. Deveriam convidar a todos, mas sem forçar a participação de ninguém. Mesmo que apenas ela e sua mãe se dispusessem a fazer o Evangelho no Lar, assim deveria ser feito. Depois, à medida que ficasse demonstrada a firmeza de posição das duas, outros da família acabariam aderindo e participando juntos.

Foi explicado à jovem que a prática do Evangelho no Lar era muito boa para melhorar as energias do ambiente e que espíritos desencarnados também poderiam ouvir a mensagem e se doutrinar. Porém, foi ressaltado que, apesar de verdadeiro, isso era secundário. O ponto mais importante era o esclarecimento e a evolução deles mesmos, através da assimilação de valores éticos e morais cada vez mais elevados e do conhecimento do processo pelo qual encarnaram juntos na vida terrena atual. Só assim eles poderiam estar protegidos, não só da influência externa, mas principalmente de si mesmos, pois seus atos, suas atitudes e seus pensamentos passariam a se basear em pilares sólidos que dariam sustentação às suas vidas em qualquer situação.

Explicando-lhe que não haveria necessidade de prosseguir com outros atendimentos para este caso, pois agora eles mesmos precisavam fazer a sua lição de casa, o grupo lhe garantiu que o ambiente familiar iria melhorar desde já e se colocou à disposição caso ela quisesse retornar outro dia. E assim, a moça se foi em paz e com a esperança renovada de que novos tempos estavam se abrindo para eles.

Drogas

No atendimento de uma senhora, esta relatou que tinha quarenta e cinco anos, era casada, tinha uma loja no andar de baixo da sua casa, onde trabalhava com o marido, e tinha quatro filhos. O atendimento não era para ela, mas para um dos seus filhos, o mais velho. Atendimentos deste tipo são chamados de “ponte”, no qual alguém comparece para outra pessoa ser atendida através de si.

O rapaz que receberia o atendimento tinha vinte e um anos e havia interrompido seus estudos há dois anos. Não trabalhava, nem se interessava pelos negócios da família, só querendo saber de festas e de noitadas. A preocupada mãe falou que ele vinha se mostrando cada vez mais agressivo com ela, com o pai, e com os seus irmãos também. Já não conversava com mais ninguém da família, a não ser que fosse do seu interesse. Qualquer tentativa de aproximação era repelida prontamente com agressividade. Quase não parava em casa, às vezes sumindo por dias, sem avisar ou dar qualquer justificativa.

Os pais, cientes de que havia algo errado com o rapaz, tentavam ajudar de alguma maneira, mesmo sem saber como. Chegaram até a marcar um psicólogo para ele. Mas ele não aceitava que se intrometessem na sua vida, conforme suas palavras, e recusava tudo o que seus pais lhe ofereciam. A única coisa que aceitava, é claro, era dinheiro, do qual sempre estava precisando. Fazia de tudo para obtê-lo, inclusive chantagem emocional. Às vezes aparecia gastando dinheiro

que ninguém sabia de onde ele tirava. Nestas ocasiões, ele falava apenas que ganhara o dinheiro intermediando uns negócios por aí, sem entrar em detalhes.

E assim, ia ficando cada vez mais complicado lidar com o filho, até que, numa madrugada, foram acordados por alguém batendo à porta. Era um rapaz que andava com ele às vezes. Apenas avisou que ele havia sido preso e o local para onde achava que o tinham levado. Mal terminou de falar e saiu apressado, sem dar mais informações ou oportunidade para lhe fazerem qualquer pergunta. Em seguida, pai e mãe aflitos estavam na delegacia que o outro havia indicado, em busca do filho, e, realmente, lá estava ele.

Então, foram colocados a par do que estava acontecendo pelos policiais. Seu filho fora preso, junto com outros rapazes, próximos a uma conhecida zona de tráfico de drogas, onde tinham ido buscar maconha e cocaína. Apesar de estarem com as drogas quando a polícia os pegou, seriam enquadrados apenas como consumidores devido à pequena quantidade encontrada com eles. No dia seguinte, seriam interrogados e liberados para responderem ao processo em liberdade por serem primários, menos um deles, que ficaria ali mais uns dias para investigações, pois já possuía uma ficha policial extensa.

A mãe e o pai daquele rapaz, que se sentiam perdidos com relação ao filho, haviam encontrado as respostas que procuravam para a mudança do seu comportamento. Mesmo chocados pelo fato, que abalou toda a família, os pais providenciaram um advogado e uma clínica para recuperação de drogados, para onde o rapaz foi levado direto da delegacia. Lá ficou internado por algum tempo e depois voltou para casa.

Nos primeiros dias após a internação, ele saía pouco de casa e parecia não estar sentindo falta das drogas. Mas, ao mesmo tempo, também não voltara a ser o rapaz alegre de antes de tudo aquilo começar. Aos poucos, porém, suas saídas passaram a ser mais constantes e mais demoradas, até que retomasse a rotina de agressividade e de desaparecimentos. E assim, novas detenções e novas internações passaram a fazer parte do dia-a-dia da família, transformando suas vidas numa preocupação constante e fazendo com que aquela mãe zelosa procurasse ajudar o filho de todas as formas que lhe fosse possível, inclusive espiritual.

Um detalhe quase constante no relato daquela mãe chamou a atenção dos membros do grupo: ela dizia que a situação na qual seu filho se encontrava era motivada pelas más companhias com as quais ele se envolvera. Disse, ainda, que ele voltaria a ser um bom rapaz de novo se ela conseguisse afastá-lo dos seus amigos atuais. Diante da condição de inocência que ela atribuía ao filho, como se fosse um pobre coitado levado pelas influências de outros, o grupo achou melhor tentar esclarecê-la sobre esta questão antes de iniciar o trabalho espiritual.

Então, ela foi lembrada que o seu filho era dono da sua vontade e era capaz de decidir por si mesmo; que, se ele fazia uso de drogas, era porque ele queria usá-las; que não adiantaria ela afastá-lo dos seus amigos, porque, se quisesse continuar usando drogas, ele encontraria outros com a mesma afinidade; e que ele era responsável pela sua própria vida, não sendo bom para ele que lhe tirassem tal responsabilidade. O grupo falou a ela que, apesar de parecer cruel dizer estas coisas a uma mãe, o primeiro passo para se enfrentar um problema, seja ele qual for, é enxergá-lo como ele realmente é, pois as atitudes que tomamos dependem da maneira como percebemos a situação. Assim, se a visão do problema for distorcida, as ações tomadas para tentar resolvê-lo não terão o efeito esperado, pois estarão direcionadas apenas para o que é percebido, ou imaginado, e não para a realidade.

A mãe, aflita, com lágrimas escorrendo pela face, admitia que a situação era como o grupo estava lhe falando e que ela sabia disso, mas, no seu desespero, procurava se agarrar a qualquer coisa que pudesse lhe acenar com uma esperança de ver o filho recuperado e bem novamente. O grupo compreendia a sua angústia. Orientando-a a se acalmar, o dirigente a conduziu ao relaxamento para que o atendimento se iniciasse.

Uma das médiuns do grupo já começava a apresentar sinais de manifestação quando o trabalho foi aberto. Era o corpo mental do rapaz. Estava um pouco confuso e deprimido, falando algumas coisas desconexas e reclamando que seus pais se metiam demais na sua vida, não o deixavam em paz, queriam que ele vivesse de acordo com o que eles pensavam e não levavam em conta que ele podia determinar o que queria e o que não queria para si. Dizia que não aceitava as regras que tentavam lhe impor e que não pretendia ser como eles, que viviam apenas para trabalhar. Falava que o que ele queria era “curtir” e perguntava que mal havia nisso.

O dirigente tratou de ganhar a sua confiança concordando com alguns pontos que ele estava levantando, como o direito à liberdade de escolher o que queria, de comandar a sua vida e de ter prazer nas coisas que fazia, pois, afinal, todos querem isso. Através da sua manifestação mental, ele se sentiu apoiado e reforçou suas queixas com relação às atitudes da família e se vangloriava da sua rebeldia. Novamente, o dirigente concordou com alguns pontos básicos que são aspirações de todas as pessoas, mas, desta vez, conduziu a conversa no sentido de conscientizá-lo de que, apesar de não gostar do que chamava de intromissão dos familiares na sua vida, eles estavam tentando ajudá-lo movidos pelo amor que lhe tinham e que não agiam assim para atormentá-lo, mas porque viam que ele estava tomando um caminho perigoso que poderia levá-lo a sofrer muito.

Ele entendia as razões dos seus familiares. Disse que ele também os amava e que não gostaria de fazê-los sofrer, mas reclamava que tinha o direito de escolher

as suas coisas e dizia que eles não precisavam se preocupar, pois sabia o que estava fazendo e não corria perigo algum. Neste momento, o dirigente lembrou-lhe que já havia precisado várias vezes da intervenção dos seus pais quando esteve encrencado com a polícia e que, se não fosse por eles, talvez ele ainda estivesse preso. O rapaz abaixou a cabeça e não respondeu. Talvez estivesse sentindo remorsos pela sua ingratidão, mas, em seguida, falou que nunca havia pedido que eles fizessem qualquer coisa e que, o que eles fizeram, fizeram porque quiseram. Prontamente, o dirigente emendou que o fizeram apenas por amor a ele e porque não queriam vê-lo chegar ao fundo do poço.

A nova menção do amor dos seus pais mexeu com o mental do rapaz, que se ressentiu. Mas, ao mesmo tempo, ironizou a questão do “chegar ao fundo do poço”, pois ele garantia que tinha o controle total da situação, inclusive quanto às drogas que usava. O dirigente não discordou abertamente do que ele falava, mas apenas lançou uma dúvida no ar: um “será mesmo?”, que retumbou na sua consciência. Mesmo convicto de que tinha o controle da situação, a observação fez com que lhe despertasse a curiosidade sobre o significado da dúvida que estava sendo levantada.

O dirigente começou dizendo que, no início, ele realmente era o senhor da situação e podia determinar o quê, como e quando algo aconteceria e que apenas se divertia com aquilo. Mas que, com o tempo, as drogas começaram a ficar cada vez mais presentes na sua vida, até que passasse a pensar apenas no próximo *pega*, no próximo *cheiro*, na próxima sensação. Então, tudo o que fazia, tudo o que falava, todas as pessoas com as quais se relacionava, tudo em sua vida, girava em torno da droga e das maneiras de obtê-la.

Tais argumentos foram usados como base para que o dirigente afirmasse ao rapaz, com firmeza e, ao mesmo tempo, de forma compreensiva e amigável, que, então, a situação se invertera: aquele que antes era o senhor, agora era o escravo! O que era apenas uma diversão, uma sensação diferente, passou a ser uma obsessão. O que era um simples acessório, passou a ser o ponto central da sua vida e acabou tomando conta do seu ser.

Concluiu seu pensamento fazendo uma analogia sobre a droga: se ela fosse um ser vivo, seria extremamente ciumenta. Ela não se contenta enquanto não tiver o domínio completo do seu usuário, enquanto não for a sua razão de viver, enquanto não ocupar todos os espaços possíveis da sua vida. Enfim, enquanto ela não tiver a posse plena do seu usuário, quando, então, já seria tarde demais, pois ele estaria à beira da morte ou da loucura. E tudo em troca de alguns momentos fugazes, que precisam ser realimentados constantemente com novas doses cada vez maiores.

O rapaz ouvia as argumentações do dirigente e não tinha como rebatê-las. Ele ainda não havia parado para pensar na questão sob este ponto de vista, mas reconhecia que era verdadeiro o que estava ouvindo, pois testemunhara a ocorrência de tais fatos com alguns dos seus companheiros de vício. Pensando melhor, percebeu que todos estavam rumando nesta direção, inclusive ele mesmo, embora não conseguisse ver até onde seria possível chegar. Alguns, inclusive, já haviam interrompido suas jornadas de forma lamentável, pela morte, pela demência, pela prisão ou por doenças e deficiências diversas.

Em contrapartida, vira também que outros, que optaram por largar as drogas, levavam suas vidas de forma tranquila e sem sobressaltos, trabalhavam, estudavam e faziam tudo o que ele fazia, mas sem precisar que suas consciências estivessem alteradas. Surpreso com a clareza e a exatidão da exposição do dirigente do grupo, chegou até a lhe perguntar como ele sabia tão bem como acontecia este processo, obtendo como resposta que o que falou era fruto da observação de muitos casos parecidos, com os quais já tivera contato.

Mesmo percebendo as consequências que o envolvimento com drogas produz, o rapaz ainda se mostrava reticente, tendo até soltado uma exclamação pesarosa do tipo “mas é tão bom!”. Porém, em vez de condená-lo, o dirigente assumiu uma posição conciliatória. Disse-lhe que era óbvio que ele achava bom e que gostava. Se não gostasse do efeito das drogas, não as usaria, a menos que fosse masoquista e quisesse conscientemente se punir! Seria inútil tentar convencê-lo de que a droga era ruim, pois não era assim que ele a sentia. De qualquer forma, não era esta a questão que precisava ser abordada.

Habilmente, o dirigente fez com que visse que tudo na vida é uma questão de escolha, cabendo a cada um a responsabilidade pelas próprias decisões. Disse-lhe que sempre que se faz uma escolha, não importando se ela é certa ou errada, é necessário abrir mão de algo e que qualquer opção que se adote gerará consequências para si mesmo e para outros. Ou seja: tudo tem seu preço! E arrematou dizendo-lhe que caberia a ele decidir se valia a pena pagar um preço tão alto como o que estaria lhe sendo cobrado por apenas alguns momentos de prazer passageiro. O rapaz absorvia a mensagem e estava vacilante.

O golpe de misericórdia nas suas dúvidas foi dado quando, através da contagem de pulsos energéticos, o dirigente mostrou-lhe a sua forma espiritual atual, que estava em situação lamentável depois de ter sido bombardeada com tantas substâncias tóxicas. Fez com que observasse os fluxos de energia percorrendo seus corpos não físicos, mostrando-lhe como estavam densos e escuros e com diversos bloqueios, e as dificuldades que encontravam para cumprir suas funções vitais. Em seguida, mostrou-lhe os efeitos que em pouco tempo iriam começar a se manifestar como doenças e restrições no seu corpo físico e no seu

cérebro como reflexo das deformidades que apresentava nos seus corpos não físicos.

Suas resistências desabaram ao ver em si as consequências das suas escolhas. Ele não queria aquilo para si e, apesar de se mostrar um tanto rebelde e confiante, no fundo se sentia incomodado com o sofrimento que causava na sua família. Foi então que demonstrou querer lutar contra aquela situação que o subjugava. Ele sabia que não seria fácil e pediu que o ajudassem a enfrentar os desafios que teria de vencer, pois, ao voltar ao corpo físico, as necessidades deste estariam gritando para serem satisfeitas e ele não sabia se teria forças suficientes para resistir a elas.

Garantindo-lhe que ele teria o amparo da espiritualidade e que iria ter toda a ajuda que precisasse, o grupo tratou de harmonizar e reequilibrar as energias do rapaz, restituindo-lhe o funcionamento normal dos seus *chakras* e dos canais de transmissão de energias. Em seguida, fizeram uma limpeza na sua casa, de onde foram retirados alguns materiais que lá estavam plasmados cujas energias não lhe faziam bem ou ajudavam a induzi-lo ao vício. Foram encaminhadas algumas entidades que se encontravam na sua casa e ele foi deixado em contato com a espiritualidade para receber as orientações que estivesse precisando.

O atendimento já estava se encerrando quando um dos médiuns percebeu que, durante a noite, enquanto dormia, o rapaz era levado a um local na espiritualidade que era frequentado por muitos viciados em drogas. Lá havia toda uma estrutura montada para recepcioná-los com festa, bebidas, drogas, música, orgias... Funcionava o tempo todo e estava cheio de gente. O lugar foi montado para vibrar de forma compatível com a frequência daqueles infelizes para atraí-los até lá, com o objetivo de sugar suas energias vitais. Era muito fácil para os controladores do lugar conseguirem o que queriam, pois as suas vítimas, como o gado marchando na direção do matadouro, seguiam para lá docilmente, atraídas pelos pequenos e vãos prazeres que lhes ofereciam.

Então, para que o rapaz não se dirigisse mais para lá enquanto dormia, o rastro energético daquele lugar foi apagado de sua memória. E para impedir que chegassem até ele para buscá-lo, foi montada uma proteção energética ao seu redor e no seu quarto, algo como um escudo de força, que impediria que ele fosse localizado. Para dar-lhe mais força e orientações neste período inicial da sua luta, ele foi deixado em sintonia com o Hospital Amor e Caridade. Seria o suficiente até que recebesse o próximo atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa.

A senhora foi trazida de volta do relaxamento e instruída para marcar atendimento para o rapaz em um dos outros grupos do centro. O ideal seria que ele viesse para ser atendido pessoalmente. Mas, se não quisesse, não teria

problema, pois ela poderia fazer a ponte por ele outra vez. Aconselharam-na a procurar conhecer melhor os aspectos espirituais que envolvem a sua vida e as dos seus e propor este tipo de discussão em família, pois todos eles estavam muito ligados ao plano material e precisavam se aproximar mais das suas respectivas manifestações espirituais. Para facilitar tal aproximação, foi instruída para que deixasse livros de teor espiritual pela casa, de modo a ficar ao alcance de qualquer um que se interessasse pelo assunto e quisesse estudá-lo.

Como último conselho, o grupo disse-lhe que seu filho poderia parecer um pouco diferente nos próximos dias, mas ela não deveria estranhar, pois seria consequência da luta interior que ele estaria travando para se libertar. O melhor que ela poderia fazer era observar o filho discretamente e deixá-lo perceber, de uma forma amorosa, sem pressioná-lo, que estaria ao seu lado sempre que ele precisasse. E assim, aquela mãe que chegara aflita e desesperada, deixava a sala com os olhos marejados pela emoção e com esperança renovada.

Vidas anteriores e magia negra

O consulente a ser atendido era um homem de trinta e quatro anos, casado há dois anos com sua segunda esposa, com a qual tinha um filho. Era pai, ainda, de outras duas crianças do primeiro casamento. Relatou ao grupo que estava procurando atendimento no centro espírita devido às dificuldades que estava encontrando em quase todos os aspectos da sua vida. Dizia que, por mais que se esforçasse, parecia que nada dava certo. Contou que tudo começou a andar para trás depois que se separou da primeira esposa. Ou melhor, corrigiu, depois que assumiu o relacionamento com a mulher com a qual estava casado no momento.

O primeiro casamento fora bastante tranquilo no início e nada indicava que pudesse ser desfeito um dia. Viviam em paz, cuidando dos filhos, trabalhando e procurando aproveitar as horas de lazer com a família. Disse que eles se amavam e, em seguida, retificou que ela sempre o amara mais do que ele a ela. Tanto que lhe parecia que ela sentia por ele algo mais do que amor, um sentimento que beirava a possessividade, a obsessão. Entretanto, ela procurava administrar tais sentimentos, controlando-se quase sempre, apesar de ocorrerem crises de ciúmes às vezes, segundo ele infundadas, as quais atribuía à sua insegurança ou medo de perdê-lo.

Relatou, ainda, que as iniciativas para que se aproximassem um do outro para que a relação se estabilizasse sempre foram tomadas por ela. Ele, apesar de não sentir o ardor dos apaixonados, gostava dela e se deixou envolver pelos seus cuidados e atenção. Acabou gostando da situação e permitiu que os acontecimentos se sucedessem, até que casaram e tiveram filhos.

Porém, apesar da estabilidade que aquela relação demonstrava, às vezes ele sentia algo estranho com relação à esposa. Não sabia dizer se era medo, insatisfação, sensação de que poderia ser traído por ela, se sentia desconfiança, ou alguma outra coisa. Quando surgiam tais sentimentos, ele procurava se convencer de que era bobagem, talvez insegurança sua, pois nunca vira qualquer ação dela que justificasse tais temores. E assim, conseguia controlar tais sentimentos quando surgiam e procurava aproveitar a convivência com a sua família. Mas a situação foi piorando e as crises ficando mais intensas e frequentes, até que, apesar dos seus esforços, conforme seu relato, não havia mais condições de permanecerem juntos.

Por iniciativa sua, quatro anos antes o casal havia se separado. Foi um processo complicado, mas conseguiram superar as divergências e tinham um relacionamento amigável por causa das crianças, as quais ficaram com ela. Parecia-lhe que a ex-esposa alimentava esperanças de virem a se unir novamente. Ela mudara seu comportamento com ele, passando a tratá-lo com mais carinho e tentando envolvê-lo com atenções, como no início do relacionamento. Apesar de algumas recaídas, nas quais passaram alguns dias e noites agradáveis, ele procurava se manter neutro e não estimulava pensamentos de voltarem a viver juntos de novo, como seria da vontade dela.

Um ano depois de terem se separado, a empresa na qual ele trabalhava admitiu uma nova funcionária, que passaria a ser sua colega. Desde o momento que a viu pela primeira vez, não conseguiu mais tirá-la da cabeça. Devido às marcas recentes da separação, esforçou-se para fugir deste sentimento, mas havia uma força, maior que ele, que chamava a sua atenção para aquela pessoa que recém conhecera. Não entendia o que estava acontecendo com ele. Era um sentimento completamente novo, que nunca imaginara poder existir, sobre o qual não tinha controle. Com medo, resolveu ignorar aquela atração e ir levando a situação do jeito que lhe fosse possível, sem permitir que se estabelecessem laços afetivos entre os dois.

Porém, por terem que se relacionar diariamente em função do trabalho, foram se conhecendo e a identificação que tinham um com o outro foi aumentando. Começou a comparar a paz que sentia quando estava com a sua nova colega de trabalho com a relação que tinha com a sua ex-esposa enquanto estava casado e concluiu que a relação que mantivera quando casado era fruto de uma acomodação sua a uma situação que lhe convinha, faltando-lhe o verdadeiro amor. Achou que, então, poderia estar conhecendo-o através do convívio com a sua nova colega. Os dois começaram a sair juntos e em pouco tempo estavam apaixonados, cheios de planos e resolveram casar.

Tudo estava indo bem até que contou à sua ex-esposa que havia conhecido alguém com quem estava se relacionando e os planos que tinha. Foi então que começaram seus problemas! A ex-esposa não aceitava que ele houvesse se

desligado dela definitivamente e passou a tratá-lo com represálias, provocações, perseguições e outras ações visando perturbar a paz que havia encontrado, pois não achava justo que ele estivesse bem longe dela. Chegou, inclusive, a envolver os filhos em situações prejudiciais a eles para provocar a sua presença junto dela e afastá-lo do convívio com seu novo relacionamento.

Um tempo depois, sua vida começou a se complicar de maneira geral. Tudo ficara mais difícil: passou a se incomodar no trabalho, do qual gostava muito, começaram a surgir desentendimentos no novo relacionamento, com discussões surgidas sem motivo, além de uma série de contratempos que enfrentava, para os quais não encontrava justificativa ou explicação. Mesmo assim, casara-se com a sua esposa atual um ano depois de tê-la conhecido e os dois tentavam enfrentar juntos as adversidades que surgiam. Por achar estranho que sua vida mudasse tanto e tão de repente, pensava que as dificuldades pelas quais passava pudessem estar relacionadas à ex-esposa e ali estava ele em busca de um atendimento espiritual. Tendo concluído seu relato, foi levado ao relaxamento.

Os médiuns do grupo já demonstravam estar sintonizados com energias relacionadas ao caso trazido pelo consulente. Uns perceberam uma vida passada, onde os três (ele, a ex-esposa e a atual) viveram juntos. Outros perceberam que ele estava sendo vítima de energias geradas através de magia negra. Como duas faixas se manifestavam ao mesmo tempo, o dirigente solicitou que um dos médiuns, que não estivesse sintonizado com nenhuma delas, atuasse como dirigente e atendesse uma das manifestações, enquanto ele atenderia a outra. O dirigente passou a tratar o caso de magia, enquanto o médium que se disponibilizou se ocupou da vida anterior dos três.

No caso tratado pelo dirigente, os médiuns perceberam um trabalho realizado numa linha africana envolvendo uma grande carga de energia negativa. Havia uma entidade com sérias deformações, toda torta, guardando algo que estava enterrado no terreno de um cemitério. A faixa de trabalho dos Pretos Velhos foi invocada para dar suporte ao grupo. Como não teria grande proveito tentar doutrinar a entidade que guardava o feitiço, pois tais guardiões atuam de forma inconsciente a mando de outros, executando a tarefa como autômatos, ela foi encaminhada para ser acolhida e esclarecida na faixa dos Pretos Velhos. A seguir, passaram a investigar o trabalho de magia.

Retirando a terra que cobria o objeto, encontraram uma caixa, a qual foi aberta. Dentro dela havia pedaços de tecidos, fotos, fios de cabelo e outras coisas que referenciavam o consulente, a sua esposa atual e o filho de ambos. Estava tudo misturado e envolto por um barbante que dava muitas voltas ao redor, havendo vários nós a amarrar o embrulho. Dentro da caixa ainda havia mais alguns objetos imantados, confeccionados por quem realizou o trabalho de magia.

Todo o material estava mergulhado num líquido viscoso e negro, como o petróleo, que começou a se expandir e vazou para fora da caixa quando esta foi aberta. Imediatamente, para que não se espalhasse, o dirigente emitiu comandos para que o líquido que escorria fosse aparado e, junto com o que ainda permanecia dentro da caixa, fosse guardado em uma sacola, que parecia ser de couro, plasmada naquele momento

Ao mesmo tempo, um dos médiuns visualizou o consulente todo amarrado, envolvido de cima a baixo por cordas, da mesma forma como estavam embrulhados os objetos dentro da caixa. Então, o dirigente foi intuído a desdobrar a sua atual esposa e o filho deles e trazê-los até ali, o que fez através de comando por contagem de pulsos energéticos. Com isso, o médium pôde perceber que eles também estavam na mesma situação, embora a criança fosse a menos afetada.

Em seguida, o dirigente emitiu comandos para que os nós do barbante do trabalho que desenterraram fossem desatados e para que o embrulho na caixa fosse desenrolado. À medida que os nós se desfaziam e o barbante se soltava, o mesmo acontecia com as cordas que envolviam os três. Livres dos barbantes que os prendiam, os objetos contidos no embrulho foram espalhados sob o sol e desimantados, anulando, assim, as energias maléficas com as quais estavam impregnados com o objetivo de repercutirem negativamente naquelas pessoas.

Para concluir o manuseio daquele material, foi providenciada uma fogueira para que as energias ali presentes fossem purificadas e recicladas pelo fogo. Assim, a sacola de couro onde estava o líquido recolhido, os barbantes, as cordas, os objetos que pertenceram ou se referiam ao consulente e à sua família atual, os objetos confeccionados por quem fez o trabalho de magia, a caixa que os continha, a terra que os envolvia, tudo foi sendo colocado na fogueira pelos Pretos Velhos. Ao final da queima, as cinzas foram recolhidas por eles e a energia original do local onde a caixa estava enterrada foi restaurada. Em seguida, os médiuns desdobrados foram até a sua casa e fizeram uma limpeza energética, na qual encontraram diversos objetos imantados no plano astral, os quais foram todos recolhidos.

Enquanto o grupo trabalhava os casos que se apresentaram na mesa, um dos médiuns atuava junto ao consulente para harmonizar seu fluxo energético através da imposição das suas mãos e do direcionamento consciente de energias sobre pontos onde havia desequilíbrio. O mesmo foi providenciado pelo dirigente, através de comandos, sobre os corpos não físicos da esposa e do filho, os quais estavam ali desdobrados.

Com relação ao trabalho de magia, restava apenas localizar o mandante do mesmo e o seu executor. Pelo rastro energético, sintonizaram uma terreira envolta em densas nuvens escuras, de energia bem pesada. Havia um responsável pela

terreira. Era um homem de pouco conhecimento que se dizia pai-de-santo, mas que, na verdade, só lidava com entidades trevosas. Ele havia feito o trabalho de magia por encomenda da ex-esposa do consulente.

Ela, inconformada por se achar desprezada, pretendia com aquilo destruir o ex-marido e quem estivesse ao seu lado. Transtornada, esperava que, quando ele não tivesse mais o que fazer ou onde procurar socorro, acabasse voltando para ela. O estado energético ao qual seu espírito estava reduzido era deplorável, digno de pena. Apresentava-se com diversas manchas escuras e deformidades nos seus corpos espirituais. Em farrapos, suja e completamente desgrenhada, demonstrando alguma debilidade mental, estava acompanhada por muitas sombras que a rodeavam e se assemelhava à figura de uma mendiga de rua. Entretanto, apesar de ter se unido a forças negativas quando encomendou a magia, só isso não seria suficiente para tamanho estrago em si mesma.

Os médiuns que perceberam a outra faixa que se apresentara no início puderam esclarecer os motivos do penoso estado no qual ela se encontrava. Na faixa de vida passada na qual estavam trabalhando foi visto que a ex-esposa do consulente já adotava práticas de magia desde outras encarnações. Na vida passada que se apresentara, ela era uma feiticeira com grandes conhecimentos e usava-os para conseguir o que quisesse. Inclusive o homem do qual gostava, que acabara se casando com uma mulher muito bonita, a qual, por isso, passou a ser considerada como sua rival.

A feiticeira preparou suas poções, aliou-se a entidades, as mais repugnantes, manipulou energias negativas, enfim, fez de tudo o que estava ao seu alcance para atingir a sua rival, a qual havia lhe tomado o seu amor, segundo achava. Tanto fez contra ela, que a sua vítima caiu doente, sem que conseguissem encontrar uma cura para seus males. A feiticeira procurou o casal e ofereceu seus conhecimentos para ajudar a enferma. Porém, sua intenção era se aproximar dele. Além disso, estando perto da vítima sob o pretexto de ajudá-la, poderia atuar sobre ela mais diretamente e fazer o que quisesse sem se preocupar com os outros.

E assim foi durante dois anos, até que a moça desencarnou, debilitada pelos falsos cuidados que recebia e pelas energias negativas que lhe eram dirigidas. Depois, não foi difícil a feiticeira se unir ao viúvo, pois ela direcionava a sua magia a ele também durante o tempo que passava na sua casa. Acabaram casando e viveram poucos anos juntos, pois ele não conseguira se recuperar da perda da sua amada e perdera o gosto pela vida, vindo a desencarnar logo. Porém, mesmo conseguindo o que queria, durante todo o tempo que viveram juntos, a feiticeira precisou envolvê-lo com a sua magia, manipulando energias para mantê-lo ao seu lado.

O amor da feiticeira, na vida presente, era o consulente que estava sendo atendido. E a sua rival de antes era a atual esposa dele. Os três se reencontraram no plano espiritual, tendo a antiga feiticeira manifestado arrependimento dos seus atos contra eles e pedido que ambos a perdoassem e lhe dessem uma oportunidade de reparar seus erros, que a atormentavam muito. Em consequência, o que estava acontecendo com eles fazia parte dos seus planos de vida.

A antiga feiticeira teria seus conhecimentos sobre magia bloqueados à sua mente na vida atual e conheceria o consulente, com o qual constituiria família por um tempo, para depois se separarem. A separação fazia parte do aprendizado e do resgate que ela precisava ter, como forma de reverter o mal que havia feito. Ela sentiria a dor que causara e precisaria ser compreensiva, superar o seu egoísmo e auxiliar a ele e à sua nova esposa, de verdade, no que pudesse. Porém, mesmo tendo se preparado na espiritualidade para enfrentar tal situação, não estava conseguindo vencer seus sentimentos mais baixos.

Seu corpo mental inferior dominava e determinava o seu comportamento, tendo como base o egoísmo e o orgulho. Estando ainda emocionalmente desequilibrada, seu espírito esquecera completamente os compromissos assumidos, voltando a repetir os mesmos erros que estava tentando reparar. Mesmo não conseguindo acessar os seus conhecimentos sobre magia, em sua memória espiritual constavam os registros de que já havia se utilizado de tal prática para tentar obter o que queria. Apesar de sentir um pouco de medo, pois também tinha o registro das consequências do mau uso das energias, procurou alguém para fazer o trabalho que ela não sabia como fazer na existência atual.

Então, encomendou um trabalho para separar os dois. A seguir, encomendou outro, e mais outro, e mais outros. O contato com as práticas da magia havia feito a ligação com sua vida anterior, na qual era feiticeira. Ela sentia uma satisfação que não conseguia explicar e procurava se envolver cada vez mais, tanto que a vida anterior, à qual estava se ligando e trazendo para o presente, passou a se confundir com a que estava vivendo como encarnada naquele momento.

Chegara a um ponto tal que nem ligava mais se os objetivos das magias eram alcançados ou não. O que lhe importava, mesmo, era o envolvimento com a preparação do material, com os ritos, com as energias e com as entidades. Sem se dar conta, ela estava se distanciando cada vez mais dos objetivos que havia traçado para aquela experiência na carne. Em vez de reparar os erros passados, estava contraindo novas dívidas, que teriam que ser quitadas mais tarde.

Para despertá-la deste encantamento, o médium que dirigia os trabalhos naquela faixa de passado fez com que a sua consciência espiritual se fixasse nos compromissos que assumira para aquela encarnação. Fez com que retornasse no

tempo, até antes de assumir o corpo material que estava usando, e relembresse tudo o que havia combinado com os demais espíritos que participavam da sua vida atual e os objetivos que pretendia alcançar com aquela experiência na matéria. Tais lembranças, realçadas no seu campo mental, dali em diante passariam a determinar seu comportamento e os seus atos.

As peças do quebra-cabeça se encaixavam e as duas situações trabalhadas pelo grupo se entrelaçavam. Então, o dirigente passou a coordenar os trabalhos das duas faixas. Começou deixando o pretenso pai-de-santo e a ex-esposa do consulente sintonizados com a faixa dos Pretos Velhos para que fossem esclarecidos sobre as consequências da prática da magia negra.

Ele seria orientado e intuído para mudar a sua sintonia, estudar e utilizar a magia apenas para o bem e para harmonizar as pessoas e as situações, mesmo que viesse alguém lhe pedindo o contrário. Quanto a este ponto, seria esclarecido que a responsabilidade era toda sua e que dela não poderia fugir nem tentar jogá-la sobre as entidades com as quais lidava, pois cabia a ele se recusar a fazer o que não fosse certo.

Havia influências de pelo menos uma vida passada atuando sobre o consulente, sua ex-esposa e sua esposa atual, mas poderia haver reflexos de mais outras encarnações ainda. Assim, todos eles foram deixados em sintonia, também, com a faixa dos Senhores do Karma para que recebessem esclarecimentos sobre as ligações e as responsabilidades que uns tinham com os outros, os motivos de terem se encontrado naquela encarnação e de estarem vivendo aquelas situações, os resgates que precisavam ser cumpridos e a carga à qual cada um seria submetido para superar suas próprias limitações.

Porém, nem sempre os esclarecimentos são suficientes. Há casos nos quais os espíritos envolvidos resistem e não querem aceitar a situação na qual se encontram. Quando se recusam a aprender por outros meios, geralmente acontece um choque *kármico*, uma precipitação de acontecimentos, para que os espíritos resistentes compreendam experimentando a dor que causam.

O simples contato com a faixa dos Senhores do Karma é suficiente para determinar o que será preciso acontecer, não cabendo ao dirigente ou ao grupo tentar interferir de alguma maneira. Qualquer interferência direta seria uma tentativa de magia parecida com a que costumam lidar nos atendimentos. Até mesmo porque os médiuns têm apenas uma visão parcial e tosca da situação, pois estão sujeitos às limitações impostas pelos seus corpos físicos. Além disso, eles já têm que lidar com seus próprios karmas, o que muitos mal conseguem fazer direito. A espiritualidade, por outro lado, tem condições infinitamente melhores que as nossas para avaliar cada caso e providenciar para que aconteça o que realmente for melhor para a evolução de cada um dos envolvidos.

O atendimento chegava ao final e o consulente foi trazido de volta do relaxamento. Foi explicado a ele, sem entrar em detalhes para que não se criasse uma fixação mental negativa e desnecessária, que havia alguns desequilíbrios energéticos entre as pessoas envolvidas nos seus relacionamentos e que estes haviam sido trabalhados e harmonizados. Disseram-lhe que, dali em diante, a expectativa era de que a situação se estabilizasse, que as pessoas passassem a se sentir mais centradas e agir de forma mais razoável e que todos começassem a desfrutar de paz e tranquilidade. Ele foi alertado que as mudanças ocorreriam através de um processo gradativo e que a efetiva harmonização entre eles dependeria de como cada um iria encará-lo, da vontade que teriam para se aperfeiçoarem como seres humanos e do esforço que empreenderiam para tal.

Foi instruído, ainda, para que procurasse conhecer e manter um contato mais próximo com a sua parte espiritual, a qual era muito mais importante do que a material. Para tal, foram indicadas leituras que abordam o assunto, além, é claro, de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o qual deveria ser lido com os familiares para que se formasse uma base doutrinária espiritual no próprio lar. Recebeu a orientação de que deveria também, na medida do possível, tentar influenciar sua ex-esposa e os seus filhos com ela neste sentido, para que todos se beneficiassem com o despertar para a espiritualidade.

Como por ora não seria necessário fazer outros atendimentos, o grupo instruiu o consulente para que monitorasse o desenrolar dos acontecimentos e, caso achasse que a situação não estivesse se resolvendo conforme o esperado, procurasse o pronto-socorro novamente ou marcasse em um dos grupos de atendimento continuado da casa. O grupo alertou-o de que o atendimento que ele teve acabou ajudando sua ex-esposa e, se ele quisesse ajudá-la mais ainda, poderia dar continuidade ao seu tratamento espiritual marcando atendimento nos outros grupos da casa, pois sempre sobraria algum proveito para todos os envolvidos. Talvez, um dia, quando estivesse mais equilibrada, ela mesma poderia procurar socorro espiritual para si. E assim, o consulente deixou o atendimento otimista, com ânimo renovado e disposto a fazer a sua parte, conforme as orientações que o grupo lhe dera.

Vida anterior e mediunidade

Compareceu ao atendimento uma mulher de vinte e sete anos, que estava indo àquele centro espírita pela primeira vez, por indicação de uma amiga. Relatou que era casada, tinha um filho de oito anos, vivia bem com a família e tinha um bom emprego, assim como o marido. Levava uma vida tranquila e agradável e disse estar até envergonhada de estar ali ocupando o lugar de outro, que poderia

estar necessitando de atendimento bem mais do que ela. E acrescentou que era justamente por isso, por ter uma vida como ela ou qualquer outra pessoa gostaria de ter, que ela estava ali, pois não conseguia encontrar explicação para uma saudade que sentia sem saber do quê, uma falta de algo, uma insatisfação, uma instabilidade de humor, uma vontade que lhe dava, às vezes, de se isolar do mundo e partir não sabia para onde.

Falou que, desde criança, de vez em quando percebia vultos e presenças próximos a ela, mas nunca havia falado nada a ninguém, pois tinha medo, tanto do que via como do julgamento que pudessem fazer a seu respeito. Como não queria passar por louca, tratou de sufocar o máximo que pudesse aquelas coisas estranhas que lhe aconteciam e não permitiam que tivesse paz nem sossego.

Assim que a consulente entrou, antes mesmo que começasse a falar, um dos médiuns já havia sintonizado com algo. O dirigente percebeu e deixou que ela falasse o que a fez buscar aquele atendimento sem se estender no assunto, levou-a ao relaxamento e passou a tratar a faixa que se apresentava na mesa. Em seguida, outros médiuns do grupo também se ligaram com a mesma faixa e passaram a relatar o que percebiam.

Estavam no Egito antigo, à época dos faraós. Eles viam várias construções no deserto, com um rio ao fundo. O movimento era intenso, com muita gente entrando e saindo de um prédio grande. Era um templo, no qual o povo participava de um culto a um dos seus deuses, em agradecimento a algo. Estavam todos alegres e em paz e parecia haver muita harmonia na cena que se apresentava, o que intrigou o dirigente, pois não conseguia relacionar o que viam com o problema relatado pela consulente. Sob seu comando, foi jogada mais luz naquele quadro para que fosse focado o que interessava ao atendimento.

Então, uma figura se destacou entre os que estavam ali. Era uma mulher. Ela estava em pé, junto com outras, posicionadas lado a lado, formando uma fila de umas vinte pessoas. À frente delas havia outra fila idêntica. Entre as duas filas formava-se um corredor por onde as pessoas passavam em direção a um tipo de altar, no qual havia uma estátua do deus que estavam cultuando. Um dos médiuns identificou a mulher que se salientou na cena como uma encarnação anterior da consulente.

No momento que ocorreu a identificação, uma médium deu passagem a um espírito que elogiou a mulher, definindo-a como uma das mais leais e valorosas sacerdotisas de Isis. Falou que sabia que ela não poderia estar com eles naquela hora porque se encontrava encarnada, mas continuavam em contato com ela durante seu sono. Por isso, pediu ao grupo que reafirmasse ao seu consciente que não precisava temer nada, pois os seus companheiros estavam acompanhando-a o tempo todo e não iriam abandoná-la. Pediu para que lhe dissessem que isso era um

gesto de reconhecimento por toda a dedicação que ela prestara a Isis e que estavam apenas aguardando o seu retorno, após desencarnar, para continuarem com a obra em honra da grande Deusa Mãe.

Quem se manifestava era um dos sacerdotes do culto à deusa Isis, do Egito antigo. Falou mais algumas coisas que demonstravam segurança no que dizia, conhecimento profundo sobre a espiritualidade e a certeza de estar agindo do modo mais correto ao tentar proteger a consulente impedindo que se rompesse o vínculo que ela tinha com Isis. Para isso, acompanhavam-na o tempo todo, mas os contatos mais diretos ocorriam durante o seu sono, quando era desdobrada por eles e levada de volta ao Egito e ao culto à deusa. Respeitando a forma de pensar e a crença do espírito que se manifestava, com muito tato o dirigente foi esclarecendo o antigo companheiro da consulente sobre as missões às quais um espírito se propõe em cada encarnação, sendo necessário o seu desligamento das situações vividas nas encarnações anteriores para poder direcionar toda a sua energia para a superação dos seus novos desafios.

À medida que foi conversando, o dirigente notou que a entidade apresentava um comportamento um pouco estranho, diferente do que habitualmente costumava acontecer. Quando lhe era perguntado algo, demorava um pouco para responder, como se tivesse que se situar novamente no assunto. Parecia que algo mais dividia a atenção da entidade. E assim continuou a doutrinação, até que a própria entidade comunicou ao dirigente que estavam orientando-a com relação a tudo aquilo que ele estava lhe falando. A partir de então, a entidade tomou a palavra para explicar o que estava acontecendo.

Falou que estava sendo esclarecida sobre os compromissos que todos eles haviam assumido desde aquela época e que os cumpriram muito bem, mas que já não era mais necessário continuar com tal dedicação, pois novos tempos e novos desafios surgiam e eles seriam chamados para um novo trabalho na espiritualidade. Então, lamentou ter causado problemas à consulente quando esta encarnava, assim como a outras pessoas, apesar de ter agido acreditando que estava fazendo o melhor para os seus companheiros que desciam para a carne ao procurar mantê-los ligados à deusa para que dela não se desviassem ou se perdessem durante as provas da reencarnação. Reconheceu seu erro e, mesmo não sabendo que estava prejudicando alguém, pediu perdão pelo que fez.

Enquanto isso, um dos médiuns do grupo visualizava a casa da consulente e descreveu várias formas astrais plasmadas como objetos daquela época. Lá havia, no plano astral, pirâmides, papiros, jarros, além de outras coisas, e uma grande cruz ansata que ocupava todo o espaço da porta de entrada, fazendo com que todos que entrassem ou saíssem da casa passassem através dela. Além dos objetos vistos na casa, um dos médiuns percebeu que ela usava, plasmado no pescoço, um colar com a figura de Isis.

O dirigente passou a comandar a retirada e o encaminhamento de todo aquele material para a espiritualidade, mas foi interrompido pela entidade antes que chegasse a efetivar o recolhimento. Ela falou que seria melhor desmaterializar aqueles objetos e redirecionar as energias neles contidas para o cosmos, para que pudessem ser utilizadas novamente em atividades de harmonização, já que eram energias saudáveis e positivas. Sua sugestão foi aceita e assim foi feito.

Em seguida, a entidade avisou que precisava ir. Estava sendo chamada pelos espíritos que a acolheriam e aos seus seguidores para um novo trabalho que os esperava. Garantiu, ainda, que a consulente e todos os demais companheiros do antigo Egito que se encontravam encarnados estavam livres dos compromissos assumidos àquela época e, também, da interferência deles. Despediu-se agradecendo a oportunidade que estavam recebendo e se foi, junto com os demais espíritos que ainda se mantinham ligados àquela faixa de adoração à deusa Isis. Por garantia, o dirigente do grupo reforçou o encaminhamento destes espíritos através de comandos por contagem de pulsos energéticos.

Concluído o atendimento, a consulente foi trazida de volta do relaxamento. Ela chorara durante boa parte do trabalho e ainda tinha lágrimas escorridas pela face. Disse que estava se sentindo bem e que havia acompanhado o atendimento. Disse que presenciou o que aconteceu no templo egípcio e que se viu lá, o que fez com que experimentasse uma paz muito grande. Ela havia sentido que aquele era o motivo da saudade que tinha.

Ouvindo seu relato, o dirigente refletia se poderia ou não esclarecê-la sobre o atendimento. Normalmente, é aconselhável evitar o detalhamento dos atendimentos aos consulentes para que estes, por meio dos seus corpos mentais, não tragam de volta as faixas que foram trabalhadas, refazendo as ligações desfeitas que lhes causavam problemas. Porém, em casos como este, quando o consulente tem contato direto com o que estava acontecendo no atendimento, querer ocultar-lhe o que ele mesmo percebeu poderia gerar uma curiosidade muito maior, a qual iria querer satisfazer de qualquer modo. Poderia sair em busca de esclarecimento consultando outras pessoas, visitando lugares relacionados com o que vira, neste caso o antigo Egito, ou pesquisando por conta própria em todo tipo de material. E quanto mais fizesse nesse sentido, mais estaria se ligando novamente à sua encarnação passada.

Ponderando intimamente os prós e os contras, o dirigente resolveu lhe esclarecer o suficiente para acabar com a sua curiosidade. Deixaria de falar sobre os espíritos que estavam junto a ela para que não ficasse impressionada. Mas o resto não teria problema falar. Até mesmo porque ela já sabia e, por isso, não adiantaria querer negar. E assim, disse-lhe que ela realmente estava lá, naquela época, e que era uma sacerdotisa, ou coisa parecida, de Isis, uma deusa egípcia. Ela interrompeu a fala do dirigente para dizer-lhe que conhecia Isis, pois já

estudara a cultura egípcia, e que ao final do corredor formado pelas sacerdotisas havia uma estátua sua.

O dirigente foi pego de surpresa, pois procurava sempre ser o mais didático possível para que o assunto fosse compreendido mais facilmente e, neste caso, parecia que ela sabia perfeitamente o que ele estava tentando lhe explicar com todos os cuidados que achava conveniente. Bem, pensou, tanto melhor que seja assim, pois poderia ser mais direto. Então, falou-lhe que a experiência que teve naquela vida anterior foi muito feliz, muito boa, muito marcante, e que, por isso, o seu mental e o seu emocional ainda se sentiam ligados a ela e procuravam viver aqueles momentos novamente.

Era verdade, mas só pela metade! O que fazia, mesmo, com que ela ainda se sentisse ligada ao Egito antigo era a atividade energética dos seus companheiros de culto a Isis, os quais mantinham as lembranças e os laços daquela existência no seu inconsciente buscando-a durante o sono e fazendo com que revivesse momentos que tanto bem lhe fazia. Quando acordava em uma situação diferente, vinham a decepção, a falta de algo que não sabia o que era, a saudade, a tristeza. E assim, vivendo duas experiências de vida em uma só, não conseguia encontrar satisfação nem o seu ponto de equilíbrio ideal. Estas coisas não foram faladas a ela, pois não teriam qualquer utilidade para a sua melhora. Aliás, pelo contrário, o medo que pudesse sentir poderia reverter os resultados do seu atendimento e agravar a situação.

O dirigente continuou esclarecendo-a sobre os compromissos que assumira com a vida atual e com outros espíritos que conviviam com ela nesta encarnação para aprendizagem de lições e superação de limitações. Salientou que o foco da sua existência e as suas energias deveriam estar voltadas para a vida presente, pois era nela que se encontravam tanto os desafios que precisava vencer para a sua evolução, como as possibilidades de realizações que levariam paz a seu espírito. Assim, manter ligação com uma vida anterior, por melhor que tenha sido, não iria lhe acrescentar nada, pois nada de novo poderia acontecer. Seria apenas um reviver improdutivo de momentos que o tempo já havia tratado de deixar para trás.

Disse-lhe, ainda, que a sua experiência anterior fora muito importante e que seu espírito havia registrado e assimilado dela tudo o que precisava para seguir sua trilha evolutiva, a qual, naquele momento, passava pela sua encarnação atual. Lembrou-lhe que, assim como um dia ela havia sido amparada e orientada por espíritos que a receberam como criança neste mundo, chegara a sua vez de assumir suas responsabilidades com outros espíritos que ora estavam sob seus cuidados ou convivendo com ela e que, para desempenhar seu papel, precisava se concentrar no presente em vez de procurar o passado.

A consulente, emocionada, relatou que, com frequência, se pegava divagando com o pensamento longe e desatenta. Devido a tais períodos de ausência mental que experimentava, reconheceu estar cometendo falhas na educação do filho, no relacionamento com o marido e até mesmo no seu trabalho. Mas, agora que conhecia a causa do seu comportamento, disse que saberia lidar melhor com a situação e corrigir-se.

Pareceu que havia entendido as repercussões que aquela ligação com o passado traziam para a sua vida atual, pois falou ao grupo, sorrindo, que não iria mais comprar um objeto de decoração que chamou muito a sua atenção no dia anterior. Só não o havia comprado porque estava apressada naquele momento, mas iria voltar lá na primeira oportunidade. Era uma folha de papel ou tecido imitando um papiro, com hieróglifos, fixada entre duas placas de vidro, para ser colocado na parede.

Tal disposição foi reforçada pelo grupo, que a orientou a evitar, pelo menos por um tempo, coisas que pudessem ligá-la novamente à sua vida anterior no antigo Egito. Esta era a parte do tratamento que lhe cabia fazer: romper a forte ligação que tinha com a faixa de passado trabalhada e se fixar na sua encarnação atual, estabelecendo com ela laços positivos e nela procurando a paz e a felicidade.

O dirigente não entrou em detalhes sobre a importância do seu desligamento daquela vida anterior para poder viver melhor a atual. Apenas enfatizou que isso era necessário. Não poderia lhe revelar que, se assim não fizesse, seu espírito continuaria procurando o templo de Isis, principalmente durante o sono, para reviver os momentos felizes que ela não estava se dando na encarnação atual. Mesmo estando livre da influência das entidades que foram suas companheiras naquela época, as quais não a levariam mais para lá enquanto dormisse, ela procuraria manter o contato com aquela vida anterior se dela não se desligasse.

Finalizando o atendimento, foi sugerido a ela que lesse mais a respeito da espiritualidade, tendo o grupo lhe passado alguns títulos que poderiam ser úteis para o seu esclarecimento. O dirigente lhe recomendou que procurasse se conhecer melhor, principalmente com relação à sua ligação com a espiritualidade, que era bastante forte e antiga. Ela foi alertada que possuía um potencial mediúnico que afloraria cada vez mais e, se quisesse, poderia desenvolvê-lo e utilizá-lo. Para tanto, precisaria estudar e frequentar uma escola de médiuns, ali mesmo ou em outro centro espírita. Foi instruída, ainda, a marcar atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa para que a evolução do seu caso pudesse ser acompanhada.

A consulente deixou o atendimento se dizendo disposta a encarar sua mediunidade com mais seriedade. Disse que sempre “soube” que tinha uma ligação espiritual diferente, mas sem saber definir o que era. Por isso, sempre

evitara a questão e reprimira suas manifestações e percepções. Porém, tinha resolvido, há algum tempo, que chegara a hora de enfrentar seus medos e suas dúvidas. E assim, disse que iria seguir as recomendações do grupo e deixaria de ignorar os chamados da espiritualidade, pois poderia estar surgindo ali uma nova perspectiva para sua vida. Ela queria ver onde tudo aquilo iria chegar.

Abissal

Um homem de quarenta e cinco anos relatou que era casado, tinha dois filhos, sempre fora alegre, comunicativo e bem disposto e que a sua família era a coisa mais importante que existia para ele. Entretanto, nos últimos anos, parecia-lhe que, pouco a pouco, a vida vinha perdendo o sabor, chegando a um ponto tal que já era comum ele se pegar desanimado, triste e quieto num canto qualquer, com os pensamentos sem rumo. Falou que suas atividades profissionais e o relacionamento com os amigos tinham perdido a graça e que estava se distanciando até mesmo da sua família, apesar de estar com eles todos os dias. Disse que estava ali para ver se havia algo interferindo na sua vida e tentar melhorar a situação, a qual estava chegando a um ponto insuportável. A carga emocional que acompanhava o relato e a sua fisionomia pesada e triste demonstravam o grau de desespero no qual se encontrava.

Conforme ia narrando seu caso, os médiuns do grupo sintonizavam com a provável origem do seu estado. A vibração na mesa baixava cada vez mais e os médiuns se sentiam cansados e sem energia. Então, o dirigente abreviou o relato do consulente, pediu que deitasse e induziu seu relaxamento para poder trabalhar a faixa que se apresentava. Antes de qualquer providência, o dirigente reforçou a sintonia dos médiuns com as energias salutares das faixas de trabalho ligadas à Casa e comandou a elevação da frequência do grupo utilizando, como sempre, a contagem de pulsos energéticos. Estando a mesa com seu equilíbrio energético restabelecido, o grupo passou a investigar o quadro que surgia.

Uma médium visualizava uma montanha em cujo pé havia uma entrada para o seu interior. Parecia ser uma antiga mina abandonada, pois ainda havia algumas tábuas e escoras na sua entrada. Nada mais havia ali, apenas a entrada e a montanha em uma região desértica. O dirigente fez uma contagem de pulsos energéticos para que os demais médiuns do grupo sintonizassem com aquela faixa para auxiliarem o trabalho. Mais três médiuns se sintonizaram e foram até lá, enquanto dois ficaram fora da sintonia.

A seguir, comandou que os médiuns desdobrados se aproximassem da entrada da mina. Já perto, mas ainda do lado de fora, sentiram que vinha um frio intenso lá de dentro. Não como vento, pois não tinha movimento, mas era nítido

que vinha de lá. E junto com o frio, vinha uma energia muito baixa e pesada. Os médiuns não souberam distinguir se o frio e a energia que vinham da mina eram manifestações distintas ou se eram uma mesma coisa. Mas também não perderam tempo com este detalhe, pois não era importante para o trabalho. Eles precisavam entrar lá para descobrir o que precisava ser feito.

A médium que primeiro visualizou a entrada da mina intuiu que o trabalho seria longo e que se tratava de abissal. Eles teriam que se aprofundar no interior da Terra e procurar o motivo que os levava até lá. Antes, porém, precisariam se sintonizar com a Faixa do Mezanino para guiá-los na descida e protegê-los do ambiente e das entidades que poderiam encontrar pelo caminho. Assim foi feito, e os médiuns receberam uma roupa revestida com um material reflexivo, como se fosse de aço inoxidável. Parecia mais um escafandro prateado, mas não causava qualquer transtorno, nem impedia seus movimentos.

Protegidos e sob a supervisão da Faixa do Mezanino, entraram na mina. Foi providenciada uma luz que ficaria sempre em torno deles enquanto estivessem naquele lugar e que iluminaria o ambiente para guiá-los, pois estava muito escuro lá dentro. Assim, puderam ver que a mina se estendia montanha adentro, sem que fosse possível ver onde terminava, e iniciaram a jornada acompanhando o túnel. À medida que avançavam, o túnel ia se tornando mais íngreme para baixo e estreito. Depois de alguns minutos, a descida tinha se tornado vertical e, por segurança, os médiuns já haviam se ligado uns aos outros por uma corda. Desciam como se estivessem suspensos no ar, amparados pelos espíritos que os acompanhavam.

Protegidos pelas roupas especiais que os isolavam do ambiente, os médiuns podiam “ver” as energias que fluíam daquele lugar, as quais passavam em torno deles como ondas, numa forma parecida com a do calor no asfalto em dias quentes e ensolarados. Era a “energia fria” que haviam sentido antes, na entrada da mina. Se não fosse a proteção das roupas que estavam usando, seriam imprevisíveis as consequências do contato direto com tais energias.

De repente, o túnel estreito começou a se alargar e desembocou em uma grande câmara arredondada. A parte de baixo era mais larga e as paredes subiam inclinando-se para o centro até se encontrarem na parte superior. Era como a metade de cima de uma bola cortada ao meio horizontalmente. Nas paredes, em todas as alturas, havia portas fechadas, muitas portas. E ligando-as umas às outras, havia caminhos suspensos no ar seguindo para várias direções, como se fossem pontes. Cada um deles começava em uma porta, e se dirigia a uma outra porta na extremidade oposta da câmara. Algumas destas pontes eram unidas onde se cruzavam, outras iam direto de uma porta à outra. Estava tudo absolutamente deserto e sem movimento algum. A única presença ali era a energia pesada do lugar.

Os médiuns continuavam suspensos no ar, examinando o local do alto e aguardando que lhes fosse mostrado o que deveriam fazer ali. Então, uma das portas se abriu e dela começou a sair uma massa compacta de uns grandes insetos negros, parecidos com escaravelhos ou besouros, que iam cobrindo tudo por onde passavam, como se fosse um manto escuro se expandindo para todos os lados. Em poucos segundos, as paredes, os caminhos e o chão do lugar estavam completamente tomados pelos besouros, que pareciam vorazes e prontos a atacar quem estivesse ao seu alcance. A energia negativa do lugar se intensificou com a presença deles.

Mas, ao contrário do que se poderia imaginar devido às energias negativas presentes, não existia a maldade. Eles apenas cumpriam o seu papel, que era proteger o local contra intrusos. O próprio lugar também tinha um papel a cumprir no plano evolutivo ao acolher os espíritos que não teriam condições de estar em outro ambiente. Deste modo, para que as razões da existência daquela região abissal se justificassem, era necessário que tudo ali funcionasse sem qualquer interferência externa para não perturbar o equilíbrio do local. Pode parecer estranho se falar em equilíbrio num ambiente tão pesado e negativo. Porém, o equilíbrio existe, sim, mas obedecendo ao padrão próprio do lugar, de modo a controlar plenamente seus “hóspedes”, os quais são espíritos que atingiram um alto grau de degradação moral.

Aliás, é justamente esta a razão pela qual eles estariam ligados a uma região abissal. Se o ambiente não fosse controlado, o caos estaria estabelecido. Por isso, há espíritos responsáveis por estas regiões, os quais zelam pelo local e o guardam. O fato de os médiuns do grupo não terem visto ninguém ali, não significa que o lugar estivesse abandonado ou deserto, tanto que as suas defesas foram ativadas ao primeiro sinal de invasão. Apesar disso, os espíritos guardiões das trevas e os espíritos de luz não são inimigos, nem lutam uns contra os outros, pois são conscientes do que fazem, do papel que têm a cumprir e do objetivo comum que os norteia: a evolução do ser humano.

Talvez os guardiões do lugar até soubessem que os visitantes que estavam recebendo vinham em missão de paz e a serviço dos espíritos da luz, pois os médiuns do grupo, que lá chagaram desdobrados, estavam sob a responsabilidade e sob a supervisão direta da Faixa do Mezanino, a qual já devia ser uma velha conhecida dos seres daquelas paragens. Porém, por uma questão de hierarquia e de respeito, sempre que se visita um domínio alheio, deve-se solicitar a permissão para entrar e para executar o trabalho que for necessário. Além do mais, aquela era uma oportunidade excelente para exibirem o poder que tinham!

Então, o dirigente se dirigiu aos guardiões do lugar em voz alta explicando os motivos de terem ido até ali e pediu-lhes licença para continuar o trabalho e, se possível, que os ajudassem. Em seguida, os insetos que formavam o manto negro

que cobria todo o local começaram a voltar para a porta de onde saíram até sumirem completamente. Neste momento, a porta se fechou novamente e uma outra se abriu na extremidade oposta. À espera do que poderia sair de lá, os médiuns aguardaram alguns instantes, apenas observando. Como nada de mais acontecia, o dirigente comandou a aproximação do grupo à porta que se abrisse.

A escuridão que havia lá deu lugar a uma luz fraca que passou a iluminar o local, apenas o necessário para que os médiuns pudessem enxergar. Atrás daquela porta havia um salão imenso, tão grande que era impossível sequer imaginá-lo a partir do que os médiuns viam da câmara onde se encontravam. Em todas as direções que se olhasse, a vista se perdia sem encontrar os limites do ambiente. Lateralmente e ao fundo, não se viam paredes. Para cima e para baixo, não se encontravam nem o teto, nem o chão. Todo o espaço era ocupado por uma infinidade de blocos retangulares, um ao lado do outro, perfeitamente alinhados e dispostos a uma mesma distância entre eles. Esta mesma disposição se repetia verticalmente, como que formando diversos andares, mas sem que houvesse pisos que os sustentassem. Aqueles blocos todos, imóveis em sua perfeita organização, pareciam suspensos no ar. Era uma visão impressionante!

Considerando-se as possibilidades e as leis da matéria, segundo as quais estamos habituados a raciocinar, não havia como conceber tamanha vastidão num ambiente como aquele. Principalmente porque existiam várias outras portas na câmara, próximas umas das outras, as quais provavelmente davam acesso a outros espaços semelhantes. Um dos médiuns foi intuído a respeito do que ocorria ali e explicou ao grupo que quase todas as portas levavam a outros ambientes tão grandes ou maiores que o que estavam vendo. Apesar de parecer que uns avançavam sobre os outros, eles apenas se sobrepunham, graças às diferenças de vibração que apresentavam entre si. Assim, cada ambiente se destinava a um papel determinado e existia independentemente dos demais, plasmado conforme sua própria vibração, apesar de parecer que vários ocupavam um mesmo “espaço”.

Esclarecida a surpresa com a qual o grupo havia se deparado, o dirigente solicitou, em voz alta, que os médiuns fossem conduzidos até onde eram necessários para o trabalho. De imediato, entraram no local levitando, passando por incontáveis cubos suspensos até serem posicionados em volta de um deles. Sobre aquele cubo havia uma massa cinzenta escura que representava o consulente, ou a ele se ligava. Foi então que notaram que havia uma massa parecida com aquela sobre cada um dos demais cubos, as quais representavam ou estavam ligadas a outros espíritos. Eram todas escuras, mas de diferentes tons, variando do cinza ao negro absoluto. A que se referia a ele era um pouco mais clara que as outras, o que levou os médiuns do grupo a deduzirem que, quanto mais escura fosse a massa, mais forte seria a ligação do espírito com aquela região abissal e maior o seu comprometimento *kármico*.

Um dos médiuns, intuído, confirmou a suspeita e esclareceu que a tonalidade apresentada pela massa que era mantida ali correspondia ao grau de elevação que o espírito havia alcançado graças aos seus próprios esforços no caminho evolutivo. Todos os espíritos que estavam ligados àquela região, um dia haviam chegado ao fundo do poço da degradação moral e receberam uma representação energética lá, por uma questão de compatibilidade de vibrações. A perseverança do espírito no bem, reparando seus erros e resgatando seus *karmas* através das suas sucessivas encarnações, iria enfraquecendo seu vínculo com o lugar e provocando o clareamento da massa energética que correspondia a ele, até que não fosse mais necessária a sua existência naquele plano abissal.

Era o que estava acontecendo com o consulente: chegara a hora de se desligar em definitivo da região abissal, sendo tarefa dos médiuns a retirada da massa energética que lhe correspondia. Intuído, o dirigente comandou que fosse plasmada uma caixa feita com matéria astral isolante onde a colocariam para levá-la embora protegida das energias do local. Colocaram o material dentro da caixa, fecharam-na e iniciaram o caminho de volta. Mal haviam se afastado do cubo de onde foi retirada a massa energética referente ao consulente e uma nova, negra como o breu, formou-se no seu lugar. Era mais um infeliz “sócio” admitido naquele “clube” nefasto devido a graves erros cometidos contra si mesmo, contra outros e contra as leis universais.

Com a missão cumprida, os médiuns começaram a se retirar levitando para fora, em direção à porta, levando com eles a caixa isolante com seu conteúdo. Depois que todos saíram para a câmara, a luz fraca que havia lá dentro se extinguiu e a porta se fechou devagar. O dirigente agradeceu a colaboração dos responsáveis pelo local e iniciou o caminho de volta pelo túnel até a entrada da mina, onde iniciaram a jornada.

Já ao ar livre, despiram-se das roupas protetoras, as quais foram encaminhadas na Faixa do Mezanino juntamente com a massa energética que eles haviam trazido do abismo. Finalizando o trabalho, o dirigente comandou a camuflagem da entrada da mina para evitar que algum espírito desavisado acabasse entrando lá e tivesse contato com as energias daninhas que infestavam o lugar. Assim, o acesso à mina se daria somente para que se cumprissem as leis divinas, razão pela qual existem os locais como o que haviam acabado de visitar.

Os médiuns desdobrados que participaram do trabalho foram trazidos de volta e o consulente foi retirado do relaxamento e levado a sentar-se novamente para que o grupo lhe passasse as orientações de praxe. Durante os quarenta minutos que durara o atendimento, ele permanecera deitado imóvel, desdobrado e muito longe dali, tanto que o dirigente precisou fazer duas contagens de pulsos energéticos para trazê-lo de volta ao corpo físico. O consulente tinha o semblante mais suave e mais calmo, sem demonstrar tensão. Disse que se sentia aliviado,

como se um peso lhe tivesse sido retirado dos ombros. Fazia sentido o que dizia, pois estava livre das influências das energias pesadíssimas do ambiente abissal. Só podia, mesmo, sentir-se aliviado.

Não seria necessário, nem bom para o seu restabelecimento, contar-lhe o que acontecera. Por isso, o dirigente iria se fixar apenas nos aspectos positivos que ele poderia trabalhar em si mesmo dali para frente. Então, foi-lhe explicado que ele, como espírito, estava percorrendo a sua trilha evolutiva há incontáveis encarnações e que, como acontece com todos, houve momentos nos quais caiu, vítima dos seus erros e tentações, tendo que retardar a caminhada. Assim como houve outros momentos nos quais se levantou e apressou o passo para recuperar o terreno perdido.

O dirigente continuou sua explicação dizendo-lhe que era assim mesmo que se dava a evolução: as quedas ensinam o que e como não deve ser feito e os reerguimentos ensinam as maneiras de se superar a si mesmo. Tudo o que acontece encerra lições importantes que devem ser aprendidas pelo espírito, as quais, depois de assimiladas, passarão a fazer parte dele para sempre. Encorajando-o, sem precisar mentir, o dirigente salientou que o grupo percebeu que, nas suas sucessivas encarnações, ele avançava firme no seu caminho e progredia passo a passo, conseguindo vencer suas limitações, uma a uma, e que só dependia dele mesmo para continuar avançando ainda mais.

Saindo das generalidades, o dirigente passou a tratar de forma mais direta o atendimento que ocorrera, para satisfazer a curiosidade natural que os consulentes normalmente têm com relação aos seus casos em particular. Deste modo, ele não precisaria ficar procurando ao léu as explicações que necessitava para ficar em paz. Assim, o dirigente lhe explicou que ele estava em contato com algumas energias negativas que acabavam prejudicando-o e atrapalhando sua vida e seus projetos. Sua reação a tal afirmação foi de surpresa. Quis saber que energias eram aquelas e como ele estabelecia contato com elas.

O dirigente havia lançado a isca e o consulente a mordera! Então, explicou-lhe que todos nós estamos em contato constante com a espiritualidade e com as energias que existem livres em todos os ambientes. Elas são de todo tipo: as boas e as ruins, as positivas e as negativas, as benéficas e as que provocam males... E só uma coisa nos liga a umas ou a outras: o nosso próprio ânimo, ou vibração, ou estado de espírito, entre tantos nomes que se dá ao mesmo fenômeno. Como imãs, atraímos as energias que são compatíveis com as que nós mesmos produzimos quando pensamos, quando agimos, quando temos sentimentos e desejos...

O consulente ouvia com atenção e parecia estar entendendo o que o dirigente lhe falava. Continuou a explicação falando-lhe que, ao se sentir desanimado, descrente, cansado, desesperançoso, com o astral baixo, sem vontade

de viver, além de tantos outros tipos de sentimentos negativos, ele produzia energias negativas compatíveis com o estado negativo no qual se encontrava. Ao produzir tais energias, impregnava-se com elas. Ao impregnar-se com elas, atraía para si energias semelhantes. Atraindo-as para si, aumentava sua carga energética negativa. Negativando ainda mais sua carga energética, seu estado de ânimo se agravava, aprofundava-se e ficava ainda mais negativo. Tendo se tornado mais negativo ainda, irá produzir mais energias negativas, impregnar-se-á mais ainda com elas, atrairá para si mais energias semelhantes, e assim por diante, recomeçando todo o processo como se fosse uma bola de neve rolando montanha abaixo e ficando maior a cada volta que dá em si mesma.

Concluindo a explicação, o grupo enfatizou que, por mais que os médiuns se esforçassem ali no centro espírita, era impossível resolver os problemas dos que procuravam atendimento se estes não fizerem a parte que lhes cabe, a qual era a mais importante: reagir contra o que está causando o mal. Foi sugerido a ele que se policiasse e assumisse o controle sobre os seus pensamentos e sentimentos para melhorar sua vibração. Foi advertido para que ficasse vigilante consigo mesmo e, sempre que detectasse que estava se iniciando um estado de ânimo negativo, procurasse afastá-lo, não permitindo que fosse dominado por pensamentos ou sentimentos de baixa vibração. Era provável que estes continuassem surgindo, mas ele não deveria deixá-los livres para se desenvolverem em sua mente. Se surgissem, deveria procurar substituí-los sempre por outros melhores. Deveria procurar enxergar mais o lado bom e menos o lado ruim de tudo o que lhe acontecia, pois, por pior que fosse uma situação, sempre existiriam aspectos positivos a serem explorados.

O consulente entendeu que ele próprio tinha responsabilidade por boa parte dos males que o atingiam e que deveria aprender a lidar com as suas dificuldades para melhorar seu padrão de vida. Com tal compreensão, ele se dispôs a seguir as recomendações que lhe passaram, das quais fazia parte algumas leituras sobre a espiritualidade, passes semanais e a marcação de atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa para prosseguir com seu tratamento. E assim, com o semblante bem mais tranquilo e demonstrando alívio, ele deixou a sala de atendimento.

O grupo fez uma pequena pausa antes de iniciar o próximo atendimento para esclarecer as dúvidas que ficaram daquele atendimento incomum, gerando um breve debate de alguns aspectos interessantes que surgiram, no qual todos os médiuns puderam aprender algo novo. Para finalizar, foi fechado em definitivo o campo relacionado ao caso recém-trabalhado e providenciada uma limpeza energética no ambiente, deixando-o neutro novamente. Os miasmas e as emanções que pudessem ter permanecido ali por causa do contato que mantiveram com as energias da região abissal foram retirados, foram reforçadas

as proteções montadas para o funcionamento do grupo e os médiuns tiveram seu padrão vibratório elevado.

Depressão e vampirismo

Entrou na sala uma moça vestida com simplicidade, toda de preto. Relatou que tinha vinte e dois anos, era solteira, morava na casa dos pais e não estava estudando nem trabalhando. Disse que viera até ali levada pela mãe, mas achava que não estaria precisando daquele tipo de ajuda e que, na verdade, ela estava bem. Apenas queria ficar em paz e sossegada e seus pais não entendiam isso.

A consulente parecia acuada e com medo e falava muito pouco. Com calma e paciência, sem pressioná-la, o grupo procurou deixá-la à vontade fazendo-a perceber que estava entre pessoas que queriam apenas tentar ajudá-la a superar as dificuldades pelas quais pudesse estar passando. Aos poucos, ela foi relaxando e abandonando a posição defensiva na qual se encontrava. Mesmo assim, para conseguir informações sobre o seu caso foi necessário que o grupo lhe fizesse perguntas diretas, segundo a intuição dos médiuns. Entretanto, as respostas dadas pela moça às perguntas que o grupo lhe fazia eram reticentes, genéricas e incompletas.

Desde que a moça entrara, médiuns do grupo já haviam sintonizado com faixas que precisariam ser tratadas. Porém, a conversa com a moça prosseguia com o objetivo maior de fazê-la se desarmar, sair do casulo que havia criado como proteção e conquistar a sua confiança. Isso seria mais importante do que as informações que pudessem conseguir. Senão, seria muito difícil obter algum resultado positivo no trabalho, pois, além de terem que tratar das questões espirituais que surgiriam no trabalho em si, ainda teriam que vencer o bloqueio energético que ela construía, isolando-se e ficando inacessível pela força da própria vontade.

As informações que conseguiam eram fragmentadas, como se fossem as peças de um quebra-cabeça, e precisariam ser encaixadas para formarem a história da consulente. Assim, com paciência, carinho e amor, os médiuns conseguiram fazer com que ela relaxasse e passasse a confiar no grupo. Além disso, juntando as informações desconexas prestadas pela moça, ainda puderam ter uma noção do seu caso.

Na adolescência, aos doze ou treze anos, seu comportamento começou a se alterar. Ela procurava ficar mais isolada, havia perdido o interesse pelas coisas que seriam normais nesta idade e se tornara mais alheia ao mundo. Como o período da adolescência é marcado por mudanças comportamentais, seus pais pensaram que

ela estava apenas passando por uma fase momentânea e esperavam que o tempo se encarregasse de corrigir as distorções. Porém, seu estado foi se agravando com o tempo.

Somente aos dezenove anos de idade seus pais conseguiram levá-la a um médico, sendo diagnosticado seu quadro depressivo. Foi lhe receitado um tratamento com medicamentos, o qual foi cumprido no início, tendo melhorado um pouco. Porém, ao melhorar, e por achar que não se deve ficar tomando remédios “por qualquer motivo”, conforme disse, abandonou o tratamento poucos meses depois, não o retomando mais e se recusando a voltar ao médico.

Embora afirmasse o tempo todo que não precisava se medicar, em um momento da conversa admitiu que seu quadro havia regredido depois que interrompera o tratamento. Relatou que, então, passou a se isolar cada vez mais, evitar o contato com as pessoas e se sentir profundamente triste e abatida. Contou que não era assim sempre. Havia momentos nos quais estava feliz e alegre e, de repente, seu ânimo se alterava e passava a não ver mais graça em nada. Nem mesmo na sua vida. Então, recolhia-se e se isolava do mundo para curtir sua tristeza e dormir o máximo que pudesse.

O ápice das suas crises acontecera duas semanas antes, quando sua mãe a surpreendeu tentando o suicídio. Ela estava em seu quarto e prendera um cinto no alto do guarda-roupa, com o qual tentara se enforcar. Só não conseguiu porque o cinto arrebentara ao receber o peso do seu corpo, o que a fez cair ao chão derrubando uma cadeira e uma escrivaninha. O barulho atraiu sua mãe, que entrou no quarto em seguida e entendeu imediatamente o que havia acontecido ao ver a filha caída, chorando, com um pedaço de cinto ainda enrolado no pescoço. A mãe juntou-se a ela no pranto e no desespero, tentando lhe mostrar razões para continuar vivendo.

Sua mãe, que já vivia triste por causa dela, a partir de então não teve mais sossego. Assim como o resto da família. Qualquer barulho diferente ou qualquer fato fora da rotina era motivo para que se preocupassem e procurassem verificar do que se tratava. Passaram a viver em constante atenção e desespero, o que incomodava a consulente, que sabia ser ela a causa da aflição de toda a família. E assim, às suas angústias e tristezas juntou-se o sentimento de culpa pelo sofrimento que estava causando às pessoas que mais amava. Foi justamente a culpa que sentia o que a levou a concordar com o atendimento espiritual que estava prestes a receber.

Chegara a hora de conduzi-la ao relaxamento. Mais calma e com alguma confiança no trabalho que iria se realizar, ela se deixou levar e relaxou com facilidade. Antes de retornar à mesa para junto dos médiuns, o dirigente a desdobrou e pediu aos seus espíritos amparadores (ou mestres, guias, anjos da

guarda, entre outros nomes como são conhecidos) que se aproximassem, aproveitando que os seus corpos não físicos estavam desacoplados, e participassem do trabalho. A respiração da moça foi diminuindo o ritmo, até que pareceu ter entrado em um sono profundo. O dirigente sentiu que a espiritualidade estava intervindo no caso e agradeceu mentalmente. Voltando à mesa, juntou-se ao grupo para começar o atendimento.

Uma das médiuns visualizava os corpos energéticos da consulente e percebeu que eles estavam desalinhados. Seus *chakras* estavam escuros e quase inoperantes, de modo que a circulação energética e a comunicação entre eles se encontravam seriamente prejudicadas. Então, a médium e mais um colega de mesa se deslocaram até ela para energizá-la, alinhar seus corpos energéticos e ativar seus *chakras* utilizando a imposição das mãos e doando energias que faltavam a ela.

Enquanto isso, os demais médiuns do grupo sintonizavam com faixas diversas, obrigando o dirigente a escolher uma para iniciar o trabalho. O critério usado foi atender primeiro a faixa que lhe parecia ser de solução mais rápida, de modo a atender os demais o quanto antes, evitando que ficassem sintonizados sem necessidade. Desta forma, o médium que fosse atendido primeiro, ao se liberar, poderia atuar como dirigente atendendo a outro médium. E assim, o dirigente deu atenção a uma médium que via um ser estranho junto à consulente. Era uma massa negra e peluda e estava enrolado em si mesmo, como um tatu ao se proteger. Ligava-se a ela através do *chakra* umbilical, o centro de forças que rege as emoções, o qual pode se tornar bastante vulnerável devido à fragilidade humana na área emocional.

O mesmo acontece comumente com o *chakra* básico, que no corpo físico associa-se às funções sexuais. São as portas energéticas de acesso mais comuns nos processos obsessivos e de vampirismo, pois os transtornos e desequilíbrios que as pessoas enfrentam nestas áreas são o reflexo do desequilíbrio energético destes *chakras*. Pode acontecer, também, o caminho inverso, ou seja, um centro de forças em equilíbrio se desequilibrar pelo bombardeio de cargas negativas produzidas pela própria pessoa.

No caso da consulente, seu ponto fraco era o aspecto emocional, o ponto de partida do desequilíbrio geral detectado pelos médiuns que estavam trabalhando diretamente sobre ela. E, também, a porta de acesso à entidade que a ela se ligou para sugar suas energias, o que aumentou o desequilíbrio do seu *chakra* umbilical, que, por sua vez, passou a desequilibrar os demais. Assim, a providência imediata a ser tomada seria a interrupção da drenagem das suas energias para o espírito desequilibrado que se encontrava junto a ela.

O dirigente tentou trazê-lo até a mesa para orientá-lo quanto à sua situação. Para isso, a ele foram enviadas energias vitais, doadas pelos próprios médiuns sob a forma de ectoplasma, para que fosse suprida sua carência energética e recuperasse a consciência. Porém, não houve maneira de despertá-lo do seu sono. Ele parecia um saco sem fundo! Não conseguia reter consigo nada da energia que lhe era dirigida. Toda energia que chegava até ele se perdia em seguida, o que proporcionou ao grupo uma noção aproximada do quanto era penoso para a consulente tal processo de vampirismo contínuo. Uma médium na mesa sentia diretamente a carência energética e a baixa vibração daquele ser. Comunicou ao dirigente que estava sonolenta e apática e sentindo um vazio interior e uma desmotivação profundos devido à perda constante de energia, reproduzindo o lamentável estado no qual a consulente se encontrava.

A entidade havia se ligado à consulente de forma meio inconsciente, por atração, devido à compatibilidade de vibrações entre elas. Tendo encontrado energia vital disponível, que lhe faltava, acomodou-se junto a ela e ficou por ali. Poderia se especular que a intenção da entidade era se abastecer com as energias da consulente, mas ela nem tinha consciência do que estava acontecendo. Nem mesmo de estar junto a alguém. Estando ao lado da consulente “por conta própria”, não tinha ligação com outras entidades ou com organizações do astral. Assim, por não ter sido possível levá-la à consciência para ser esclarecida, nada mais havia a fazer naquele caso. Restou ao dirigente apenas encaminhá-la ao Hospital Amor e Caridade para iniciar lá mesmo o longo tratamento que precisaria para se recuperar.

Em seguida, um dos médiuns chamou a atenção dos demais para a casa da consulente, a qual estava impregnada de energias negativas. Para sintonizar o grupo, o dirigente pediu a ela que mentalizasse a sua casa, com todos os moradores, e também com as pessoas que a frequentavam, explicando-lhe que eles iriam até lá para uma limpeza energética do local. Ao chegarem na casa, os médiuns perceberam a energia pesada que dominava o ambiente.

Uma nuvem ou fumaça acinzentada se espalhava por todas as peças, impedindo a visão. Mesmo assim, era possível distinguir vultos andando devagar naquela neblina, como se procurassem uma saída. Nas paredes, no piso e no teto havia várias manchas escuras, de tamanhos diversos, as quais tinham um padrão vibratório bastante baixo. Também perceberam que as energias do local não se renovavam, não circulavam, ficando tudo muito parado e estagnado. Tudo ali induzia à tristeza, ao desânimo e à falta de perspectivas com relação ao futuro. Porém, apesar de perceberem as energias presentes na casa, não estavam claros os motivos pelos quais elas estavam lá. No plano astral, a casa era obscura, fria e sem movimento. Parecia estar congelada no tempo e no espaço.

A primeira providência que o dirigente tomou foi a instalação de um sugador para aspirar a neblina que tomava conta do ambiente. A seguir, abriu as portas e as janelas para que a luz do sol entrasse, iluminando e energizando a casa. Então, os médiuns perceberam que os vultos que perambulavam por ali eram espíritos ainda presos a uma existência anterior, ocorrida há muito tempo, na qual haviam se perdido durante uma viagem ou expedição. Na tentativa de encontrar o caminho de volta no meio de um nevoeiro muito denso, sofreram um acidente e desencarnaram. Como não se deram conta do próprio desencarne, continuavam vivendo aquela situação até então, procurando encontrar uma saída.

Talvez a consulente fizesse parte do grupo na época ou aqueles espíritos tinham sido atraídos até ela de alguma forma por causa da compatibilidade de vibração que apresentavam. Não estava claro, de início, o que acontecera, mas não parecia que eles tivessem ligação passada com ela. Pelo menos, não diretamente. Era mais provável que ela tivesse se conectado com o sofrimento daqueles espíritos errantes e os atraído para si através dos seus sentimentos e do estado emocional e energético no qual vivia, que a faziam vibrar de forma muito baixa. Estabelecida a ligação energética, eles teriam “se mudado” para a casa da consulente.

É difícil entender como isso poderia acontecer, principalmente porque estamos habituados a pensar em tudo dentro das limitações que a matéria nos impõe. Porém, não podemos esquecer que tempo e espaço são conceitos que se aplicam somente ao mundo físico onde vivemos encarnados. Nos planos mais sutis, passado, presente e futuro e aqui, lá, perto e longe se confundem e formam um mesmo contexto. Do ponto de vista energético e espiritual, um “lugar” não físico não precisa corresponder a um similar material ou físico. É tudo uma questão de sintonia e de vibração, podendo haver inúmeros mundos distintos, cada um com suas características próprias, mas plasmados no que costumamos entender como “no mesmo lugar”. O que os separa e os deixam independentes uns dos outros é a vibração que cada um deles possui, como se estivessem plasmados em dimensões diferentes.

Entretanto, mesmo separados pelas vibrações que apresentam, poderiam se comunicar uns com os outros por meio de características vibracionais comuns e compatíveis, o que estabeleceria uma sintonia entre eles. Tais vibrações compatíveis poderiam construir canais de comunicação, ou pontes de ligação, através dos quais seriam trocadas informações, impressões, sensações, enfim, energias. E assim, feita a sintonia entre dois ou mais “mundos” energéticos, eles passariam a coexistir e a interagir compartilhando suas energias e transferindo-as de um para outro.

À medida que o grupo se aprofundava na investigação afinando a sintonia com a situação energética presente na casa, ia ficando mais claro que a sua ligação

com os espíritos que lá estavam aconteceu devido à baixa frequência que experimentava quando se deprimia. O desespero e a angústia que tomavam conta dela nestes momentos eram sentimentos semelhantes aos que dominavam o grupo de espíritos perdidos no nevoeiro. Assim, os seus sentimentos e os deles se sintonizaram e formaram um canal energético que estabeleceu a ligação entre os seus mundos. Apesar de nenhum dos envolvidos terem consciência do que acontecia, os espíritos perdidos se sentiam melhor quando entravam em contato com a energia vital da consulente, fortalecendo os elos de ligação entre eles.

Desta forma, tendo suas energias sugadas tanto pelo espírito que havia se colado nela como pelo grupo com o qual sintonizara, seu estado se agravava cada vez mais, até chegar à situação extrema na qual se encontrava. O primeiro espírito que vampirizava suas energias já havia sido encaminhado. Faltava, agora, tratar o grupo que estava ligado a ela.

A alteração repentina no ambiente da casa, então iluminada e com as energias renovadas, assustou o grupo de espíritos perdidos. No entanto, seu desespero e aflição eram tão grandes, que, ao verem os médiuns desdobrados e os espíritos amparadores na casa, foram na direção deles com a esperança de poder receber alguma ajuda e, finalmente, conseguir encontrar o caminho de volta. Então, foram recebidos com amor e carinho pelos espíritos que estavam ali para resgatá-los e os acompanharam aliviados para receber o tratamento que estavam precisando na espiritualidade.

A energia da casa se transformava, ficando mais leve. Faltava, ainda, descobrir o que eram as manchas escuras que se espalhavam por toda a casa. Para isso, o dirigente focou a atenção do trabalho nesta questão ajustando a sintonia dos médiuns com a energia que as manchas continham.

Com a percepção do grupo direcionada para as tais manchas, os médiuns as identificaram como emanações energéticas produzidas pela própria consulente. Quando em crise depressiva, seus pensamentos e sentimentos eram repetitivos, intensos e negativos, a ponto de gerarem formas-pensamento negativas tão fortes que chegaram a impregnar a matéria. As manchas escuras e a energia que elas continham eram simplesmente o lixo das forças mental e principalmente emocional da consulente, que, mal direcionadas e sem controle, produziram aquela sinistra “decoração” na casa.

Aquelas formas-pensamento irradiavam constantemente para o ambiente da casa as energias que as formaram, atingindo a todos e prejudicando a harmonia da família. Elas precisavam ser retiradas de lá para cessar o processo de realimentação da negatividade do local. Por terem origem predominantemente emocional, devido ao desequilíbrio da consulente e talvez dos seus familiares também, foi utilizada água corrente para neutralizá-las.

Através de contagem de pulsos energéticos, o dirigente comandou a formação de uma cachoeira sobre a casa, com a água que caía atravessando a matéria sem impedimentos e atuando nas energias do ambiente. Sob o comando do dirigente, as manchas escuras da casa, assim como as demais energias daninhas que havia lá, foram levadas pela água até o fundo do mar para reciclagem. Para concluir o trabalho, uma pirâmide de cristal foi formada sobre a casa, cuja função seria equalizar e filtrar as energias que entrassem ou saíssem, protegendo o local e os moradores.

A seguir, a consulente foi trazida de volta do relaxamento. Ainda se sentia um pouco tonta quando se sentou novamente na cadeira, fazendo com que o dirigente reforçasse o seu acoplamento, tendo se restabelecido em seguida. De vez em quando, aspirava o ar profundamente e soltava-o com um suspiro de alívio. Seu semblante demonstrava serenidade e ela se mostrava bastante calma e mais à vontade. Pelos sinais aparentes, o grupo concluiu que o atendimento havia lhe trazido um benefício considerável, o que se confirmou com seu relato, quando disse estar se sentindo melhor, mais leve e com a mente mais clara.

Então, o grupo passou a lhe falar dos cuidados que ela deveria ter dali em diante para manter o estado no qual se encontrava. Foi-lhe falado o que aconteceria no atendimento com relação às energias que foram tratadas, sendo enfatizado que fora ela mesma quem atraía toda a negatividade que a rondava, através dos pensamentos e sentimentos que cultivava. Diante da sua surpresa, foi-lhe explicado que ela, assim como todas as pessoas, era um dínamo, um motor, um gerador constante de energias e que, além de gerador, também era um ímã que atraía para si outras energias iguais ou compatíveis. A explicação continuou com o detalhamento do processo energético ao qual todos estão sujeitos.

Sempre que alguém gera alguma energia, parte dela fica retida consigo mesmo, enquanto a outra parte ganha o mundo e entra em contato com as energias do ambiente. Cada um de nós é como uma antena de rádio cuja sintonia é a energia produzida. Assim, as pessoas sintonizam as energias externas compatíveis com as que elas mesmas geram. Se alguém gera energias positivas, além de se imantar positivamente com as energias que cria, ainda atrairá outras energias positivas do ambiente e ficará melhor ainda. O mesmo acontece com as energias negativas, porém com efeito inverso. Energias negativas imantam negativamente quem as produz, causando-lhe males, e ainda atraem mais energias negativas do ambiente.

O dirigente tomou cuidado, a partir deste ponto da explicação, para que ela não se sentisse culpada e baixasse sua autoestima. Disse-lhe, então, que é muito difícil alguém se dar conta de tal processo energético quando está envolvido por ele, pois é como se estivesse dando voltas tentando se agarrar em alguma coisa sem se dar conta de que estaria no meio de um redemoinho. Nestas horas, só uma mão amiga poderia ajudar quem caísse no redemoinho e não estivesse

conseguindo se orientar. Ela entendia o que o dirigente estava lhe dizendo e se encaixava na situação descrita. Algumas lágrimas corriam pela sua face.

O dirigente continuou, dizendo-lhe que um dos papéis das casas como aquela na qual estava recebendo atendimento era oferecer a mão como um suporte para sair do centro do redemoinho. Porém, além disso, nada mais era possível fazer. Ao ouvir esta última frase, a consulente franziu a testa, sem entender o que estavam querendo lhe dizer. O dirigente apenas aguardou alguns segundos para que a frase surtisse o efeito que queria e continuou a explicação dizendo-lhe que a mão estendida era uma parte importante no processo. Porém, mais importante ainda, seria o seu empenho e a sua vontade para superar definitivamente a situação na qual se encontrava. E lhe explicou que, na alegoria do redemoinho, a mão teria o poder de apenas fazê-la parar de girar, mas não teria força suficiente para tirá-la de lá, o que só poderia ser feito através do seu próprio esforço. Ela teria que enfrentar o desafio de sair do redemoinho e vencê-lo, pois ninguém, ninguém mesmo, por mais que quisesse, poderia fazer no seu lugar o que ela deveria e poderia fazer.

Ao perceber que o dirigente estava prestes a lhe mostrar uma saída, ela suavizou sua expressão dizendo-se aliviada por não estar recebendo uma sentença sem direito a apelação. O grupo sorriu com o bom humor que ela já apresentava e o dirigente passou a lhe falar sobre como deveria proceder a partir de então. Alertou-a de que havia duas frentes de batalha que precisavam da sua atenção.

A primeira se referia aos aspectos energéticos e espirituais. Ela deveria se vigiar constantemente e não permitir que pensamentos, sentimentos e emoções negativos criassem raízes e baixassem sua vibração. Sempre que surgissem, deveriam ser substituídos por outros de melhor qualidade, que a elevassem. No início, este controle seria mais difícil devido ao padrão que ela mesma já havia estabelecido para si, mas, com o tempo e com a prática, logo ela iria criar um novo padrão, mais saudável.

Foi aconselhada, também, a procurar conhecer a sua parte divina, ou seja, descobrir e se aproximar da sua essência espiritual. Para isso, foram recomendados alguns livros e sugerido que frequentasse um centro espírita, ou outro local onde se sentisse bem, onde pudesse entrar em contato com as mensagens dos grandes mestres da humanidade e adquirir conhecimentos sobre a espiritualidade. Foi recomendado, ainda, que tomasse passes pelo menos uma vez por semana, o que a ajudaria a manter seu equilíbrio energético.

A segunda frente de batalha dizia respeito à matéria. Foi dito a ela que a depressão era um mal que havia se tornado muito comum e precisava ser tratada com auxílio médico. Em boa parte dos casos, as crises depressivas ocorrem devido

à carência de certas substâncias no organismo, sendo possível sua reposição através de medicamentos com acompanhamento de um psiquiatra.

Quando o dirigente citou tal especialista, ela arregalou os olhos, sendo logo esclarecida que o psiquiatra não é o médico de loucos, como se costuma pensar. Apenas para que não se assustasse, foi-lhe dito que, grosso modo, a diferença entre o psiquiatra e o psicólogo ou terapeuta, com os quais muita gente acha chique fazer tratamento, é que o psiquiatra pode tratar também as partes física e química da mente, inclusive usando medicamentos para ajustar os desequilíbrios que possam existir no organismo, enquanto os outros estão limitados aos aspectos psicológicos.

Com relação à resistência da consulente em tomar medicamentos, o dirigente falou-lhe que, infelizmente, como seres humanos dotados de um organismo extremamente complexo, estamos sujeitos a falhas de funcionamento. Por outro lado, felizmente, boa parte destas falhas pode ser resolvida, de forma até bastante simples, com o uso de medicamentos, os quais foram desenvolvidos para proporcionar mais qualidade de vida para aqueles que precisam de alguma correção no funcionamento do seu organismo. Foi enfatizado que, em casos como o dela, se a depressão fosse causada por carência química, esta poderia ser suprida de forma artificial e, talvez, apenas por um período, até que suas funções biológicas se regulassem e o próprio corpo passasse a produzir de forma correta o que lhe faltasse.

Para reforçar a questão, foram usadas as figuras de um carro ou de um eletrodoméstico. Quando apresentam algum defeito, é normal que se corra para consertá-lo, pois todos sabem que uma peça com problema acabará prejudicando as demais, até comprometer todo o funcionamento da máquina. O mesmo acontece conosco, mas de uma maneira um pouco diferente, devido à capacidade de regeneração e de autorregulação que temos. Se algo em nós está funcionando mal, o próprio organismo tentará dar um jeito de compensar a deficiência. Porém, enquanto não conseguir fazer isso, irá sobrecarregando todo o resto, num processo onde não há inteligência, mas apenas reação.

Um exemplo que ilustra bem tal situação é a tentativa de regeneração da área lesionada no coração após um infarto. Por ser um órgão essencial à vida, o organismo empreende todos os esforços para a sua recuperação, a ponto de criar uma cicatriz tão grande no local que acaba por lhe tirar a flexibilidade, impedindo-o de executar os movimentos necessários para bombear o sangue para o corpo. Então, para salvar o coração, o organismo inteiro acaba sacrificado.

E assim, foi deixado bem claro para ela que tanto o seu corpo como o seu espírito deveriam receber sua atenção ao mesmo tempo para que se restabelecessem juntos e um ajudasse o outro. Se um deles fosse negligenciado, o

outro seria prejudicado. Era preciso cuidar com carinho destas duas áreas distintas para que, ao final desta jornada de recuperação, ela pudesse se reequilibrar e se transformar numa pessoa inteira, num ser integral e equilibrado em todos os seus aspectos.

Para finalizar, o dirigente frisou que cabia exclusivamente a ela a responsabilidade pelas suas escolhas e que esta era a sua parte no tratamento: cuidar de si, amando-se e fornecendo ao seu organismo o que estava lhe faltando. Para apoiá-la no processo de recuperação que iria iniciar, foi aconselhada a dar prosseguimento ao tratamento espiritual em um dos grupos de atendimento continuado da casa, para o qual deveria providenciar a marcação, tomar passes semanais e incluir a prece e as atitudes cristãs no seu dia-a-dia.

A consulente tinha um leve sorriso no rosto. Demonstrando ter entendido a mensagem que recebera, disse que estava disposta a fazer o que fosse preciso para voltar a ter uma vida normal, em vez de continuar fugindo do mundo como vinha fazendo. Além do benefício que via para si própria, também enxergava o bem que a sua mudança poderia proporcionar aos seus familiares, que não teriam mais que se preocupar com os seus desequilíbrios. Ela saía do atendimento com uma nova força para enfrentar suas dificuldades e uma nova esperança.

Mal-estar com causa em vida anterior

Uma jovem de dezessete anos relatou no seu atendimento que, do nada, surgia uma angústia e um medo sem explicação que a incomodavam muito. Segundo ela, sempre fora uma pessoa alegre e feliz, mas, há alguns meses, intercalava momentos de alegria e de felicidade com outros de tristeza e apreensão, sem que houvesse motivo aparente. Quando experimentava tais momentos, tornava-se arredia e procurava se manter afastada das pessoas, o que tornava cada vez mais difícil seu relacionamento com os amigos e a família. Por causa disso, já havia procurado auxílio psicológico, mas com pouco sucesso. Ela achava que poderia haver algo mais por trás da alteração do seu comportamento.

Então, confidenciou as dificuldades pelas quais estava passando a uma amiga, que lhe sugeriu tentar buscar uma explicação espiritual ou energética para o seu caso. Vendo uma possibilidade de poder melhorar sua situação, aceitou a sugestão da sua amiga e ali estava para ser atendida.

Seu relato fora sucinto e direto. Nem precisou falar muito, pois uma médium do grupo já havia percebido algo que precisava ser tratado. A consulente foi levada ao relaxamento pelo dirigente e se iniciou o trabalho com a faixa que se

apresentava. Era uma vida anterior que poderia ser a causa das suas alterações súbitas de comportamento.

A médium via um número gravado na mente da consulente: 1841. Não estava claro o que significava. Podia ser uma data. Ou as coordenadas astrais de uma base trevosa. Também não estava claro como aquele número fora parar ali. Parecia que o cérebro da consulente havia sido etiquetado com tal inscrição. Porém, isso seria impossível, pelo menos no corpo físico! Diante de tanta imprecisão, por meio de contagem de pulsos energéticos, como sempre, o dirigente comandou a neutralização de energias que pudessem estar encobrindo uma melhor visão do que acontecera. Também orientou a sintonia de outros médiuns do grupo com a faixa que se apresentava.

Os médiuns passaram a visualizar um local que estava envolto em uma carga energética espessa e pesada, como uma nuvem escura. Após o dirigente comandar a iluminação do lugar, o ambiente clareou um pouco e os médiuns puderam ver que não se tratava de uma data, pois as roupas que as pessoas usavam e as coisas que existiam ali eram mais atuais. A sintonia da faixa era compartilhada entre três médiuns e cada um fornecia detalhes que iam formando a cena.

Foi preciso paciência e perseverança para que, pouco a pouco, a situação se esclarecesse. Havia um forte bloqueio da consulente às lembranças daquela vida anterior, devido aos horrores que havia sofrido. Entretanto, tal bloqueio, motivado pelo medo, restringia-se apenas às lembranças contidas na sua memória espiritual, não impedindo que as sensações e as vibrações daquela passagem a alcançassem na vida atual.

Aos poucos, a cena se formava e as dúvidas se esclareciam com os detalhes que cada médium fornecia. O número “1841” foi visto gravado no antebraço da consulente, como uma tatuagem. Havia vários galpões compridos, de madeira, alinhados um ao lado do outro. Estava tudo coberto pela neve. O local era todo cercado por cercas de telas de metal e arames farpados. Nos espaços que existiam entre as cercas, de mais ou menos dois metros, circulavam cães treinados para atacar quem tentasse passar por ali. Espaçadamente, havia guaritas altas, ocupadas por soldados armados que vigiavam o local.

Era um grande campo de concentração nazista. No rigor do inverno europeu, oficiais e soldados bem agasalhados e alimentados tomavam conta de uma multidão faminta e vestida precariamente. Cada um dos prisioneiros do campo recebia uma identificação por meio de um número no braço. A moça que estava sendo atendida era o número 1841. Havia um grande cuidado com a identificação e o controle dos prisioneiros, pois eles eram usados como cobaias em experiências de todo tipo, principalmente na busca de um método eficaz de

esterilização em massa que o regime nazista tentava desenvolver para aplicar contra os judeus.

Sob todos os aspectos que se pudesse analisar, não havia como descrever o sofrimento ao qual aquela gente fora submetida. Era compreensível que as marcas de tal experiência ainda se mantivessem tão vivas no inconsciente da consulente. Aliás, não só no seu, mas, provavelmente, no inconsciente da maioria dos que passaram por aquele lugar. Sendo assim, o que de início era um atendimento para uma pessoa, poderia se transformar num atendimento coletivo, onde muitos espíritos poderiam ser beneficiados.

A primeira providência tomada pelo dirigente foi solicitar ao plano espiritual, mais especificamente ao Hospital Amor e Caridade, que fossem enviadas equipes médicas e socorristas ao local para atenderem aqueles espíritos sofredos. Em seguida, provocou o desdobramento de todos os espíritos que passaram pelo campo de concentração e que ainda não tinham conseguido superar os traumas provocados pelo sofrimento que experimentaram e os levou para lá novamente. Foram recebidos com amor e carinho pelas equipes espirituais e reunidos aos que se mantinham ali para que pudessem presenciar o que iria acontecer.

Levar de volta ao campo de concentração os espíritos que já estavam livres dele pode parecer contraditório à primeira vista. É lógico pensar que se um acontecimento passado traz de volta dores, sentimentos ruins e sofrimentos, o melhor seria evitá-lo, deixá-lo de lado e tentar esquecê-lo. É o que se costuma fazer, confiando que o tempo será o melhor remédio. Porém, agindo desta maneira, o problema é apenas colocado num canto inacessível da memória sem resolvê-lo, nem superá-lo. Mas ele continuará lá. E bastará um pequeno detalhe para encontrá-lo e trazê-lo de volta.

Analisando-se a questão do ponto de vista espiritual, a situação fica ainda mais complicada para nós, encarnados, pois há ligações diversas e desconhecidas entre as várias encarnações que o espírito já viveu, através das quais fluem energias, impressões e sensações de todos os tipos. Para o espírito, as diversas encarnações nada mais são do que diferentes etapas de uma mesma e contínua vida. Trazendo os espíritos de volta ao campo de concentração, o grupo tentava refazer a história daquelas vidas e dar um novo final ao drama que eles viveram ali.

Os antigos prisioneiros do campo, desdobrados, já estavam lá, reunidos no pátio junto aos que ainda permaneciam ligados ao lugar. No centro do terreno, onde todos podiam enxergar, o dirigente comandou a formação de uma grande fogueira e acendeu-a. Além de iluminar e aquecer o local, as chamas ainda serviam para consumir as energias negativas e miasmas ali presentes.

A seguir, o dirigente passou a trabalhar no ambiente do campo para alterar o padrão vibratório do local para que as suas emanções energéticas negativas não mais atingissem os espíritos que ali sofreram. Desarmou os soldados e reuniu suas armas com todas as outras que existiam plasmadas no campo de concentração e as jogou na fogueira, onde foram consumidas. Reuniu os animais que estavam ali e os encaminhou à espiritualidade. As cercas foram arrancadas do chão e jogadas na fogueira. O mesmo aconteceu com as guaritas e depois com os galpões.

Nesta altura, naquele local só restara a neve, que cobria tudo com seu manto branco. Não existia mais nada que houvesse sido criado pela mão ou pela mente humana. Só a grande fogueira, que ainda iria se manter acesa enquanto houvesse energias negativas no ambiente, pois era este o seu combustível. Os espíritos presentes testemunharam o fim do campo de concentração com diferentes reações.

Os soldados estavam perplexos e assustados e não sabiam o que fazer ou pensar a respeito do que viam acontecer. O dirigente passou a falar com eles, em conjunto, tentando esclarecê-los sobre a situação na qual estavam envolvidos. Assim, eles tiveram oportunidade para refletir sobre os seus atos e se arrependem do mal que haviam feito a outros. A maioria deles apenas cumpria uma obrigação militar no campo de concentração e não concordava, necessariamente, com o tratamento desumano dado aos prisioneiros. Mas eles também não faziam qualquer esforço para alterar a situação, em parte porque não tinham o domínio da própria consciência por estarem sob efeito hipnótico dos responsáveis pelo campo e por estarem envolvidos pelas energias do ambiente. Então, já livres das influências energéticas pesadas que dominavam o local, puderam se conscientizar e se dispuseram a mudar suas vidas e construir algo positivo dali em diante.

Os espíritos que resistiram foram os comandantes do campo, quase todos os oficiais e alguns soldados. Eles gostavam do que faziam e sentiam prazer maltratando os prisioneiros sob seu jugo. Colocaram-se sob o comando direto de organizações das trevas e estavam muito comprometidos com elas. Estes não aceitaram qualquer argumento e resistiriam como pudessem para que a situação no campo de concentração não fosse alterada. Alucinados, tentavam encontrar suas armas para defender o campo do que lhes parecia ser um ataque inimigo e invocavam os espíritos trevosos com os quais haviam se associado.

Atendendo ao chamado dos soldados desesperados, de um penhasco situado ao lado do campo de concentração surgiu uma legião de espíritos enviada pelas organizações trevosas para defender o que consideravam sua propriedade. Apresentavam-se num estado lamentável, maltrapilhos, sujos e com deformações de todo tipo, mas com muita disposição para a luta. Dominados por energias negativas intensas, o ódio e a agressividade se estampavam nos seus rostos distorcidos. Só a visão daquela horda terrível de espíritos infelizes já seria suficiente para intimidar qualquer um que quisesse se contrapor a eles.

Eles chegaram e investiram direto contra os ex-prisioneiros do campo, os quais estavam agrupados junto aos espíritos que vieram em seu socorro. Os guerreiros da ignorância não conseguiram chegar nem perto deles, pois não suportaram a carga de energia positiva que os envolvia. Sentiram-se mal e sem forças quando entraram em contato com as energias elevadas geradas pelas equipes de socorro do Hospital Amor e Caridade. Vendo que não conseguiriam furar tal bloqueio, tentaram voltar para buscar reforços, mas foram impedidos.

Por meio da contagem de pulsos energéticos, o dirigente os enquadrou em uma grande pirâmide espelhada, a qual funciona como um isolante energético, onde nada entra e de onde nada sai. Assim, isolados de tudo, tanto das energias que recebiam das profundezas, como das que eles mesmos produziam, já não tinham mais como agir. Devido ao péssimo estado no qual se encontravam, parecia que eles apenas reagiam, feitos robôs, a estímulos energéticos que lhes eram enviados de suas bases.

Por parecer que a sanidade mental daquelas criaturas estivesse comprometida, o dirigente achou por bem encaminhá-los ao Hospital Alvorada de Redenção, onde receberiam o tratamento que estivessem precisando. Assim o fez, além de ter criado um vínculo entre o Hospital e as bases de onde eles haviam saído através do rastreamento da energia que aquelas entidades apresentavam para que, de tempos em tempos, fossem resgatados outros espíritos que estivessem ligados a estes locais e quisessem se desligar.

Com os oficiais e soldados aliados das trevas não havia muito que fazer, pois recusavam o auxílio que lhes era oferecido. Exerciam seu direito ao livre-arbítrio, o qual devia ser respeitado. Restava apenas retirá-los dali e encaminhá-los na faixa dos Senhores do Karma para que fossem esclarecidos sobre as consequências dos seus atos e assumissem a carga *kármica* que eles mesmos haviam produzido. E assim foi feito.

Os soldados que aceitaram a ajuda espiritual e os prisioneiros do campo ainda continuavam ali e assistiram tudo o que acontecera. Assustaram-se quando os espíritos das trevas tentaram atacá-los, mas logo se tranquilizaram quando viram que não poderiam ser atingidos, graças às emanações positivas daqueles que vieram em seu socorro, o que aumentou a confiança que haviam depositado neles.

Os dois grupos foram encaminhados para tratamento espiritual no Hospital Amor e Caridade, mas separadamente, pois precisariam de cuidados diferentes. Os soldados apresentavam sequelas bem mais sérias do que os prisioneiros e teriam muito mais trabalho para se restabelecerem. Provavelmente, eles teriam que passar por algumas reencarnações nas quais viveriam situações que oportunizassem a reparação dos erros cometidos. Porém, era apenas uma questão

de tempo. A justiça divina nunca nega novas oportunidades para o espírito se redimir de suas falhas.

Para os que passaram pela experiência de prisioneiros naquele campo de concentração, restava o trauma e as lembranças amargas de tão intenso sofrimento. É claro que eles não passaram por tudo aquilo por acaso. Com certeza, houve merecimento e motivos para que cada um daqueles espíritos passasse pela experiência que estava precisando passar. Do ponto de vista evolutivo, é improvável que eles fossem apenas vítimas inocentes, pois deviam ter feito coisas semelhantes ou até piores contra outros, em vidas anteriores, e estariam precisando aprender sobre a dor que eventualmente tivessem causado, sentindo-a com a própria experiência. Porém, esta era uma questão irrelevante para o atendimento que estava acontecendo. O que tinha que ser levado em conta era que havia espíritos percorrendo a trilha evolutiva e estavam precisando de ajuda, não de julgamentos.

Por terem presenciado todo o trabalho que fora executado ali, o desfecho da experiência no campo de concentração mudou para eles. Em suas memórias espirituais ficaria gravado para sempre que eles foram libertados e que o campo deixou de existir. O dirigente havia levado de volta para o campo de concentração até os espíritos que já o haviam deixado para que experimentassem as sensações de justiça, de liberdade e de paz e as associassem ao local onde haviam sofrido tanto. Apesar de não se poderem apagar as marcas do sofrimento que aqueles espíritos carregavam, foi dado a eles um novo final para suas experiências: um final feliz!

A partir daquele momento, a ferida aberta daquelas recordações inconscientes sangraria menos. As vibrações originadas naquela dolorosa experiência seriam amenizadas e deixariam de influenciar tanto e de modo tão negativo as vidas presentes e futuras daqueles espíritos. Os medos, as apreensões, as dores, as doenças físicas, além de outros comportamentos ou sintomas tidos como inexplicáveis, cuja origem fosse a experiência passada no campo de concentração, seriam suavizados ou desapareceriam por completo.

Para encerrar o atendimento aos ex-prisioneiros do campo de concentração, o dirigente comandou que a visão do espaço limpo que restou onde havia o campo e as sensações experimentadas no final do atendimento fossem fixadas na memória espiritual de cada um deles, de tal modo que se tornasse a lembrança mais clara e a primeira a surgir sempre que algo trouxesse de volta o sofrimento passado lá. O martírio pelo qual passaram faria parte das histórias das vidas de cada um deles e nunca poderia ser apagado. Nem se deveria querer que isso acontecesse, para que as lições às quais aqueles espíritos foram submetidos não acabassem desperdiçadas. Porém, a associação de sentimentos positivos à situação ruim amenizaria seus efeitos sobre as vidas físicas posteriores.

Encerrado o atendimento, o dirigente trouxe a consulente de volta do relaxamento e passou-lhe algumas recomendações, entre as quais tomar passes pelo menos uma vez por semana para tentar manter sua harmonia energética. Para que ela se conhecesse melhor, e também as leis que regem a vida de todos nós, foi instruída a ler mais sobre a espiritualidade. O grupo indicou-lhe alguns títulos de romances espíritas e, principalmente, O Evangelho Segundo o Espiritismo, o qual deveria ser o seu livro de cabeceira para leitura diária. Finalmente, foi recomendado que marcasse atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa.

O dirigente falou a ela que seria apenas para acompanhar seu caso e trabalhar mais algumas questões energéticas que ainda ficaram pendentes, mas enfatizando que seria muito importante para o seu restabelecimento que ela providenciasse a continuação do tratamento. Na verdade, porém, devido à gravidade do seu caso, seria necessário complementar o trabalho que fora realizado. Além disso, associados a um drama tão intenso, geralmente surgem outros que podem estar relacionados a vidas terrenas anteriores, como causas, ou posteriores, como consequências. Seja como for, estas situações precisariam ser harmonizadas para que o espírito novamente encarnado tivesse melhores condições de cumprir o planejamento traçado para a nova experiência na Terra.

A consulente disse estar disposta a seguir as recomendações e que o faria prontamente. Relatou que se sentia um pouco melhor, mais leve, apesar de tal fato não estar visível ao grupo. Mais parecia que ela estivesse do mesmo jeito que chegara para o atendimento, o que evidenciava que, embora tivesse se livrado de toda a carga energética que fora trabalhada naquela noite, ainda havia muita coisa a ser feita no seu caso. Porém, qualquer melhora que pudesse ser sentida representava um avanço, uma conquista na sua caminhada evolutiva e precisava ser comemorada.

Depressão, base e mago negro

O atendimento era para uma jovem vestida com elegância, mas sem sofisticação. Sua beleza e seus traços finos se sobressaíam, apesar da expressão carregada estampada no seu rosto, demonstrando pesar e sofrimento. Até mesmo falar parecia lhe ser custoso, pois sua voz era baixa e seus lábios mal se mexiam.

Seu relato era que tinha vinte e cinco anos, quase não saía para se divertir, era solteira, tinha poucos amigos e, há anos, não tinha nenhum relacionamento amoroso. Tinha um emprego que supria suas necessidades financeiras, no qual trabalhava durante o dia. Estudava numa universidade à noite e morava sozinha.

Sentia-se cansada e desanimada o tempo todo, sendo muito penoso para ela ter que ir para o trabalho todos os dias e para a faculdade três noites por semana.

Tanto que não conseguiu manter o ritmo da sua vida. Há alguns meses se afastara do trabalho tirando uma licença para tratamento de saúde e ainda se encontrava nesta situação até então. Também já havia trancado seu curso universitário. Assim, cortara o contato com o mundo e, sem se dar conta, afundava cada vez mais no seu pequeno universo de sofrimento interno. O que ela procurava fazer era dormir o máximo possível para poder se desligar de tudo e não precisar pensar mais em nada. Porém, antes de chegar a este ponto extremo, houve todo um processo que a consulente relatou ao grupo.

Contou que tinha um comportamento introvertido e interagia pouco com as pessoas, parecendo ausente do mundo em boa parte do tempo. Acreditava que isso já havia lhe prejudicado na empresa onde trabalhava. Quando surgiu uma oportunidade de promoção que poderia ser sua, um colega acabou sendo contemplado. Para agravar sua situação, era acometida por crises nas quais a angústia e o desespero, segundo seu relato, eram insuportáveis. No auge de uma delas, havia tentado o suicídio ingerindo uma dose excessiva de medicamentos. Por pouco não conseguira dar fim à vida.

Felizmente, fora socorrida a tempo e levada a um hospital, onde os médicos deram poucas esperanças de recuperação devido ao alto grau de intoxicação no qual se encontrava, já com comprometimento no funcionamento de alguns órgãos. Porém, conseguiram reverter seu quadro e, dias depois, estava recuperada novamente. Depois de medicada, mais tranquila e fora da crise, quando pôde refletir sobre a sua delicada situação, assustou-se com o seu ato desesperado. À equipe médica que a atendeu, juntou-se um psiquiatra que a orientou a manter um tratamento antidepressivo. Assim ela fez. Sob orientação médica, conseguiu manter seu estado depressivo sob controle por algum tempo, até ter abandonado o tratamento quando achou que já estava bem.

Porém, achava que nem tudo o que sentia tinha origem no seu quadro depressivo. Ela “sentia” como se estivesse acompanhada todo o tempo, sendo observada. Percebia sombras ou vultos fugidios com o canto do olhar, mas não conseguia identificar o que poderiam ser, pois sumiam quando os encarava diretamente. Temendo ser tratada como louca, achou melhor omitir tais detalhes do seu médico. Sentia-se pior quando estava em casa. O cansaço e o desânimo também eram mais fortes lá.

Um dia, comentando seu caso com uma de suas poucas amigas, esta lhe contou que um amigo seu havia passado por uma situação semelhante à sua. Ele havia se tratado espiritualmente e conseguira resultados positivos, melhorando bastante a sua qualidade de vida. Melhorara, inclusive, como ser humano. Sua

amiga se comprometeu a procurar mais informações sobre o caso e lhe conseguiu o endereço do centro espírita, tendo a consulente procurado atendimento espiritual pela primeira vez.

Depois deste, ela já tivera outros atendimentos em grupos de pronto-socorro na casa. Entretanto, embora tivessem lhe advertido nestas oportunidades que ela precisava marcar atendimento em um dos grupos de atendimento continuado, ela não o fazia. Segundo suas próprias palavras, apenas procurava um grupo de pronto-socorro quando já não aguentava mais. Então, passava por um período mais ou menos calmo, até que a sua situação voltasse a ficar crítica outra vez, quando procurava alívio se submetendo ao trabalho espiritual oferecido no centro.

E assim, lá estava ela, de novo, para ser atendida num grupo de pronto-socorro! Por falta de fé e de esperança, não acreditava que fosse possível resolver o seu caso em definitivo, contentando-se com paliativos que apenas a ajudavam a enfrentar as crises agudas. Era claro que, se mantivesse tal postura diante do seu problema, ela ainda voltaria inúmeras vezes para atendimentos nos grupos de pronto-socorro da casa. Talvez ela até acabasse desenvolvendo uma dependência que em nada iria contribuir para o seu aperfeiçoamento. Porém, as decisões sobre a sua vida dependiam unicamente dela, que precisava se conscientizar das próprias necessidades. Como o grupo estava lá para tentar ajudar a quem precisasse, e não para julgar, os médiuns trataram de iniciar o trabalho, sem questionamentos.

Ela foi deitada e levada ao relaxamento e foram abertos seus campos energético e mental, o que clareou as percepções que o grupo já estava tendo. Logo que ela entrou, os médiuns captaram uma carga negativa muito forte que a acompanhava, fazendo com que se sentisse como que carregando um fardo impossível para um ser humano, como se a vida houvesse colocado sobre seus ombros um peso grande demais para ser suportado. Era uma angústia e um sofrimento tão intensos que chegavam a beirar o desespero.

Ligado à consulente, havia um ser escuro em estado de dormência. Estava completamente inconsciente do que acontecia e do motivo pelo qual estava ligado a ela. Na verdade, não sabia nem mesmo que estava ali. Era um espírito que havia se degenerado e sido sugado até a inconsciência. Ele estava sendo usado por outros e fora colocado junto a ela para drenar suas energias. Desta massa disforme e sem energia, saía algo que podia ser comparado com um fio, que se perdia na distância. Os médiuns que estavam percebendo esta faixa seguiram o estranho fio, que chegava numa caixa com chaves e controles, parecendo um tipo de bateria ou máquina, na qual estavam conectados mais outros fios, provavelmente vindos de outras pessoas.

Através deste fio, a energia que a entidade sugava da moça era canalizada para a tal caixa, a qual era operada pelos espíritos que colocaram aquele ser junto

a ela e que o controlavam à distância para que permanecesse em estado de inconsciência e com a energia nos níveis mais baixos possíveis. Assim, sua necessidade energética era constante, fazendo com que a energia da moça fosse drenada para ele o tempo todo.

O ser inconsciente nunca conseguia se suprir das energias que precisava, pois, no mesmo momento que as obtinha, elas eram redirecionadas para aqueles que o controlavam, criando-se um círculo vicioso. Este processo de vampirismo, embora grave, era apenas um dos motivos que faziam com que ela apresentasse tamanhos desânimo e fraqueza e tanta vontade de dormir, faltando-lhe as energias necessárias para enfrentar os desafios da vida. Ainda havia outras causas, mas o grupo iniciou o trabalho com esta faixa.

Os médiuns do grupo constataram a razão pela qual a consulente sentia com mais intensidade os efeitos da fuga energética quando estava em casa: a entidade inconsciente ficava lá, à sua espera. Ela não a acompanhava quando saía, pois estava fixada na casa por uma série de objetos imantados que estavam espalhados no local. Tais objetos também tinham a função de reduzir a frequência vibratória do ambiente, repercutindo negativamente sobre a moça e facilitando o acesso às suas energias.

A primeira providência tomada no atendimento foi desligá-la da entidade que estava junto a ela, interrompendo-se o fluxo de energias e cortando a ligação energética que havia se estabelecido. Como a entidade se encontrava completamente inconsciente, não havia por que, nem valeria a pena, tentar contato com ela, razão pela qual foi encaminhada de imediato ao Hospital Amor e Caridade para tratamento.

Enquanto os demais membros do grupo passaram a tratar de outras faixas que se apresentavam, o dirigente e mais dois médiuns seguiram o fio que saía da entidade até a caixa com controles, chegando numa sala onde havia outras caixas iguais sendo operadas por algumas entidades. Apesar de poderem ter certa consciência do que faziam, os espíritos operadores não passavam de meros serviços sob o comando de outros, seus superiores hierárquicos. Eles foram colocados em sono e encaminhados, também, para tratamento no Hospital Amor e Caridade, onde poderiam começar a se restabelecer dos seus desequilíbrios.

Observando o local, os médiuns perceberam que todas as caixas que havia ali recebiam vários fios e de cada uma delas saía um fio mais grosso, que se juntavam em um só, mais grosso ainda, que, por sua vez, dirigia-se para baixo através de um buraco no chão. Ficou claro que muitas outras pessoas estavam sendo submetidas ao mesmo processo de vampirismo detectado com a consulente. Cada um daqueles fios estaria ligado a uma entidade em estado de dormência, cujo

papel seria sugar as energias de alguém, as quais eram enviadas para uma daquelas caixas.

Era preciso desativar aquele aparato. Então, através dos fios que chegavam às caixas, foi enviado um fluxo energético no sentido inverso, para as vítimas encarnadas receberem de volta a energia que lhes haviam retirado e provocar o rompimento da ligação que as entidades em dormência mantinham com elas. A seguir, todos os fios foram puxados, trazendo nas suas pontas as entidades sugadoras, as quais foram desconectadas e encaminhadas ao Hospital Amor e Caridade. As caixas foram desativadas e enviadas ao laboratório do Hospital para serem examinadas.

Faltava, ainda, ver onde o fio mais grosso terminava. Então, o dirigente comandou pulsos energéticos para que o grupo seguisse o fio. Seguiam-no, descendo, quando visualizaram um impressionante complexo de prédios, que foi ficando mais nítido na penumbra à medida que se aproximavam. Eram grandes edificações em formato de blocos retangulares e compridos, com quatro ou cinco andares, alinhados lado a lado. Cada bloco tinha várias ligações com os que o ladeavam através de corredores fechados com a mesma altura do prédio. Levando-se em conta os corredores, poder-se-ia afirmar que o conjunto de prédios era uma única construção constituindo uma base instalada no umbral, provavelmente controlada por um ou mais espíritos com grande conhecimento, principalmente de magia, mas a serviço das sombras.

Os médiuns perceberam que nos blocos chegavam muitos fios iguais ao que estavam seguindo. Deduziram que cada um daqueles fios vinha de uma sala com várias caixas, sendo que cada caixa tinha, ligada a si, várias entidades sonolentas, com cada uma sugando as energias de alguém. Então, puderam ter uma noção do tamanho da organização e da operação que era mantida para obter energia dos encarnados. Se conseguissem fazer com que aquele local encerrasse suas atividades, muitas pessoas seriam beneficiadas.

Então, um dos médiuns deu passagem a um espírito que falava que os “invasores”, como os médiuns do grupo foram chamados, não eram bem-vindos ali e deveriam se retirar. Ameaçava acintosamente quem se atrevesse a desobedecê-lo e enfrentá-lo. Identificou-se como o responsável pela organização, mas os médiuns logo perceberam que se tratava apenas de uma tentativa para enganar o grupo. A entidade foi encaminhada e, imediatamente, outra se manifestou repetindo a mesma mensagem da anterior. Os médiuns perceberam que era mais uma tentativa de enganá-los e a segunda entidade também foi encaminhada.

É comum que o verdadeiro chefe de lugares como aquele evite se expor a riscos desnecessários enviando outros, que se fazem passar por ele, para atralhar

quem possa ameaçar seus domínios. Tal situação pode ficar ocorrendo indefinidamente durante o trabalho. O dirigente, então, fez uma contagem de pulsos energéticos solicitando sintonia com a faixa do Mago Merlin para que fosse localizada a vibração da entidade responsável por aquele local. Um dos médiuns sintonizou com a entidade e comunicou ao dirigente que se tratava de um mago negro.

A sintonia e a vibração do médium foram ajustadas às do mago, de modo que pudesse trazê-lo para uma conversa, e, em seguida, ele se apresentou. De início, nada falou. Apenas procurava atacar o grupo e tentava se defender utilizando os seus conhecimentos sobre magia. Assim que ele chegou, a vibração na mesa baixou e os médiuns começaram a se sentir cansados, sonolentos e meio desorientados. Um deles percebeu que o mago havia plasmado umas esferas que se movimentavam em círculo sobre o grupo, com o objetivo de exaurir a energia dos médiuns para enfraquecê-los. Além desta, outras formas de ataque do mago foram percebidas, entre elas a tentativa de envolver o grupo em uma teia energética e o envio de entidades da sua base.

Era preciso bloquear as energias que o mago manipulava para que o grupo pudesse continuar seu trabalho. Assim, o dirigente comandou a formação de um campo de força luminoso envolvendo o grupo para isolar os médiuns de qualquer energia que pudesse ser enviada contra eles e encaminhou o material que o mago estava utilizando contra o grupo. Para que o mago negro parasse de agir, foi colocado dentro de uma pirâmide espelhada cuja função seria refletir sobre ele as energias que gerasse contra o grupo. Ao mesmo tempo em que exercia este papel “pedagógico”, a pirâmide também o isolaria da sua base, impedindo que se reabastecesse das energias que precisava para a luta que estava travando. Além disso, foram retirados seus objetos de poder, como a capa e o chapéu que vestia, um medalhão pendurado no seu pescoço e um bastão que tinha nas mãos.

Somente então, sem poder agir, o mago respondeu ao dirigente. Mesmo assim, lançando ameaças de todo tipo. Com calma, apesar da forte resistência do mago, o dirigente procurava esclarecê-lo a respeito das suas atividades e das suas consequências, da degradação de inúmeros espíritos sob sua influência e comando, além dos danos que causava a tanta gente e, principalmente, a si mesmo. A tudo que o dirigente lhe falava na tentativa de doutriná-lo, o mago respondia que já sabia e que estava plenamente consciente dos seus atos e que não iriam conseguir fazer com que mudasse. Não tinha medo do resgate *kármico*, pois, segundo avisou, ele sabia como evitar a encarnação, tanto que já fazia mais de mil dos nossos anos que ele comandava aquela base. Não se sensibilizou nem mesmo quando foi levado de volta ao momento de sua iniciação, onde reviveu seus votos com a presença de seus antigos mestres.

Aos poucos, porém, sua resistência inicial foi sendo vencida devido à atitude do grupo com relação a ele. Em momento algum houve enfrentamento ou medição de forças. O dirigente mostrou-lhe que as ações tomadas pelo grupo contra ele eram apenas atitudes de defesa e somente porque estavam sofrendo seu ataque e que não teriam ocorrido se ele mesmo não as tivesse provocado. Todo o tempo, o dirigente o tratou com respeito, apesar das provocações, ficando os argumentos apenas no campo ideológico.

Foi deixado claro ao mago que o grupo estava apenas tentando ajudar alguém que chegara em busca de socorro e, também, a ele mesmo, mesmo que não tivesse pedido, pois estava precisando até mais do que a pessoa que estavam atendendo. Assim, com paciência, com amor, sem impor nada, oferecendo alternativas e respeitando seu livre-arbítrio, o dirigente acabou conquistando a confiança do mago. Mais do que isso, ao final de vinte minutos, o mago confessou certa admiração pelo dirigente por causa da sua atuação.

Porém, nada o fez desistir de sua base e do domínio que exercia sobre os espíritos que lá viviam. Dizia que já estava comprometido por demais com a situação, com as entidades que se encontravam sob sua responsabilidade e com outras organizações trevosas, superiores à sua, às quais ele tinha que prestar contas. Dizia que não poderia abandonar o lugar e a todos os que dependiam dele à própria sorte. E que, além disso, ele tinha um trabalho importante a realizar, ao qual já tinha dedicado muito tempo e esforço, e que não iria abandoná-lo pela metade.

Seria inútil tentar convencê-lo do contrário, pois estava firme em seus propósitos. Afinal, era um direito seu fazer o que quisesse com a própria vida. Forçá-lo a qualquer coisa também não poderia apresentar resultados positivos. Muito pelo contrário! Agindo assim, os que trabalham em nome da luz estariam agindo da mesma maneira que os seres das trevas, rebaixando suas vibrações a este nível.

A alternativa mais plausível que surgia era tentar fazer com que o mago concordasse em continuar suas atividades, mas substituindo a energia que ele obtinha das pessoas para fazer funcionar a sua base, por outra mais pura, mais elevada, e que existia em abundância em toda parte. O mago ficou desconfiado e, para mostrar a ele o poder da energia que estavam lhe oferecendo, o dirigente o envolveu com uma luz branca que conduzia energias positivas, tomando o cuidado de diminuir a sua vibração e de adensá-la para que o mago pudesse absorvê-la e para que não sofresse um choque ao entrar em contato com ela.

Como o mago, até então, não havia se sentido ameaçado ou em perigo, resolveu explorar aquela energia para ver se podia utilizá-la. Afinal, energia de graça e em abundância era tudo o que ele poderia querer. Já estava até achando

ótimo que o tivessem trazido até ali! À medida que ia recebendo e assimilando aquela energia, ia se sentindo mais leve e em paz. O dirigente esperava que o mago mudasse sua decisão de manter a base em atividade depois de experimentar o contato com energias positivas. Esta seria a melhor alternativa, pois a questão se resolveria ali mesmo.

Porém, o mago não mudou de ideia. Após avaliar a energia que lhe era oferecida, mostrou-se satisfeito. Disse que, apesar de ser uma energia estranha, poderia ser utilizada na sua base com pequenas adaptações nos equipamentos. Afinal, pensava ele, não precisaria se esforçar para obtê-la. Poderia fazer as modificações rapidamente e continuar suas atividades.

Porém, desconfiado, queria que o dirigente lhe garantisse que receberia aquela energia de forma ininterrupta e na quantidade que ele precisasse. Além disso, questionou os motivos da oferta que o dirigente lhe fazia, pois estavam em lados opostos. Um trabalhava na luz, o outro nas trevas, e a energia fornecida pela luz seria usada para atividades que ninguém do lado da luz concordaria. Questionou, ainda, por que os espíritos da luz facilitariam o trabalho dele, a quem vivem atrapalhando e tentando fazer com que troque de lado.

O dirigente explicou ao mago negro, de forma muito prática e direta, que, como não aceitara abandonar sua base, ela continuaria funcionando de qualquer maneira e continuaria precisando da energia que ele buscava em muitos seres humanos mais debilitados. Porém, por mais obscuras que fossem as atividades da sua base, todo o mal que conseguisse produzir seria menor do que o efeito do vampirismo que ele praticava em tantas pessoas para obter energia. Assim, a oferta que estava lhe fazendo visava substituir a base energética para o funcionamento da sua base, com vantagens para todos. Por um lado, muitas pessoas deixariam de ter suas energias drenadas e poderiam viver melhor. Por outro, haveria energia de melhor qualidade, em abundância e de forma fácil para o funcionamento da base. Assim, todos ganhariam.

Enquanto conversava com o mago negro, o dirigente montava mentalmente a sua estratégia. Dentre as alternativas que lhe restaram, aquela parecia ser a melhor solução. Demoraria um pouco de tempo para a situação se resolver, mas, ao final, teria efeito benéfico, pois a base do mago seria abastecida com energias positivas, o que alteraria o padrão vibratório do ambiente e criaria condições para que todos ali se reciclassem, inclusive o próprio mago, e se abrissem a novas possibilidades para as suas vidas. Assim, seria facilitado o trabalho das equipes socorristas que percorrem o Umbral resgatando os espíritos que tenham se cansado do sofrimento e da dor e concordassem em trilhar um caminho mais ameno em direção à luz. Ao mesmo tempo, as vítimas do processo de vampirismo estariam livres, pois a base não precisaria mais de suas energias.

Embora desconfiado, mas com a perspectiva de poder ter toda a energia que precisava, sem esforço e de graça, o mago negro aceitou a oferta. Então, o dirigente passou a negociar a desativação de toda a estrutura utilizada para sugar as energias das suas vítimas, alegando que ele não precisaria mais dela. O mago protestou com veemência e o dirigente reafirmou a garantia de que receberia toda energia que precisasse e o alertou de que seu aparato não poderia mais ser usado daquela forma, pois precisaria ser modificado para poder conduzir a energia até a base. O dirigente disse ao mago que seria necessário juntar todos os fios grossos que chegavam à base em um único fio, mais grosso ainda, que chegaria por cima trazendo a energia.

O mago incomodou-se com a possibilidade de desmontar suas instalações e reagiu dizendo que, se tivesse que desativar a rede que o havia sustentado até então, não iria aceitar a energia que estavam lhe oferecendo e continuaria buscando nos encarnados a energia que precisava, como sempre fizera. Porém, assumiria o compromisso de parar o processo de vampirização se a energia que estavam lhe oferecendo fosse enviada sem que sua infraestrutura fosse destruída.

Como que encerrando a conversa, argumentou que ele não se sentiria seguro se não fosse assim, pois se “os da luz”, como ele chamou, resolvessem cortar o fornecimento de energia, nada lhe restaria a fazer. Neste caso, ele não teria como suprir as necessidades energéticas da sua base. Disse ainda que, pensando melhor, não lhe era agradável ficar refém da vontade de outros e que não estaria agindo com inteligência se aceitasse tal proposta.

Como toda negociação tem avanços, recuos e blefes, o dirigente entrou no jogo do mago negro afirmando que o abastecimento de energia para a base estava garantido e que ele poderia confiar na sua palavra, pois, estando trabalhando ao lado da luz, não lhe era permitido mentir. Disse-lhe que, além do mais, a única forma de enviar energia à sua base era da maneira como estava lhe propondo e que, se não quisesse assim, nada poderia ser feito. O dirigente viu que o mago estava tentando se valorizar, pois não era lógico recusar um suprimento tal de energia, que lhe era tão necessária, tão escassa e tão trabalhosa de obter.

Depois de mais alguns argumentos e contra-argumentos, o mago pensou melhor e concordou que fosse feito conforme o dirigente propusera. Utilizando-se da contagem de pulsos energéticos, o dirigente comandou que os fios grossos que chegavam à base fossem desconectados das caixas coletoras de energia e unidos acima do local. Todos aqueles fios recurvados sobre a base e se encontrando acima dela, formaram um desenho parecido com uma flor em botão. A seguir foi plasmado um jato de luz ligado ao Hospital Amor e Caridade que se conectou com a junção dos fios e passou a energizar a base do mago negro.

A vibração do lugar começava a mudar lentamente, embora o mago não conseguisse perceber. Ele estava tão satisfeito que não se importou quando o dirigente começou a desmontar sua estrutura de vampirização. Os fios que iam das pessoas até as caixas coletoras foram desconectados nas duas pontas, enrolados e encaminhados ao Hospital. As entidades em dormência que estavam colocadas ao lado dos encarnados foram encaminhadas ao Hospital Amor e Caridade. Ectoplasma dos médiuns do grupo foi disponibilizado para ser usado no tratamento e na recuperação dos encarnados atingidos, os quais tiveram restauradas as áreas danificadas pelas conexões dos fios. Em seguida, as caixas foram reunidas e encaminhadas juntas ao laboratório de pesquisas do Hospital Amor e Caridade.

Após desfazer a estrutura utilizada pela base para obtenção de energias, o dirigente voltou a conversar com o mago enaltecendo seu conhecimento, sua dedicação e seu interesse pelo uso das energias, ou seja, magia. Um mago negro sempre se acha o máximo e gostaria que todos também reconhecessem isso. A seguir, para lhe provocar um choque, lamentou que estivesse limitado a um campo de atuação tão pequeno, enquanto existia uma infinidade de possibilidades de aplicações para a magia, as quais ele desconhecia. Então, o mago, saindo da sensação de exaltação por causa do reconhecimento que achava estar recebendo, ficou perplexo e curioso, embora procurasse não demonstrar. A tática do dirigente havia funcionado conforme previra.

O dirigente aguardou a reflexão do mago por alguns instantes e continuou lhe dizendo que, infelizmente, os membros daquele grupo, na condição de espíritos encarnados, não tinham conhecimentos nem meios para abordar esta questão mais profundamente. Continuou sua explanação dizendo ao mago que, porém, havia uma maneira de ele ter acesso a todo o conhecimento que existia sobre magia. Para isso, bastava que concordasse em ficar conectado ao mestre dos magos, o Mago Merlin, que poderia passar a instruí-lo sobre várias questões, além da própria magia. Com uma contagem de pulsos energéticos, o dirigente solicitou que a figura do Mago Merlin se mostrasse ao mago negro.

A ânsia por conhecimentos, característica dos pesquisadores e dos estudiosos, e a impressionante visão do Mago dos magos, fizeram com que o mago negro concordasse em se manter ligado àquela faixa. Entretanto, salientou que não assumiria qualquer compromisso por isso e que era livre para usar da maneira que quisesse tudo o que viesse a aprender. O dirigente, então, reforçou que ele era totalmente livre para fazer o que quisesse e que ninguém iria obrigá-lo a nada. E assim, satisfeito e achando ter obtido vantagens inimagináveis para deixar em paz “um bando de imprestáveis”, conforme qualificou as pessoas que vampirizava, o mago foi sintonizado à faixa do Mago Merlin e retornou à sua base no Umbral.

Ele realmente conseguira vantagens inimagináveis. Só não imaginava que elas se relacionavam com a sua evolução espiritual e com a redenção dos seus erros. Sua conexão com a faixa do Mago Merlin faria com que recebesse esclarecimentos morais e éticos e sobre as implicações *kármicas* do mau uso da magia antes de lhe ser passado qualquer novo conhecimento. A carga de energias positivas que a base passara a receber ajudaria no processo de conscientização, tanto do mago como dos demais que lá viviam.

Iniciava-se mais um processo de regeneração espiritual, no qual o mago e seus companheiros teriam as oportunidades que precisavam para se conscientizarem e se redimirem. Após superarem suas próprias mazelas e aproveitando o conhecimento que haviam acumulado, poderiam se juntar ao trabalho em prol da harmonia universal. Ao que tudo indicava, em breve poderiam surgir mais aliados na luta contra a ignorância das leis divinas.

Concluído o trabalho com a base, a faixa de atendimento foi fechada e o dirigente começou a se inteirar do que havia acontecido com os demais médiuns do grupo. Durante todo o tempo do trabalho com o mago, médiuns do grupo faziam o papel de dirigentes atendendo outros médiuns em diversas manifestações que iam surgindo na mesa. Houve uma faixa de vida anterior com uma entidade que cobrava a consulente, um sonolento que estava junto a ela sugando a pouca energia que lhe sobrava, entidades obsessoras prejudicando-a intencionalmente, além de objetos imantados e energias pesadas na sua casa. Os médiuns trataram o que lhes foi possível e deixaram as demais faixas congeladas para futuros atendimentos.

Depois de mais de quarenta minutos de atendimento e de tantas manifestações, chegara a hora de trazê-la de volta do relaxamento e passar as recomendações. Sua volta ao corpo físico foi lenta, precisando de reforço na contagem dos pulsos energéticos. Quando finalmente retornou, estava um pouco tonta e precisou de alguns momentos e de mais um reforço na contagem de pulsos para que seus corpos não físicos acoplassem de vez. Depois que se sentou, o grupo passou a orientá-la.

Primeiro, foi abordada a questão da depressão. Ela foi orientada a retomar o tratamento médico do seu mal, tendo o grupo lhe enumerado os motivos óbvios para tal. Em segundo lugar, foram abordadas as questões espirituais e energéticas, quando lhe foram explicadas as dificuldades que enfrentaria nesta área devido à baixa frequência na qual costumava vibrar em função dos seus sentimentos e emoções negativos. Em seguida, o grupo explicou a relação que havia entre a depressão e a baixa frequência, com uma alimentando a outra, e vice-versa, e as duas se agravando mutuamente.

O grupo ainda recomendou algumas leituras para que se esclarecesse com relação à espiritualidade e que tomasse passes pelo menos uma vez por semana. Finalmente, foi abordada uma questão que era crucial no seu caso: ela deveria marcar atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa. Foi-lhe dito que, se não prosseguisse com o tratamento, todo o trabalho teria sido em vão e se perderia, seu quadro regrediria e o alívio alcançado com o atendimento que acabara de ter seria passageiro. Foi dada ênfase especial ao fato de ser necessário que ela encarasse com seriedade os tratamentos médico e espiritual que estavam lhe indicando, sem os quais dificilmente conseguiria se recuperar.

Ela recebia as recomendações e concordava com tudo acenando a cabeça. De vez em quando inspirava fundo e soltava o ar junto com um suspiro de alívio. Era nítida a mudança do seu estado. Quando entrou na sala, demonstrava desânimo, cansaço, desilusão, peso... Ao final do atendimento, parecia aliviada e leve. Chegou até a sorrir algumas vezes durante as recomendações! Porém, havia algo estranho no seu comportamento.

Ela nada falava. Apenas ouvia. Só falou quando, saindo da sala, agradeceu ao grupo pelo bem-estar que estava sentindo. Em resposta, recebeu o costureiro “agradeça a Deus” do grupo. Disse ainda que dava graças a Deus pela existência daquele centro, pois sempre encontrara ajuda ali quando precisou e que sabia que sempre poderia procurá-los quando não estivesse bem.

O dirigente lhe respondeu mentalmente com um “até o próximo atendimento”, pois entendeu que ela havia dito que procuraria um novo atendimento só quando estivesse mal outra vez. Comentou com os médiuns o que havia pensado e estes concordaram, concluindo que ela, de forma imediatista, estava valorizando só aquele momento de alívio que estava experimentando. Talvez não tivesse nem ouvido as recomendações que lhe passaram, tal o êxtase no qual parecia se encontrar. Os membros do grupo foram unânimes em achar que ela não seguiria as orientações e que acabaria voltando um tempo depois, novamente em frangalhos, para mais um atendimento de emergência.

Infelizmente, tal comportamento não é raro. Não são poucos os que deixam de fazer o que poderiam fazer por si mesmos e procuram receber benefícios já prontos, de preferência providenciados por outros. Porém, apesar de não existir solução deste tipo, a sua busca frequente, associada a alívios momentâneos, pode criar uma dependência que irá retardar a evolução do espírito enfraquecido e, muitas vezes, criar-lhe problemas maiores ainda do que os que já tinha.

Entretanto, um dia, aqueles que pensam poder encontrar suas soluções nos outros, despertarão para a verdade e passarão a tentar resolver seus próprios problemas. Ou, pelo menos, ajudar na solução fazendo a parte que lhes cabe. Enquanto tal conscientização não acontecer, os trabalhadores da casa estariam lá

para prestar o socorro procurado, com amor e sem julgamentos. Até mesmo porque o aparente desinteresse por si próprio talvez seja um degrau que precisa ser vencido pelo espírito para avançar no seu caminho rumo ao conhecimento e à consciência.

Vidas anteriores e magia negra

No atendimento de uma mulher de trinta anos, separada e mãe de dois filhos, um de seis e outro de oito anos, esta relatou que os criava praticamente sem a ajuda do ex-marido, o qual aparecia raramente para ver as crianças e achava que já fazia muito ao pagar uma pequena pensão mensal. Quando se separou, quatro anos antes, viu-se obrigada a voltar a morar com a mãe e com uma irmã por motivos financeiros. Tentou como pôde evitar esta alternativa, mas não teve outra opção. Porém, como compensação pelos transtornos pelos quais sabia que passaria, poderia contar com elas para ajudá-la com as crianças.

Contou que, embora seu relacionamento com a irmã não pudesse ser classificado como o melhor do mundo, também não podia dizer que era ruim. Mesmo não havendo uma amizade fraterna ou uma parceria sincera entre elas, conseguiam conviver de forma pacífica e cooperativa. Tanto que, em sociedade, utilizando uma peça da casa, abriram uma pequena loja para venda de produtos populares, a qual rendia o suficiente para o sustento de ambas.

Por outro lado, o relacionamento que tinha com sua mãe sempre fora conturbado e cheio de atritos. Disse que ela era autoritária e mandona e que vivia apontando seus defeitos, menosprezando-a e desvalorizando tudo o que fazia. Não conseguia entender por que sua mãe tinha tal comportamento com ela, já que com sua outra filha acontecia o contrário. Segundo seu relato, a irmã era sempre a protegida, a perfeita e a que fazia tudo certo. A diferença de tratamento que a mãe dispensava a cada uma das filhas a deixava muito magoada e com ressentimentos profundos, a ponto de ter passado vários anos da sua vida pensando ser uma pessoa inferior a todos e não merecedora de ser feliz.

Foi o ambiente hostil que vivia na própria casa, do qual queria se livrar a qualquer custo, que a impeliu a um casamento com um rapaz que se apaixonou por ela, mas com o qual não tinha qualquer afinidade. Nem amor. Quase como em desespero, aos dezenove anos aceitou se casar pensando apenas em aproveitar a oportunidade que surgia para sair da casa da sua mãe. Apesar de ser uma união sem amor por parte dela, a vida que levava lhe era melhor do que antes. Embora tivesse que suportar muitas coisas com as quais não concordava, também houve alguns momentos felizes. Mas a relação chegou a um ponto no qual ambos apenas se suportavam e, então, acharam melhor cada um cuidar de si e se separaram.

A consulente relatou que mesmo se sentindo mais madura, mais forte e calejada pela vida e tendo aprendido a lidar melhor com os conflitos que vivenciava com a mãe, causava-lhe pânico a ideia de ter que voltar a morar com ela. Porém, sozinha, não tinha como proporcionar condições dignas para seus filhos crescerem. E assim, pensando neles, resolveu ir morar novamente com a mãe e a irmã. A presença das crianças contribuiu para amenizar um pouco o ambiente, já que desviavam para si a atenção das mulheres. Mesmo assim, sua mãe nunca deixava de aproveitar as chances que surgiam, por qualquer motivo, para lhe dar uma alfinetada. Mas ela já havia aprendido a administrar melhor os conflitos e conseguia levar a situação com sua mãe de maneira satisfatória, até por causa do seu envolvimento com a loja, que a mantinha mais tempo afastada do convívio com a mãe.

A lojinha ia bem. Desde que foi aberta, a clientela aumentava e o giro dos estoques era cada vez mais rápido. Assim foi por uns dois anos, até que, quatro meses antes, a irmã da consulente desviou todo o dinheiro da loja, o qual estava destinado à reposição dos estoques e ao pagamento de fornecedores. Tal fato foi o estopim que detonou uma guerra entre as irmãs. A mãe tomou partido imediatamente ao lado da sua filha predileta e a defendia.

A confusão que se criou foi tão séria que obrigou os parentes mais próximos a intervirem no caso. Uma tia da consulente, irmã do seu pai, já falecido, vendo que ela não tinha condições financeiras de sair dali, apiedou-se da sua situação, acolheu-a e levou-a com seus filhos para morarem consigo até que ela conseguisse se estabilizar e pudesse cuidar de sua vida novamente. Com isso, abandonou a loja que havia montado com a irmã e não a viu mais. Nem a sua mãe. Pensou que seria o fim da loja, mas um mês depois de ter saído de lá ficou sabendo que a irmã e a mãe continuavam tocando o negócio.

Ela, porém, não conseguia trabalho. Contou que até surgiram algumas oportunidades boas desde que havia deixado a loja, mas sempre acontecia algo que a impedia de ser contratada. Concluindo o relato de tanto sofrimento, com lágrimas no rosto e profundamente sentida, disse que gostaria de encontrar uma explicação para o fato de ter se transformado no alvo de tantos sentimentos negativos que lhe eram dirigidos principalmente pela sua mãe, a vida inteira, e agora pela sua irmã também.

Alguns membros do grupo, inicialmente, ficaram penalizados com a sua situação diante de tanto descaso dos próprios familiares. Porém, cientes de que nada na vida acontece por acaso, em seguida se recompuseram e não se deixaram envolver emocionalmente, pois precisavam se manter harmonizados e neutros para poderem trabalhar as questões energéticas e espirituais que poderiam estar envolvidas naquele caso. E para isso, não poderia haver a interferência dos seus próprios sentimentos.

O dirigente procurou acalmar a consulente e a levou ao relaxamento. Antes de relaxar, ela ainda relatou que seus filhos estavam com o sono muito instável. Desde que começara toda aquela confusão, as crianças acordavam assustadas quase todas as noites, no meio da madrugada, e só conseguiam dormir novamente se ela as levasse para a sua cama. Alguns médiuns já demonstravam sinais de sintonia com faixas que precisariam ser trabalhadas antes mesmo do dirigente comandar a abertura dos campos mental e energético da consulente. Um médium sintonizou com uma faixa de passado, outra visualizava um trabalho de magia feito contra ela e outro havia incorporado uma entidade.

Para não provocar uma alteração brusca no padrão vibratório dos consulentes, é aconselhável que apenas uma ou, no máximo, duas das faixas que se apresentarem sejam trabalhadas num mesmo atendimento. Normalmente, as que não são tratadas num primeiro momento são congeladas para que sejam abertas novamente em um próximo atendimento. Porém, neste caso, apesar de serem faixas distintas, os médiuns sentiram que todas as manifestações estavam interligadas e precisavam ser trabalhadas ao mesmo tempo para que se resolvessem. Assim, o dirigente atendeu o médium que estava incorporado e outros dois médiuns assumiram o papel de dirigentes atendendo os que estavam sintonizados com as demais faixas.

A entidade que se manifestava demonstrava ódio pela consulente e satisfação por vê-la na situação na qual se encontrava. Referia-se a ela tratando-a no modo masculino. Dizia que não o deixaria em paz e iria massacrá-lo, espezinhá-lo, atormentá-lo, e que não descansaria enquanto não o levasse para o lado de lá (junto aos desencarnados), onde teria que prestar contas com muitos que já havia prejudicado. Garantiu que estavam apenas esperando-o para fazê-lo pagar pelos sofrimentos que havia causado a eles.

Com a amargura característica das entidades dominadas pelos sentimentos mais baixos, desdenhava da consulente e procurava alertar o dirigente dizendo que agora ele estava ali, escondido num corpo diferente, fazendo-se de bonzinho e sofredor, mas, na verdade, é uma pessoa cruel, que nunca hesitou em sacrificar o que ou quem fosse preciso para satisfazer sua fome de poder e de riquezas.

Uma médium, que visualizava a faixa de passado à qual a entidade se referia, esclareceu que o espírito que então estava encarnado na consulente era, àquela época, um senhor de engenho, dono de uma bela e grande fazenda, a qual ele expandia cada vez mais usando qualquer meio que pudesse, inclusive eliminando os vizinhos que não quisessem lhe vender as terras pelo preço que ele queria pagar. Havia muitos escravos ali, os quais eram tratados de forma desumana e com extrema dureza. Aquele senhor de engenho achava normal a morte de escravos. Segundo seu pensamento, os que morriam eram os que não prestavam.

Achava que um escravo, para ser considerado bom, teria que ser forte o bastante para suportar o tratamento que recebia.

A entidade voltou a falar, reforçando o que a médium acabara de informar e completou dizendo que aqueles que o aguardavam para o ajuste de contas eram os seus antigos escravos e outros contra quem ele atentara ou perseguira. Disse, ainda, que levou bastante tempo para encontrá-lo, mas agora que o havia localizado, não iria deixá-lo escapar. Com satisfação, afirmou que já estava quase conseguindo o que queria.

Nesta hora, já com as informações que precisava, o dirigente abordou a entidade dizendo a ele que nunca conseguiria o que queria porque ninguém, além de Deus, tem tal poder. Relembrou-o que o “quase” ao qual se referia já acontecera outras vezes nestes muitos e muitos anos de perseguição, nesta e em outras vidas, que ele empreendia contra quem julgava ser seu devedor, mas sempre acontecia alguma coisa que impedia a concretização do seu intento. Como estava ocorrendo naquele momento, no qual o espírito que fora o antigo senhor de engenho estava recebendo ajuda da espiritualidade para poder continuar sua jornada encarnado aqui na Terra.

Diante destas palavras, a entidade protestou alegando que era injusta a ajuda a quem tanto mal havia provocado, enquanto aqueles que sofreram em suas mãos continuavam abandonados e ainda sofrendo por sua causa. Enfurecendo-se, afirmou que eles mesmos fariam a justiça que achavam que cabia e ameaçou investir contra quem se colocasse no seu caminho, fosse quem fosse.

Apesar do rompante deste espírito e da determinação nos seus propósitos, o dirigente conversava calmamente com ele apresentando argumentos e contra-argumentos que, pouco a pouco, iam minando suas convicções. Em determinado momento da conversa, então já menos resistente, o dirigente conseguiu sua permissão para mostrar-lhe como poderia estar em condições bem melhores se não cultivasse tanta negatividade dentro de si. Então, envolveu-o numa luz azul e alinhou e equilibrou seus *chakras*, dando uma ênfase especial ao cardíaco, sobre o qual projetou sentimentos amorosos na forma de um jato de luz rosa.

Mais harmonizado e sem a influência das energias negativas que ele próprio cultivou e na qual estava envolto, parecia desfrutar de um bem-estar que há muito, muito tempo não sentia. Antes de arrematar a questão, o dirigente deixou aquele espírito, que tanto sofria por ignorância das leis divinas, saborear por alguns momentos a paz que a ele estava sendo proporcionada. A seguir, o dirigente mostrou-lhe a contradição da qual foi vítima e a armadilha na qual foi apanhado sem se dar conta.

Perguntou a ele: “Não é verdade que o que todos vocês mais queriam era a liberdade e a felicidade?”. Emocionado, confirmou com um aceno de cabeça que

era justamente isso o que mais desejavam. Então, o dirigente afirmou-lhe que ambas as coisas estiveram ao alcance deles, mas eles não as quiseram, abriram mão delas para se dedicarem a um projeto de vingança que só lhes trouxe mais dor e sofrimento. Sem entender o que o dirigente lhe dizia, o obsessivo argumentou que eles só poderiam ser livres e felizes quando conseguissem fazer justiça.

Explicando o que queria dizer, o dirigente lhe falou que a liberdade esteve ao alcance de todos eles quando abandonaram seus corpos físicos. Que, mesmo a passagem do estado de encarnado para desencarnado tendo acontecido de forma traumática, a partir daquele momento eles estariam livres das dores, das limitações e dos sofrimentos que seus corpos físicos sentiam. Que eles poderiam ter abandonado este plano e partir para outros para escolher e explorar uma imensidade de oportunidades que estariam abertas para cada um deles, o que os levaria a serem felizes fazendo o que gostassem e participando de uma vida completamente diferente, que poderia ser plena de realizações.

Apresentou a contradição da escolha que fizeram ao dizer que, em vez de terem optado pela liberdade e pela felicidade que estavam bem à frente deles, assim que se viram livres decidiram recolocar os grilhões e se prenderam novamente ao carrasco por meio das correntes do ódio e do desejo de vingança. Que se negaram a aceitar a ajuda oferecida por espíritos que vieram socorrê-los quando do desencarne e preferiram continuar ligados ao sofrimento e a quem o provocava. Que poderiam ter seguido em frente, deixado para trás suas mazelas e confiado na justiça divina para reparar as falhas cometidas, mas estacionaram na dor e no erro, sofreram ainda mais, fizeram outros sofrerem e assumiram um *karma* que não era necessário, pelo qual terão que responder.

Sensibilizado e demonstrando arrependimento, o espírito sofrido repetia que não sabia de nada daquilo que estava lhe sendo revelado. Por fim, disse que estava cansado e disposto a abandonar seu projeto de vingança e iniciar uma nova vida longe de todo o mal que estava envolvido naquela situação. Queria descansar e ter um pouco de paz. Então, o dirigente pediu-lhe que repassasse aos seus companheiros de infortúnio tudo o que haviam conversado, que se mostrasse com sua nova aparência, mais saudável e equilibrada, e estendesse a eles o convite para acompanhá-lo a um local na espiritualidade onde cada um receberia o que estivesse precisando para se restabelecer.

Não foi difícil convencê-los, já que estavam sob o seu comando. O dirigente estava prestes a encaminhá-los ao Hospital Amor e Caridade para o tratamento dos seus desequilíbrios quando o espírito em atendimento comunicou que ainda havia mais uma coisa que precisava dizer: ele e seus companheiros não estavam atuando apenas sobre a consulente, mas também sobre sua mãe e sua irmã. Nada tinham contra elas, mas as usavam com o objetivo de atingir seu alvo. Conseguiram agir principalmente sobre a mãe, amplificando sentimentos negativos que esta já

possuía com relação à filha. Chegaram ao ponto de induzi-la a fazer um trabalho de magia negra contra ela. Esclarecida a questão, o dirigente encaminhou a todos para tratamento na espiritualidade.

Com este relato final da entidade, os membros do grupo estabeleceram as pontes entre as três faixas que surgiram no início e entenderam porque precisariam ser trabalhadas juntas. Enquanto o dirigente tratava com a entidade que se manifestara, havia médiuns trabalhando com uma faixa de passado e outros lidando com um trabalho de magia que fora feito contra a consulente.

Na faixa de passado que se apresentou, as três mulheres – a consulente, a mãe e a irmã - se dedicavam à prática de feitiçaria. Eram independentes umas das outras até que as que na vida atual eram a mãe e a irmã da consulente se uniram contra ela, dando início a uma guerra de magia entre as bruxas. Os motivos para tal contenda não ficaram claros, mas se relacionavam a ciúme ou inveja. Apesar de a briga ser de duas contra uma, a que estava sozinha levava vantagem, pois, enquanto as duas lidavam com energias pesadas e com seres trevosos, ela tinha mais conhecimento e, mesmo não tendo nada de santa, ligava-se a energias um pouco mais elevadas.

A disputa se arrastou pelo resto de suas vidas e criou um forte sentimento de rivalidade entre elas. O espírito obsessivo que se manifestara no atendimento não teve dificuldade de reacender tal sentimento no espírito que então era a mãe da consulente, pois o acesso a ela era facilitado devido às brechas que possuía graças à prática contínua, há várias encarnações, de ações e atitudes condenáveis. Ele reavivou na mãe as lembranças daquela vida passada, de modo que, na convivência com a filha, identificava nela mais a sua rival do passado, razão pela qual tanto a perseguia.

Era necessário neutralizar as energias que repercutiam desde aquela existência terrena anterior. Foram recolhidos todos os utensílios que elas usavam para o preparo das magias naquela vida passada. Potes, poções, caldeirões, livros e tudo mais foram encaminhados na faixa do Mago Merlin. As paredes, o teto e o chão dos lugares onde trabalhavam estavam recobertos por uma substância pegajosa, negra, impregnada de negatividade, onde circulavam animais diversos, como aranhas, escorpiões, vermes e lacraias, os quais foram recolhidos pelos médiuns e encaminhados à espiritualidade. Em seguida fizeram uma limpeza energética nos laboratórios das bruxas utilizando vento solar e água do mar e todas as portas e janelas foram abertas para a luz do sol entrar. Por fim, deixaram uma pirâmide de cristal na cor violeta envolvendo cada um dos locais para transmutar as energias que ainda pudessem estar impregnadas ali ou que para lá se dirigissem através da mentalização inconsciente de alguma delas.

Harmonizadas as energias daqueles locais, que deixariam de irradiar emanções daninhas, os médiuns passaram a trabalhar as pessoas. Para harmonizar o relacionamento entre elas, as três foram desdobradas e, através da contagem de pulsos energéticos, para cada uma foi providenciado o esquecimento daquela faixa de passado para que as lembranças inconscientes que provinham daquela vida anterior deixassem de influenciar suas vidas atuais. As três mulheres foram levadas de volta no tempo, até antes de reencarnarem, para relembrem seus planos para as respectivas vidas presentes, nas quais, então, cada uma foi focada. Encerrando o trabalho nesta faixa, todas elas foram sintonizadas com as faixas do Mago Merlin, para esclarecimentos a respeito do mau uso da magia e suas consequências, e dos Senhores do Karma, para esclarecimentos sobre os compromissos que cada uma havia contraído com as demais e as formas de cumpri-los.

Nas encarnações seguintes, a consulente e sua irmã conseguiram se desvencilhar de boa parte dos liames nos quais se enredaram com a prática de magia negra, mas a mãe continuou lidando com energias pesadas nas suas encarnações seguintes. Embora tivesse conseguido manter certa distância da magia na sua encarnação atual, sem se envolver diretamente, ainda se sentia fascinada pelos seus mistérios. Tanto que o obsessor que se manifestara teve facilidade para induzi-la a voltar a usar tal recurso.

As lembranças da vida passada na qual praticava magia negra e rivalizava com a que então era sua filha estavam registradas na sua memória espiritual. Elas foram reavivadas no seu inconsciente pela entidade e fizeram com que os sentimentos que vivia naquela época voltassem com força. Assim, os pequenos sucessos que a consulente obtinha incomodavam sua mãe, que quase não opôs resistência à influência que recebia para usar a magia a fim de prejudicá-la. Sob pressão constante dos espíritos sofrendores que buscavam vingança, acabou chegando a um terreiro que lidava com energias e entidades de vibração bastante baixa e encomendou um trabalho para afastar a filha da loja.

Esta era a terceira manifestação que havia acontecido na mesa. Duas médiuns do grupo, uma sintonizada com o plano espiritual e a outra dirigindo, lidaram com o trabalho de magia encomendado pela mãe contra a filha. Havia alguns objetos da consulente, como fios de cabelo, uma foto e uma camiseta, enrolados dentro de um boneco que a representava. O boneco, por sua vez, estava com os olhos e a boca vendados, para que ela não percebesse o que estava acontecendo à sua volta e para lhe calar a boca. Estava, ainda, dentro de uma caixa lacrada com fita adesiva para que ficasse sufocado.

A magia encomendada não conseguia se aproximar da consulente o suficiente para fazer seus efeitos, pois ela possuía alguma proteção energética. Era mérito seu, alcançado graças aos esforços que empreendeu, encarnação após

encarnação, para restabelecer seu equilíbrio, que fora abalado pelo mau uso que fizera da magia no passado. Não podendo atingi-la como desejado, as entidades que estavam ligadas àquele trabalho direcionaram suas energias para a sua irmã, mais acessível a tais influências por uma questão de compatibilidade de padrão energético, para que esta a prejudicasse de alguma forma e inviabilizasse a sociedade que mantinham. Foi então que a irmã foi influenciada a desviar o dinheiro da loja.

Sob a inestimável tutela da faixa dos Pretos Velhos, o material utilizado na magia foi todo separado, desmantado e queimado no plano astral, anulando as energias que emanavam. Este trabalho não iria mais interferir na vida de ninguém, mas ainda havia um outro, preparado ao mesmo tempo e pelas mesmas pessoas. Este, porém, não era para prejudicar ninguém, mas para proteger.

Sem entender porque foram feitos dois trabalhos de magia juntos com intenções contrárias, as médiuns apuraram mais a sintonia para perceber melhor o que estava acontecendo. Clareou-se o quadro no qual estavam trabalhando e puderam perceber que a mãe da consulente, ao encomendar o trabalho contra a filha, recomendou que nada deveria acontecer com os seus netos. Assim, foi preparado um segundo trabalho no qual entidades foram colocadas junto às crianças, acompanhando-as para impedir que as energias do primeiro as atingissem.

Funcionava, pois as crianças não eram afetadas por aquelas emanções. As entidades que ficavam junto a elas as protegiam do primeiro trabalho, desviando as energias que pudessem atingi-las. Porém, aqueles que prepararam os dois trabalhos usaram os recursos que lhes estavam disponíveis. Como lidavam com energias muito baixas, só podiam contar com entidades mais ligadas às trevas do que à luz. Assim, as que se encontravam com as crianças tinham um aspecto horrível.

Durante o sono, quando o espírito consegue se libertar do corpo físico e ficar mais próximo dos planos mais sutis, as crianças podiam perceber as pobres criaturas que as acompanhavam e se assustavam, acordando com medo. Apesar de estarem cumprindo o papel que lhes fora designado, estavam causando outros transtornos, talvez até piores do que aqueles que tinham a incumbência de evitar. Com a repetição destes “pesadelos” noite após noite, as crianças tinham um desgaste energético muito grande e se sentiam esgotadas. Por medo de reviverem tais encontros, passaram a não querer mais dormir, dando um trabalho adicional à mãe até que conseguisse acalmá-las, o que ficava cada vez mais difícil.

As médiuns providenciaram a desmantação deste trabalho, assim como foi feito no anterior, e encaminharam todas as entidades envolvidas nos dois trabalhos de magia na faixa dos Pretos Velhos, com a qual ainda estavam sintonizadas.

Ao final, os médiuns que participaram de cada faixa trabalhada colocaram os outros a par do que aconteceu. Então, o grupo pôde encaixar as peças e montar o quebra-cabeça no qual se constituía o atendimento. Aquele caso era bastante complexo, com implicações imprevisíveis devido ao grande emaranhado de situações nele envolvidas, havendo inclusive um obsessor encarnado, que era a própria mãe da consulente.

Houve consenso entre todos de que seriam necessários outros atendimentos e que aquele fora apenas o primeiro de uma série. Tendo uma boa visão geral da situação na qual a consulente se encontrava, o dirigente a trouxe de volta do relaxamento para lhe passar algumas instruções, sempre com o cuidado de procurar promover a harmonia entre as pessoas. Por isso, falaria apenas o que pudesse melhorar a relação conturbada que vivia com a mãe e a irmã.

Disse-lhe que foram harmonizadas as energias impróprias originadas pelas situações adversas vividas em família e que foram criadas condições para que, dali em diante, as animosidades entre elas se resolvessem com mais tranquilidade, as pessoas passassem a se respeitar mais e as mágoas e rancores dessem lugar a sentimentos mais positivos. Disse-lhe que seus filhos estavam sentindo um pouco o ambiente hostil que se criara entre elas e as mudanças que aconteceram, mas que logo isso passaria.

Ouvindo tais palavras, a consulente ficou em dúvida se agira certo ou não tomando as atitudes que tomou, pois não pensou em como a situação poderia atingir as crianças. O dirigente se viu numa enrascada: não podia falar que o real motivo do mal-estar das crianças era a presença de entidades de baixa vibração junto a elas, mas também não poderia deixar que ela se sentisse culpada pelo que acontecera.

Diante disso, disse-lhe que às vezes os conflitos são inevitáveis e úteis para estabelecer os limites até onde cada um pode avançar. Desde que a motivação para um conflito seja baseada na justiça, ele será educativo, pois ensinará e transmitirá valores positivos. Para as crianças, mesmo que cause um choque inicial, com o tempo, e principalmente com amor, será uma lição na qual aprenderão a lidar com as contradições humanas de uma forma natural. Se, pelo contrário, em vez de enfrentar a situação houvesse submissão, a lição que se poderia tirar daí seria negativa, podendo gerar desamor, rancores, revolta, além de outros sentimentos ruins.

O dirigente recomendou à consulente que marcasse atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa, salientando que sua mãe e sua irmã eram as mais necessitadas de harmonização e que, através dela, poderiam acabar beneficiadas. Como provavelmente elas não achassem que precisariam de apoio espiritual, e por isso não o procurariam, poderiam receber tal apoio de forma

indireta através dos atendimentos aos quais ela compareceria, pois o tópico principal a ser tratado neles seria o difícil relacionamento familiar.

Se elas fizessem pelo menos um pequeno esforço no sentido de se reciclarem e passassem a vibrar numa sintonia mais alta, estariam se habilitando para receber e usufruir os bons fluidos que a elas seriam dirigidos. Senão, que não se sentisse responsável, pois estaria fazendo a sua parte e não teria como obrigar ninguém a fazer o que não quisesse, cabendo a cada um a responsabilidade por seus atos e escolhas.

Apesar de estar bastante sentida com o que vinha acontecendo, disse que não guardava raiva ou rancor e gostaria de ajudar no que fosse possível, mostrando-se feliz em poder ser o elo através do qual poderia se dar tal processo. Saiu da sala se comprometendo consigo mesma a seguir as orientações que lhe passaram e animada com a possibilidade de poder estar ajudando a mãe e a irmã.

Experiência com duplicatas astrais / Aparelhos

Entrou na sala um homem demonstrando ansiedade e nervosismo, olhando para tudo com movimentos rápidos da cabeça. Depois de se sentar na cadeira reservada ao consulente, recebeu as costumeiras explicações sobre o que iria ocorrer durante o seu atendimento, já para que fosse se acalmando. Com tranquilidade, o dirigente garantiu a ele que não havia motivo para qualquer receio, pois o atendimento iria transcorrer na mais perfeita paz, e que, com certeza, ele iria sair dali se sentindo melhor do que quando entrara.

O consulente ouvia com atenção até demasiada. Tinha o olhar fixo no dirigente, com os olhos arregalados, e demonstrava que entendia e concordava com o que ouvia através de movimentos curtos e rápidos com a cabeça. Não havia falado nada até o momento que o dirigente perguntou a ele o motivo que o levara a procurar por um atendimento espiritual como aquele. A partir de então, começou a falar sem parar, despejando as palavras como uma metralhadora.

Dentre as várias coisas que falou compulsivamente, relatou que tinha trinta e seis anos, fora casado e tinha um filho. Há um ano, sua mulher havia se separado dele porque não conseguia entender suas preocupações com o futuro da humanidade. Segundo ele, a raça humana desapareceria em breve devido a muitos desastres e catástrofes que estavam para acontecer, desde pragas e doenças incuráveis que iriam se espalhar pelo mundo, até um corpo celeste que colidiria com a Terra e a destruiria. E, entre uma desgraça e outra, ainda haveria uma invasão do planeta por seres de outra constelação. Compreensivo no seu devaneio, ele não culpava a ex-mulher por não compartilhar das suas apreensões. Conseguia

compreendê-la e sentia por ela, pela sua “inconsciência”, pela sua “ignorância”, mas admitia que era difícil para uma pessoa comum, como ela, perceber a extensão e a gravidade do problema que a humanidade estava enfrentando.

Mas tinha certeza de que os membros do grupo sabiam do que ele estava falando e o entendiam, pois, segundo a sua lógica, os médiuns seriam pessoas que estavam em contato direto com Deus! Para não o contrariar, já que o objetivo do trabalho não seria tentar convencê-lo de qualquer coisa, o grupo apenas disse que tudo aquilo era bem possível de acontecer mesmo, mas, se realmente viesse a acontecer, de nada teria adiantado a preocupação excessiva que ele estava tendo, pois não tinha o poder de mudar o mundo. O consulente interrompeu sua fala e ficou olhando para o grupo, parecendo meio perdido.

Então, o dirigente aproveitou a oportunidade e perguntou a ele se era aquele o motivo pelo qual estava buscando atendimento, ao que o consulente respondeu negativamente. Disse que sentia umas dores pelo corpo, as quais os médicos não conseguiam explicar, e sua irmã, que frequentava o centro, o levava até ali para ser atendido e tentar uma outra solução. Daí, aproveitou para dizer que, além das dores, ainda havia algo mais que gostaria de falar.

Com frequência, tinha uns pensamentos estranhos que pareciam não ser seus. Foi reticente quando o grupo lhe perguntou sobre o tipo de pensamentos que tinha. Não quis aprofundar o assunto, mas nem seria preciso, pois os médiuns já haviam sintonizado com a provável causa. Ele só disse que era como se alguém ficasse lhe falando coisas através da sua mente. Falou ainda que, às vezes, também se sentia em um lugar diferente. Exemplificou contando que podia estar em qualquer lugar, fazendo qualquer coisa, e, de repente, sentia-se como se estivesse em outro local ao mesmo tempo. Porém, não conseguia identificar que local era aquele.

O grupo já conseguira as informações que necessitava e já havia médiuns sintonizados com uma faixa que precisava ser trabalhada. Para evitar que o consulente disparasse novamente sua metralhadora de palavras, o dirigente pediu que ele deitasse e o levou a relaxar para iniciarem o atendimento. Era nítido o desequilíbrio que o acometia. Poderia ser considerado louco com facilidade por qualquer um que o encontrasse na rua. Ele até poderia ter algum distúrbio mental, físico ou químico no seu organismo, mas não era só isso. Havia mais coisas influenciando no seu estado.

Os médiuns trocaram olhares significativos, já prevendo que o atendimento que se iniciava poderia ser bastante incomum. Por isso, o dirigente providenciou a elevação da vibração dos médiuns, reforçou a ligação do grupo com a estrutura espiritual que amparava a casa e pediu uma ajuda especial para o trabalho que os

esperava. Em seguida, abriu os campos mental, energético e espiritual do consulente, dando início ao atendimento.

Uma médium visualizou algo metálico junto ao consulente, de um material que lembrava o aço inox. Era um aparelho localizado nas suas costas, a uns vinte centímetros do corpo, que reproduzia a coluna vertebral em toda a sua extensão. Na altura do pescoço, assumia uma forma achatada que acompanhava o contorno da cabeça, envolvendo-a por cima, por trás e pelos lados, como um capacete. Apesar de parecer uma peça metálica, era maleável e acompanhava todos os movimentos do consulente. Do aparelho saíam o que pareciam ser inúmeras descargas elétricas contínuas atingindo diversos pontos do corpo físico, principalmente na cabeça, onde as descargas pareciam ficar mais densas. Do topo do aparelho, acima da sua cabeça, saía uma antena de mais ou menos um metro de comprimento que servia para transmitir e receber sinais. O objeto era impressionante, tal a sua perfeição. Com certeza, havia uma tecnologia muito avançada envolvida na sua confecção.

O grupo precisava de mais informações sobre o aparelho para continuar o trabalho, de modo que o dirigente comandou o ajuste da frequência e da sintonia dos médiuns com aquela faixa para descobrir para que ele servia e como funcionava. A mesma médium que havia visualizado o aparelho relatou, então, que este atuava sobre o sistema nervoso central através das descargas elétricas, com cada uma se ligando a um terminal nervoso sensível a estímulos. Devido à grande quantidade de descargas que saíam do aparelho, era provável que este se conectasse a todo o sistema nervoso central do consulente.

Então, um dos médiuns intuiu que deveria ser invocada a faixa da Nave Novox para prosseguir o atendimento. Assim foi feito e mais detalhes foram surgindo através das percepções dos médiuns. Havia um fluxo contínuo e intenso de informações e estímulos circulando no aparelho. Chegavam através da antena e eram direcionados a terminações nervosas específicas no consulente e à sua mente, de acordo com a finalidade pretendida. O que o grupo pensou serem descargas elétricas, por ser a coisa mais parecida com o que existe no nosso mundo, na verdade eram os canais de comunicação utilizados para tais informações e estímulos chegarem ao seu destino. Por ali também retornavam informações do consulente até o aparelho para serem transmitidas para algum lugar.

O grupo precisava descobrir a fonte das transmissões e ir até lá para continuar o trabalho. Então, o dirigente ajustou a sintonia do grupo à frequência utilizada para a transmissão das informações para segui-la e localizar sua origem. Em seguida, os médiuns visualizaram uma imagem que começava a se formar. Era um corredor comprido e largo com vários tubos transparentes dispostos um ao lado do outro nas paredes laterais. O vão central era livre para circulação, mas não havia

ninguém ali. Dentro de cada tubo, havia uma figura humana com um aparelho igual ao que detectaram no consulente.

Desconfiando que as figuras dentro dos tubos correspondessem a pessoas reais, o dirigente executou uma contagem de pulsos para que a réplica do consulente fosse localizada, se ele estivesse ali representado. Os médiuns foram levados até um ponto mais para o meio do corredor e pararam em frente a um tubo, dentro do qual estava a réplica procurada. A imagem em três dimensões era idêntica ao consulente em todos os detalhes, inclusive com o aparelho e suas conexões.

Então, a médium que estava conectada com esta faixa desde o início comunicou ao dirigente que estava sintonizando com alguma manifestação diferente das que normalmente ocorriam. Disse sentir como se fosse uma incorporação, mas de um outro modo. Explicou que não conseguia visualizar a entidade, nem sentir sua vibração como de costume. A melhor forma que encontrou para definir aquele tipo de manifestação foi qualificá-la como “mais distante” e mais mental do que sensorial. Encorajada pelo dirigente a deixar fluir a manifestação, passou a falar o que lhe chegava.

A entidade que se apresentava era um dos responsáveis pelo local onde estavam. Mostrava-se calma e confiante, sem se preocupar com a presença do grupo nos seus domínios. Porém, deixou claro que não estava gostando da intromissão dos “invasores” e assegurou que era muito fácil criar uma duplicata de cada um deles e passar a controlá-los dali, como já fazia com os que estavam representados nos tubos. Disse que eles até seriam espécimes interessantes para a sua pesquisa, pois possuíam algumas características diferentes que ainda não haviam sido estudadas. A entidade referia-se à mediunidade.

Diante disso, o dirigente esclareceu-lhe que o grupo estava ali em missão pacífica, pois uma pessoa que se encontrava dentro de um dos tubos havia procurado o grupo em busca de ajuda e que, por isso, ali estavam para resgatá-lo. Seguiram-se alguns minutos de conversa, nos quais o dirigente tentava conscientizar a entidade sobre os erros que cometia ao prejudicar outros e sobre o *karma* negativo que adquiria como consequência. Porém não conseguia resultado, pois ela tratava os membros do grupo como seres inferiores.

De qualquer forma, informações importantes foram obtidas. O grupo se encontrava em um sofisticado laboratório no plano astral que pertencia a entidades com profundo conhecimento científico e tecnológico. Achavam que sua sociedade e a tecnologia que possuíam eram muito superiores às nossas. Tanto que se consideravam seres superiores. Até chamavam os encarnados de “humanos”, querendo sugerir que eles não pertenciam a nossa espécie. Os “humanos” eram vistos por eles como uma raça inferior e usados como cobaias para as suas

experiências, do mesmo modo como nós usamos animais para as nossas. À alegação de que os animais usados em nossas experiências não possuem consciência, ao contrário dos humanos, a entidade concordou em parte.

Reconheceu que somos dotados de certo nível de consciência, embora a achasse primitiva e rudimentar. Para justificar seu ponto de vista, alegou que bastava ver como tratávamos o planeta onde vivemos, explorando-o ao máximo, de forma irresponsável, e comprometendo-o como berçário de vida. Segundo seu argumento, bastava ver, também, como os “humanos” tratam seus semelhantes. Sua conclusão foi de que seres conscientes não agem da forma como nós agimos.

Quanto a isso, infelizmente, o dirigente foi obrigado a lhe dar alguma razão, embora salientando que a humanidade estava inserida num processo gradual de aprimoramento consciencial, ao qual eles também estão sujeitos, querendo ou não, reconhecendo ou não. Por isso, não teriam o direito de usar pessoas como cobaias só porque ainda não atingiram o mesmo nível de consciência que ele achava possuir. Mas o dirigente não continuou tal debate, que seria infrutífero, e tratou de desviar o foco do assunto para outras áreas onde pudesse ter mais sucesso. E assim, foi obtendo mais informações.

O aparelho acoplado à “cobaia” e o que estava junto à sua duplicata, ambos idênticos, funcionavam do mesmo modo e um se comunicava com o outro. O aparelho ligado à duplicata transmitia ao outro aparelho tudo o que acontecia com o clone e recebia as informações que o consulente gerava no seu. Do laboratório, os “cientistas” faziam suas experiências gerando os impulsos com os quais queriam atingir a cobaia e os aplicavam no clone. Os impulsos eram captados pelo aparelho junto ao clone e transmitidos para o aparelho que estava conectado à pessoa, o qual os reproduzia no seu sistema nervoso. Todas as reações energéticas, psíquicas e físicas produzidas na pessoa eram transmitidas de volta ao laboratório para posterior monitoração. Para isso, na parte inferior do tubo havia um equipamento que registrava todas as trocas e reações que ocorriam entre a vítima e o seu clone. Segundo a entidade que se manifestava, a finalidade das experiências era apenas “estudar a raça humana”.

Encaminhando a finalização do atendimento, o dirigente argumentou que aquela atividade precisaria ser interrompida por estar prejudicando pessoas inocentes, que não sabiam o que estava acontecendo e não tinham qualquer relação com a sua organização. A reação da entidade foi de desdém. Disse que ninguém ali tinha condições para determinar o que deveria ou não ser feito. Completou seu desprezo afirmando que todos não passavam de meros animaizinhos de laboratório e que esta seria a utilidade mais digna que se poderia dar a um “humano”, ou seja, servir de cobaia para experiências que pudessem trazer benefícios a seres superiores, como achava ser ele e os seus companheiros.

Querendo provar o que dizia, pediu para que os médiuns olhassem para uns tubos vazios localizados um pouco mais ao lado, nos quais estavam sendo formadas duplicatas de cada um dos membros do grupo. Diante da situação que se criara, era inevitável o confronto. Então, o dirigente reforçou a sintonia do grupo com a Nave Novox, de onde veio a instrução, através de um dos médiuns, para que os trabalhadores apenas elevassem suas vibrações, energizassem-se ao máximo e aguardassem o final do processo iniciado pela entidade. Porém, deveriam fazer com que o sentido, ou *spin*², desta energia fosse inverso ao da energia existente naquele local. O dirigente comandou a energização e a elevação da vibração dos médiuns através de contagem de pulsos energéticos, envolvendo a todos em um feixe de luz branca formado a partir da Nave Novox. Em seguida, o *spin* da energia que obtiveram foi invertido e ficaram aguardando.

Assim que os clones ficaram prontos dentro dos tubos, começou a formação dos aparelhos, simultaneamente, nas costas dos médiuns e das duplicatas. Após se formarem, foram ligados. Neste momento, faíscas saltaram em toda a extensão dos aparelhos que estavam junto aos clones dos médiuns, como se tivesse acontecido um forte curto-circuito. Em segundos, as duplicatas dos médiuns e os aparelhos que estavam ligados a elas se desfizeram. Tal curto-circuito, provocado pelo contato de energias de polarizações opostas, também afetou os tubos onde as duplicatas estavam formadas. Suas luzes se apagaram desde o início e, ao final, os tubos apresentavam vários sinais deixados pelo fogo. Estavam chamuscados e suas partes metálicas retorcidas devido à exposição a altas temperaturas. Era muito provável que aqueles tubos não serviriam para mais nada.

Os médiuns perceberam que os aparelhos formados junto a eles também tinham desaparecido. Deduziram que esta poderia ser a chave para resolver a situação das pessoas que estavam ali representadas por duplicatas. Então, o dirigente experimentou a solução com o consulente. Elevou a sua vibração, energizou-o e inverteu o *spin* da sua energia. O efeito na sua duplicata, no tubo que a continha e nos aparelhos foi o mesmo que ocorrera com os dos médiuns. O processo precisaria ser repetido para os demais clones que estavam lá. Seguindo a própria frequência utilizada pelos aparelhos a eles conectados, as pessoas que estavam sendo submetidas às experiências foram localizadas e ligadas à faixa da Nave Novox.

A vibração delas foi elevada, foram energizadas e foi invertido o *spin* das suas energias. O efeito no laboratório foi fantástico. Ao mesmo tempo, todos os

² *Spin* = Rotação. Em física, define o movimento relacionado à órbita de elétrons ao redor do núcleo dos átomos.

aparelhos ligados aos clones entraram em curto-circuito emitindo descargas elétricas e faíscas que iluminaram o ambiente por alguns segundos. Como acontecera antes, os clones e seus aparelhos desapareceram, assim como os que estavam ligados às cobaias encarnadas, restando no local apenas os tubos calcinados e retorcidos. Então, foi enviado ectoplasma carregado de energias curativas às vítimas das experiências, para regeneração dos pontos que sofreram danos nos seus diversos corpos.

Nesta altura do atendimento, a médium que havia sintonizado com a entidade que se manifestara sentiu que esta se afastava e falou ao dirigente o que ocorria. Poderia estar fugindo. Ou se afastando por algum motivo. Em auxílio ao grupo, outro médium expôs percepções que lhe chegavam da Nave Novox explicando o que acontecia: a entidade e todos os seus companheiros, assim como todos os equipamentos e artefatos do laboratório, estavam sendo recolhidos pela espiritualidade.

As características incomuns do atendimento surpreenderam os médiuns. Por via das dúvidas, para reforçar a melhor solução do caso, o dirigente providenciou uma contagem de pulsos energéticos para encaminhar na faixa da Nave Novox todas as entidades que surgiram no atendimento. O mesmo encaminhamento foi dado aos materiais que utilizavam, incluindo as instalações do laboratório.

Sem ter mais o que fazer neste caso, o grupo deu por encerrado o atendimento. O dirigente trouxe o consulente de volta do relaxamento e pediu que sentasse novamente para as recomendações. Após sentar-se, apoiou os cotovelos sobre os joelhos e, curvando-se para frente, levou o rosto até as palmas das suas mãos. Com o rosto envolvido pelas mãos, sacudia a cabeça devagar, de um lado para o outro, e lamentava “o monte de bobagens”, conforme suas palavras, que já havia feito.

Naquele momento, então livre das influências que distorciam sua percepção da realidade, conseguia ter uma noção mais clara das coisas que vinham acontecendo na sua vida. Manteve-se nesta posição, em silêncio, por algum tempo, parecendo alheio ao mundo. Os médiuns entenderam que ele estava precisando reorganizar seus pensamentos e aguardaram que se recompusesse antes de lhe passar as recomendações. Após este período de reflexão, parecia estar mais centrado, quando, só então, o dirigente chamou sua atenção para conversarem.

Ao ser perguntado como se sentia, respondeu que se sentia bem, aliviado e com os pensamentos mais claros. Já não falava mais como uma metralhadora, como quando entrou. Estava tranquilo e falava devagar, demonstrando maior consciência. Evitando entrar em detalhes que seriam desnecessários ao seu restabelecimento, o dirigente lhe falou apenas que haviam trabalhado com suas energias, que estavam em desequilíbrio, causando confusão mental e as dores que

ele havia reclamado no início. Disse-lhe que, agora, estando mais equilibrado e mais centrado, poderia ter uma percepção mais clara da realidade e suas reações e pensamentos seriam mais tranquilos, melhorando muito a sua qualidade de vida.

Foi-lhe recomendado que tomasse passes semanais e marcasse atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa para prosseguir seu tratamento espiritual e energético, o que deveria ser providenciado o quanto antes para que os avanços obtidos não se perdessem. Foi advertido da importância de policiar seus sentimentos e pensamentos para se manter numa frequência elevada. Para isso, deveria evitar as negatividades. Sempre que surgisse um pensamento ou sentimento negativo, ele deveria procurar substituí-lo por outro positivo.

Foi enfatizada, ainda, a responsabilidade que ele tinha consigo mesmo e o poder que possuía para reverter a situação em seu benefício. Com o tempo, e conforme o seu próprio empenho, poderia mudar o seu padrão vibratório para melhor. Esta era a parte que lhe cabia no tratamento que, aliado aos passes e aos atendimentos que ainda teria, iria lhe restituir o equilíbrio que precisava para tocar sua vida sem problemas. A última recomendação dada a ele foi que procurasse se manter ligado a Deus e à espiritualidade através de orações diárias e, principalmente, da prática constante do amor e da caridade. Ao sair da sala, afirmou que seguiria as recomendações que o grupo lhe passara, pois entendera que a solução do seu caso dependia muito mais dele do que de qualquer outra coisa.

O grupo ficou impressionado com o atendimento que terminara por causa dos aspectos inusitados que surgiram, como a presença não material de seres de elevado conhecimento e tão baixa moral entre nós. Os médiuns discutiram o caso por alguns minutos e concluíram que não se poderia dizer que o consulente delirava. Ele percebia, de algum modo, que havia uma presença estranha que se constituía numa ameaça. Porém, sua mente consciente não conseguia entender o que acontecia na verdade e arranjou uma interpretação lógica para o que percebia.

Também puderam constatar que o conhecimento e a tecnologia não têm ligação obrigatória, e nem sempre andam juntos, com a moral e a ética. Como se não bastassem os exemplos que há em abundância entre os encarnados comprovando tal tese, tiveram a confirmação de que o mesmo acontece no plano espiritual.

Mediunidade atormentada / Manifestações em consulente

Uma senhora entrou na sala parecendo um pouco assustada. Vendo o seu estado, o grupo tentou acalmá-la explicando como seria o trabalho, como de

costume. Então, ela relaxou e ficou mais à vontade, passando a falar sobre os motivos que a levaram a buscar aquele atendimento.

Relatou que tinha trinta anos, era casada e tinha dois filhos. Porém, há algum tempo, a convivência com seus familiares vinha ficando cada vez mais tumultuada. Além das dificuldades com a família, queixou-se também de problemas que encontrava com suas relações de amizade e profissionais.

Perguntada sobre os motivos que lhe causavam tais problemas, relatou que, desde menina, via coisas que os outros não viam, ouvia o que os outros não conseguiam ouvir e sentia umas coisas estranhas que não tinham explicação. Eram pessoas, cenas, sentimentos, sons estranhos, gritos, que a incomodavam e amedrontavam. Por medo, nunca falara sobre isso com ninguém. Disse que, sozinha, havia aprendido a lidar com a situação através da oração. Sempre que sentia que algo assim estava para acontecer, agarrava-se com Deus e orava pedindo proteção e que “aquelas coisas” fossem afastadas dela. Sua tática funcionou até cerca de um ano antes, quando começou a perder o controle sobre tais fenômenos e, segundo seus familiares lhe relataram, passou a falar coisas sem nexos e se comportar de uma maneira diferente.

Falou que não tinha lembranças claras do que acontecia nestes momentos e que só ficava sabendo o que acontecera quando outros lhe contavam. Sua família achava que ela estava ficando louca e já haviam providenciado uma consulta médica para ela, que ocorreria dali a alguns dias. Mesmo assim, continuava não comentando com ninguém o que acontecia com ela, pois tinha medo do que poderiam pensar e não tinha em quem confiar com relação a este assunto, que achava tão estranho e delicado.

Porém, uns dias antes, uma amiga havia presenciado um destes episódios e conversou com ela a respeito, tendo lhe falado sobre casos parecidos que conhecia e que foram solucionados através de tratamento espiritual. A amiga se dispôs a ajudá-la levando-a ao centro espírita que costumava frequentar para tentar um atendimento. Apesar de achar que não era este o seu caso, aceitou a ajuda e concordou em acompanhá-la naquele dia. Meio sem jeito, comentou que se sentiu muito mal enquanto aguardava a chamada para o atendimento e que chegou a se levantar algumas vezes para ir embora, sendo impedida pela sua amiga.

Como havia comentado que buscava a ajuda de Deus quando sentia algo diferente, o dirigente lhe perguntou qual era a sua relação com a espiritualidade, com Deus, e se fazia parte de algum grupo ou religião. Respondeu que era católica, pois, quando criança, fora batizada e recebera a primeira comunhão, ao que o dirigente observou que as decisões de ser batizada e de receber a primeira comunhão não foram suas, mas de seus pais. Então, perguntou-lhe que fé ela escolhera seguir por vontade própria. Sua resposta foi que acreditava em Deus,

mas não frequentava nada, nem seguia qualquer orientação religiosa. Assim como a sua família, completou. Disse que aprendera a orar com os pais e, vendo que dava resultado, simplesmente fazia suas orações quando precisava.

O dirigente pretendia lhe explicar algo sobre mediunidade antes de iniciar o atendimento propriamente dito, mas resolveu deixar para o final ao ver que os médiuns já mostravam sinais de sintonia com faixas que precisariam ser tratadas. Então, a consulente foi conduzida ao relaxamento e foi iniciado o trabalho mediúnico.

Quase todos os médiuns do grupo apresentavam algum tipo de manifestação, cada uma relacionada com uma faixa distinta. Enquanto o dirigente atendia uma delas, dois médiuns que ainda não haviam sintonizado com alguma faixa prestavam atendimento a outros dois. Mesmo assim, dois médiuns tiveram que aguardar a conclusão do trabalho com as outras faixas para que suas manifestações pudessem ser atendidas.

Para não sobrecarregar os médiuns que tiveram que esperar, as faixas com as quais estavam sintonizados foram “congeladas” até que alguém se liberasse para atendê-las. Era uma situação incomum, que exigiria do dirigente, e dos médiuns que estavam fazendo este papel, objetividade e praticidade para que o trabalho não se estendesse além do necessário.

O dirigente atendeu a manifestação de um espírito que vivera com a consulente em encarnação anterior e cobrava-a por achar que ela o prejudicara. Assim, perseguia-a e procurava prejudicá-la de todas as formas que conseguisse. Sua intenção era trazê-la para junto de si, onde teria mais meios para executar sua vingança. Para alcançar seus objetivos, tentava induzi-la a pensamentos negativos, hábitos nocivos à sua saúde, brigas, desentendimentos e a atitudes que pudessem, segundo pensava, acelerar seu desencarne. O espírito vingativo foi conscientizado de que, ligando-se daquela forma a ela, estava apenas perdendo tempo na sua jornada espiritual e deixando de aproveitar as oportunidades evolutivas que lhe surgiriam. Após a doutrinação, aceitou ser encaminhado à espiritualidade para receber os cuidados que estava precisando para se restabelecer dos desequilíbrios que o acometiam.

Enquanto isso, um dos médiuns atendia o colega que estava em sintonia com a casa da consulente. Lá havia uma penumbra impedindo a entrada de luz e muita negatividade impregnada nos objetos e na casa. Espalhadas pelo ambiente, ainda havia várias coisas plasmadas no plano astral, como trapos sujos e materiais em decomposição, que ajudavam a manter a baixa frequência do lugar e das pessoas que lá viviam. Investigando a origem de tudo aquilo, constataram que as próprias pessoas que viviam ali produziam as energias negativas que ficavam impressas no local, as quais eram aproveitadas por espíritos oportunistas que ficam

vagando no plano material. Estes, atuando sobre os familiares invigilantes, procuravam reforçar a predisposição que tinham em agir e pensar negativamente, para que o ambiente se mantivesse sempre impregnado com energias das quais pudessem tirar proveito.

Foi estabelecida uma comunicação à distância com os espíritos que estavam na casa, sem que fosse necessária uma incorporação. O médium que dirigia o atendimento falava-lhes explicando que eles não precisavam se nutrir com energias ruins, como estavam fazendo, pois no universo existia energia de boa qualidade em quantidade infinita, bastando que elevassem suas vibrações para ter acesso a elas. Ouviam-no meio descrentes, até que foi provocada a elevação das suas frequências e a eles foi direcionada uma energia positiva que os fez se sentirem melhor e desejosos de continuar usufruindo-a. Assim, não hesitaram em abandonar a casa, sendo encaminhados ao Hospital Amor e Caridade para receberem os cuidados que estavam necessitando.

Faltava apenas restituir o equilíbrio das energias da casa. Então, foi adotado o “procedimento padrão” para tais casos, ou seja, uma limpeza energética do local. Portas e janelas foram abertas para que a luz do sol e a sua energia entrassem, tomando o lugar da penumbra e queimando alguns miasmas. Os objetos plasmados no local foram reunidos e encaminhados à espiritualidade e, a seguir, foi passado um vento solar pela casa, queimando as negatividades e energizando-a. Depois, foi formada uma onda do mar que varreu o local levando os resíduos energéticos para o fundo do mar, para reciclagem, e deixando tudo recoberto com cristais de sal grosso, que refletiriam a luz que incidisse sobre eles e a espalhariam pelo ambiente, carregada de energias harmonizantes.

A outra faixa que estava sendo atendida paralelamente às duas anteriores referia-se a um aparelho astral instalado na consulente, na sua região abdominal. Estava conectado aos seus *chakras* inferiores – básico, umbilical e plexo solar – e atuava sobre eles interferindo nas suas trocas energéticas. Como ela apresentava uma vibração mais próxima da matéria, pouco se preocupando em aprimorar o seu lado energético mais sutil, suas ações e reações se fundamentavam, predominantemente, nas energias mais densas que transitam na região destes *chakras*. Por isso, foram escolhidos como alvos, tanto por ser mais fácil manipular tais energias, mais primitivas, mais pesadas e mais intensas, como pela possibilidade de exercer um maior controle sobre a consulente, já que suas decisões eram baseadas nestes centros de força.

O aparelho interferia na circulação normal de energias entre os *chakras* inferiores bloqueando ou intensificando estímulos, causando um grande desequilíbrio na região. Pelos centros de força inferiores, responsáveis pelo tratamento das energias relacionadas com as áreas sexual e emocional, passam as nossas energias mais fortes, mais ligadas ao instinto animal. Por isso, desajustes

nestes *chakras* tendem a causar desequilíbrio e instabilidade emocional, além de uma série de dificuldades relacionadas com a realização pessoal.

Eventualmente, desequilíbrios no *chakra* básico podem provocar distúrbios ligados ao sexo. Porém, não é esta a regra, ao contrário do que se poderia supor em um primeiro momento. Um desequilíbrio neste *chakra*, por onde circulam as energias relacionadas com a sexualidade, não será necessariamente refletido na atividade sexual da pessoa, pois esta energia é utilizada basicamente na nossa rotina diária para executar, para fazer, para criar tudo o que já foi analisado e decidido por nós. Assim, é muito provável que aqueles que apresentem algum desequilíbrio no *chakra* básico se confundam ou tenham dificuldades nas suas realizações e nas atividades que requeiram força de vontade e esforço criativo.

Identificado o modo de funcionamento do aparelho, os médiuns o desativaram e solicitaram a assistência dos médicos do Hospital Amor e Caridade para a sua retirada. Com calma e com cuidado, foi efetuada uma contagem de pulsos energéticos com comandos para que os terminais do aparelho fossem desconectados dos corpos não físicos da consulente. Uma nova contagem foi realizada para a doação de ectoplasma pelos médiuns e sua aplicação nas regiões danificadas pelo aparelho, para que se recuperassem. Então, todos os seus *chakras* foram energizados e harmonizados, quando assumiram seus aspectos e suas funções normais.

Como o atendimento estava apresentando muitas manifestações simultâneas, com médiuns ainda aguardando sintonizados em faixas a serem tratadas, resolveram não se aprofundar mais no caso. Assim sendo, para simplificar o atendimento, o aparelho foi encaminhado ao laboratório do Hospital Amor e Caridade para ser analisado, com a solicitação de que o Hospital tomasse as providências que fossem necessárias com relação aos responsáveis pelo objeto.

Quando acabou o trabalho com esta faixa, as outras duas ainda continuavam em atendimento. Então, os dois médiuns que haviam se liberado passaram a atender, no papel de dirigentes, os que ainda aguardavam.

Uma das faixas referia-se a um espírito que se encontrava em sono junto à consulente. Seu aspecto era o de uma massa escura, sem forma definida. Ela o havia atraído, como um ímã, quando baixou demais seu nível vibratório, criando as condições ideais para que o espírito inconsciente se juntasse a ela e permanecesse ali sugando as suas energias. Não foi possível estabelecer comunicação com o espírito, nem o despertar, apesar dos esforços dos médiuns para trazê-lo à consciência suprindo-o de energias. Não havendo mais o que fazer nesta faixa, os médiuns se limitaram a encaminhá-lo para tratamento no Hospital Amor e Caridade.

Na outra faixa que aguardava atendimento, foram trabalhados espíritos zombeteiros que haviam se achegado à consulente devido à sua baixa frequência. Não tinham nada contra ela, estando ali apenas para se divertirem. Achavam graça dos sustos que ela tomava quando entrava em contato com forças e energias que desconhecia. Ou quando se atrapalhava com algo que não podia controlar. E assim, faziam o que estava ao alcance deles para provocar tais situações. Provavelmente eles não tinham consciência do processo de interação que criaram com ela, mas era óbvio que as entidades estavam se alimentando das energias que provocavam nela. Energias geradas por emoções fortes são uma fonte abundante, onde espíritos não esclarecidos costumam suprir suas carências.

Os zombeteiros foram esclarecidos até onde era possível para a pouca capacidade de compreensão que tinham. Em seguida, foram energizados para que constatassem que não precisavam buscar em outros as energias que lhes faltavam, pois o que eles queriam existia de muito melhor qualidade e em abundância no universo. E assim, convencidos a abandonar o vampirismo que praticavam sem saber, foram encaminhados para tratamento na espiritualidade.

À medida que cada faixa era atendida, mal o trabalho encerrava e os médiuns imediatamente começavam a sintonizar com novas faixas. Se o atendimento fosse deixado à vontade, parecia que o grupo poderia ficar com a consulente o resto da noite. A situação precisou da intervenção do dirigente no sentido de bloquear a percepção dos médiuns para que não entrassem em sintonia com mais nenhuma faixa nova. Em vez disso, orientou-os para ficarem atentos às faixas que estavam sendo trabalhadas pelos outros médiuns para ajudá-los se fosse necessário.

Não bastassem as múltiplas manifestações que iam ocorrendo nos médiuns, a própria consulente apresentou alterações enquanto esteve deitada, alternando momentos de relaxamento e de calma com outros de agitação, quando estremecia, emitia sons ou se debatia. Por duas vezes, médiuns levantaram da mesa e foram até ela para acalmá-la, impondo-lhe as mãos e harmonizando as suas energias. Os médiuns, principalmente os menos experientes, ficaram um pouco nervosos por causa do que acontecia naquele atendimento. Apesar de terem lidado com faixas com as quais já estavam habituados, o trabalho se mostrou bastante incomum devido à quantidade de manifestações simultâneas atendidas, fugindo à regra ditada pelo bom-senso de trabalhar apenas uma ou duas faixas de cada vez. Entretanto, o pior ainda estava por vir.

Quando o dirigente deu por encerrado o trabalho mediúnico do grupo, dirigiu-se à consulente para trazê-la de volta do relaxamento. Fez uma contagem de pulsos energéticos para que acoplasse, mas não houve resposta. Tentou uma segunda vez, e nada. Na terceira tentativa, mais longa que as anteriores, com o dirigente chamando-a pelo nome e instruindo-a para que respirasse fundo e

assumisse o controle do seu corpo, ela passou a mexer a cabeça para os lados, devagar, e tentou abrir os olhos, conseguindo abrir as pálpebras apenas até a metade. Porém, só ficou visível a parte branca dos olhos, pois estes se posicionaram como se ela estivesse olhando para cima.

Da mesa, uma médium avisou o dirigente que a consulente havia dado passagem a uma entidade. O dirigente tentou encaminhá-la de imediato à espiritualidade para que o atendimento não se prolongasse mais ainda, mas não obteve sucesso. Tentou conversar com ela para doutriná-la, mas não havia resposta. Então, dois médiuns foram até a consulente e passaram a transmitir energias, a ela e à entidade que se manifestava, para que se harmonizassem. A consulente parecia estar relaxando e, da mesa, avisaram que a entidade que estava junto a ela também estava se acalmando, já não oferecendo mais resistência. Somente então, o dirigente conseguiu encaminhar aquele espírito ao Hospital Amor e Caridade para tratamento espiritual.

Livre da influência da entidade, esfregou as mãos no rosto tentando se restabelecer. Parecendo já refeita, foi ajudada pelos médiuns a sair da posição que se encontrava. Ao se sentar, seu corpo estremeceu todo e ela se encolheu, levando as pernas para junto de si, grunhindo e emitindo sons guturais. As mãos estavam semiabertas e, quanto aos seus dedos, uns estavam esticados e apontando para direções diferentes e outros estavam curvados de forma muito grosseira. As mãos ficaram voltadas para dentro, assim como os seus pés. Seu corpo tentava reproduzir a situação deplorável na qual se encontrava outra entidade que estava incorporando.

Pela expressão corporal demonstrada, concluíram tratar-se de um espírito com sérias deformações. Não bastasse possuir tal aspecto, ainda havia algo o atormentando, pois tentava se defender de alguma ameaça cobrindo a cabeça com suas mãos tortas e colocando os braços ao lado do tronco e as pernas à sua frente, mostrando muito medo. Além disso, seu corpo mental parecia estar afetado.

Era provável se tratar apenas de um espírito sem ligação direta com ela, perdido no plano espiritual, sem saber para onde ir, nem o motivo de estar naquela condição, que acabou sintonizando com a sua vibração por afinidade. Assim, repetiram o procedimento adotado para a primeira incorporação da consulente, energizando-a e ao espírito, o qual foi encaminhado ao Hospital Alvorada de Redenção devido à debilidade que demonstrava no seu corpo mental.

Com o encaminhamento da entidade, a consulente se descontraíu e sentou novamente, procurando se restabelecer. Preocupado com o que poderia vir a seguir, o dirigente iria bloquear a linha direta que havia entre ela e o plano espiritual, atuando nos seus *chakras* superiores. Regulando-os e diminuindo-lhes a intensidade, criaria um campo de força energético ao seu redor que a isolaria do

contato com os planos não físicos. Porém, antes que o dirigente pudesse tomar tais providências, uma nova incorporação aconteceu.

Desta vez, era uma entidade que chegou demonstrando um ódio profundo contra a consulente. Disse que estava procurando-a há muito tempo e, agora que a tinha encontrado, não iria largá-la enquanto ela não pagasse por todo o sofrimento que havia causado, não só a ele, como a muitos outros também. Embora o espírito se manifestasse através dela, foi possível doutriná-lo e convencê-lo dos erros que cometia e dos prejuízos que acarretava para si mesmo ao manter-se junto a quem odiava, por vingança. Por fim, mais harmonizado e consciente das leis de causa e efeito, desistiu da sua vingança e concordou em ser encaminhado ao Hospital Amor e Caridade para lá receber a assistência que estava precisando para se reequilibrar.

Depois de encaminhar a entidade vingativa, imediatamente o dirigente começaria a tratar do bloqueio das percepções da consulente. Porém, no mesmo instante no qual a entidade fora encaminhada, uma outra incorporava. Nestas circunstâncias, os médiuns menos experientes do grupo já não estavam apenas nervosos. Passaram a se preocupar bastante com a situação, que parecia se complicar cada vez mais e fugir do controle. O dirigente, percebendo a instabilidade que ia se formando entre os médiuns, embora preocupado também, procurava demonstrar firmeza durante o atendimento e confiança na espiritualidade.

Um dos médiuns mais experientes tentou contornar a situação instruindo os colegas a terem fé. Educadamente, ainda alertou que, caso alguém não pudesse ajudar objetivamente naquele momento, procurasse se manter concentrado no trabalho e em oração, pedindo ajuda à consulente, pois, afinal, era por isso que ela procurara a casa e era para isso que eles estavam ali reunidos. O “puxão de orelhas” fez com que os médiuns despertassem dos seus temores e lhes transmitiu a segurança que estavam precisando. Mudando a postura, passaram a gerar energias úteis ao trabalho e a contribuir de forma mais efetiva para o seu bom andamento.

Enquanto o grupo se harmonizava, a consulente continuava sendo atendida pelo dirigente e pelos dois médiuns que se posicionaram ao seu lado. Antes mesmo de começar a trabalhar com o espírito que se apresentava, o dirigente bloqueou as conexões que a consulente tinha com os planos não físicos através dos seus *chakras* e a envolveu com um campo de força energético que a manteria isolada de tal contato. Preferiu não esperar o final do atendimento atual e agiu preventivamente para evitar outra possível incorporação.

O espírito que se manifestava desta vez chegou reclamando de dores pelo corpo e chorando. Disse que sofria muito com as feridas que tinha e que a pessoa

que poderia tê-lo ajudado havia se negado a fazê-lo e ainda o espezinava. Referia-se à consulente.

Em uma encarnação na qual seu corpo era consumido pela lepra, ela tinha poder suficiente para aliviar seu sofrimento e de outros que se encontravam na mesma situação, mas, em vez disso, humilhava-os, maltratava-os e, segundo seu relato, sentia prazer em aumentar suas dores. Por isso, o espírito sofredor a odiava e gostaria que pagasse pelo que fez, mas, por ainda sentir muito medo dela, procurava ficar escondido e longe das suas vistas.

A ligação entre a consulente e este espírito se manteve ao longo do tempo devido aos sentimentos de ódio e de medo que ele nutria com relação a ela e por causa da intensidade do sofrimento que causou. Como ele não estava junto a ela tentando se vingar, uns poucos minutos de conversa e de manipulação de energias para restaurar seus ferimentos nos corpos não físicos foram suficientes para convencê-lo a se desligar dela. Afinal, era isso o que ele mais queria, mas não sabia como, pois estava imantado a ela pela dor, pelo ódio e pelo medo. Então, foi encaminhado ao Hospital Amor e Caridade, assim como os seus colegas de infortúnio, outros espíritos ainda presos àquela faixa, para tratamento das suas mazelas espirituais e energéticas.

Antes que sintonizasse com alguma outra faixa, o dirigente reforçou o bloqueio das percepções extrafísicas da consulente, providenciou seu acoplamento ao corpo físico e, chamando-a pelo nome, recomendou que respirasse fundo, abrisse os olhos e procurasse se manter atenta ao que estava acontecendo ali na sala, no plano físico. Seguindo as instruções que recebia, aos poucos conseguiu assumir o controle sobre si e foi levada a se sentar novamente na cadeira. Assim, estava pronta para receber as recomendações que o grupo lhe daria.

O dirigente começou a conversa abordando o ponto principal dos seus problemas. Primeiro, perguntou-lhe se sabia o que havia acontecido há pouco, ao que ela respondeu que “coisas assim” aconteciam de vez em quando, mas nunca com tanta intensidade. Ela não sabia o que era aquilo. Como isso acontecia e em seguida passava, ia levando a situação sem se preocupar muito. Porém, nunca comentara suas manifestações com ninguém, com medo que pudessem achar que era louca. Então, foi perguntado a ela se sabia o que era mediunidade. Ela respondeu que não sabia se sabia e justificou sua estranha resposta no fato de seu conhecimento sobre o assunto se basear em coisas contraditórias que já tinha ouvido. Disse, ainda, que o pouco que ouviu, foi por não ter conseguido evitar, pois tinha medo “destas coisas” e procurava nem mesmo falar sobre isso.

Havia um grande caminho a ser percorrido por ela em direção ao conhecimento de si mesma e das leis universais. Precisaria iniciá-lo dominando seus medos e se abrindo ao estudo da espiritualidade e das interações entre os

mundos físico e extrafísico, além de entender e controlar a sua mediunidade. Como costumava acontecer quando surgia um consulente atormentado por manifestações mediúnicas, tais coisas foram explicadas a ela com paciência e em detalhes, mas sem complicações, principalmente a questão da mediunidade. A principal argumentação utilizada para motivá-la a fazer algo para o seu próprio bem foi que não adiantaria ela não querer, ou negar a existência dos contatos que tinha com o plano espiritual, ou tentar evitá-los, pois eles continuariam ocorrendo. Porém, estava sob seu poder determinar o modo como iriam ocorrer.

Ao final das explicações, foi dito a ela que havia duas alternativas para escolher com relação à sua mediunidade: deixar que se manifestasse de qualquer jeito e a qualquer momento, como vinha acontecendo até então, ou adquirir conhecimento e prática sobre o fenômeno e controlá-lo. Para tal, foi recomendado que passasse a frequentar com regularidade um centro espírita, onde deveria tomar passes e se instruir sobre a Doutrina Espírita. Além disso, seria muito importante que também participasse de uma escola de médiuns para o estudo e o treino da sua mediunidade.

Também lhe foi recomendado que praticasse o Evangelho no Lar com as pessoas da família que se dispusessem a participar. Isso ajudaria a harmonizar a todos, assim como as energias do ambiente, além de criar condições para um melhor entendimento das questões espirituais.

A última recomendação recebida foi que deveria passar por um tratamento espiritual, pois ainda havia outras questões que precisavam ser trabalhadas. Para tal, deveria marcar atendimento em um dos grupos de atendimento continuado, sendo-lhe fornecida a relação dos grupos da casa para que escolhesse um. Foi enfatizado que deveria passar pelos atendimentos o quanto antes e que o tratamento deveria ocorrer ao mesmo tempo em que ela seguia as outras recomendações, pois todas estas providências se complementavam e faziam parte de um mesmo contexto.

Ao final do atendimento, ela se mostrava aliviada e serena. Porém, disse que estava preocupada com a resistência que teria que enfrentar na sua família caso seguisse as orientações que estava recebendo. Mas entendeu que só ela mesma poderia cuidar de si e disse que iria pensar no assunto com carinho e com um novo enfoque para decidir o que fazer.

Os médiuns do grupo agradeceram à espiritualidade pelo atendimento ter alcançado bons resultados no final, pois estavam preocupados com as situações inusitadas que haviam se criado. Quase todos no grupo já haviam participado de atendimentos nos quais o consulente apresentava mediunidade atormentada, mas aquele fora o mais complicado e preocupante de todos até então. Principalmente

pela sucessão de manifestações ocorridas através da própria pessoa em atendimento.

Para não perder a oportunidade de aprendizado, os médiuns do grupo debateram o atendimento por alguns minutos, antes de ser fechado em definitivo aquele campo e providenciada uma limpeza energética do ambiente.

Compromissos de vida anterior com magia

Depois de receber os esclarecimentos habituais sobre o trabalho que seria realizado, a consulente relatou que tinha quarenta anos e frequentava o centro de vez em quando para tomar passes e assistir as palestras. O motivo que a levava a procurar um atendimento espiritual era o sono agitado que vinha tendo. Costumava acordar assustada vez ou outra durante a noite, tanto que até já havia se acostumado. Mas isso vinha se tornando cada vez mais frequente e as sensações ficando mais fortes. Não sabia dizer se eram sonhos, pois não se lembrava de nada quando acordava.

Especulou que talvez fosse por causa da vida que levava, a qual classificou como muito sofrida. Disse que morava sozinha e que não tinha amigos. Emendou dizendo que, na verdade, tinha apenas uma amiga de confiança. Contou que era solteira, pois jamais alguém havia se interessado por ela. E começou com uma ladainha de queixas e reclamações sobre a sua vida. Sua lista de sofrimentos parecia interminável. Ela chorava e se lamentava muito, de tudo.

Uma médium do grupo recebeu a intuição de que aquele era o seu comportamento normal. Então, avisou ao dirigente que, sempre que surgia uma oportunidade, a consulente procurava se colocar no papel de vítima do mundo para despertar a piedade dos outros com relação a ela. A médium ainda alertou que aquela não era uma atitude inocente, embora fosse difícil de perceber.

Então, o dirigente lembrou um livro³ que já havia lido, onde eram descritas situações comuns nas vidas das pessoas, acontecendo todos os dias, por trás das quais há uma disputa velada de poder e de energia. Na maioria das vezes, é um processo inconsciente no qual alguém se sente bem tendo uma determinada atitude ou reação e passa a adotá-la sempre que pode. Apesar de não saber os porquês, julga que os resultados são bons e acaba transformando em hábito a atitude que parece lhe fazer bem.

³ A Profecia Celestina; James Redfield

Se este fosse o caso da consulente, ela poderia ser enquadrada na situação descrita no livro como o “coitadinho de mim”. O processo, resumidamente, funciona mais ou menos assim: alguém prende a atenção de outros com lamúrias e queixas, criando neles sentimentos de piedade e de compaixão, os quais geram energias direcionadas ao “coitadinho de mim”, que as capta e as utiliza para se abastecer. E assim, o “coitadinho de mim” consegue a energia que precisa.

Enquanto o dirigente falava com a médium, a consulente continuou se lamentando. Ciente do processo que poderia estar acontecendo, o dirigente a interrompeu educadamente dizendo-lhe que seu relato já era suficiente para iniciar o trabalho e a conduziu ao relaxamento. A seguir, abriu seus campos mental e energético e advertiu os demais membros do grupo quanto à forma com a qual ela podia estar buscando se energizar.

Surgiam algumas percepções, mas com pouca clareza, havendo dificuldade para os médiuns identificarem do que se tratava. Para melhorar a situação, o dirigente comandou a formação de uma luz focando as faixas que se apresentavam. Aos poucos, as imagens iam ganhando nitidez e, pelos relatos dos médiuns, foi possível constatar que todo o grupo estava sintonizado na mesma faixa.

O grupo via um prédio grande e escuro, de três andares, cujo estilo lembrava as pesadas construções europeias de séculos atrás. Tinha um grande e pesado portão de ferro, o qual estava fechado, que dava acesso a um pátio lateral por onde se entrava no prédio. Todo o local estava completamente encoberto por uma espessa neblina cinza que impedia a entrada da luz do sol e mantinha o lugar numa permanente penumbra e com a vibração bastante baixa.

Os médiuns trocavam impressões sobre as percepções que iam surgindo, tentando montar o quebra-cabeça. No momento que decidiram explorar o cenário para descobrir porque estavam ali e o que deveria ser feito, um espírito se manifestou demonstrando altivez e confiança em si. Ele falava devagar e mostrava não estar preocupado com a presença dos médiuns nos seus domínios. Entretanto, usando um tom ameaçador, advertia-os de que corriam sérios riscos ao se intrometerem em assuntos que não lhes dizia respeito. Disse, ainda, que o acesso àquele local era proibido às pessoas comuns e que só os especiais, os eleitos, como ele próprio se qualificava, podiam entrar lá. E avisou que aqueles que se atrevessem a desobedecer às normas seriam levados às masmorras e de lá nunca mais sairiam.

Enquanto o dirigente conversava com a entidade, os médiuns acompanhavam o desenrolar do caso e relatavam as percepções que iam se sucedendo. O lugar pertencia a uma organização religiosa muito poderosa àquela época remota, cuja influência se estendia por uma vasta região. Por isso, as famílias mais ricas faziam de tudo para lá introduzir pelo menos um dos seus, para

tirarem proveito da influência e do poder que a organização detinha. Conhecedores de tais intenções, os responsáveis pelo local, vigilantes quanto às suas finalidades religiosas, costumavam testar com muito rigor cada pretendente ao ingresso na instituição.

Entretanto, tal controle não era infalível. Alguns conseguiram ingressar com segundas intenções e formaram um grupo pequeno, mas atuante. Tal grupo foi se articulando e infiltrando outros para ajudá-los a criar uma estrutura de poder paralela, até que conseguiram o controle da instituição e passaram a usá-la para seus próprios interesses. Aproveitavam-se da proteção, do prestígio e da autoridade que tinham, devido ao simples fato de fazerem parte da organização, para planejar e executar secretamente as mais sórdidas tramas, que iam de intrigas e difamações até assassinatos, tomada de bens alheios e conspirações contra governantes locais que não atendessem seus interesses.

A entidade confirmava com orgulho o que os médiuns estavam relatando, considerando que testemunhavam o poder que dizia ter. E aproveitou para lançar mais ameaças e exigir que todos saíssem de lá imediatamente, avisando que, se não fosse obedecido, lançaria o seu exército sobre eles. Sua arrogância, sua soberba e seu orgulho aumentavam conforme os médiuns iam desvendando e expondo o caso. Os relatos dos médiuns lhe soavam como um reconhecimento à sua autoridade e à sua posição.

Seu ego aumentou ainda mais quando um dos médiuns passou a descrever as atividades que o grupo secreto adotou depois de ter seu poder material consolidado. Sedentos por mais poder, aproveitaram os conhecimentos obtidos por meio dos estudos profundos que a ordem religiosa lhes proporcionava sobre as mais variadas áreas, principalmente as chamadas “ciências ocultas”. A ordem religiosa tinha um acervo imenso deste tipo de material, o qual era destinado à pesquisa e apenas para uso interno. Vislumbrando as possibilidades de ganho que poderiam obter para os seus fins escusos com o uso de energias manipuladas e a associação com seres do astral inferior, passaram a se dedicar à prática e ao estudo da magia negra.

No início, providenciaram um local afastado dali para os rituais. Depois, confiantes em excesso, achando que ninguém poderia detê-los e que estavam protegidos por forças poderosas, resolveram desenvolver suas atividades obscuras lá mesmo. Tudo corria conforme haviam planejado por um bom tempo, até que um dia eles se descuidaram e acabaram sendo descobertos. Foram denunciados às autoridades maiores da organização, que enviou seus representantes até lá para prendê-los e levá-los a julgamento.

Diante de tal relato, a entidade demonstrou certo incômodo pela primeira vez, pois estava revivendo uma experiência que lhe fora muito desagradável.

Reclamou que eles haviam sido traídos e disse que “aquele bando de carolas” não sabia de nada, pois só queriam ficar orando, e orando, e orando, ajoelhados e de mãos juntas, suplicando. Justificou seu ponto de vista argumentando que o seu grupo, ao contrário, pesquisava e descobria muitas coisas, tendo conseguido até se comunicar e interagir com seres de outros planos, e, assim, não precisavam ficar na dependência de um deus bonzinho e ausente. Então, a braveza deu lugar à arrogância novamente, que voltou quando afirmou que já não precisavam mais buscar a Deus, pois haviam conseguido trazer até eles não apenas um, mas vários deuses.

O dirigente ia esclarecendo a entidade quanto aos seus enganos e, ao mesmo tempo, estava atento ao relato dos médiuns sobre o que acontecera com aquele grupo sinistro. Os investigadores religiosos se sentiram ultrajados, tanto institucional como pessoalmente, e consideraram os atos por eles praticados uma das piores afrontas que alguém poderia cometer. Encontraram diversas provas que os incriminava entre seus pertences, o que facilitou a instauração de um tribunal onde foram sumariamente condenados por prática de bruxaria.

Sem perda de tempo e com muita discrição, pois seria um escândalo se o povo soubesse das atividades obscuras que este grupo desenvolvia nas dependências da própria organização, foram todos levados às fogueiras que montaram no pátio. Exceto os religiosos do local, ninguém testemunhou as execuções e puderam abafar o caso sem problemas.

Nesta altura do relato, a entidade passou a sentir novamente as dores e as queimaduras sofridas quando ardia na fogueira. Chegara a oportunidade que o dirigente estava aguardando para diminuir a resistência da entidade. Por meio de comandos por contagem de pulsos energéticos, as fogueiras foram apagadas e aqueles espíritos infelizes foram retirados delas e colocados suspensos no ar, em posição horizontal. Os médiuns doaram um pouco do seu ectoplasma para formar um gel na cor verde que foi usado para cobri-los completamente. Desta forma, os ferimentos e as queimaduras se recuperaram instantaneamente.

Foi providenciada, ainda, uma energização positiva para todos, de modo a anular uma parte da negatividade que estava entranhada nos seus espíritos. A parceria com entidades de baixa vibração e as ações que praticavam haviam produzido profundos desequilíbrios em seus espíritos doentes. Agravando ainda mais a situação, depois que desencarnaram eles ainda ficaram um longo tempo junto ao corpo físico, aumentando muito o sofrimento que sentiam, até que fossem “socorridos” pelos seus “amigos” das trevas, com os quais haviam se ligado através da magia negra.

Na verdade, não se podia chamar de socorro o que fizeram por eles. Apesar de ser verdade que eles foram retirados de perto dos seus corpos em decomposição,

cessando tal sofrimento, não era esta a motivação que levou as entidades às quais eles se associaram a ajudá-los. Eles foram “socorridos” só porque seriam bons trabalhadores a serviço das trevas. Desta forma, os que se achavam senhores, foram transformados em servos, meras peças úteis, obrigados a se submeterem à vontade e às ordens daqueles com os quais haviam se associado antes. Esclarecidos quanto à situação na qual se encontravam e aliviados por ora dos efeitos dos seus atos impensados e das influências negativas que recebiam, experimentavam uma paz que não lembravam um dia já terem sentido.

Aproveitando as circunstâncias favoráveis, o dirigente procurou esclarecer com a entidade a ligação que existia entre eles e a consulente. Perguntado a respeito, respondeu que ela fazia parte do seu grupo. Mais do que isso, fora um dos seus idealizadores e um dos membros mais fervorosos. Disse que estava bem diferente agora, até com outro sexo, pois era homem àquela época, mas, mesmo assim, sua essência permanecia a mesma.

Completo dizendo que ele era cruel, não medindo esforços e usando todos os meios disponíveis para conseguir o que queria. Os membros do grupo chegavam a temê-lo, apesar de estarem do mesmo lado. Com uma ponta de orgulho e de admiração, confirmou sua convicção no que dizia afirmando que ele era tão astucioso que, mesmo sendo obrigado a vestir um novo corpo físico, conseguiu se disfarçar muito bem para que ninguém o reconhecesse. E assim, permaneciam do seu lado o tempo todo, apoiando-o e aguardando o seu regresso.

Neste momento, uma médium orientou o dirigente para mostrar à entidade os espíritos que acompanhavam a consulente na encarnação atual na condição de familiares e amigos, desde a infância, e o papel que tiveram na sua vida. Assim foi feito e a entidade identificou, com espanto, que alguns deles haviam sido perseguidos pelo seu grupo outrora. Não conseguia entender como eles poderiam estar guiando, amparando e ajudando um espírito que tanto mal lhes havia feito antes.

Então, foi explicado a ele que a reencarnação dá, a todos, as oportunidades necessárias para remediar seus males, reparar seus erros e se reconciliar com antigos desafetos. E que ele não precisava se surpreender com o que via, pois aqueles que hoje estão ajudando seu algoz do passado, o fazem porque entenderam que só o amor e o perdão podem realmente libertar o ser humano.

O dirigente continuou, explicando-lhe que as vidas de todos estavam unidas em uma mesma trama, cujo objetivo era fazer com que cada um conseguisse dar um passo a mais em direção ao seu próprio aprimoramento, à sua evolução. A entidade ouvia em silêncio, com a mensagem ecoando dentro de si. Somente demonstrou surpresa, e um pouco de medo também, quando o dirigente afirmou que o mesmo iria acontecer consigo e com seus colegas de grupo, bastando apenas

que aceitassem a oportunidade que estavam recebendo naquele momento para refazerem suas caminhadas espirituais e dirigirem seus passos para os caminhos do bem e do amor. Garantiu-lhe que, além de se sentirem melhor, ainda ficariam livres do jugo daqueles espíritos que os mantinham sob suas ordens.

Um pouco confusa, a entidade se declarou cansada. Era o efeito das energias positivas e da harmonização que recebera, o que lhe causou um choque vibratório por estar tão habituado a frequências bem mais baixas. Disse que estaria disposto a aceitar a oferta que estava recebendo, pois estava cansado daquela vida, mas, antes de decidir qualquer coisa, gostaria de descansar e colocar os pensamentos em ordem. Justificou sua posição explicando que não sabia se teria forças para mudar tanto, assim como também não sabia se iria ser aceito num lugar melhor. Logo alguém como ele, impregnado com tantas mazelas.

O dirigente procurou tranquilizá-lo tomando como exemplo o espírito que então se encontrava encarnado na consulente. Segundo seu próprio relato, ele era um dos piores do grupo e, mesmo assim, fora acolhido pela espiritualidade, recebendo as oportunidades que precisava para se redimir dos erros que cometera e avançar na trilha evolutiva. Concluindo seu raciocínio, o dirigente salientou que os locais existentes no plano espiritual para socorrer os espíritos enfermos, lá estão para receber os que realmente precisam, os que estão em desequilíbrio, os que estão doentes, com o objetivo de ajudá-los a se restabelecerem dos males dos quais padecem. Não haveria sentido em se montar grandes estruturas de atendimento para receber espíritos equilibrados e sadios que não precisariam deste tipo de ajuda.

Por fim, a entidade concordou em ser encaminhada para se tratar na espiritualidade. Antes, porém, com um pouco de cinismo, comentou que seu antigo parceiro de malvadezas não parecia estar aproveitando bem a chance que estava tendo na encarnação atual. O dirigente rebateu a observação lembrando-lhe que não cabia a ele julgar quem quer que fosse, mas, sim, cuidar de si e vigiar seus próprios passos. Lembrou-lhe que, mesmo podendo enumerar uma série de comportamentos inadequados da consulente, não poderia esquecer que a causa de boa parte deles era a influência que ele e seu grupo exerciam sobre ela e que agora, aliviada de tal pressão, a tendência era que se recuperasse e passasse a viver de forma mais equilibrada.

A entidade se mostrou envergonhada por ter emitido um juízo que condenava a si mesmo indiretamente e pediu para ser levada de uma vez para poder descansar. Antes de fazer o encaminhamento, o dirigente lhe perguntou se os seus companheiros de grupo haviam acompanhado o atendimento e estendeu a eles também a oferta de ajuda espiritual. A entidade respondeu que eles acompanharam tudo e resolveram ir junto, pois também já estavam cansados. E assim, foram todos encaminhados ao Hospital Amor e Caridade, onde receberiam

os cuidados que estivessem necessitando para se recuperarem e se prepararem para as futuras provas que teriam que enfrentar nas suas jornadas espirituais.

Encerrando o atendimento, o dirigente comandou que aquela faixa de passado fosse esquecida pela consulente, ou seja, que ficasse inacessível na sua memória espiritual, para evitar que ela trouxesse as impressões e lembranças da vida anterior para a atual. A seguir, foi trazida do relaxamento para receber as orientações do grupo. Não poderiam lhe relatar o que acontecera, sob pena de colocar a perder o trabalho realizado, pois ela sintonizaria novamente a faixa de passado que lhe trazia problemas na vida atual. Ao mesmo tempo, deveriam aproveitar a oportunidade para lhe proporcionar algum esclarecimento que pudesse ajudá-la a lidar melhor com a sua situação. Assim, para que não criasse fantasias com relação ao que poderia estar acontecendo consigo, foi explicado a ela que seu sono agitado era causado pela sua própria vibração.

Seu pessimismo, suas queixas constantes e a maneira negativa como encarava os fatos da sua vida faziam com que sua frequência energética se mantivesse sempre em um nível muito baixo. Como as energias que se aproximam de cada um são compatíveis com a vibração na qual se encontra, ela estaria atraindo para si energias densas e negativas que a prejudicavam e desequilibravam. Foi salientado a ela que não se tratava de perseguição, assédio ou obsessão, mas apenas de um processo de atração de energias que acontecia por afinidade e compatibilidade energética. Assim, quanto mais negativamente ela vibrasse, mais energia negativa do ambiente adquiria.

Ela ouvia a explicação parecendo não estar entendendo direito o que queriam lhe dizer. Continuando, o dirigente passou a lhe falar do outro lado da moeda. Disse-lhe que, se adquirisse o hábito de policiar seus pensamentos, seus sentimentos, seus atos e o que falava, procurando fazer com que tudo na sua vida se revestisse com uma aura positiva, com fé e esperança, se procurasse sempre ver o lado bom das coisas, sua vida iria mudar radicalmente para melhor. Tal mudança seria uma escolha exclusivamente sua, sendo impossível a outros fazer o que ela mesma podia e tinha obrigação de fazer por si.

Ela mostrava ter entendido melhor, pois repassou alguns pontos do que lhe fora explicado, parecendo que poderia mudar sua atitude negativa. Porém, em seguida, começou a lamentar-se novamente dizendo que seria muito difícil, como tudo em sua vida, que ela não tinha condições para tal, que não conseguiria, e assim por diante. Foi interrompida pelo dirigente, que a alertou para a maneira como ela estava agindo naquele momento: em vez de despertar sua coragem e sua força de vontade, levantar a cabeça e se dispor a fazer algo de bom para si mesma, começou a se lamentar, queixar-se, e novamente estava se carregando de negatividade. Frisou que a escolha fora toda sua e que, se não procurasse mudar seu padrão vibratório, poderia ir, todos os dias, a todos os centros espíritas, igrejas,

templos, terreiros e seitas que conhecesse, mas ninguém poderia ajudá-la, pois ela não estaria fazendo a parte que lhe cabia, que era ajudar a si mesma.

A consulente olhava o dirigente com os olhos arregalados. Estava surpresa com suas palavras, como se tivesse sido descoberta fazendo algo errado. Passado o choque inicial, ela se recompôs e afirmou que só então havia entendido a mensagem que estavam tentando lhe passar e que iria se esforçar para fazer como estavam lhe recomendando. Até chegou a ensaiar, sorrindo, um “eu posso, eu consigo”, recebendo apoio do grupo quanto à sua iniciativa que, embora tímida, já era um começo.

Finalmente, foi indicado a ela que marcasse atendimento em um dos grupos de atendimento continuado da casa, para lhe dar o apoio espiritual que necessitaria durante a sua fase de mudanças, além de algumas leituras. Entre elas, um livro de autoajuda ótimo para quem precisa descobrir dentro de si a sua própria força, intitulado “Você pode curar sua vida”, de Louise Hay, e o livro que veio à cabeça do dirigente no início do atendimento por causa do comportamento da consulente, “A Profecia Celestina”, de James Redfield. Tal livro trata, entre muitas outras coisas, de processos de vampirismo inconsciente adotados por algumas pessoas para se abastecer com as energias de outros. No caso desta segunda leitura, em especial, a consulente poderia ver a si mesma e se identificar praticando inconscientemente atos pouco saudáveis.

Os efeitos da leitura, quando o leitor busca conhecer a si mesmo e se encontra sozinho e concentrado, geralmente são melhores e mais profundos do que quando alguém lhe diz certas coisas. Neste caso, há o ímpeto de se defender do julgamento do outro, de não aceitar como verdade o que lhe for dito e de encontrar argumentos para justificar o contrário. Por outro lado, quando alguém se identifica com algo que lê, não há um “outro” para discordar ou para convencer do contrário. Há só a própria consciência, que não pode ser enganada. Ao mesmo tempo, a questão não é dirigida especificamente para o leitor, mas para qualquer um que estivesse lendo aquele material, o que o torna impessoal e não agressivo ao ego. Esta era a esperança do grupo com relação à consulente.

Depois que ela se retirou da sala, alguns médiuns ainda tinham dúvidas relacionadas ao atendimento, sendo dedicados alguns minutos para esclarecê-las. Entre os pontos discutidos, o que gerou mais polêmica se referia ao vampirismo que havia por trás da atitude lamentosa da consulente. Enquanto os menos experientes achavam que era impossível que ela não soubesse o que acontecia, os médiuns que já haviam presenciado e estudado mais coisas discordavam.

Mas logo conseguiram chegar a um consenso, quando um dos médiuns explicou que, provavelmente, ela tenha se sentido melhor em certas ocasiões quando prendia a atenção das pessoas com seus lamentos e tenha passado a agir

assim cada vez mais. Era quase certo que ela não soubesse por que isso acontecia, mas, ao sentir os resultados, e gostando deles, tivesse adotado tal comportamento e acabado por se “viciar” nas energias alheias. Apesar da produção de efeitos que ela sentia, seria um processo inconsciente, sobre o qual ela não teria controle.

Para complementar a explicação, citou o caso daquele amigo ou amiga, que gosta muito de você, e que liga sempre que está de baixo astral, desabafa, conta seus contratempos, e depois de um tempo lhe diz que sabia que seria muito bom conversar com você, pois agora estava se sentindo bem melhor. Daí, depois que desligam o telefone, aquela pessoa fica com seu astral renovado e em condições de tocar sua vida outra vez, enquanto você vai precisar tomar um banho de sal grosso para se restabelecer porque teve sua energia sugada pelo “coitadinho de mim” que estava do outro lado da linha. Apesar de acharem graça da maneira como a história foi contada, foram obrigados a concordar, pois todos conheciam algum caso parecido.

Cobranças de vida anterior com repercussões físicas

Uma médium da própria casa aguardava um atendimento que havia solicitado. Ela trabalhava em um dos grupos de atendimento continuado, o qual já havia concluído seu trabalho naquela noite. Seria óbvio pensar que ela poderia ser atendida no seu próprio grupo. Porém, havia consenso entre os médiuns de que o trabalho espiritual fluía melhor quando o atendimento acontecia em outro grupo, que não o seu, pois havia menos interferência do envolvimento pessoal entre quem estava sendo atendido e os que o estavam atendendo.

Ela vinha, há mais ou menos um ano, tentando ajudar seu pai através da espiritualidade, servindo como ponte em atendimentos que se realizavam periodicamente. Ele sofria com ulcerações em um dos pés. As feridas nunca curavam e a medicina não conseguia encontrar a causa delas nem o tratamento adequado. Após cada atendimento espiritual que recebia através da sua filha, uma pequena melhora podia ser notada, mas o quadro voltava a piorar em seguida. Na última vez que fora atendido pelo grupo, já não conseguia mais utilizar o pé para andar por causa das fortes dores que sentia. O atendimento que se seguiria havia sido solicitado pela médium em caráter de emergência devido a um fato novo e grave que ocorrera com seu pai.

A médium, então como consulente, entrou na sala e se sentou na cadeira destinada aos que estão em atendimento. Parecia abatida. Algumas lágrimas rolaram pelo seu rosto enquanto relatava que há três dias seu pai precisou sofrer uma cirurgia na qual seu pé teve que ser amputado, pois gangrenara sem possibilidade de recuperação. Ela sofria com o que acontecera, mas se mostrava

resignada e agradecida aos médiuns do centro espírita, que tentaram ajudar a ela e a seu pai, tanto espiritualmente através dos atendimentos, como pelo apoio moral que recebera. Disse que pedira aquele atendimento mais para tentar entender o que acontecera para que o caso tivesse tal desfecho, já que nada mais podia ser feito com relação ao corpo físico do seu pai.

Os médiuns do grupo lhe prestaram solidariedade e lembraram-na de que os trabalhos realizados no centro espírita visam o espírito e os corpos não físicos e que, se algum benefício for levado ao corpo físico, isso acontece simplesmente porque o desajuste energético causador do mal fora trabalhado e deixara de prejudicar. Mas nem sempre os males físicos têm causa espiritual. E, mesmo quando têm, ainda há a questão do merecimento. Ela sabia disso, assim como sabia também que há momentos na vida nos quais certas coisas são esquecidas e o que se sabe se embaralha com o que se deseja. Assim, achou que o esclarecimento era oportuno e agradeceu ao grupo pela lembrança. Para poupá-la de mais detalhes desnecessários sobre o caso, ela foi deitada e levada ao relaxamento, iniciando-se o trabalho.

Assim que foram abertos os campos energético e mental do pai da moça, médiuns do grupo perceberam uma entidade junto a ele. Era um homem desgrenhado e maltrapilho que segurava uma machadinha com uma mão e com a outra segurava a sua perna. E a golpeava sem parar, obstinado e com fúria, sempre no mesmo lugar, um pouco acima do tornozelo. Estava tão compenetrado na sua atividade que não percebeu a aproximação energética do grupo. Para interromper a agressão que cometia, o dirigente retirou a machadinha de sua mão e a encaminhou à espiritualidade. Só então ele percebeu a presença dos médiuns desdobrados.

Uma médium estava sintonizada com a sua frequência e lhe deu passagem. Estava confuso e sem entender o que acontecia. Mesmo assim, não gostou da interferência do grupo nos seus planos. Logo que se manifestou, expressou sua contrariedade com o que chamou de intromissão nos seus assuntos e foi alertando os médiuns para que não acreditassem nas histórias que ele contava, pois também iriam ser enganados. “Ele” era o pai da médium. O espírito dizia que ele certamente havia lhes contado alguma mentira para que o ajudassem a se safar do seu merecido castigo. Reforçou o alerta para tomarem cuidado, afirmando que ele era a pessoa mais vil e mentirosa que já conhecera. Disse, ainda, que só queria lhe retribuir o sofrimento que causara, nada mais, e que era justa a sua causa.

Falou que, mesmo sendo inocente, havia sido preso, torturado e amarrado com correntes numa cela imunda por causa das intrigas e mentiras que ele promovera para se livrar da punição pelas coisas erradas que fazia. Disse que ficou lá até o fim dos seus dias, sozinho e apodrecendo em vida. Enquanto relatava o

seu drama, os médiuns confirmavam a história visualizando as aflições pelas quais havia passado e transmitiam suas impressões ao dirigente.

Aquele espírito sofredor nada havia feito de errado. Ele tinha mulher e filhos que ficaram no desamparo e fora preso e condenado por um crime cometido pelo espírito que ora estava em atendimento. Fora colocado numa espécie de masmorra e teve seus movimentos limitados por uma corrente com uma argola de ferro na ponta, a qual foi fechada no seu tornozelo. A argola era pesada e machucava a região. No local surgiram algumas feridas, que infeccionaram e depois gangrenaram, num processo lento de dor e de sofrimento, sem cuidados e sem assistência, até o seu desencarne.

O dirigente procurou interferir o mínimo possível no seu relato, limitando-se a fazer algumas perguntas chaves, conduzindo o assunto para pontos relevantes ao trabalho. Deixou que a entidade falasse livremente, levantando as informações que precisava para tratar o caso e juntou a elas os dados que os médiuns haviam lhe passado. Dando-se por satisfeito, falou à entidade que podia ajudá-la a se sentir melhor e, pedindo-lhe licença para tal, passou a trabalhar sobre ela energeticamente.

Então, solicitou que cada médium disponibilizasse um pouco do seu ectoplasma, que foi reunido no centro da mesa, e comandou a sua aplicação na entidade para regenerar os pontos dos corpos astrais afetados pelas cargas energéticas e emocionais causadas pela doença física, pela situação que experimentara e pelos sentimentos negativos que gerava. A seguir, recebeu um banho com água energizada e teve seus andrajos trocados por roupas limpas. Já mais equilibrada, e livre da influência de tantas energias negativas, a entidade se mostrava mais calma e parecia não ter mais o mesmo ímpeto de vingança com o qual se apresentara no início.

Completando a harmonização energética, a cela onde ficara preso foi aberta, iluminada pelo sol e lavada com muita água corrente. O mesmo foi feito com as demais celas que existiam lá e os espíritos que ainda se encontravam ligados àquela faixa foram encaminhados ao Hospital Amor e Caridade para receberem os cuidados que estavam precisando.

Depois de ter lhe levado um pouco de harmonia e de equilíbrio, o dirigente passou a trabalhar com o seu nível consciencial tentando fazer com que aquele espírito desorientado percebesse o paradoxo no qual se encontrava. Disse-lhe que já poderia ter se libertado dos seus tormentos e sofrimentos há muito tempo, mas se mantinha preso à dor, e a quem a provocara, por causa dos sentimentos de vingança e de ódio que cultivava dentro de si. O dirigente enfatizou que ele só dependia de si mesmo para se livrar daquela situação e que, para isso, precisaria

perdoar o mal que haviam lhe feito por ignorância das leis que regem as nossas vidas.

Diante da sua recusa em perdoar o que pensava não merecer perdão, foi mostrada a ele uma sequência de encarnações nas quais havia convivido com o espírito que julgava ser o seu carrasco. De início, não quis acreditar no que via, mas as evidências e a identificação dos espíritos envolvidos nas situações que lhe eram apresentadas não deixavam dúvidas. Estava vendo, e revivendo, os momentos de algumas encarnações anteriores onde um perseguia e prejudicava o outro de diversas formas. Havia um revezamento entre eles: o perseguido em uma encarnação passava a ser o perseguidor na seguinte, e assim vinha acontecendo até então. O dirigente esclarecia a entidade sobre as passagens de vidas anteriores que lhe eram mostradas e até justificou seu comportamento dizendo que ele se achou no direito de fazer o que fazia porque era assim mesmo que acontecia há tanto tempo.

Então o dirigente aproveitou para lhe explicar que, certamente, o motivo para que tivessem se encontrado tantas vezes em diferentes encarnações não seria para ficarem se vingando um do outro eternidade afora. Nenhum dos dois havia conseguido entender que cada experiência de vida que compartilharam era uma oportunidade que lhes fora dada para que se harmonizassem, superassem seus desequilíbrios e se redimissem dos erros cometidos contra o outro. Em todas elas houve chances para o perdão, para o amor, para a ajuda mútua, mas os dois falharam. E a cada oportunidade perdida, mais aumentavam a carga *kármica* que tinham com relação ao outro e deixavam cada vez mais de lado suas aspirações evolutivas, estacionando ou regredindo em vez de seguirem em frente.

O espírito obsessivo acompanhou suas encarnações passadas e ouviu com atenção os esclarecimentos que recebeu. No seu íntimo, sabia que tudo o que vira e ouvira era verdade e se sentiu impotente e envergonhado por ter falhado tanto e tantas vezes. Encorajado a mudar de atitude com relação ao seu desafeto, disse que se esforçaria para melhorar, mas não sabia se iria conseguir perdô-lo, mesmo querendo, pois as marcas do que sofrera ainda estavam muito nítidas. Mas admitiu que era muito mais fácil pedir perdão, e isso ele estava fazendo naquele momento.

O dirigente estimulou seu esforço para a mudança dizendo-lhe que, apesar de parecer pequeno, aquele era o primeiro passo de uma caminhada que iria elevá-lo e melhorá-lo cada vez mais. Assim, como o primeiro passo é sempre o mais difícil, pois envolve decisão e determinação, o maior obstáculo acabara de ser superado, bastando que, dali para frente, ele continuasse caminhando na direção que escolhera. Completou sua mensagem alertando que ele não deveria se preocupar com os comportamentos alheios, devendo apenas fazer a sua parte sem depender de mais nada e que o que ele e aquele espírito vinham fazendo um contra o outro eram apenas reações a provocações anteriores. Assim, se passasse a agir

com lealdade, fraternidade e amor com todos, receberia de volta os mesmos sentimentos.

Ouvia calado e pensativo, estava mais calmo e mostrava que havia entendido a ligação que existia entre eles. Chegou a dizer, aliviado: “Ainda bem que nesta vida eu não consegui prejudicá-lo muito. Pelo menos, não contraí uma dívida alta demais para pagar da próxima vez!”. Ficou evidente, com a sua fala, que ele não percebera o que estava acontecendo no plano físico. Seu foco de atenção e de percepção se restringia ao plano onde se situou para vingar-se. Tendo a cirurgia de amputação atingido somente o corpo físico, e ele vendo apenas um dos corpos astrais da sua vítima, o qual não fora afetado pela cirurgia, no plano onde estava a sua percepção nada havia mudado. Pelo menos, até aquele momento! Assim, ele continuava desfechando os golpes de machadinha sobre o corpo não físico que percebia, mesmo que a região correspondente no corpo físico já não existisse mais.

Por já haver compreendido os mecanismos *kármicos* que os ligavam, fazendo com que um perseguisse o outro por sucessivas encarnações, e por estar disposto a empreender esforços para se melhorar, o dirigente achou que não era necessário lhe falar sobre a amputação. A verdade poderia lhe ser revelada depois, durante o seu processo de recuperação no plano espiritual, se fosse preciso e quando estivesse em condições de lidar com ela sem se perturbar. Então, o obsessor foi encaminhado ao Hospital Amor e Caridade para se recuperar dos desequilíbrios que possuía e iniciar a preparação das suas próximas encarnações para resgatar suas pendências espirituais.

Os membros do grupo estavam surpresos com o desenrolar do caso e queriam tentar decifrar os enigmas que se apresentaram. Entre as várias perguntas que ficaram sem resposta, a mais incômoda para os médiuns era: por que a entidade obsessora aparecera só depois do pai da médium já ter sofrido a amputação, mesmo já tendo ocorrido outros atendimentos anteriores, e não antes, quando talvez ainda pudesse ser evitado o dano? Hipóteses diversas passavam pela cabeça dos médiuns tentando explicar o que aparentemente contrariava tudo o que acreditavam e estavam habituados a presenciar nos trabalhos espirituais.

Para que não ficassem divagando sem rumo, alguém do grupo sugeriu que a médium que estava sendo atendida fosse chamada a participar da discussão do caso, já que trabalhava na casa e tinha conhecimentos sobre a espiritualidade e sobre o seu pai. Ela foi trazida de volta do relaxamento e acomodada novamente na cadeira. Colocaram-na a par do que ocorrera no atendimento antes de explorar as alternativas que pudessem fazer com que o socorro não tivesse chegado a tempo e pediram que ela falasse sobre o seu pai.

Ela contou que seu pai não acreditava na espiritualidade. Não discordava que a filha procurasse os atendimentos, mas também não fazia questão. Certa vez, chegou a dizer a ela que aquilo tudo era bobagem. Era cético quanto aos resultados, mesmo quando sentia alguma melhora nos dias seguintes a cada atendimento. Atribuía seus momentos de aparente recuperação a todo tipo de coisa, como um chá novo que estava experimentando, ou uma pomada que começara a usar, ou o clima que estava mais seco ou com mais umidade, além de outras alegações. Achava qualquer motivo para ter melhorado, menos a interferência espiritual ou energética.

Era visível que o relato que fazia sobre o seu pai lhe doía. Ela já tinha uma ideia do que provocara aquela situação, mas não se furtou de compartilhar seu entendimento com os colegas. Seria melhor que não ficassem dúvidas sobre o trabalho, ao qual os médiuns do grupo se dedicavam na tentativa de ajudar o próximo. Assim, continuando o relato, disse que seu pai era uma pessoa dura, que apontava os defeitos dos outros com muita facilidade, mas não admitia que lhe falassem qualquer coisa que pudesse interpretar como se estivesse sendo apontada uma falha sua. Enfurecia-se se isso acontecesse. Também nunca procurou facilitar a vida de ninguém, pois pensava primeiro em si. Sem entrar em maiores detalhes, resumiu a personalidade do pai dizendo que ele era uma pessoa muito difícil de lidar. Não era mau, mas teimoso, bronco, turrão e muito rígido.

Perguntada sobre a atitude que seu pai apresentou com relação às recomendações que lhe foram passadas durante a sequência de atendimentos que teve, contou que nunca as seguira. Depois de cada atendimento ele dizia que faria o que lhe sugeriam, mas apenas para se ver livre da pressão dos familiares tentando convencê-lo a mudar algumas coisas para o seu próprio bem. Ele chamava a insistência da família de ladainha e de carolice e não fazia qualquer esforço para se melhorar, pois achava que estava certo e não precisava mudar em nada. Dizia que ele era do jeito que era e que, se alguém não gostasse, podia fazer sua malinha e cair fora.

Estava claro, com tal relato, que ele mesmo deixou de criar as condições propícias para se curar. Apesar de sua enfermidade ser de origem espiritual e de ter recebido atendimentos objetivando ajudá-lo nesta esfera, ele não alcançara o merecimento de ter seu caso resolvido porque não fizera a sua parte. Assim, foi reforçada a convicção dos médiuns de que não basta apenas querer ajudar alguém e fazer todos os esforços para isso. Se quem estiver precisando do auxílio não fizer algo por si mesmo, não empreender esforço próprio para se aperfeiçoar e não colocar a sua vontade em ação neste sentido, ficará fora do alcance das forças benéficas que lhe forem dirigidas. Neste caso, a intenção e as tentativas de terceiros que quiserem ajudar têm efeito bastante limitado. Não havendo a reforma íntima baseada no amor, só restaria a outra opção para a aprendizagem: a dor.

Não se pode argumentar que isso seja castigo ou condenação. É apenas a escolha feita, pois, antes de sofrer a amputação, ele havia recebido todas as oportunidades que precisava para rever suas atitudes e seu comportamento e se aprimorar, reciclar-se, fazer-se de novo, para se transformar num ser mais harmonioso. Como havia uma forte ligação *kármica* com o espírito que outrora havia prejudicado, desde antes da sua reencarnação na vida atual já se fazia necessário reparar o dano e aprender sobre o sofrimento que causara.

Se tivesse se esforçado e conseguido elevar sua vibração, o espírito que estava consigo também seria beneficiado indiretamente ao entrar em contato com as suas energias positivas. Por outro lado, o contato do espírito obsessor com as energias negativas geradas pelo pai da médium estimulava e fortalecia o seu desejo de vingança, alimentava-o energeticamente e os unia cada vez mais. Coube a ele a escolha e ele a havia feito. Infelizmente, optou pela via mais dolorosa. Porém, de qualquer forma, o que estava se passando com ele era apenas a lição que seu espírito precisava aprender.

Caberia a ele, a partir de então, assimilar da melhor maneira possível o ensinamento que estava recebendo. Talvez conseguisse se sensibilizar com as limitações com as quais seria obrigado a conviver dali em diante ou talvez continuasse incrédulo e duro como sempre. De qualquer forma, o que o grupo podia fazer por ele, foi feito. Para finalizar o atendimento em definitivo, ele foi deixado ligado ao Hospital Amor e Caridade para o tratamento do seu ferimento. Foi sintonizado também com a faixa dos Senhores do Karma para ser orientado durante o sono sobre o envolvimento espiritual que existia na situação pela qual estava passando.

E assim, depois dos médiuns terem esclarecido suas dúvidas, o atendimento foi encerrado com a certeza de que através dele houvera um importante aprendizado, inclusive para a médium que serviu de ponte para o atendimento do pai, que procurou se manter neutra todo o tempo para não se deixar abalar emocionalmente e atrapalhar o trabalho.